



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CAMPUS DE SÃO CARLOS - SP

DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHÃES

**O ENSINO DOS ESPORTES DE REDE COM IMPLEMENTOS NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DO JOGO POSSÍVEL AO
PROTAGONISMO DISCENTE**

SÃO CARLOS – SÃO PAULO

2023



DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHÃES

**O ENSINO DOS ESPORTES DE REDE COM IMPLEMENTOS NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DO JOGO POSSÍVEL AO
PROTAGONISMO DISCENTE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Yara Aparecida Couto
Coorientador: Prof. Me. Nathan Raphael Varotto

SÃO CARLOS – SÃO PAULO

2023



Abreu, Dayanna

O ensino dos esportes de rede com implementos nas aulas de educação física: do jogo possível ao protagonismo discente / Dayanna Abreu -- 2023. 240f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Yara Aparecida Couto
Banca Examinadora: Osmar Moreira de Souza Júnior,
Daniela Peixoto Rosa
Bibliografia

1. Educação Física Escolar. I. Abreu, Dayanna. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães, realizada em 11/03/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Yara Aparecida Couto (UFSCar)

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior (UFSCar)

Profa. Dra. Daniela Peixoto Rosa (SEESP)

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Dedico este trabalho à minha família,
em especial para aquele que se foi, cedo demais...



AGRADECIMENTOS

Às minhas amigas e companheiras de ProEF, Cristina, Mariama, Rafaela e Samara, com quem compartilhei e dividi as preocupações, angústias, aflições e dificuldades, como também descobertas e conquistas compartilhadas ao longo dessa jornada. Obrigada à todas pelo acolhimento, reciprocidade, amizade e pela paciência.

À Profa. Yara Aparecida Couto, pela orientação, mesmo à distância e com outros compromissos, que por vezes nos momentos de descanso, pôde me auxiliar. Minha gratidão!

Especialmente ao professor Nathan Raphael Varotto pela atenção, respeito e dedicação em sua coorientação. Obrigada pelos ensinamentos e por me proporcionar desenvolvimento acadêmico, com acolhimento e apoio. Minha gratidão!

Aos professores, Osmar Moreira de Souza Junior e Glauco Nunes Souto Ramos responsáveis pelo ProEF/UFSCar. Obrigada por todos os ensinamentos, pela acolhida e respeito por nossas distintas realidades. Nós professores e professoras, após esse período junto a vocês devemos muito pela nossa evolução humana e pelos professores e professoras melhores que ensaiamos em ser hoje.

À banca examinadora, Osmar Moreira de Souza Junior e Daniela Peixoto Rosa, agradeço por aceitarem compor a banca, trazendo contribuições à pesquisa e novos olhares.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).



“Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo” (FREIRE, 1996)



ABREU, Dayanna. **O ensino dos esportes de rede com implementos nas aulas de Educação Física: Do jogo possível ao protagonismo discente**. 2023. 240f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

RESUMO

A proposta do presente estudo partiu da inquietação sobre as possibilidades de inclusão dos Esportes de Rede com Implementos nos anos finais do ensino fundamental, em uma escola pública estadual. Os esportes de rede com implementos têm se mostrado uma ação propositiva para aqueles e aquelas estudantes que pouco participam das aulas de Educação Física e é conteúdo previsto pela Base Nacional Comum Curricular para os 8º e 9º anos do ensino fundamental. No entanto, muitos professores e professoras alegam que a omissão das modalidades destes esportes se deve primordialmente à falta de materiais e espaço apropriados para a prática. A presente pesquisa tem como objetivo analisar o processo de ensino dos esportes de rede com implementos (ERI) nas aulas de Educação Física, por meio da vivência de uma unidade didática, para os anos finais do ensino fundamental. Após um mapeamento prévio inicial com docentes sobre o tema, verificou-se que as habilidades previstas para os ERI não estavam sendo desenvolvidas, situação reafirmada com educandos e educandas que relataram desconhecer o tema em sua maioria. Com as problemáticas apresentadas sobre o tema, a pesquisa qualitativa do tipo pesquisa ação foi realizada com 32 alunos e alunas de uma turma do 8º ano do ensino fundamental, por meio de três etapas: elaboração de uma unidade didática de ERI; implementação da Unidade Didática e avaliação da Unidade Didática. Os dados foram coletados através de diários de campo das referidas aulas e foram analisados qualitativamente através do procedimento da análise de conteúdo para o levantamento de categorias. As discussões e resultados indicaram duas categorias: “O Jogo Possível” e o “Protagonismo”. Sobre “O Jogo Possível”, foram identificadas evidências sobre construção e adaptação, que foram levantadas e refletidas acerca dos materiais, metodologias propostas e nos ensaios para a inclusão dos referidos esportes. Sobre “O Protagonismo”, foram evidenciados resultados de ação e inclusão diante das propostas que se demonstraram propulsoras e levaram os alunos e as alunas ao exercício do protagonismo de forma democrática. As reflexões apresentadas nesse estudo buscaram trazer elementos para dialogar sobre as fragilidades e potencialidades da Unidade Didática proposta, contribuindo para o processo de buscar estratégias coerentes, eficientes e práticas metodológicas adequadas, para a inclusão deste tema no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Esportes de rede/parede; Anos Finais do Ensino Fundamental; Esportes de Rede com Implementos.



ABREU, Dayanna. **The teaching of net games with implements in physical education classes: From the possible game to student protagonism**. 2023. 240f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

ABSTRACT

The core purpose of the present study started from the concern about the possibilities of inclusion of Net Games with Implements in the last years of Elementary School in Public School. Net Games with Implements have shown to be a propositional action for those students who have low attendance in Physical Education classes, although it is a subject provided by the *Base Nacional Comum Curricular* for the 8th and 9th grades of elementary school. However, many teachers claim that the omission of the modalities of these sports is primarily due to the lack of appropriate materials and space for the practice. This research aims to analyze the process of inclusion of Net Games with Implements (NGI) in the school environment, through the experience of a didactic unit, for the final years of elementary school. After a previous initial mapping with teachers, it was verified that the skills for the NGI were not being developed, a situation reaffirmed with male and female students who reported not knowing the subject. Facing the problems presented on the subject, the Qualitative and Action research was carried out with 32 male and female students from a class of the 8th grade of elementary school, through three stages: NGI didactic unit elaboration; Teaching Unit implementation, and the Teaching Unit valuation. The Data were collected through diaries of the referred classes and were analysed qualitatively through the procedure of content analysis for the survey of categories. The discussions and results indicated two categories: “The Possible Game” and “Protagonism”. About “The Possible Game”, pieces of evidence about construction and adaptation were identified, which were raised and reflected on the materials, proposed methodologies, and the tests for the inclusion of the mentioned games. About “The Protagonism”, results of action and inclusion were evidenced because of the proposals that proved to be propelling and led the students to exercise their protagonism democratically. The reflections presented in this study bring elements to dialogue about the weaknesses and strengths of the proposed Didactic Unit, contributing to the process of seeking coherent, efficient strategies and adequate methodological practices, for the inclusion of this theme in the school environment. The study enabled the production of an educational product, an e-book, in the format of a bimonthly handout, student version, and teacher version, suitable for two months.

Keywords: School Physical Education; Net/wall sports; Final Years of Elementary School; Net Games with Implements

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. O mapa dos esportes.....	33
Figura 2 - Fases da análise de conteúdo.....	62
Figura 3. Materiais construídos.....	66
Figura 4. Oficina para construção de raquetes.....	67
Figura 5. Interpretações da oficina de materiais pela visão dos discentes (portfólio).....	67
Figura 6. Aluno e aluna utilizando raquete confeccionada.....	70
Figura 7. Interpretação pela visão dos discentes (portfólio). Aula IV-Experimentação das quatro modalidades.....	71
Figura 8. Interpretação pela visão dos discentes (portfólio) - Metodologia <i>Callejera</i>	76
Figura 9. Discentes organizando a própria prática. (Metodologia <i>Callejera</i>)	76
Figura 10. Metodologia <i>Callejera</i> sendo aplicada à modalidade Tênis, espaço adaptado em miniquadras.....	79
Figura 11. Materiais expostos.....	84
Figura 12. Alunos e alunas votando - Construção coletiva de regras e acordos.....	85
Figura 13. Evento Culminante -Participação do 7º Ano.....	86
Figura 14. Evento Culminante (Avaliação) - Discentes participantes da pesquisa auxiliando a turma convidada na confecção dos palmares.....	86
Figura 15. Júri Simulado- Lógica externa sendo explanada por uma das advogadas.....	88
Figura 16. Anotações do grupo de acusação realizadas durante a reunião preparatória para o Júri simulado.....	89
Figura 17. Duplas mistas - Adaptação visando a metodologia <i>Callejera</i>	90
Figura 18. Súmula adaptada visando a metodologia <i>Callejera</i>	91
Figura 19. Interpretação pela visão dos discentes sobre o 3º tempo da metodologia <i>Callejera</i> (portfólio).....	92
Figura 20. Mediação anotando as observações na súmula <i>Callejera</i> adaptada.....	93
Figura 21. Meninas e meninos compartilhando de forma igualitária, os espaços para a prática dos ERI.....	94
Figura 22. Entrega das medalhas.....	97



LISTA DE TABELAS

Quadro 1. Unidades temáticas e Objetos do conhecimento – 8º / 9º ANO.....	28
Quadro 2. Habilidades previstas para 8º/ 9º ANO.....	29
Quadro 3. Sistematização e princípios táticos dos esportes rede/parede.....	37
Quadro 4: Classificação para os jogos e trajetória do implemento.....	38
Quadro 5 - Descrição das modalidades de esportes de rede com implementos (ERI).....	41
Quadro 6- Fases iniciais de ensino dos jogos de rede/parede	45
Quadro 7. Resumo da Unidade Didática.....	54
Quadro 8. Elementos Indicadores frequentes nos diários de campo.....	63
Quadro 9. Unidades de registro.....	64
Quadro 10. Análise Categorical.....	64
Quadro 11. Alternativas didáticas para o enfrentamento dos dilemas de gênero.....	96



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DC	Diário de Campo
ERI	Esportes de rede com Implementos
ProEF	Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
SE	<i>Sport Education</i>
TGfU	<i>Teaching Games for Understanding</i>
UD	Unidade Didática
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivo.....	18
2. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR E SUAS PROBLEMÁTICAS	19
3. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - EDUCAÇÃO FÍSICA	24
3.1 Habilidades, competências e dimensões do conhecimento	24
3.2 Unidades temáticas, habilidades e objetos do conhecimento para o 8º ano do ensino fundamental.....	27
3.3 Reflexões acerca da BNCC	29
4. METODOLOGIA DE ENSINO DOS ESPORTES DE REDE COM IMPLEMENTOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	31
4.1 Porque ensinar esportes de rede com implementos na escola	31
4.2 O que ensinar sobre os esportes de rede com implementos na escola	32
4.3 Quando ensinar esportes na escola	42
4.4 Como ensinar esportes na escola.....	44
4.5 Desenho de unidade didática para o ensino dos esportes de rede com implementos	50
5. PERCURSO METODOLÓGICO	56
5.1 Universo da pesquisa.....	56
5.2 Participantes	57
5.3 Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados	57
5.4 Aspectos Éticos	59
5.5 Procedimentos para a análise de dados.....	60
5.6 Categorização dos dados.....	61
6. O JOGO POSSÍVEL	65
7. O PROTAGONISMO	82
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99



REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES.....	106
Apêndice A: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	106
Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	108
Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	110
Apêndice D: Termo de Consentimento de uso de imagem	112
Apêndice F: Questionário discentes.....	116
Apêndice H: Unidade Didática.....	121
Apêndice I: Diários de Campo	132
Diários de Campo I - Aula 1 e 2	132
Diários de Campo II - Aula 3 e 4.....	139
Diários de Campo III - Aula 5 e 6	145
Diários de Campo IV - Aula 7 e 8	153
Diários de Campo V - Aula 9 e 10.....	166
Diários de Campo VI - Aula 11 e 12	176
Diários de Campo VII - Aula 13 e 14.....	184
Diários de Campo VIII - Aula 15 e 16	192
Diários de Campo X - Aula 19 e 20.....	211
Diários de Campo - Percepção dos discentes expressas nos portfólios.....	223
Apêndice G: Súmula <i>Callejera</i>	231
ANEXOS	232
Anexo A: Carta de aceite da escola.....	232
Anexo B: Carta de aceite da Diretoria de Ensino região de São João da Boa Vista/SP	233
Anexo C: Parecer Consubstanciado do CEP	235

1. INTRODUÇÃO

O Esporte se constitui como uma das manifestações culturais mais difundidas pelo mundo, por sua prática cotidiana entre lazer e rendimento através do mundo do espetáculo, da mídia e em contextos econômicos. Pode representar trabalho, profissão, saúde e diversão em diversos cenários, com significados múltiplos na convivência humana. E por ser parte de nossa cultura, sua presença na escola é justificada devido a toda sua contextualização e pelo fenômeno cultural que representa.

Minha relação com os Esportes se iniciou na adolescência, em minha pequena cidade, Campestre-MG, com excelentes experiências. que me levaram ao time de Handebol que representava o município, onde desenvolvi desde meus 12 anos a motivação para escolha da minha profissão.

Realizei a graduação pela Escola Superior de Educação Física de Muzambinho-MG em 2004 (Licenciatura Plena), através de uma formação tratada hoje como tecnicista. Nesse período de graduação, passei por estágios em academias de ginástica e escolas municipais da cidade de Campestre, e em 2002, iniciei minha carreira na escola pública como professora regente para a Educação Infantil com crianças de 5 e 6 anos, devido ao curso de Magistério concluído paralelo ao ensino médio.

Após a conclusão da graduação em 2006, ingressei como docente pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo através de concurso público, escolhendo minha vaga para atuação na cidade de Piracicaba- SP, e após 6 anos trabalhando com os anos iniciais solicitei a transferência para a cidade de São João da Boa Vista /SP, localizada na divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo, onde permaneço até hoje ministrando aulas como professora de Educação Física para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Durante todo esse tempo, trabalhei com acúmulo de cargo efetivo com os Estados de São Paulo e de Minas Gerais. Realizei três especializações, todas voltadas para a Educação Física Escolar (UGF-Educação Física Escolar, UNICAMP/REDEFOR - Educação Física e UFJF- Esportes e Atividades Físicas para Pessoas com Deficiências), sempre com o intuito de aprimorar a qualidade de minhas aulas e torná-las mais diversas e inclusivas a todos e a todas, na tentativa de atualizações diante de minha formação na graduação de perfil tecnicista. Além de cursos de capacitação e atividades realizadas pelos órgãos e secretarias da Educação



correspondentes, minha trajetória profissional se baseia no ambiente escolar, em escolas públicas.

Assim, convivo cotidianamente com todas as problemáticas que envolvem o componente curricular, desde questões curriculares, relações professores(as)-aluno(a)¹, até estruturais como materiais e quadras.

Nesse cenário, sempre houve uma grande inquietação de minha parte, ao buscar a diversidade de conteúdos diante das problemáticas cotidianas nas escolas. A diversidade de conteúdos sempre foi um dos fatores de maior relevância e o motivo pela busca por estudos diante da minha prática profissional, pois mesmo após a implantação dos cadernos dos alunos, os conteúdos propostos pelos currículos eram trabalhados somente nas suas questões conceituais, e quando seguia para os momentos das tentativas de relacionar as práticas, eram encontrados diversos obstáculos, como, por exemplo, espaços, materiais inexistentes e inadequados às práticas corporais propostas, além de metodologias insuficientes para abranger o ambiente escolar.

Assim ao ingressar no mestrado profissional, a PROEF me proporcionou a oportunidade de estar em um curso onde os estudos, as pesquisas, as reflexões e trocas de experiências com profissionais em distintas realidades se fez, pessoalmente e profissionalmente, como uma grande conquista consolidada.

Dessa maneira, através das atualizações, do embasamento e do estudo, as reflexões acerca do meu papel como docente foram intensificadas, muitas questões foram evidenciadas e despertaram análises com a criticidade mais aprofundada, tendo em vista as aulas que proponho à minha comunidade escolar.

Por essa busca em trazer uma maior diversidade de conteúdos e novas experiências das práticas corporais à minha unidade escolar, bem como buscar diminuir algumas das problemáticas existentes, adquiri com recursos próprios algumas raquetes de badminton, outras de frescobol e algumas bolinhas de baixa intensidade, a fim de ministrar uma aula com a temática esportes de rede, com implementos de forma adaptada.

Com o objetivo e tema da aula proposta voltado ao experimentar, pude perceber um grande interesse, aceitação e uma mudança de postura por alguns dos alunos e das alunas que

¹ O texto adotará ensaios de uma escrita inclusiva por meio do gênero masculino e feminino para um tratamento respeitoso. Reconhecemos e respeitamos outras identidades, assumindo que há limites de tratar homens e mulheres em uma perspectiva binária, que não abarca outras identidades como as trans masculinas e trans femininas ou não-binárias. A tentativa do texto é de se aproximar de uma linguagem inclusiva ou não sexista buscando comunicar sem excluir.

se afastavam sempre das aulas de Educação Física, quando estas se voltavam aos esportes, especificamente aos esportes de invasão.

Com a nova experiência, os(as) referidos(as) alunos e alunas, excluídos de outras práticas se sentiram seguros(as), curiosos(as) e se dispuseram a experimentar, a vivenciar e participar ativamente dessas aulas. Pensando nos esportes que utilizam implementos, talvez os(as) discentes nunca tivessem passado por essa experiência, ou seja, manipulando algum material referente ao universo dos esportes que englobam esportes de rede com implementos chamados nesta pesquisa de ERI.

Para a realidade escolar local, onde a escola está situada em um bairro periférico, os esportes de rede com implemento se deram como uma estratégia inclusiva, e se mostraram uma ação incentivadora para aqueles e aquelas que estavam afastados das aulas de Educação Física.

Através da experiência vivenciada, demonstrou-se a necessidade de um trabalho efetivo e mais sólido perante a temática apresentada nessa unidade escolar. E isso se fez aqui como a justificativa para a presente pesquisa.

Para o início da pesquisa foi realizado um mapeamento inicial, onde o primeiro instrumento utilizado foi um questionário com perguntas mistas, desenvolvido especificamente para a coleta de dados dos professores e das professoras da rede estadual da cidade de São João da Boa Vista/ SP. Composto por questões mistas e aplicado via formulário pelo *Google Forms*, com perguntas relativas à prática profissional buscando levantar questões como informações pessoais, bem como a formação acadêmica docente; estrutura local de trabalho, materiais e estratégias de ensino; sobre a temática esportes de rede com implementos e o seu desenvolvimento como conteúdo da Educação Física Escolar, assim como estratégias utilizadas em aula.

O roteiro do questionário aplicado a professores e professoras da rede estadual organizado com questões mistas, foi disponibilizado pelo link: <https://forms.gle/Sp3E6cGyp1hW1wYZA>. O mapeamento foi respondido voluntariamente por cinco professores e professoras participantes no primeiro semestre de 2022.

Através deste mapeamento inicial, verificou-se que as habilidades previstas pela BNCC em relação aos esportes de rede com implementos, não estavam sendo desenvolvidas nas escolas pesquisadas, professores e professoras atrelaram suas respostas diretamente à falta de materiais e implementos, e quando perguntados sobre as metodologias utilizadas para

desenvolvimento das aulas, não souberam responder e voltaram suas respostas à “teoria e prática”.

O desconhecimento dos referidos esportes (ERI) também foi reafirmado no mapeamento com os(as) discentes por meio de um questionário realizado em uma escola estadual com 97 alunos e alunas do 8º ano - Anos Finais. Desses, 70 responderam conhecer o tema, mas 16 nunca haviam praticado nenhum esporte com implementos. Os (As) discentes que haviam vivenciado, responderam em sua maioria conhecer apenas o tênis de mesa. Suas respostas atrelaram o conhecimento com o tema através de clubes particulares, nos intervalos e recreios das escolas e em casa de amigos(as), mas não em aulas de Educação Física regulares. Tal levantamento demonstrou a inexistência desse objeto de conhecimento nas aulas de Educação Física como componente curricular em experiências prévias dos (das) estudantes.

O conhecimento sobre os esportes de rede com implemento é orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas pouco se consolida nas escolas públicas, segundo autores(as) como Chiminazzo e Belli (2021); Ginciene (2014); Aburachid e Greco (2009), fato também reafirmado com os mapeamentos prévios apresentados.

Considerando esses fatores atrelados ao contexto escolar explanado e apresentado essa problemática, podemos levantar a seguinte questão: Como podemos incluir os esportes de rede com implementos em contextos escolares públicos?

Nessa linha de pensamento, a pesquisa iniciou trazendo um capítulo que trata da Educação Física Escolar e suas problemáticas como a repetição dos conteúdos, os afastamentos dos(as) alunos(as) das aulas, a postura pedagógica docente e a indisciplina, fatores estes que afetam diretamente o chão da quadra em nosso cotidiano.

No próximo capítulo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi tratada e analisada diante do objeto da pesquisa dos ERI e sobre as orientações para os anos finais. Sobre a BNCC, o texto ainda traz reflexões e análises de como pode e /ou deve ser interpretada, diante do trato docente e da realidade local e regional em que a escola. Recomenda-se a leitura crítica e reflexiva necessária perante o documento.

Seguindo os capítulos, a metodologia do ensino dos esportes foi tratada e baseada nos autores González e Bracht (2012), que trazem seu percurso metodológico evidenciando pontos chave para o ensino dos esportes nos conceitos: “por que, o que, quando e como ensinar os esportes”. O texto da dissertação busca entrelaçar o embasamento dos autores com o recorte da pesquisa, o ensino dos ERI.

Utilizamos predominantemente a denominação “esportes de rede com implemento” para um recorte dentro dos esportes de rede/parede, seguindo a lógica interna dos esportes (González, 2004), especificamente para os esportes que utilizam raquete com a sigla “ERI”.

A pesquisa qualitativa abordou uma Unidade Didática objetivando a inclusão dos esportes de rede com implementos no contexto escolar público. A Unidade Didática proposta se baseou nas habilidades previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Unidade temática: Esportes, e para o Objeto do conhecimento: Esportes de rede /parede, para os blocos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental anos finais. As modalidades propostas foram Badminton, Quimbol, Tênis e Tênis de Mesa.

A referida proposta se fundamentou nas dimensões do conhecimento indicadas pela BNCC (Brasil, 2017) para tematizar suas aulas, objetivando o desenvolvimento dos Saberes Corporais, Conceituais e Atitudinais trazidos por González e Bracht (2012).

A Unidade Didática utilizou como estratégias metodologias atuais do ensino do esporte, como auxiliares no processo dos ensaios de incluir os ERI.

Posto isso, esta pesquisa permeou sobre analisar o processo de inclusão dos ERI e suas possibilidades e propostas, para os anos finais do ensino fundamental.

1.1 Objetivo

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o processo de ensino dos esportes de rede com implementos (ERI) nas aulas de Educação Física, por meio da vivência de uma unidade didática nos anos finais do ensino fundamental.

2. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR E SUAS PROBLEMÁTICAS

Para iniciar a temática sobre inclusão dos ERI nas aulas, trataremos da contextualização de como se encontra o cenário da disciplina Educação Física através de temas que refletem o cotidiano escolar.

A disciplina de Educação Física no ambiente escolar carrega consigo grande apreço entre os(as) alunos(as), por seus conteúdos, sua experimentação de práticas corporais, por ocupar espaços diferenciados na escola, além das relações sociais e de grupo que se manifestam nas aulas e no contexto.

Ao mesmo tempo que discursos positivos acontecem, problemáticas comuns por toda a Educação Física Escolar brasileira são evidenciadas e relatadas por professores(as), além de pesquisadores(as) da área, e que envolvem, mesmo em realidades distintas, problemas que afetam e interferem direta e indiretamente nas aulas, situações que as vezes até dificultam a legitimação da disciplina como componente curricular, e podem afetar a relação professor(a)-aluno(a), causando o afastamento discente da Educação Física, assim como seu despreço pela disciplina.

Já dentre algumas problemáticas que afetam os(as) professores(as) de Educação Física diretamente em sua prática pedagógica, estão: em momentos como relação teoria e prática nas aulas, nos aspectos legais que envolvem a disciplina, nas dificuldades que os(as) professores(as) enfrentam no tratamento de estudantes que apresentam casos de indisciplina, no afastamento das aulas e nas dificuldades relacionadas ao ensino do esporte na escola, além de questões relacionadas a gênero.

Diante desse cenário, trataremos de questões que se entrelaçam e afastam os(as) estudantes das aulas de Educação Física tais como a indisciplina, a repetição de conteúdos, o autoritarismo e a postura docente com as dificuldades relacionadas ao ensino do esporte.

Fato corriqueiro em relatos de professores(as), iniciamos pela problemática do afastamento discente das aulas de Educação Física e suas causas, seja pelo não envolvimento e pela falta de motivação dos discentes, ou pelo não comparecimento no dia da aula e até mesmo pela indisciplina durante o desenvolvimento das atividades.

Chiminazzo e Belli (2021), colocam a indisponibilidade corporal dos adolescentes em especial nos anos finais do ensino fundamental, como justificativas atreladas à dores de cabeça,

cansaço, ou até mesmo a simples falta de vontade pelo acúmulo de tarefas escolares e pelo uso demasiado de tecnologia como justificativas do afastamento.

Para Darido, González e Ginciene (2020), esse afastamento ocorre por múltiplas razões, mas alguns aspectos relevantes podem ser levantados no que se refere à forma que o componente curricular é desenvolvido no ambiente escolar. Para essa questão é válido analisar a repetição dos conteúdos tratados ao longo da Educação Básica e a sua pouca diversificação.

O esporte ainda se faz o conteúdo praticamente exclusivo das aulas, desde os anos iniciais até o ensino médio. As mesmas atividades são repetidas nos diferentes níveis de ensino, perdendo ao longo dos anos a sua atratividade. Além disso é proposto de maneira repetitiva, através de gestos técnicos e de rendimento.

[...]outro fator relevante ainda presente, em franca percepção, nas aulas do componente curricular educação física é a repetição demasiada das práticas corporais, tidas como clássicas, basquetebol, voleibol, handebol e futebol, de forma sistemática. Essas modalidades também são conhecidas como o quarteto fantástico das aulas de educação física. (CHIMINAZZO; BELLI, 2021, p. 48).

Corroborando o apontamento acima e acordando com pesquisadores(as), professores(as) de escolas públicas alegam a escolha pelas mesmas modalidades por falta de recursos materiais necessários para outras práticas, somado à falta de conhecimento de alternativas em incluir diferentes práticas corporais ou até mesmo na falta de planejar formas de propor os esportes na escola. (CORRÊA; FREITAS; SILVA, 2018).

Para Darido, González e Ginciene, (2020) o esporte na escola é tratado muitas vezes como um fim em si mesmo, e esse pode ser um dos motivos da evasão dos alunos e das alunas das aulas.

Outro aspecto agravante que fomenta esse afastamento é o insucesso nas práticas corporais, diante de repetidas tentativas frustradas. A não participação seria uma maneira de proteção para evitar exposição, vergonha e constrangimento perante o grupo, pois há julgamento pelos pares em relação ao nível de habilidades, erros, quedas, estar fora do peso, dançar sem ritmo, entre outras manifestações que envolvem a demonstração de habilidades.

Cabe mencionar também as situações que estimulam o insucesso, como a tradicional escolha de times em que os menos habilidosos sempre ficam por último, o favorecimento de equipes vencedoras em permanecer na quadra e jogar por mais tempo, além das questões de gênero, com a divisão de atividades entre meninas e meninos.

Somado a isso, ressaltamos os aspectos e documentos legais referentes à Educação Física nas escolas, os quais possibilitam que as aulas da disciplina sejam ofertadas em período de contraturno. Esse tipo de opção afasta os(as) discentes das aulas, pois muitos trabalham, ajudam sua família em casa ou residem em locais distantes da escola, e que necessitam de transporte. A brecha na legislação também pode proporcionar interpretações diversas e errôneas por gestores(as) e mesmo por professores(as) para a dispensa nas aulas, multiplicando o prejuízo para com este componente curricular. (DARIDO, GONZÁLEZ, GINCIENE, 2020).

Torna-se evidente diante desse afastamento, que a disciplina ainda perpassa por situações que necessitam de reflexões e tratos pedagógicos. Dessa forma, faz-se necessário um ensino inclusivo que rompa com o histórico da Educação Física, que classifica o indivíduo de acordo com suas habilidades motoras.

Nessa lógica, é crucial destacar todas as propostas curriculares nacionais (BNCC, propostas estaduais e municipais), que recomendam e asseguram a diversificação das práticas corporais. Estas, por sua vez, destacam objetivos para a Educação Física Escolar como, a busca por aprendizagens efetivas que contemplem as diferentes dimensões do conhecimento, visando os saberes corporais, conceituais e atitudinais.

Paralelo ao afastamento, a indisciplina dos discentes é uma das repetidas problemáticas que aflige os docentes e ao mesmo tempo seus pares. Atos como desrespeito, agressões, agitação excessiva e conversas paralelas também são levantados por pesquisas referentes ao tema. (SANTOS et al., 2008 apud DARIDO; GONZÁLEZ; GINCIENE, 2020).

As razões da indisciplina também se apresentam como múltiplas, e algumas das causas apresentadas se assemelham aos mesmos motivos atrelados ao afastamento discente. De um lado professores tratam a indisciplina como problema individual, da família, comunidade, gestão escolar e da subcultura dos jovens. Entre gestores e professores existe uma forte tendência em atribuir às famílias toda a responsabilidade pela indisciplina. Do outro lado, temos os estudantes, que apontam aulas desinteressantes, repetição de conteúdos, casos de *bullying*, professores(as) com posturas ditas “rola bola”.

Falar de indisciplina, bem como as formas de enfrentá-la se faz um exercício de extrema complexidade. Para La Taille (2006), a indisciplina se define com comportamentos que se opõem às regras que regem o convívio num determinado contexto. A indisciplina pode ser resultado de revolta contra essas normas ou mesmo o desconhecimento delas, ou seja, se

apresenta como forma de desobediência insolente ou ocorre pela falta de conhecimentos que norteiam a vida em comum (social).

Sobre as apresentações postas, La Taille (2006) coloca que essas podem ser superadas pelos princípios (entender por que as regras existem). Ao garantir o conhecimento dos princípios, o indivíduo desenvolve compreensões sobre o motivo. Situações essas que, devem ser desenvolvidas e dependem da qualidade das relações estabelecidas no convívio escolar.

Assume-se, desta forma, que a escola tem, a partir de sua especificidade, papel importante no enfrentamento ao problema de indisciplina, tanto pela sua contribuição com a formação moral do aluno, como para inibir comportamentos disruptivos que comprometem o ensino e a aprendizagem. (DARIDO; GONZÁLEZ; GINCIENE, 2020, p. 113).

Tratar da indisciplina no ambiente escolar também nos remete a levantar outras questões de convívio, como o autoritarismo. Presente no cotidiano escolar, interfere crucialmente em nossas relações professor(a)-aluno(a) e podem resultar em indisciplina e afastamento das aulas, sendo mais um fator multiplicador para as problemáticas já presentes. Segundo Oliveira (2019), os estudantes precisam ser instigados ao conhecimento e à busca do pensar pelo processo do ensino e aprendizagem, onde os professores(as) devem assumir a responsabilidade de educar e de instigar o conhecimento emancipado. Posto isso, em se tratando de indisciplina, não se trata de empurrar a solução para a escola ou para a família, e sim, um esforço social cooperativo, considerando que uma instituição não substitui a outra.

Diante dos argumentos expostos, que tratam das problemáticas, do afastamento e da indisciplina, podemos identificar a atuação docente presente nessas situações, indicando como possíveis fatores que favorecem, a existência de práticas tradicionais, de repetição de conteúdos e práticas que favorecem apenas os mais habilidosos através de práticas tradicionais e esportivas.

Observando ainda uma parcela dos(das) docentes com uma concepção mais tecnicista, essas podem ser identificadas na preparação de equipes para competições fora do ambiente escolar, na exclusão para com os alunos(as) sem experiências prévias, não igualdade entre os gêneros propostas em aulas, gestos técnicos repetitivos e isolados, independe de meios utilizados para buscar a vitória, e aulas desprovidas de explicações que levem os discentes a entenderem o porquê das práticas. (GONZÁLEZ, 2020).

Somado a isso, temos a postura de professores(as) que simplesmente colocam os alunos para escolherem a atividade a ser realizada na aula, onde não há planejamento e nenhuma



intervenção docente. Assim, é reconhecido o abandono do trabalho docente, o famoso desinvestimento pedagógico, tratado como o (a) professor(a) “rola bola”.

As características que refletem o perfil de abandono do trabalho docente se apresentam quando os alunos(as) escolhem as atividades a serem realizadas na aula, alunos(as) não participantes ficam à vontade durante as aulas (realizando outras atividades fora de contexto), meninos participam mais ativamente das aulas em relação às meninas e ocupam mais os espaços de direito, os mais habilidosos escolhem sempre os times, e em casos extremos o(a) professor(a) se ausenta do local da aula, deixando que seus alunos(as) se auto-organizem. (GONZÁLEZ, 2020).

Evidenciando González (2020), alunos(as) têm o direito de aprender, o professor o compromisso de ensinar, e juntos, Estado e sociedade de proporcionar condições para que isso se torne possível.

Nessa linha de pensamento e diante do cenário em que a Educação Física se encontra, cabe aos docentes buscar metodologias que tornem as aulas mais equitativas, inclusivas, com climas colaborativos e de pertencimento, ressignificando o papel dos alunos(as) naquele contexto.

Entende-se, portanto, a necessidade de estratégias para assegurar que os discentes tenham experiências positivas na disciplina, favorecendo as possibilidades de sucesso, reconhecimento e identificação à novas práticas corporais diante da vasta cultura e de linguagens pertencentes às faixas de desenvolvimento que eles(as) se encontram. (DARIDO; GONZÁLEZ; GINCIENE, 2020).

Combater o insucesso é um compromisso, que todo docente tem para com seu aluno(a). O direito de aprender é uma condição inegável a qualquer componente curricular. (DARIDO, GONZÁLEZ, GINCIENE, 2020)

3. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física como componente curricular obrigatório, voltada para a cultura corporal de Movimento, está embasada pela Base Nacional Comum Curricular -BNCC (BRASIL, 2017). Este é um documento oficial de caráter normativo, o qual sugere um conjunto de aprendizagens essenciais para todos alunos e alunas desenvolverem habilidades essenciais ao longo da Educação Básica por todo o território nacional.

A BNCC em seu documento justifica suas orientações por buscar a igualdade, diversidade e equidade, diante da diversidade cultural e desigualdades sociais que caracterizam o país. Tem como pretensão a busca pela educação integral e o desenvolvimento humano global, além de diminuir o abismo que separa as diferentes aulas de Educação Física de todo o país. Assim, trata-se de um texto base para os diferentes currículos das diversas secretarias e escolas brasileiras.

3.1 Habilidades, competências e dimensões do conhecimento

Esse documento é baseado em competências gerais que se desdobram nas três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Temos aqui apresentadas, as competências gerais para a Educação Básica:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital–, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir



conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2017, p.9).

Dessa forma, a BNCC divide por cinco áreas do conhecimento o ensino fundamental: linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e ensino religioso. No ensino médio se apresenta dividido por quatro áreas: linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e sociais aplicadas.

Inserida na área de linguagens no ensino fundamental, a Educação Física como componente curricular compartilha seu espaço com os componentes curriculares: Língua Portuguesa, Artes e Língua Inglesa. Justificada como linguagens devido às práticas corporais que representam a cultura corporal de movimento em suas diversas produções, reproduções, leituras e interpretação da linguagem corporal.

Com o intuito de oferecer possibilidades enriquecedoras para os alunos(as) na Educação Básica, a BNCC em seu texto pretende assegurar o acesso a experiências corporais estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, apresentando estas como competências específicas da área de linguagens, discorrendo em seu texto verbos como compreender, conhecer e explorar, utilizar, desenvolver para além da vivência, enfatizando experiências de diversas práticas corporais para fins de autonomia e protagonismo em contextos de lazer e a saúde.

Especificando para um recorte no referido documento, aos Anos Finais do Ensino Fundamental observa-se que se busca a ampliação das aprendizagens e linguagens conquistadas nos anos anteriores.

A diversificação e a reflexão crítica sobre a prática se fazem presentes no texto orientador, a fim de que os(as) alunos(as) compreendam e sejam capazes de desenvolver suas competências para participar da vida em sociedade.

Para o componente curricular Educação Física, as competências específicas apresentadas são:

1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.
3. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. (BRASIL, 2017, p. 223).

O texto segue tematizando as práticas corporais, suas diversas manifestações e possibilidades dentro de um fenômeno cultural dinâmico e traz ao longo do Ensino Fundamental, seis Unidades Temáticas que tentam representar as práticas corporais: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura.

A orientação da BNCC é que tais práticas devem ser incorporadas pelos discentes através de um processo formativo e contextualizado. “Ressalta-se que as práticas corporais na escola devem ser reconstruídas com base em sua função social e suas possibilidades materiais”. (BRASIL, 2017, p. 219). Para esse fim foram delimitadas oito dimensões do conhecimento, que seriam: a experimentação, fruição, análise, compreensão, construção de valores, uso e apropriação, reflexão sobre a ação e protagonismo comunitário.



A experimentação refere-se às vivências com as práticas corporais, aos conhecimentos alcançados por meio das experiências. A fruição diz respeito ao desfrutar dos saberes atrelados à essas experiências. As dimensões de análise e compreensão estão associadas aos saberes conceituais, ligadas ao processo de entendimento das características intrínsecas da lógica interna das práticas corporais, e à interpretação dessas práticas no contexto sociocultural sobre a lógica externa. A construção de valores refere-se às discussões que viabilizam a formação de um cidadão crítico.

A dimensão de uso e apropriação refere-se à autonomia que os alunos precisam ter para usufruir das práticas corporais para além do espaço de aula. Já a reflexão sobre a ação vincula-se ao processo reflexivo intencional oriundo da observação das vivências corporais, enquanto o protagonismo comunitário tangencia a atuação dos alunos na comunidade. (DARIDO, 2018).

3.2 Unidades temáticas, habilidades e objetos do conhecimento para o 8º ano do ensino fundamental

São consideradas unidades temáticas para os Anos Finais do Ensino Fundamental: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas corporais de aventura. Evidencia-se a unidade temática Esportes, nos anos finais do ensino fundamental, como objeto de estudo da presente pesquisa. A unidade temática esportes foi organizada com o modelo de classificação baseado na lógica interna dos esportes de acordo com González (2004), distribuindo as modalidades em categorias privilegiando ações motoras intrínsecas, e reunindo esportes que apresentam exigências motoras semelhantes.

As características da lógica interna dos esportes condicionam decisivamente os procedimentos de ensino e treinamento. Dessa forma, este conhecimento é fundamental para o profissional que pretenda mediar entre as manifestações esportivas e os sujeitos, haja vista que o reconhecimento das especificidades da modalidade permitirá hierarquizar os conteúdos (o que ensinamos) e selecionar de forma adequada os procedimentos de ensino (como ensinamos). (GONZÁLEZ, 2004, p. 1).

Nessa linha de pensamento, para os objetos de conhecimento os esportes são classificados em sete categorias: marca, precisão, técnico-combinatório, rede/quadra dividida ou parede de rebote, campo e taco, invasão ou territorial e combate.

De acordo com o documento base, visando a adequação das diferentes realidades locais brasileiras, currículos e propostas curriculares, as habilidades e objetos de conhecimento foram estruturadas em dois blocos nos anos finais do Ensino Fundamental, englobando assim o 8º e 9º ano no mesmo quadro, a fim da flexibilização de cada currículo ou unidade escolar. (Quadro 1).

Quadro 1. Unidades temáticas e Objetos do conhecimento – 8º / 9º ANO

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Esportes	Esportes de rede/parede
	Esportes de campo e taco
	Esportes de invasão
	Esportes de combate
Ginásticas	Ginástica de condicionamento físico
	Ginástica de conscientização corporal
Danças	Danças de salão
Lutas	Lutas do mundo
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura na natureza

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 236)

Os esportes de rede/parede ou em se tratando do recorte da presente pesquisa esportes de rede com implementos (ERI), se encontram na unidade temática Esportes e na categoria: esportes de rede/quadra dividida ou parede de rebote.

Rede/quadra dividida ou parede de rebote: reúne modalidades que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou que leve o adversário a cometer um erro dentro do período em que o objeto do jogo está em movimento. Alguns exemplos de esportes de rede são voleibol, vôlei de praia, tênis de campo, tênis de mesa, badminton e peteca. Já os esportes de parede incluem pelota basca, raquetebol, squash etc. (BRASIL, 2017, p.216).

No quadro Anos Finais: Unidades temáticas, Objetos do conhecimento e Habilidades, encontramos nas grades do 8º e 9º anos o objeto de conhecimento Esportes de rede/parede, e no Quadro 2 das habilidades e competências temos:

Quadro 2. Habilidades previstas para 8º/ 9º ANO.

Habilidades
(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.
(EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.
(EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de campo e taco, rede/parede, invasão e combate, como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica.
(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.
(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam.
(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.

Fonte: Adaptado de BNCC (BRASIL, 2017, p.237)

Posto isso, temos um documento base que normatiza o desenvolvimento da diversidade de práticas corporais da Cultura Corporal de Movimento por meio de vivências diversificadas, e os esportes de rede com implementos são partes das práticas corporais e habilidades a serem desenvolvidas.

3.3 Reflexões acerca da BNCC

Nesse cenário de orientações de um texto base, um documento oficial que tenta igualar e normatizar os currículos de todo o país, alguns pesquisadores se dispuseram a realizar a análise e estudo do documento da BNCC, a partir de sua implantação.

Pesquisadores colocam que a Base traz avanços na tentativa de proporcionar aos(as) alunos(as) conhecimentos mínimos em nível nacional, e na tentativa também da valorização das diferenças regionais. Contudo, sua implantação ficou limitada pela falta de compreensão que rege até os dias atuais, de como será trabalhar da melhor forma o texto base nas escolas. (CALLAI, BECKER, SAWITZKI, 2019).



Para Betti (2018) a BNCC não é um currículo, mas o autor teme que o documento será lido por alguns como uma listagem de conteúdos, devido ao formato dos quadros de distribuição das Unidades Temáticas e Objetos do conhecimento. O autor relata que nas “Habilidades”, parte mais importante da BNCC, há problemas com sua redação onde se abre a muitas interpretações, e que seria importante os gestores abrirem espaços de discussões coletivas entre seus docentes, sobre a interpretação do documento em grupo.

Por outro lado, Betti (2018) afirma que seria um avanço enorme se em todas as escolas e turmas os estudantes aprendessem algo sobre Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Lutas, Danças e Práticas corporais de aventura diante do “rola-bola” e da esportivização que ainda permeiam presentes em nossas escolas brasileiras. Para o autor, a BNCC precisa de interlocutores críticos, de modo a potencializar suas virtudes e minimizar seus defeitos.

Tomando como base as críticas de Neira (2018), evidenciamos que o autor coloca que a BNCC sugere ao professor e a professora uma direção oposta para a direção que tem tomado a educação física na contemporaneidade. “A ausência de criticidade é alarmante” (Neira 2018, p.222), mas que tem como alento os professores e professoras que rejeitam, dissimulam e reescrevem ao seu modo propostas oficiais.

Em contraste, Boscatto, Impolcetto e Darido (2016, p.110) defendem:

[...] que a BNCC é de fato uma proposição necessária, tanto para a EF, quanto para os outros componentes curriculares, pois está prevista em vários documentos e leis, como indicado ao longo do texto. Diante de tal fato, cabem ainda diversos questionamentos quanto ao processo de acesso, compreensão e implementação dos pressupostos que esse documento apresenta para as disciplinas curriculares, temas para outros estudos.

Os autores colocam que o documento oficial pode vir a contribuir com o cotidiano dos discentes, se considerarmos a falta de tradição na área quanto a organização de conteúdos, mas que isso depende de políticas públicas que mobilizam e incentivam a BNCC.

Posto isso, cabe aos discentes a análise do documento base e diante deste, se tornar protagonista de seu planejamento com reflexões para o melhor desenvolvimento das práticas corporais em seu contexto sociocultural.

4. METODOLOGIA DE ENSINO DOS ESPORTES DE REDE COM IMPLEMENTOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Antes de iniciarmos o ensino do esporte na escola, se faz necessário levantarmos a pergunta do porquê tê-lo como conteúdo na Educação Física, e do porquê esse estar presente nas escolas. Trataremos sobre a importância de considerar todo o processo pedagógico para o ensino dos ERI, incluindo o porquê, o que, como e quando ensinar.

4.1 Porque ensinar esportes de rede com implementos na escola

Iniciaremos, entendendo o motivo do esporte estar inserido como Unidade Temática na BNCC, representando uma das práticas corporais na disciplina Educação Física. Segundo González e Bracht (2012), o esporte se constitui como uma das manifestações culturais mais difundidas pelo mundo, por sua prática cotidiana entre lazer e rendimento, através do mundo do espetáculo, da mídia e em contextos econômicos. Representando assim trabalho, profissão, saúde e diversão, em diversos cenários e com significados múltiplos na convivência humana.

Vários são os significados que o esporte pode apresentar diante da diversidade e da cultura onde ele é praticado ou consumido, por isso se torna um fenômeno plural. O esporte como manifestação cultural, vai muito além de significados e mitos como “o esporte educa, esporte é saúde”, difundidos pela mídia, por leigos ou até por questões de interesses políticos e econômicos.

Para os autores González e Bracht (2012), muitas das justificativas encontradas em livros e documentos relacionados à presença do esporte na escola associam o tema a questões como: aptidão física; desenvolvimento de qualidades sociais e morais, no intuito de massificação da prática de esportes; para o descobrimento de talentos visando ocupação profissional; ocupação em tempo ocioso para crianças e adolescentes, visando formar times escolares para competições; na incorporação de práticas corporais para um estilo de vida com hábitos saudáveis; como apelo de manifestações culturais e como opções para o lazer dos indivíduos.

Observamos assim, que algumas perspectivas sobre o esporte que são comumente utilizadas em diversos setores da sociedade, são trazidas ao ambiente escolar de uma maneira equivocada; porém nosso intuito ao abordar este tema é apresentar o que vem sendo estudado



sobre esse fenômeno e possibilitar outro entendimento acerca do esporte, especificamente sobre o ensino dos esportes na escola.

A escola, por sua vez tem como dever de garantir o acesso à diversas práticas culturais, aos alunos(as), proporcionando para além do praticar, o conhecer e o compreender sobre essas manifestações culturais em sua vida, e sua influência nas questões sociais e de seu entorno.

Os esportes (coletivos) são uma parte de nossa cultura corporal de movimento (assim como a ginástica, as danças, os jogos, as lutas etc.). Essa dimensão da cultura é que configura que a responsabilidade de legar às novas gerações esse conhecimento é da Educação Física; é isso que justifica a presença da Educação Física no currículo escolar. O conhecimento de que trata a Educação Física é, portanto, parte da cultura humana. Entende-se que, para que as pessoas possam exercer a cidadania plenamente, elas devem ter acesso também a essa parcela da cultura. Mas não é um acesso apenas no sentido de aprender a praticar, no caso, os esportes, mas também de compreendê-los profundamente. (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p.12).

Reafirmando a citação acima, retomamos ao documento federal BNCC (2017), que trata o esporte como uma das práticas mais conhecidas da contemporaneidade, enfatizando sua presença massificada em todos os meios de comunicação. A BNCC também coloca que o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele.

Ademais, a partir das justificativas apresentadas, vamos discutir o que ensinar sobre os esportes na escola.

4.2 O que ensinar sobre os esportes de rede com implementos na escola

“O que ensinar” trata dos conteúdos da disciplina Educação Física e analisa as características do que será conteúdo ou não em nossas aulas. O conteúdo objeto da presente pesquisa são os esportes de rede/parede, mais especificamente um recorte sobre os Esportes de Rede com Implementos (ERI).

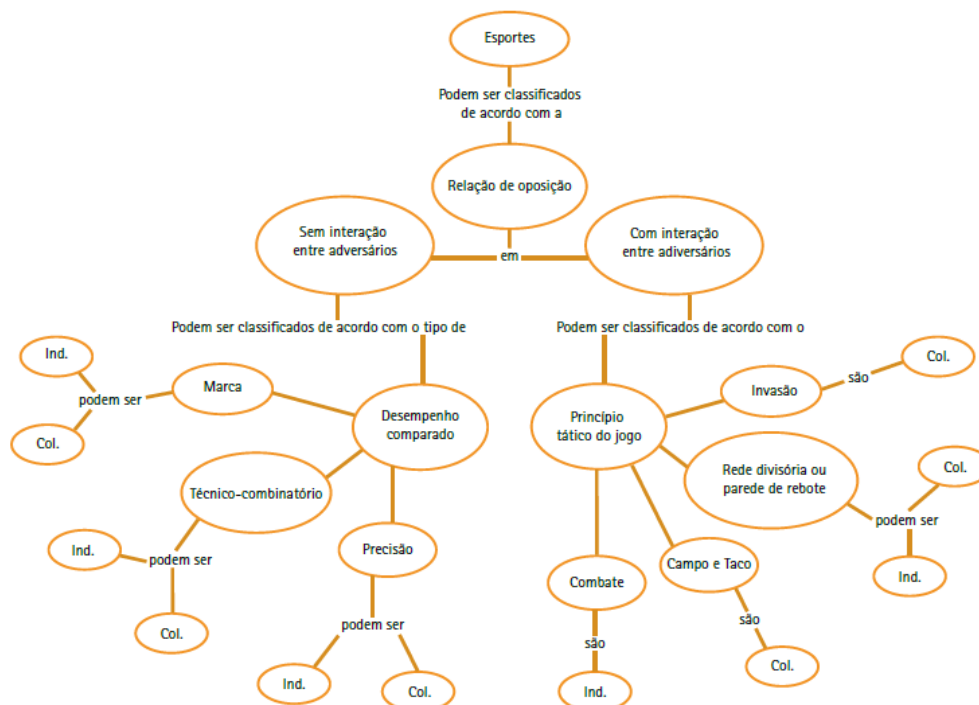
Segundo os autores González, Darido e Oliveira (2014), os esportes de rede/ parede são modalidades nas quais se arremessa, lança ou se bate na bola ou peteca em direção à quadra adversária, de tal forma que o oponente não consiga devolvê-la ou a devolva fora do campo, ou pelo menos tenha dificuldade para devolvê-la. Se joga sempre interceptando (defesa) a trajetória da bola ou da peteca, ao mesmo tempo em que se tenta jogá-la para o lado do adversário (ataque).

Para Cabello (2000), os esportes de rede e parede caracterizam-se pelo ato de golpear um objeto móvel, com o objetivo de ultrapassar a rede ou demarcação em busca de ganhar a jogada e o ponto, podendo ser praticado individualmente ou em duplas.

Ao tratar de esportes temos a lógica interna, que se define como as características de desempenho exigidas pelas situações motoras criadas pelos diferentes tipos de esportes, das características, tática, regras seus fundamentos básicos e técnicas. (GONZÁLEZ, 2004). Distribuindo assim as modalidades esportivas em grupos, denominadas de categorias, sendo estas determinadas por critérios que privilegiam as ações motoras intrínsecas às diversas práticas corporais. Reunindo, dessa forma, esportes que apresentam características semelhantes no desenvolvimento de suas práticas.

A lógica interna traz os elementos comuns entre os diversos esportes, e explicitando o que os jogadores devem fazer em relação aos desafios motores para poder participar de diferentes modalidades são apresentados na Figura 1.

Figura 1. O mapa dos esportes.



Fonte: González e Bracht, 2012, p. 27.

Portanto, a classificação através da lógica interna dos esportes de rede/parede de acordo com estudos de González (2004), traz que são classificados como esportes onde há a existência

de um adversário, de interação com o adversário, onde as relações de colaboração podem ser em equipe ou individual.

Nessa linha de pensamento, a classificação dos esportes na BNCC em seu documento segue como referência a lógica interna, assim os referidos “ERI” estão localizados e inseridos junto ao objeto de conhecimento esportes de rede/parede.

O espaço dos esportes de rede/parede e para nosso objeto de pesquisa ERI, são caracterizados pela separação de uma rede que divide a quadra ou parede, e visam o arremessar/lançar uma bola/peteca em setores onde os adversários sejam incapazes de alcançá-lo ou que cometam um erro.

Outro detalhe bem importante é que não precisa existir contato físico para haver interação entre adversários. Numa partida de tênis, cada jogador só pode atuar no seu lado da quadra, não pode invadir o lado do adversário nem tocar nele, mas a sequência de ações de um interfere diretamente nas ações do outro. Por exemplo, para responder bem a qualquer ataque adversário, um tenista precisa adaptar sua movimentação corporal de acordo com a direção e a velocidade da bola; precisa se deslocar a tempo de alcançá-la e rebatê-la para o outro lado da quadra de um modo que dificulte a devolução do seu oponente, e assim por diante, até que alguém faça um ponto. Não há contato físico entre tenistas adversários, mas há interação entre eles porque as jogadas de um afetam as jogadas do outro. (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 21).

Uma característica peculiar a se evidenciar nos esportes de rede/parede é que sempre se joga interceptando e defendendo a trajetória da bola ou da peteca, ao mesmo tempo que se tenta atacar para o lado do adversário. Sendo a defesa uma tentativa de ocupar melhor o espaço para receber e devolvê-la (peteca ou bola), dificultando a ação dos adversários.

Contudo, nos esportes com interação, os adversários estão ao mesmo tempo tentando fazer a mesma coisa. Por isso, existem traços comuns entre alguns esportes, evidenciando aqui nosso objeto de pesquisa as modalidades que utilizam raquetes.

Sendo o esporte um fenômeno de vasta dimensão, trataremos agora da lógica externa dos esportes que também é conteúdo da Educação Física a ser tratado no ambiente escolar.

A Lógica Externa diz respeito às características e significados sociais que determinados esportes adquirem em contextos específicos, por exemplo a história do futebol no país e suas relações com o amadorismo, o preconceito em relação às mulheres que jogam, a violência das torcidas organizadas, dentre outras questões. Esta refere-se às características e significados sociais que a prática esportiva ou práticas corporais carregam ou adquirem em contextos culturais diversos. (GONZÁLEZ, BRACHT, 2012).

Sendo o esporte um fenômeno não isolado, ele é influenciável e influencia a sociedade. Compreender como este se relaciona no contexto em que se vive, é um “Saber” que a Educação Física deve ensinar a seus alunos (as) ao tratar os esportes na escola. (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012). Convém ressaltar também que, para além, o esporte é fortemente influenciado por processos culturais, econômicos e políticos.

Um dos processos mais flagrantes verificados no esporte moderno foi sua transformação em um grande espetáculo e com isso num fenômeno econômico de grande importância. Isso se deveu, em grande parte, ao desenvolvimento dos grandes meios de comunicação de massa, principalmente a televisão. Esse desenvolvimento influencia o esporte de diferentes formas. Uma primeira influência foi a profissionalização de muitas modalidades esportivas, o que, por sua vez, exigiu e permitiu que muitos profissionais de outras áreas (preparadores físicos, médicos, fisioterapeutas, psicólogos, administradores de empresa, economistas etc.) passassem a atuar no âmbito esportivo. Mas também a própria estrutura interna do esporte passa a ser influenciada. Por exemplo, as mudanças das regras de determinados esportes em função dos interesses da mídia, além da determinação por esta dos horários dos jogos. Outro fator interessante foi o desenvolvimento dos materiais esportivos que também influenciam o desempenho dos atletas, como no caso dos maiôs de natação. (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 48).

Nesse cenário, podemos mencionar os diferentes sentidos e significados que são atribuídos quando se trata de esportes. Temos a profissão, o trabalho remunerado, saúde, lazer, diversão e outros. Somando a isso, na sua institucionalização o esporte se faz presente desde confederações até chegar em grupos informais.

Na disciplina Educação Física a lógica externa deve ser sempre contextualizada nas aulas de forma sincrônica com a lógica interna dos esportes.

Para esse estudo a lógica externa se faz presente, proposta nas aulas da Unidade Didática, articulando os Saberes Conceituais aos Saberes Corporais.

4.2.1 Saberes corporal, conceitual e atitudinal

De acordo com os autores González e Bracht (2012), existem saberes distintos para que o ensino dos esportes seja possível na sua organização do conhecimento, além das ações motoras e de práticas. Os autores colocam esses saberes como corporais, conceituais e atitudinais, que são interligados e dependentes nas ações para conhecer e compreender os esportes.

Os saberes corporais trazem a lógica interna do jogo como o reconhecimento e o conhecimento para que os alunos(as) saiam melhor em suas práticas; são as experiências,



manifestações, produções de ação corporal. Aqui podemos exemplificar as propostas de experimentar, fruir e realizar as práticas corporais.

Tendo em vista os saberes conceituais, são as informações, ideias e teorias que nos fazem compreender melhor os esportes. Dentro deste saber, podemos identificar dois tipos de conhecimento. Primeiro, o conceitual técnico, onde são tratados conceitos e fatos necessários para o entendimento e funcionamento da prática corporal, e que está fortemente atrelado à lógica interna de cada esporte. Exemplificando, o conhecimento de regras e questões táticas.

O segundo, o conceitual crítico, que trata dos significados e dos lugares que os esportes ou alguma prática corporal ocupa em contextos diversos. Trazem entendimento para manifestações culturais, sociais e históricas e proporcionam reflexões sobre questões socioeconômicas e de acesso, onde percebe-se características conceituais críticas atreladas à lógica externa dos esportes

Já os saberes atitudinais se relacionam com os valores, com as disposições morais, éticas e políticas. Voltando a atenção para a escola que deve contribuir para uma formação cidadã, onde é necessário pautar as aulas em princípios que valorizam o bem viver coletivo e que favoreçam valores como cidadania, no desenvolvimento de atitudes que evitem qualquer tipo de discriminação quanto à diversidade, diferença, gênero, cor, etnia, deficiência e idade.

4.2.2 Saberes Corporais dos Esportes de Rede com Implementos

Os referidos saberes corporais dos esportes de rede/parede em relação à sua lógica interna e sua tática foram estudados por um grupo de pesquisadores(as) no Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física/ Unesp. Os estudos colocam que os esportes de rede/parede podem ser observados sob seus princípios táticos, segundo o Quadro 3.

Quadro 3. Sistematização e princípios táticos dos esportes rede/parede.

Problema tático	Objetivo dos jogos
ATAQUE	
Construir o ataque	Jogos que estimulem os alunos a construir espaços na quadra adversária para atacar, como por exemplo: - Utilizar os ângulos para abrir espaços nos lados da quadra; - Utilizar bolas em diferentes profundidades (fundas e curtas) para liberar outros espaços.
Ganhar o ponto	Jogos que estimulem os alunos a procurarem os espaços vazios para marcar o ponto ou mesmo forçar o erro do adversário.
DEFESA	
Defender o espaço	Jogos que estimulem os alunos a protegerem seus espaços na quadra por meio da movimentação, assim como a utilização de golpes/rebatidas que façam os mesmos ganharem tempo para recuperar e proteger os espaços vazios.
Defender contra um ataque	Jogos que estimulem os alunos a chegar na bola e conseguir devolver o ataque do adversário.

Fonte: Adaptado de Impolcetto e Ginciene (2019).

Para Impolcetto e Ginciene (2019), os princípios táticos desenvolvidos levam os alunos(as) a transferir a aprendizagem tática inicial para outras modalidades de jogos de rede/parede. Assim, podemos utilizar do mesmo princípio para o ensino dos ERI (tênis, tênis de mesa, badminton e quimbol), propostos no estudo.

Na busca por referenciais e pesquisas sobre a diversidade dos ERI, encontramos um quadro de Classificação para os Jogos e Trajetória do Implemento, criado por Aburachid; Jiménez, (2018 apud Chiminazzo e Belli, 2021). (Quadro 4).

Quadro 4: Classificação para os jogos e trajetória do implemento.

REDE			PAREDE	ALVO
Transpor a rede sem quique	Transpor a rede com quique	Transpor a rede e uso de paredes laterais	Atingir a parede frontal	Atingir área sem quique
<i>Ball badminton</i> <i>Badminton</i> <i>Airbadminton</i> <i>Beach tennis</i>	<i>Pickleball</i> <i>Tênis</i> <i>Tênis de Mesa</i> <i>Touchtennis</i> <i>Soft tennis</i> <i>Qianball</i>	<i>Padel</i> <i>Platform tennis</i> <i>Real tennis</i> <i>Stické</i>	<i>Frontenis</i> <i>Paleta Frontón</i> <i>Raquetebol</i> <i>Racquets</i> <i>Squash</i> <i>Hardball Squash</i> <i>Squash tennis</i>	<i>Speedball</i> <i>Speedminton</i> <i>Frescolbol (matkot)</i> <i>360ball</i>

Fonte: Aburachid; Jiménez (2018 apud Chiminazzo e Belli 2021, p. 59).

Como exemplos de ERI acima, temos alguns mais, outros menos populares, perante cada contexto social. Podemos citar, algumas modalidades mais conhecidas no contexto brasileiro como o tênis, o tênis de mesa, o squash, o badminton, o frescobol, o beach tennis, o quimbol (regional-não mencionado), o padel etc. (CHIMINAZZO; BELLI, 2021).

Presente na BNCC especificamente como um dos objetos de conhecimento dos Esportes, o tema que abrange os ERI ganha contornos normativos e ao mesmo tempo impõe grande desafio aos professores e professoras, ao ensinar um conjunto de modalidades desconhecidas e pouco presentes nas escolas, enfatizando as públicas.

Podemos analisar por exemplo, o tênis no Brasil, considerado um esporte elitizado que alcançou as primeiras páginas dos jornais e da mídia, graças às conquistas do brasileiro Gustavo Kuerten (Guga). Diante desse acontecimento, podemos dizer que atualmente esse esporte tornou-se um pouco mais conhecido, especialmente pelas mídias; contudo, ainda poucas pessoas têm a oportunidade de vivenciar e/ou aprender a referida modalidade.

Sobre seu desenvolvimento no ambiente escolar, alguns autores e estudiosos relatam que o documento base da educação brasileira (BNCC) com suas unidades temáticas, habilidades e objetos de conhecimento, os currículos vigentes das unidades escolares municipais, estaduais e federais, assim como todo estudo sobre a Cultura Corporal de Movimento e do Movimento Renovador da Educação Física, não estão assegurando o conteúdo diversificado e temas amplos

na Educação Física Escolar Pública, e pouco se desenvolve os Esportes de rede com Implemento nas aulas de Educação Física Escolar. (VEN; AMATO; GINCIENE, 2021).

Fomentando assim reflexões e análises para este tema temos a busca por propostas, vivências e experiências em relação aos esportes de rede/parede ou ERI no contexto escolar, por autores e pesquisadores como Impolceto e Ginciene (2019) e por Chiminazzo e Belli (2021), dentre outros.

Nessa linha de pensamento, para Chiminazzo e Belli (2021) com base em pesquisas bibliográficas, observam uma carência de estudos científicos e pedagógicos que abordam o ensino dos ERI na escola ou mesmo em ambientes de iniciação esportiva. Guioti (2014, *apud* Chiminazzo; Belli, 2021) destacam a dificuldade de desenvolver esse conteúdo e sugere como principais motivos: a formação de profissionais, a falta de disciplinas nos currículos dos cursos de graduação em educação física, a escassez de material didático e a visão elitizada pelos custos de manutenção e aquisição de materiais que os referidos ERI possuem.

Reafirmando, o tema também carece de atenção nos currículos de Educação Física das Instituições de Ensino Superior em suas grades de formação docente, o qual percebe-se não haver disciplinas que tratem do tema satisfatoriamente. (TERRAGNO; AMATO; GINCIENE, 2021).

Em contrapartida, alguns e poucos exemplos de estudos foram encontrados sobre os ERI aplicados em escolas públicas, que gradativamente despertaram a curiosidade e participação pelos discentes através de conteúdos desenvolvidos, trazendo resultados positivos ao componente curricular, retirando a visão de rendimento e a ampliando para além do “quarteto fantástico”. (CORRÊA et al, 2014; CORRÊA; FREITAS; SILVA, 2018; TERRAGNO; AMATO; GINCIENE, 2021).

Desse modo, pensando em possibilidades e intervenções para sua inclusão na escola, é fundamental que os ERI sejam disponibilizados inicialmente de forma lúdica, procurando despertar nos alunos e alunas o interesse pelo jogo, na busca por tentar golpear a bola para o outro lado de forma a dificultar a devolução, explorando os espaços vazios, visando o desenvolvimento geral dos alunos(as) diante dos Saberes Corporais e dos Saberes Conceituais, ou seja, tornando o jogo possível.

Constata-se que, de acordo com Bracht (2019), a existência de materiais, equipamentos e instalações adequadas é importante para as aulas de educação física, e sua ausência pode comprometer o trabalho pedagógico.



Outro estudo também revela essa problemática, pois:

[...] professores de Educação Física alegam que a omissão de ofertas das modalidades de esportes de raquete se deve primordialmente à falta de materiais e espaço apropriados para a prática. Ao responderem assim, esses professores pensam tão somente na prática do tênis nos moldes convencionais e com materiais de alto custo. (CORRÊA; FREITAS; SILVA, 2019, p. 311).

Possivelmente a falta de espaço e materiais adequados podem ser utilizados como justificativa dos professores e professoras para não tratarem de determinados conteúdos em suas aulas. (CHIMINAZZO, 2008).

Entretanto, raquetes, redes e quadras, por si só, não são capazes de despertar a diversidade de conteúdo nas aulas e a participação efetiva dos discentes. Não que os materiais sejam menos importantes, mas é necessário destacar que o conteúdo principal dessa temática está no envolvimento dos alunos(as) com o jogo e nas possibilidades do professor(a) em tornar o jogo possível. (GINCIENE, 2014).

Segundo os autores Chiminazzo e Belli (2021), os esportes de raquete mais conhecidos e praticados no mundo são tênis, tênis de mesa, badminton e squash. Visando o objeto do estudo a partir dos ERI, o squash sendo esporte de parede, não foi abordado e por escolha da professora pesquisadora, o quimbol foi incluído pensando em apresentar aos alunos(as) um esporte regional brasileiro, e que está em desenvolvimento em seu estado e próximo à cultura de sua região. O Quimbol, um novo jogo construído a partir das ideias de Joaquim Bueno de Camargo, surgiu em 1947 como o “Jogo do Quim”. Retomado nos anos 2000, evoluiu e hoje já é praticado por muitas pessoas em Piracicaba/SP e já se dissemina por outras cidades e estados pela rede social de clubes SESC (Serviço Social do Comércio), instituição criada por empresários do comércio de bens, serviços e turismo com o objetivo de proporcionar bem-estar e qualidade de vida aos trabalhadores e seus familiares.

A escolha pelas modalidades se deu visando um recorte da cultura corporal cabíveis ao contexto, pensando nas modalidades mais conhecidas mundialmente e a citada acima, de modalidade regional.

Por conseguinte, iremos descrever no Quadro 5, os esportes de rede com implementos nas modalidades: badminton, tênis de campo, tênis de mesa e quimbol.

Quadro 5 - Descrição das modalidades de esportes de rede com implementos (ERI).

BADMINTON	TÊNIS DE CAMPO
<p>O esporte tem se difundido no Brasil pelo seu apelo motivador, pois já no início, o aluno e aluna são capazes de executar suas primeiras rebatidas e participar do jogo. De origem indiana era conhecido como <i>poona</i> e com a colonização inglesa no século XVI, o esporte se difundiu pela Europa tornando-se popular na propriedade do Duque de Beaufort, no condado de Badminton e por isso recebeu seu atual nome. O objetivo é rebater a peteca sobre a rede para que esta toque o solo da quadra adversária ou que os adversários não consigam devolvê-la, vencendo o jogo o participante ou dupla que atingir 21 pontos corridos em melhor de três games.</p> <p>A modalidade apresenta uma alta exigência de velocidade e outras habilidades fazendo com que a peteca atinja velocidade de até 300 km/h.</p>	<p>O tênis de campo surgiu através de modalidades semelhantes que eram praticadas na França e Inglaterra, como o <i>Jeu de Paume</i> ou jogo da palma e o <i>Sphairistike</i>, que era jogado com raquete. Modalidade praticada na Inglaterra desde o século XIX, chegou ao Brasil em 1889 junto aos britânicos que vieram construir ferrovias. É o esporte de raquetes mais popular do mundo, apesar de não ser o mais praticado, deixando esse posto para o tênis de mesa.</p> <p>O objetivo do esporte é fazer a bola passar sobre a rede e cair dentro da quadra do outro lado. Jogado com uma raquete, a bola pode quicar uma vez na quadra e precisa ser passada para o outro lado com apenas um toque/rebatida.</p> <p>O ensino do Tênis se pauta em intenções táticas como: criar espaços, atacar, defender e pontuar. E possui técnicas específicas com golpes e movimentos principais: <i>forehand</i>, <i>backhand top spin</i>, <i>slice</i>, <i>voleios</i>, <i>smash</i>, <i>drop-shot</i>, <i>lob</i>. As partidas de Tênis têm durações longas e demandam muito da questão física e mental.</p>
TÊNIS DE MESA	QUIMBOL
<p>Originado do Tênis de Campo como uma adaptação para ambientes fechados, o Tênis de Mesa foi inventado na Inglaterra, por volta de 1880. Inicialmente teve seus materiais e redes improvisados e adaptados, mas seus registros levam a data de 1926 onde o esporte se consolidou com seu primeiro campeonato mundial em Londres. No Brasil chegou em 1905 pelas mãos dos ingleses. Um dos esportes mais praticados no mundo e o mais praticado dos esportes de raquete.</p> <p>O objetivo do esporte é passar a bola por cima da rede para o outro lado da mesa de forma que o adversário não consiga devolvê-la. É o único esporte que tem como equipamento também a mesa de jogo e não um campo no solo. Tem como lógica de jogo a mesma do Badminton e do Tênis de campo. Tem seus movimentos principais: <i>forehand</i>, <i>backhand</i>, <i>topspin</i>, <i>backpin/slice</i> e o saque.</p>	<p>O Quimball ou Quimbol, é um novo jogo construído a partir das ideias do “Quim” - Joaquim Bueno de Camargo (falecido aos 78 anos em 2004), daí seu nome, pois quando surgiu (1947) seus amigos denominavam a nova prática como o “Jogo do Quim”. Retomado nos anos 2000 evoluiu, e hoje já é praticado por muitas pessoas em Piracicaba/SP e já se dissemina por outras cidades e estados. O primeiro esporte coletivo de raquetes do mundo, no qual 2 equipes, com 4 jogadores de cada lado, atuam em uma quadra de jogo dividida por uma rede.</p> <p>As jogadas são feitas por intermédio de passes efetuados com a raquete tocando a bola, ambas próprias do quimbol. Apesar de o uso da raquete ser obrigatório em quase todas as jogadas, pode-se, também, usar o solo 4 vezes e partes do corpo (com exceção das mãos e braços) para, da mesma forma, ajudar na recepção da bola. O objetivo do esporte é que cada equipe envie a bola regularmente por cima da rede para a quadra oposta.</p>

Fonte: Aburachid e Ginciene, 2014; Ginciene, 2014; Deprá, 2014; Karal, 2017; Confederação Brasileira de Tênis, 2022; Confederação Brasileira de Badminton, 2022; Confederação Brasileira de Tênis de Mesa, 2022.

4.3 Quando ensinar esportes na escola

Assim como a BNCC, as secretarias e os currículos da educação por todo país se organizam e sistematizam suas sequências e conteúdo para a Educação Física como disciplina curricular, onde e quando o esporte será trabalhado em relação aos anos e bimestres escolares.

Para os esportes de rede/parede, encontramos a sugestão da BNCC para que este seja objeto do conhecimento nos anos iniciais do ensino fundamental, no 3º e 5º ano e para os anos finais do ensino fundamental no 8º e 9º ano, cabendo a flexibilização à cada realidade escolar diversificada, diante do plano anual de cada professor ou professora.

Segundo González e Bracht (2012), a organização e sequência dos conteúdos relacionados aos esportes no ambiente escolar é um assunto complexo, dada a diversidade de elementos. Visando uma organização curricular adequada, deve ser levado em consideração três critérios diferentes: primeiro as possibilidades de aprendizagens de etapas próprias da vida (sociocognitivas), o segundo critério coloca o tema de aprendizagem em uma lógica espiralada, com conhecimentos prévios e o último critério traz a adequação do plano de estudos da disciplina Educação Física no contexto social, onde se deve identificar e levar em conta os saberes do universo dos alunos (socioculturais).

Esse terceiro critério está relacionado diretamente à particularidade de cada instituição, que devemos utilizar como estratégia para propor a sequência/progressão em nossos planos de ensino visando a realidade local. Sob tal ótica, temos que levantar o tempo curricular que o esporte ocupa na escola, e do outro lado a ênfase que as diferentes modalidades ganham no plano de estudo, partindo do princípio de que o esporte é um dos temas que a Educação Física trata e não o único, sendo o desafio saber equacionar.

Nessa linha de pensamento é fundamental diferenciar os esportes de acordo com as expectativas que se tem em relação à aprendizagem de cada modalidade. Em consequência disso, González e Bracht (2012), colocam duas categorias e/ou subeixos dentro dos saberes corporais: esportes para saber praticar e os esportes para conhecer.

O primeiro, esportes para saber praticar é definido por:

[...] um saber-fazer que permita participar, de forma proficiente e autônoma, em uma ou mais modalidades esportivas em contextos recreativos. Trata-se de um conjunto de conhecimentos que habilita o aluno a “se virar” fora da escola nas modalidades ensinadas nas aulas de Educação Física. (GONZÁLEZ, BRACHT, 2012, p. 66).



Observa-se que o Saber Corporal "Esportes para Saber Praticar", carrega termos em suas competências como usar de forma proficiente elementos técnicos, táticos e avançados, combinações, sistemas de jogo, ajustar ações técnico-táticas, estratégias, combinações táticas complexas e avançadas. Nessa perspectiva, nos conteúdos propostos podemos identificar o aprofundamento nas modalidades esportivas quando percebemos palavras colocadas pelos autores: intenções básicas, adversários, situações de jogo, observar antes de agir, deslocar-se, responsabilizar-se, atacante, defesa, papéis, trajetórias, regulação, técnico e tático avançados, combinações táticas, sistemas avançados, defensivos, ofensivos, adequações, sistemas de transição, entre outros termos que remetem ao desenvolvimento de habilidades técnico-táticas.

Posto isso, a segunda categoria, os esportes para conhecer é colocado pelos autores como:

[...] o propósito de evidenciar os conhecimentos sobre as diferentes modalidades esportivas que só são acessíveis pela via da experimentação, denominado praticar para conhecer. São conhecimentos de “carne e osso” que não podem ser assimilados sem passar pela vivência corporal, sem “senti-los na pele”. São da mesma natureza do “saber praticar”, mas deles se diferenciam em função do nível de proficiência almejado. Por exemplo, o softbol pode ser escolhido pelo professor como objeto de estudo de uma das unidades didáticas que tratam dos esportes. Tal escolha implicará a proposição de um fazer corporal em aula, que leve os alunos a conhecerem tal prática, mas sem a pretensão de atingir um nível de apropriação que lhes permita praticar, fora da escola, a modalidade estudada. (GONZÁLEZ, BRACHT, 2012, p. 66).

Os esportes para conhecer são exemplificados pelos autores tendo como competência verbos como conhecer, para os esportes e evidencia as práticas recreativas fora da escola. Observando os conteúdos, são propostas do Saber Corporal nesta perspectiva, trazer para a aula a lógica das diferentes categorias dos esportes, as técnicas elementares, a sua lógica de funcionamento e intenções técnica e tática.

Em consequência disso, a escolha das modalidades deve contar com a tradição da região e com as possíveis desigualdades no acesso a práticas corporais de diferentes grupos sociais, na perspectiva de as modalidades comportarem um ou outro subeixo. Portanto, o plano de ensino na Educação Física Escolar pode promover o ensino dos esportes que ainda não são populares, em contextos diversos e diferenciados.

Portanto, os esportes de rede com implementos estão nesta pesquisa enquadrados como Esportes para conhecer, devido ao mapeamento prévio retratando a desigualdade de acesso e conhecimento dessas modalidades entre os docentes e discentes. Assim, a pesquisa utilizará da categorização “conhecer”, para levar alunos(as) à experimentação, desenvolvendo as opções

para a adaptação e resolução de acesso às práticas, tendo como os esportes de rede com implementos, potencial para serem usados pela comunidade escolar como formas de lazer e promoção à saúde.

4.4 Como ensinar esportes na escola

A inquietação quanto ao ensino dos jogos de rede/parede é referente a como o aluno irá jogar se ele ainda não possui habilidades básicas desenvolvidas

A ideia nesse momento, portanto, é organizar um jogo possível (Venditti Jr e Sousa, 2008) de acordo com a situação e o nível dos alunos. Uma das formas de tornar o jogo possível está na divisão da aprendizagem dos esportes de rede/parede em três níveis, conforme sugerido por Ginciene e Impolcetto (2019):

- Nível I - jogos de lançar e agarrar com as mãos, com pingos;
- Nível II - jogos de golpear com as mãos, com ou sem pingos;
- Nível III - jogos de rebater com implementos, com ou sem pingos e voar com as mãos.

Dessa forma, o objetivo central nas fases iniciais, o ensino da intencionalidade partindo do simples: arremessar e lançar a bola, até chegar ao rebater direto com as mãos ou com implementos.

No Quadro 6, a descrição desses níveis, assim como as regras básicas, características e classificação dos esportes são apresentados.

Quadro 6- Fases iniciais de ensino dos jogos de rede/parede.

ENSINO COMUM			ESPORTE
Tipo	Regras básicas	Característica	
Jogos de lançar e agarrar.	Vários pingos; 1 pingo; Nenhum pingo.	Cooperação; Oposição.	Iniciação do <i>Ring Tennis</i> .
Jogos de rebater com as mãos.	Vários pingos; 1 pingo; Nenhum pingo.	Cooperação; Oposição.	Iniciação do: voleibol, peteca, índiaca, <i>wall handball</i> , etc.
Jogos de rebater com implementos.	Vários pingos; 1 pingo; Nenhum pingo.	Cooperação; Oposição.	Iniciação do tênis, tênis de mesa, <i>squash</i> , badminton, etc.

Fonte: Adaptado de GONZÁLEZ (2004).

Nessa linha de pensamento temos também Chiminazzo e Belli (2021), que apontam para iniciar as práticas por meio de atividades de familiarização com a bola/peteca, desenvolvendo o controle e domínio básico.

González e Bracht (2012) colocam a existência em propostas e métodos de ensino, de quatro elementos comuns para que os jogos desenvolvam a tática e técnica:

- A. Tornar o jogo possível adaptando regras, materiais e espaços;
- B. Privilegiar tarefas com interação entre os adversários;
- C. Incentivo à reflexão e verbalização sobre o que e quando fazer no jogo;
- D. Protagonismo dos alunos na resolução dos conflitos gerados pelos jogos;

✓ **Tornar o jogo possível adaptando regras, materiais e espaços:** Para além da problemática sobre a falta de materiais e implementos, os ERI têm sua origem e concentram suas práticas em camadas sociais que diferem da maioria das escolas públicas brasileiras. Tema esse que possui uma visão elitista da sociedade e que pouco se consolida neste perfil de escola, e quando se faz presente no ambiente escolar, em sua maioria, se faz em forma de projetos sociais ou em parceria com Organizações não Governamentais (ONGS).

Dessa maneira, ao demonstrar aos(as) alunos(as) que qualquer indivíduo pode fazer uso da prática e da experimentação das habilidades básicas dos esportes de raquete com

implemento, os quais muitas vezes são percebidos como elitizados em diversos contextos, desenvolvendo adaptações e estratégias cabíveis, para que possam se apropriar criando, recriando e ressignificando seu meio diante das condições locais.

Sob tal ótica, os implementos necessários para o desenvolvimento das aulas quando precários e/ou não existentes no ambiente escolar, podem ser substituídos por raquetes de plástico de brinquedo, de madeira (frescobol) ou até mesmo construídos pelos discentes, feitas de papelão ou arames com tecido de meia calça. (GINCIENE, 2014; GINCIENE E ABURACHID, 2014).

Para a confecção dos materiais alternativos utilizamos materiais de fácil acesso: as raquetes de papelão podem ser construídas de duas formas, pode ser recortada em um formato de raquete com mais de uma camada para reforçar a estrutura, e a outra opção pode ser construir apenas revestindo as mãos com o papelão com o apoio de um elástico, formando uma espécie de palmar. As raquetes de arame com meia calça, são construídas com um cabide de arame entortado formando a estrutura da raquete, e com uma a meia calça revestindo para fazer o efeito das cordas de uma raquete oficial. (GINCIENE e ABURACHID, 2014).

Os autores propõem outras estratégias e adaptações, por exemplo:

[...] a escolha da raquete tem influência direta na escolha das bolinhas. Por exemplo, raquetes de plástico, papelão ou arame com meia calça não terão bons resultados se jogadas com bolinhas de tênis. Estas últimas são muito duras e pesadas para esses materiais. Logo, as raquetes de madeira são opções mais adequadas para essas situações. Bolinhas de tênis de mesa também pode ser uma opção para raquetes mais frágeis como as de papelão e arame com meia calça. Bolas de plástico ou espuma, leves e grandes também são apropriadas, em especial para os alunos nas fases iniciais e com pouca habilidade. Este tipo de bola costuma ser mais lenta, o que contribui para que os alunos tenham mais tempo para se movimentar, se posicionar e fazer o jogo fluir. (GINCIENE, 2014, p.515).

Como adaptações para o trato escolar dos esportes de rede com implementos temos: iniciar com a fase de rebatida com as mãos, pois quanto maior e mais lenta a bola, mais fácil será a vivência; as redes podem ser adaptadas de diversas formas, bem como nas primeiras aulas as próprias linhas da quadra possam servir, caso esteja muito fácil para os alunos, duas linhas paralelas distantes aproximadamente por dois metros podem separar os dois lados da quadra; bancos do pátio, rede em forma de cano de PVC, cordas e elásticos amarrados em cadeiras ou nas próprias traves do gol são alternativas de fácil acesso.

As quadras podem ser divididas longitudinalmente por redes, elásticos ou cordas, pode proporcionar aproximadamente quatro ou cinco miniquadras, a fim de dispor do maior número

de quadras possíveis no espaço e tornar o jogo possível aos alunos. (CHIMINAZZO, 2008; GINCIENE e ABURACHID, 2014).

✓ **Privilegiar tarefas com interação entre os adversários; incentivo à reflexão e verbalização sobre o que e quando fazer no jogo e protagonismo dos alunos na resolução dos conflitos gerados pelos jogos:** Pensando nos três elementos comuns citados para que os jogos desenvolvam a tática e técnica, temos como auxílio algumas metodologias do esporte contemporâneo como estratégias para o ensino dos ERI.

Ao buscar por estratégias que possam auxiliar no processo de ensino e aprendizagem e retirar o modelo de ensino tradicional dos jogos esportivos coletivos, considerados como limitantes ao processo de aprendizagem dos(as) alunos(as) com aulas monótonas, centrando-se no ensino do jogo técnico, encontramos estudos indicadores de que é preciso adotar concepções de aulas abertas, procurando apresentar aos discentes situações problema para que se estimule a tomada de decisão (GINCIENE e ABURACHID, 2014). Assim, os(as) alunos(as) terão condições de compreender sua participação no jogo, bem como os mecanismos técnico-táticos envolvidos, além de questões atitudinais.

Posto isso, estudos vêm apresentando a necessidade de iniciar o ensino pela compreensão da dinâmica do jogo. Para isso há necessidade de organizar jogos possíveis para todos os participantes, em um formato progressivo para o desenvolvimento das habilidades.

Nesse cenário, encontramos uma diversidade de métodos contemporâneos de ensino relacionados ao trabalho com os Esportes, distintos entre seus objetivos e suas finalidades, cabendo ao docente escolher a opção que estabeleça o vínculo em relação ao contexto escolar, se enquadrando no perfil dos discentes, objetivos e habilidades planejados e cabíveis na estrutura local. Ter conhecimento da realidade é essencial, pois cada escola se insere em um contexto diferenciado, e esperar que tal modelo ou proposta se encaixe sem o devido planejamento é um equívoco. Evidenciando que não existe uma metodologia infalível, mesmo que se siga fielmente as orientações, algo poderá sair diferente. (CASTRO, 2018).

A seguir, será apresentada uma metodologia atual dos esportes, a Metodologia *Callejera*, que possui características de colocar os discentes no centro do processo de ensino e aprendizagem e como protagonista de sua prática. Pesquisadores e autores referências do estudo da pedagogia do esporte também colocam esta como possível e propositiva no trato escolar.

4.3.1 Metodologia *Callejera*

Nascido de um projeto de educação popular, a metodologia tratada aqui vem da base do *Fútbol Callejero*, “Futebol de rua”. O *Fútbol Callejero* teve sua criação por jovens latino-americanos com idade entre 14 e 15 anos, juntamente com o ex-jogador de futebol semiprofissional Fabián Ferraro, em um bairro periférico da região metropolitana de Buenos Aires, na Argentina. Nesse cenário, visavam a promoção de valores e atitudes na tentativa de promover a democracia e o protagonismo juvenil. Três pilares consolidam o *Futebol Callejero* e a metodologia *Callejera*: respeito, cooperação e solidariedade (ROSSINI et al, 2012; VAROTTO, 2020).

O *Fútbol Callejero* e em consequência a metodologia *Callejera*, tem sua especificidade no método em organizar as partidas em três tempos: no 1º tempo os(as) jogadores(as) formam um círculo e estabelecem acordos e regras referentes às regras do jogo em disputa, fazem adaptações e discutem para que tudo seja acordado por todos(as). Nesse momento, ainda no primeiro tempo, uma pessoa se torna o mediador que toma nota das regras e acordos que foram firmados. Após, o 2º tempo é iniciado e conduzido tendo como base os acordos e regras firmados.

Não há juiz ou árbitro. O mediador observa atentamente o jogo ou partida e, se necessário, faz anotações sobre o desenvolvimento das regras em relação aos acordos. Ao final do tempo de jogo, chegamos ao 3º tempo em que é formado um novo círculo, também denominado de mediação.

Na mediação, a pontuação ou gols do 2º tempo é convertida em pontos, e em seguida são somados com a análise do mediador das situações que ocorreram nas partidas acerca das manifestações de respeito, cooperação e solidariedade, os quais também geram pontos. (BELMONTE; VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR, 2020).

Evidenciando-se para a figura do mediador, sendo este um diferencial entre demais metodologias do esporte, esse está presente nos três tempos da partida; nesse contexto se dá a figura do(a) mediador(a), como facilitador(a) do diálogo, respeitando o espaço e o tempo das pessoas. A prática da mediação é um espaço de aprendizagem que visa a segurança, a confiança, o respeito, a solidariedade e a cooperação. Portanto, a mediação tem a finalidade de refletir coletivamente, resolver conflitos através de diálogo, promover a participação de todos(as) os(as) participantes.

A mediação se faz permeando os três tempos da metodologia do *fútbol callejero*, e não apenas no terceiro tempo pois necessita estar presente em todas as etapas.

Os tempos da metodologia são descritos por Belmonte Varotto e Gonçalves Júnior, 202 da seguinte forma:

- ✓ No primeiro tempo: todos/as estarão organizados/as em um círculo, são iniciados a realização dos acordos referentes às regras e tempo de duração da partida que será disputada. Neste momento o Mediador/a auxilia na compreensão das regras e faz anotações para registrar os acordos;
- ✓ No segundo tempo: é onde acontece o jogo, regido pelas regras e acordos estabelecidos anteriormente pelo grupo. Durante o 2º tempo o/a mediador/a observa atentamente o jogo e, sempre que necessário, faz anotações de acontecimentos que tenham relação direta com as regras que foram estabelecidas previamente, levando-as para discussão no tempo seguinte;
- ✓ No terceiro tempo (mediação): é quando ocorre a finalização da partida em que todos/as jogadores/as novamente formam um círculo e o/a Mediador/a auxilia a discussão de algumas situações colocadas referente ao jogo, consultando os/as jogadores/as sobre as atitudes tomadas pelos integrantes das equipes buscando (ou não) contemplar os quesitos dos Pilares do *Fútbol Callejero*.

Posto isso, a partida só chega ao seu término com o consenso entre os participantes sobre o resultado final. Consequentemente, alguns quesitos devem ser avaliados em cada um dos pilares e sugerem-se problematizações a serem feitas pelo mediador ou mediadora nos momentos de atribuição e análise dos pontos de cada equipe.

- Respeito: Durante o jogo os/as participantes estabeleçam uma relação respeitosa entre os/as membros de suas equipes, com os/as integrantes da equipe oposta, e com os acordos e regras estabelecidos para o desenvolvimento da partida. Alguns questionamentos podem auxiliar o mediador/a no momento da roda final, por exemplo: “Houve respeito entre os jogadores/as?”; “As regras do jogo foram respeitadas?”; “Alguém se sentiu desrespeitado/a?”; “As equipes merecem o ponto de respeito?”
- Cooperação/Companheirismo: Pretende realizar a inclusão, participação de todos/as participantes no jogo. Assim, o/a Mediador/a colocará questões para que todos/as avaliem se os/as jogadores/as de uma determinada equipe tiveram oportunidades iguais de participar do jogo. Neste Pilar cada time é avaliado pelas ações que empreenderam, procurando incluir (ou não) os/as companheiros/as de equipe. Questões que podem auxiliar o/a Mediador/a na discussão final podem ser: “Houve cooperação nas equipes?”; “Todos/as estão satisfeitos/as com sua participação no jogo?”; “As equipes merecem o ponto de cooperação?”
- Solidariedade: É o Pilar que mais tensiona os elementos da competitividade, visto que uma equipe deve contribuir e ser solidária com a outra. Portanto, no momento

final de contagem dos pontos o/a Mediador/a buscará colocar questões que levem a reflexão sobre o que uma equipe fez pela/para a outra. São questões que podem contribuir na problematização para verificar se as equipes foram solidárias: “Alguém consegue contar algum gesto solidário que ocorreu no jogo?”; “Vocês acham que os times merecem o ponto de solidariedade?” (BELMONTE; VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR, 2020, p. 296).

Segundo Castro (2018), o desenvolvimento da metodologia *Callejera* no contexto escolar é estratégia estimuladora ao protagonismo dos(as) alunos(as) na elaboração das regras, na participação ativa do jogo assim como nas reflexões e debates com os mediadores para a averiguação do placar final da partida, considerando Respeito, Cooperação e a Solidariedade.

Nessa linha de pensamento, a metodologia propõe regras que o torna diferente do jogar convencional, nas equipes meninas e meninos jogam juntos, não participam árbitros(as) e as partidas se dividem em três tempos. Durante os três tempos o(a) mediador(a) participa facilitando o diálogo e a interação entre as equipes. Não se ganha só fazendo mais pontos, obtém-se a vitória por pontos, acordados no primeiro tempo de cada encontro, ou seja, há regras diferentes a cada partida e atribui-se a tais regras a pontuação desejada, na qual o ponto deixa de ser a principal ferramenta para a vitória, e com isso o jogo se dá e se faz valer pelos três pilares do *fútbol callejero*: cooperação, respeito e solidariedade,

Tendo as particularidades dessa prática, podemos utilizá-lo no processo de conscientização dos(as) envolvidos(as) de maneira sem impor nada a ninguém e sim, respeitando a cada um(a). Contexto esse que torna a figura do(a) mediador(a) como facilitador(a) do diálogo, respeitando o espaço e o tempo das pessoas. Portanto, a mediação tem a finalidade de refletir coletivamente, resolver conflitos através de diálogo e promover a participação de todos(as). (VAROTTO et al., 2018).

Por conseguinte, visualizamos algumas das metodologias que auxiliam no trato dos esportes no ambiente escolar, como propositoras ao desenvolvimento dos saberes corporais, saberes conceituais e atitudinais, além das referidas dimensões do conhecimento previstas pela BNCC.

4.5 Desenho de unidade didática para o ensino dos esportes de rede com implementos

Utilizando como referência o mapeamento prévio da realidade e contexto local, a pesquisa propõe como intervenção a construção de uma Unidade Didática cabível à

problemática encontrada. Para o processo de construção e organização da unidade didática, sua estruturação foi baseada segundo González e Bracht (2012) pelos seguintes passos:

- **Diagnóstico:**

No breve mapeamento verificou-se que os alunos(as) desconheciam a maioria das modalidades de esportes de rede com implementos (ERI), e que as habilidades desenvolvidas pelos discentes estavam aquém do esperado visando a BNCC:

- ✓ Desconhecimento do tema pelos discentes no contexto escolar;
- ✓ Desconhecimento do tema fora do contexto escolar pelos discentes; na comunidade e na cidade de São João da Boa Vista/ SP;
- ✓ Falta de implementos necessários para o desenvolvimento do tema nas escolas estaduais da cidade de São João da Boa Vista/SP;
- ✓ Falta do desenvolvimento das habilidades previstas pela BNCC para o objeto de conhecimento esportes de rede/parede com implementos nas escolas estaduais da cidade de São João da Boa Vista/SP, nas aulas de Educação Física Escolar;
- ✓ Habilidades não desenvolvidas: (EF35EF05) Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco, rede/parede, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.

- **Hierarquização dos problemas:**

- ✓ Possibilitar o conhecimento e a experimentação dos esportes de rede com implementos básicos aos discentes;
- ✓ Organizar estratégias alternativas para a falta de materiais como raquetes;
- ✓ Organizar espaços e metodologias para que os discentes experimentem os movimentos básicos das modalidades.

- **Formação de Objetivos e conteúdo para a unidade didática:**

- ✓ Criar possibilidades para praticar, de forma adaptada, os esportes de rede com implementos;

- ✓ Conhecer, identificar e experimentar os movimentos e regras dos esportes, além de vivenciar o formato reduzido dos jogos tendo como perspectiva os esportes para conhecer;
- ✓ Compreender os elementos básicos da lógica interna e externa das modalidades esportivas de rede/parede que utilizam implemento;
- ✓ Analisar e compreender as questões sociais que envolvem os esportes de rede com implementos no contexto local.

- **Planejamento das aulas para os temas selecionados:**

- ✓ 18 aulas duplas de 45 minutos, totalizando em 90 minutos;
- ✓ Temas:

- Problematização dos esportes de rede com implementos;
- Oficina de raquetes alternativas;
- Estações de experimentação e vivência das modalidades: tênis, tênis de mesa, quibol e badminton;
- Metodologia *Callejera* como estratégia para a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar, escolha dos esportes e aprofundamento da experimentação de um dos esportes votados pelos discentes;
- Metodologia *Callejera* como estratégia para a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar e aprofundamento da experimentação do segundo esporte votado pelos discentes;
- Campeonato *Callejero* (Primeira modalidade votada);
- Campeonato *Callejero* (Segunda modalidade votada);
- Júri Simulado: "Os esportes de raquetes nas escolas públicas Brasileiras";
- Feira de Culminância- Evento Culminante.

Os temas, objetivos e o plano de aula podem ser visualizados no Quadro 7.

- **Seleção do método:**

Os métodos propostos para desenvolver os saberes corporais, conceituais e atitudinais, assim como as dimensões do conhecimento previstas pela BNCC e visando os esportes para conhecer, foi uma proposta híbrida de metodologias de ensino, compondo grande parte das aulas com a metodologia *Callejera* (CASTRO, 2018).



- **Seleção das Intervenções do professor:**
 - ✓ Regulação das dificuldades dos discentes durante a aula;
 - ✓ Mediador na construção do processo ensino-aprendizagem;
 - ✓ Facilitador; sistematizar ideias, apontar hipóteses, tematizar.

- **Seleção das tarefas:**
 - ✓ Pesquisas;
 - ✓ Discussões em grupo;
 - ✓ Construção de materiais alternativos;
 - ✓ Estações de experimentação e vivências;
 - ✓ Votação;
 - ✓ Rodas de conversa;
 - ✓ Experimentação e vivência como jogador e mediador;
 - ✓ Campeonato: experimentação e vivência como jogador e mediador;
 - ✓ Entrega de medalhas: premiação;
 - ✓ Júri Simulado: experimentação e vivência na representação dos papéis;
 - ✓ Feira de Intervenção: compartilhar o aprendizado aos colegas da escola em mini oficinas;
 - ✓ Portfólio.

- **Papel do aluno:**
 - ✓ Alunos e alunas no centro do processo de ensino-aprendizagem, como protagonistas.

Quadro 7. Resumo da Unidade Didática.

AULA	OBJETIVOS	TEMA
Aulas 1 e 2 Análise e Compreensão	<ul style="list-style-type: none"> ● Identificar e reconhecer os esportes de rede/parede com implementos; ● Verificar a disponibilidade dos esportes de raquetes e sua prática diante do contexto e comunidade local. 	Problematização dos esportes de rede com implementos.
Aulas 3 e 4 Experimentação e Fruição	<ul style="list-style-type: none"> ● Criar e adaptar materiais alternativos para os esportes de raquete através de uma oficina; ● Confeccionar uma raquete de tênis de papelão, um palmar de papelão e uma raquete de badminton construída com cabide e meia calça além de adaptação de volantes, bolas e redes. 	Oficina de raquetes alternativas.
Aulas 5 e 6 Experimentação e fruição	<ul style="list-style-type: none"> ● Manipular os implementos, experimentar e vivenciar os movimentos básicos do tênis, químbol, tênis de mesa e badminton; ● Identificar e diferenciar a lógica interna dos esportes: regras básicas, características como cooperação, oposição, um pingo e sem pingo; ● Utilizar materiais confeccionados na oficina como forma de adaptação e utilizar os materiais que a escola disponibiliza. 	Estações de experimentação e vivência das modalidades: tênis, tênis de mesa, químbol e badminton.
Aulas 7 e 8 Experimentação e fruição/ Construção de Valores	<ul style="list-style-type: none"> ● Introduzir a Metodologia <i>Callejera</i> no formato da aula como auxílio para conhecer os esportes de raquete; ● Manipular os implementos, experimentar e vivenciar a modalidade escolhida pelo grupo; ● Conhecer a lógica interna da modalidade e experimentar os movimentos básicos. 	Metodologia <i>Callejera</i> como estratégia para a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar, escolha dos esportes e aprofundamento da experimentação de um dos esportes votados pelos discentes.
Aulas 9 e 10 Experimentação e fruição/ Construção de Valores	<ul style="list-style-type: none"> ● Desenvolver Metodologia <i>Callejera</i> no formato da aula como auxílio para conhecer os esportes de raquete; ● Manipular os implementos, experimentar e vivenciar a segunda modalidade escolhida pelo grupo; ● Conhecer a lógica interna da modalidade e experimentar os movimentos básicos. 	Metodologia <i>Callejera</i> como estratégia para a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar e aprofundamento da experimentação do segundo esporte votado pelos discentes



Concluído

Aulas 11 e 12 Experimentação e fruição/ Construção de Valores	<ul style="list-style-type: none">● Desenvolver um campeonato <i>Callejero</i> para primeira modalidade votada.● Desenvolver formas adaptadas de realizar as modalidades.● Desenvolver diferentes papéis no jogo.	Campeonato <i>Callejero</i> (Primeira modalidade votada).
Aulas 13 e 14 Experimentação e fruição/ Construção de Valores	<ul style="list-style-type: none">● Desenvolver Campeonato <i>Callejero</i> para a segunda modalidade votada.● Desenvolver formas adaptadas de realizar as modalidades.● Desenvolver diferentes papéis no jogo.	Campeonato <i>Callejero</i> (Segunda modalidade votada)
Aulas 15 e 16 Construção de Valores e reflexão sobre a ação	<ul style="list-style-type: none">● Analisar, refletir, discutir e levantar questões referentes à inclusão dos esportes de rede com implementos no contexto escolar local sobre o ponto de vista dos discentes.	Júri Simulado: "Os esportes de raquetes nas escolas públicas Brasileiras"
Aulas 17 e 18 Uso e apropriação / Protagonismo Comunitário	<ul style="list-style-type: none">● Proporcionar o protagonismo comunitário e uso e apropriação dos conhecimentos adquiridos através de uma feira de intervenção;● Compartilhar habilidades desenvolvidas sobre os esportes de raquete aos pares.	Feira de Culminância - Evento Culminante

Fonte: autoria própria.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

A abordagem da pesquisa é de natureza qualitativa, a qual pretende-se analisar os dados coletados nas interações sociais e analisados subjetivamente nesse caso, pela pesquisadora, pois nessa modalidade a preocupação é com o fenômeno investigado. (DEL-MASSO; COTTA; SANTOS, 2020).

Outrossim,

[...] é uma modalidade de pesquisa cuja ênfase é resolver, através da ação, algum problema coletivo no qual os pesquisadores e sujeitos da pesquisa estejam envolvidos de modo cooperativo e participativo. Na pesquisa-ação, os pesquisadores desempenham papel ativo na resolução dos problemas. (DEL-MASSO; COTTA; SANTOS, 2020, p. 9).

O estudo tem como característica uma pesquisa-ação, sendo que a pesquisadora é também participante pois a pesquisa acontece no local das próprias práticas, e se busca transformar a realidade vivenciada com a ajuda de todos os investigados.

A pesquisa-ação permite uma investigação para a transformação de uma realidade e está mais próxima à atuação enquanto professora-pesquisadora, visto que esta ministrou as aulas do objeto de observação, ao passo que realizou a investigação.

5.1 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual localizada em uma região periférica da cidade de São João da Boa Vista/SP, que pertence à Diretoria Regional de Ensino de São João da Boa Vista/SP. Nessa escola durante o período matutino é ofertado o atendimento ao Ensino Médio, e no período vespertino atende-se somente os Anos Finais do Ensino Fundamental (8º e 9º ano).

Fizeram parte do universo desta pesquisa 32 estudantes de uma turma do 8º ano. Há atualmente na escola uma média de 960 alunos matriculados, distribuídos nos dois períodos de funcionamento.

A infraestrutura escolar dispõe de 11 salas de aula e um laboratório de informática, uma quadra poliesportiva coberta com abertura nas laterais, um jardim onde há uma quadra de areia adaptada com um quiosque ao lado, e um palco. Além desses espaços destinados às aulas, a escola possui cozinha, refeitório, secretaria, sala dos professores e a sala da gestão.



Segundo o Plano Gestão 2019/2022, esta Unidade Escolar recebe demanda, que abrange os bairros populares recém entregues, como Parque dos Resedás, Tereza Cristina, Jardim São Nicolau, Fleming, Vila Rica, Progresso, Amélia, Vale do Sol, Almeida, Primavera e zona rural. A comunidade, na sua maioria, possui renda familiar mensal de até dois salários-mínimos e têm suas atividades distribuídas em diversos setores econômicos: zona rural, industrial, comércio, serviços domésticos e autônomos, sendo essa renda constituída na maioria das vezes pela soma de rendimentos familiares.

Boa parcela reside nos bairros populares citados, possuem os eletrodomésticos essenciais como: televisão, geladeira, fogão, chuveiro elétrico, DVD e uma minoria possui computador. O uso da internet se faz pelo aparelho celular, que a grande maioria possui.

A comunidade é pouco participativa nas atividades institucionais, mas costumam atender as convocações para reuniões. Os(as) estudantes apresentam bom relacionamento com toda equipe escolar, gostam da escola e de seus professores e professoras, mas não são incentivados pelos responsáveis nos estudos, uma vez que os próprios apresentam defasagem escolar. Na comunidade onde a escola está inserida, assim como na cidade, há pouco espaço para lazer e atividades culturais. O atendimento de saúde é feito na Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro, mas é precário, pois faltam médicos especializados.

5.2 Participantes

Participaram do estudo jovens entre 13 e 14 anos de idade de uma selecionada turma de 8º Ano do Ensino Fundamental - Anos Finais, com 32 alunos (13 meninos e 19 meninas) matriculados em uma escola estadual. A referida turma do 8º ano possui semanalmente duas aulas duplas de Educação Física, com duração de 45 minutos cada. A escolha da referida turma deve-se ao fato da pesquisadora ser a docente titular da disciplina Educação Física nessa unidade escolar, ser professora da turma e ser também professora de anos anteriores para a mesma turma, conhecendo as problemáticas e possibilidades dos educandos e do contexto.

5.3 Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados no momento da intervenção pedagógica através da implementação da unidade didática proposta no ambiente escolar, foram os Diários de Campo tendo como base Bogdan e Biklen, (1994).

Diários de campo se baseiam em relatos escritos daquilo que o(a) professor(a)-pesquisador(a) ouve, vê, experiencia e pensa na coleta de dados. Além de refletir sobre os dados do estudo, através da descrição de pessoas, objetos, lugares, acontecimentos e conversas adicionando a estas ideias, estratégias, reflexões e palpites. (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

[...] as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo - a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 152).

Para os autores, o resultado bem-sucedido baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas. Todos os dados são considerados notas de campo, transcrições, entrevistas, documentos oficiais, estatísticas, imagens e outros materiais. (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Visando o processo de escrita das notas de campo, o referencial traz alguns pontos relevantes: pistas, pela preocupação com a memória; como não adiar, pois quanto mais tempo passar entre a observação e o registro das notas, pior é a lembrança e menos provável se torna que faça o registro; não falar acerca da sua observação antes de a registrar, pois falar acerca da observação torna-a mais difusa; encontrar um local sossegado e com equipamento adequado para registrar e se entregar ao trabalho; dedicar um montante adequado de tempo para completar as suas notas; esboçar um esquema com frases-chave e acontecimentos que se passaram, algumas pessoas desenham um diagramado local e utilizam-no para percorrer a experiência desse dia; tentar seguir o curso da sessão de observação de forma cronológica; deixar que as conversas e os acontecimentos fluam da sua mente para o papel, algumas pessoas até repetem as conversas à medida que escrevem. (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Ademais, esse processo também auxilia o(a) professor(a)-pesquisador(a) a interiorizar e memorizar o contexto observado, armazenando os dados.

Contudo, os diários foram produzidos através das observações pela própria professora-pesquisadora, que utilizou como auxílio para o registro na coleta de dados: fotos, anotações, relatos, materiais produzidos pelos(as) alunos(as) e filmagens. Ao findar de cada aula proposta, os instrumentos eram recolhidos e os diários produzidos e redigidos após o período de trabalho da professora-pesquisadora no dia referente.

Para realizar as observações foi produzido pela professora-pesquisadora um roteiro simples sobre o espaço e a relação dos discentes e entre os discentes, de forma narrativa das atividades propostas nas aulas. Parte e recortes das filmagens das aulas foram transcritos em



momentos em que as ações dos discentes não foram relatadas, e observadas pela professora-pesquisadora em suas anotações que auxiliaram na melhoria da coleta de dados.

Dessa forma, os diários de campo foram descritos sistematicamente visando a inclusão dos ERI no ambiente escolar e as relações que se manifestaram entre os pares nas referidas aulas.

5.4 Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP-UFSCar), cuja aprovação constante no parecer nº 5.344.152 (Anexo C) foi conferida antes do início da inspeção em campo voltada para investigação. Após aprovação no CEP-UFSCar, os alunos e as alunas receberam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido -TALE (Apêndice A), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE (Apêndice B), e o termo de Consentimento de uso de imagem (Apêndice D). Essa ação foi requerida tendo em vista tratar-se de participantes menores de idade, necessitando da autorização do responsável para a participação junto ao presente estudo. Os termos foram apresentados em sala de aula para os participantes do estudo e enviados para sua residência para ciência dos responsáveis, e logo foram retornados para a professora-pesquisadora.

Durante o desenvolvimento do estudo foram respeitados todos os protocolos de segurança referentes à prevenção de contaminação pelo coronavírus que leva ao desenvolvimento da COVID-19, estabelecidos pelo Ministério da Saúde e organizados pelo município de São João da Boa Vista /SP. Além disso, todos os envolvidos na pesquisa (professores, estudantes e seus responsáveis) receberam e assinaram os Termos de Assentimento/alunos, (Apêndice A), Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), Termos de Assentimento/professor (Apêndice C) e Termo de Consentimento de uso de imagem (Apêndice D), concordando em participar da pesquisa. A direção da escola (Anexo A) e a dirigente regional de ensino assinaram uma carta de autorização para a realização da pesquisa (Anexo B).

5.5 Procedimentos para a análise de dados

O procedimento para a análise de dados se deu através da análise de conteúdo conforme proposto por Laurence Bardin (2009). A autora apresenta critérios para a organização de uma análise de dados qualitativos. O método consiste em três principais etapas a serem seguidas.

Na fase inicial da organização (pré-análise) do material, há a escolha dos documentos, formulam-se as hipóteses e elaboram-se indicadores, a partir de algumas regras como: exaustividade, sugere-se esgotar o assunto sem omissões; representatividade, amostras que representem o universo; homogeneidade, os dados devem se referir ao mesmo tema e serem coletados por técnicas iguais; pertinência, é necessário que os documentos sejam adaptados aos objetivos da pesquisa e exclusividade, onde um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

A segunda fase é a codificação, onde se levantam as unidades de registro (verbos, temática e outros) e unidades de contexto diante da viabilidade. Assim, a exploração do material: “O processo de codificação dos dados restringe-se à escolha de unidades de registro, ou seja, é o recorte que se dará na pesquisa. [...] uma unidade de registro significa uma unidade a se codificar, podendo esta ser um tema, uma palavra ou uma frase (SANTOS, 2012, p. 385).

Seguindo para a fase final, ocorre a interpretação dos dados e tratamentos de resultados, onde o(a) pesquisador(a) precisa retornar ao referencial teórico, procurando embasar as análises, dando sentido à interpretação, uma vez que as interpretações pautadas em inferências buscam o que se esconde por trás dos significados das palavras, para apresentarem, em profundidade, o discurso dos enunciados.

A categorização, o mesmo que agrupamentos em grandes categorias se faz de acordo com a literatura e referencial, e se coloca por várias formas; semântico, sintático, posição das palavras no texto, expressões, frequência no texto, ou seja, através de um padrão para o tratamento dos resultados.

Apresentadas as fases, podemos concluir que a análise de conteúdo é uma leitura profunda, determinada pelas condições oferecidas pelo sistema linguístico e objetiva a descoberta das relações existentes.

Nessa perspectiva, todo o conteúdo dos diários de campo foi analisado a partir da metodologia da análise de conteúdo após diversas leituras intensas dos registros, a fim de estabelecer uma compreensão dos dados coletados e das anotações sistemáticas registradas.

Com o intuito de categorizar e classificar o conteúdo a elementos chaves, foram utilizados os conceitos propostos por Bardin (2009), no qual percebermos unidades significativas, que foram agrupadas em categorias temáticas, possibilitando a construção dos resultados.

A análise de conteúdo dos diários seguiu os seguintes passos, onde possibilitou uma melhor visualização da proposta de inclusão dos ERI com a referida Unidade Didática:

- Pré análise: onde os documentos foram organizados;
- Exploração do material: onde houve a transformação dos diários em unidades de registro;
- Tratamento dos resultados: Associação significativa e válida das unidades e categorização.

5.6 Categorização dos dados

A aplicação da referida Unidade Didática (UD), foi realizada no 1º semestre do ano letivo de 2022, com 18 aulas previstas, porém sua conclusão ocorreu com 20 aulas realizadas (10 aulas duplas), entre os meses de maio, junho e julho. Foi necessário adicionar mais duas aulas de oficina de materiais alternativos para a finalização das raquetes alternativas, pois o tempo planejado não foi suficiente para finalizar a construção das três raquetes propostas.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, em que o instrumento de produção de dados foi o diário de campo (Bogdan; Biklen, 1994), tendo como fontes a observação do participante e o apoio de gravações de vídeos e áudios.

Os diários de campo foram elaborados no período noturno, sempre no mesmo dia, após cada aula ministrada. Foram utilizadas câmeras fotográficas que registraram o decorrer da intervenção e anotações, a fim de auxiliar na construção dos diários.

Os dados da pesquisa foram analisados a partir da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2009), tendo como um dos processos a análise de categorias de codificação que ocorre em três etapas, a saber: Organização e leitura dos documentos, codificação dos materiais e categorização.

Segundo Bardin (2009) a análise se dá através de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens, com o intuito de agrupar situações que se

repetiam ou não para assim classificá-los como categorias, como pode-se observar na Figura 2 a seguir.

Figura 2 - Fases da análise de conteúdo.



Fonte: Adaptado de Bardin (2009).

A análise de conteúdo não se apresenta de maneira linear e sim, como um roteiro para o tratamento dos dados, sendo importante a clareza de que a análise pode passar por entrelaçamentos, idas e vindas.

A primeira etapa da análise, chamada de leitura flutuante foi o momento em que houve a organização dos documentos coletados, seguida de uma leitura intensa e atenta, a qual ocorreu a escolha dos documentos com a intenção de dar conta do universo pretendido visando o objetivo de estudo.

Após a realização da primeira etapa, deu-se início a exploração do material; nesta segunda fase o processo de codificação dos dados se fez na identificação de trechos, frases, comportamentos, emoções e situações que se convergiam diante das diversas propostas da pesquisa.

A autora recomenda a realização de um índice organizado em indicadores (Quadro 8). Ao final, no momento da exploração do material, codificam-se os dados, processo pelo qual os dados são transformados sistematicamente e agregados em unidades.

Quadro 8. Elementos Indicadores frequentes nos diários de campo.

Lista de indicadores frequente
1. Participação
2. Atitudes
3. Respeito
4. Cooperação
5. Votação
6. Estratégias metodológicas
7. Confeccionar
8. Adequar
9. Construir
10. Adaptações de espaços e materiais
11. Conhecer
12. Experimentar
13. Praticar
14. Duplas
15. Miniquadras
16. Opiniões e reflexões dos alunos e alunas
17. Jogo
18. Metodologias

Fonte: Professora pesquisadora

O processo de codificação dos dados restringe-se à escolha de unidades de registro, ou seja, é o recorte que se dará na pesquisa. Para Bardin (2009) uma unidade de registro significa uma unidade a se codificar, podendo esta ser um tema, uma palavra ou uma frase. Assim, os elementos foram agrupados devido ao fato de possuírem características comuns (Quadros 9 e 10).

Quadro 9. Unidades de registro.

Elementos agrupados de acordo com características comuns	
Confeccionar	Participação
Adequar	Atitudes
Construir	Respeito
Adaptações de espaços e materiais	Cooperação
Conhecer	Votação
Experimentar	Opiniões e reflexões dos alunos e alunas
Praticar	
Estratégias metodológicas	
Metodologias	
Duplas	
Miniquadras	
Jogo	

Fonte: Professora pesquisadora

Quadro 10. Análise Categorical.

Unidades de registro	Citações/ Frequência	Unidades de contexto	Categorização
Confeccionar			
Adequar			
Construir			
Adaptações de espaços e materiais			
Conhecer			
Experimentar	34 vezes	✓ "Professora, que legal, posso levar para minha casa mesmo?... vou fazer um para o meu irmão, para jogarmos juntos!"	O jogo possível
Praticar			
Estratégias metodológicas		✓ "Deu mais chance para jogar hoje"	
Metodologias			
Duplas			
Miniquadras			
Jogo			

Continua...

Concluído

Participação			
Atitudes			
Respeito		✓ “Eu gostei professora, me achei útil...”	O protagonismo
Cooperação	36 vezes		
Votação			
Opiniões e reflexões dos alunos e alunas		✓ “Eu não precisei ficar gritando hoje, quando era a minha vez!”	

Fonte: Professora pesquisadora

Agrupando os dados de acordo com as fases de Bardin (2009), emergiram duas categorias: A. O Jogo possível e B. O Protagonismo.

6. O JOGO POSSÍVEL

A primeira categoria trata diretamente do objetivo da pesquisa, qual seja, a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar. Assim analisamos e identificamos na aplicação da UD, dois momentos importantes para tornar a realização do jogo possível que são: a construção de materiais alternativos e a adaptação de metodologias e estratégias, tratadas aqui por trechos de falas dos(as) estudantes que são relevantes e foram encontrados nos dados da pesquisa como:

- ✓ “Professora, que legal, posso levar para minha casa mesmo?... vou fazer um para o meu irmão, para jogarmos juntos!”
- ✓ “Deu mais chance para jogar hoje.”

Com os temas apresentados, analisaremos e passaremos por momentos que tornar o jogo possível foi identificado em seus ensaios, suas tentativas, acertos e/ou erros visando a inclusão dos ERI no ambiente escolar (Figura 3).

Ao iniciar a implementação da UD, foi logo identificado o início da inclusão dos esportes de rede com implementos. A confecção de materiais na Educação Física Escolar é muito comum entre os(as) docentes, independente do conteúdo a ser ministrado.

É recorrente e costumeiro a busca por alternativas e construções de materiais necessários para nossas aulas na escola, mas como já citado no referencial teórico, muitas

justificativas do não desenvolvimento dos ERI estão atreladas à falta dos materiais necessários para as modalidades como: raquetes, volantes, bolinhas, redes, etc.

Figura 3. Materiais construídos.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

A proposta de construção de materiais para tornar o jogo possível é colocada por alguns autores que tratam da Educação Física Escolar, e segundo González (2014) ao trazer a construção de materiais esportivos enfatiza-se alguns aspectos como: cuidado com o meio ambiente, educação para o consumo, criatividade, trabalho coletivo, além das possibilidades de usar e construir os objetos fora do ambiente escolar e os relacionar ao seu lazer. Chiminazzo (2008) coloca que novas e diversas habilidades e competências podem ser desenvolvidas em atividades dessa natureza. Na Figura 4 é possível visualizar as Oficinas realizadas para a construção das raquetes, conforme planejados nas aulas para implementação dos ERI, enquanto na Figura 5 a visão ou interpretação dos(as) alunos(as) na Oficina de materiais é demonstrada.

Figura 4. Oficina para construção de raquetes.

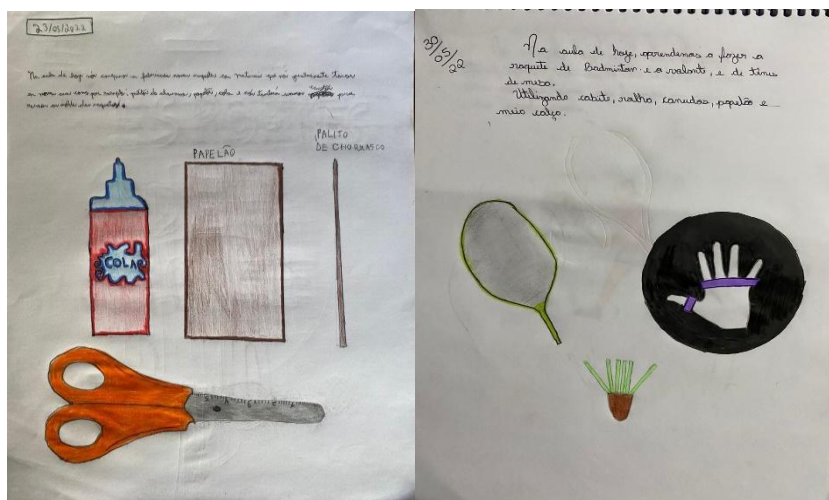


Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Os alunos e as alunas se colocaram na aula com muita atenção e se disponibilizaram efetivamente a fazer as novas raquetes, logo começaram a voar volantes pelo alto da quadra, houve empolgação em construir um objeto alternativo, mas que realmente funcionava na perspectiva de dúvidas que havia em momentos anteriores. (III- 1²).

Pedi para os que já terminaram ajudarem na organização e limpeza do local, e muitos curiosos se mantinham testando e manipulando seu material em rebatidas e domínios individuais dispersos pelos cantos da quadra. (III-2).

Figura 5. Interpretações da oficina de materiais pela visão dos discentes (portfólio).



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

² (III-1): A siglas encontradas neste formato significam: o diário de campo e o número do indicador frequente do trecho. O algarismo romano (III) representa o diário de campo onde o trecho se encontra e o numeral (1) representa a sequência dos indicadores frequentes no texto.

Com as estratégias de adequações e construção dos materiais necessários, também houve um auxílio no controle da velocidade do jogo, se compararmos estes em relação aos implementos oficiais. Vimos que alunos e alunas puderam experimentar, vivenciar e conhecer as modalidades com mais êxito em seus ensaios e tentativas. O jogo mais lento respeitou a não vivência e o não conhecimento prévio dos(as) discentes.

Alternativas como essas são propostas também pelos autores Ginciene e Aburachid (2014), em que tratam das possibilidades de aprendizagem para os esportes de rede/parede no ambiente escolar, e para iniciantes das modalidades em outros contextos como projetos, escolinhas ou clubes.

Traços das diversas adaptações propostas pelos pesquisadores(as) e autores(as) puderam ser percebidos, na forma como os materiais foram colocados na aula:

Para o tênis utilizei raquetes de frescobol da escola, e bolinhas de baixa intensidade 50% (adquiridas particularmente). Assim, demonstrei rapidamente a empunhadura e os básicos: palma da mão para frente e explanei que aquele movimento se chamava oficialmente *Forehand* com o lado dominante, e com palma da mão para trás segurando a raquete com as duas mãos para melhor apoio do lado não dominante, *Backhand*. No Badminton utilizamos raquetes e volantes particulares minhas, as também citadas em meu relato de experiência. As raquetes são de um modelo das mais baratas do mercado e volantes simples, nada muito propício para nossa quadra aberta em todas as laterais. Mas como previsto e planejado antecipadamente, não havia naquele dia condições de ventos fortes que pudessem deixar a prática impossível. Também demonstrei com cada turma que passava pela estação, os movimentos básicos e as empunhaduras *Forehand* e *Backhand*, para o badminton.

No Tênis de Mesa utilizamos raquetes da escola que haviam chegado junto às mesas oficiais, são raquetes com um lado liso e um lado rugoso, não oficiais e as bolinhas de 2 gramas, de plástico também não oficial. Material esse que foi solicitado à direção por mim no ano anterior, a ser adquirido com uma verba destinada a compra de materiais de apoio pedagógico para todas as disciplinas. Solicitação essa após verificar o interesse e maior inclusão de meus alunos e alunas quando levei meu material particular (raquetes de frescobol e badminton) em algumas de minhas aulas anteriores.

E para a prática do quimbol, utilizei de algumas raquetes de frescobol maiores (particulares) e uma bolinha de espuma sem pressão de 9 cm de circunferência bem lenta, para que o efeito de cooperação e a tentativa dos três toques fosse alcançável. (IV-7).

[...]pedi para que prestassem muita atenção nas adaptações para que a aula acontecesse neste dia, na rede de tênis e badminton feita com elástico e tirinhas de sacolinhas, disse que poderia ser barbante, corda de varal, ou seja, sem o material oficial. Demonstrei também a mesa do refeitório adaptada para o tênis de mesa. Explanei para que eles conseguissem perceber nesta aula, maneiras de praticar como forma de lazer os esportes que possuem raquetes de maneira alternativa, em sua casa, quintal, espaços vazios, terrenos, ruas e espaços públicos. Eles responderam em conjunto de forma positiva e afirmativa. (IV-11).

Recorrendo às falas dos(as) autores(as) no embasamento teórico que trata sobre os esportes de rede/parede, mais especificamente em Gincene e Impolcetto (2019), verificou-se que colocam como primeiro passo para tornar “o jogo possível”: a adaptação de materiais, regras e espaços. Atividades essas também propostas nas primeiras aulas da UD:

[...] caminhei com os alunos para a quadra que já estava disposta com as 4 miniquadras, os cones dividindo as quadras e a linha de fundo onde escrevi a linha do saque em letras grandes. Nossa rede de elástico com tiras de sacolinha plástica amarradas aos postes da tabela de basquete estava como adaptação da rede oficial, na mesma forma como na aula experimental anterior de tênis. Coloquei dispostos os materiais semioficiais da escola e as raquetes produzidas por eles. As bolinhas para esse dia foram de cor laranja (50% mais lenta), por conta do piso e das raquetes da escola serem de madeira, ou seja, com o objetivo de adequar a intensidade e proporcionar o sucesso na lógica interna nos minijogos. (VIII-21).

Com o andamento da oficina de materiais alternativos, um ponto a se destacar foi a perspectiva e o clima de dúvida que pairava entre todos e todas. Se as raquetes construídas iriam ou não suportar a demanda do jogo e proporcionar a prática das modalidades referidas. Houve muita desconfiança, pelo material ser papelão e muitos outros tratados como recicláveis e sucatas.

E assim, logo após nossa aula de experimentação, com as estações das quatro modalidades, estas demonstraram ser eficientes e possíveis para a prática do conhecer e experimentar, se confeccionadas de maneira correta e adequada.

Em algumas falas dos(as) estudantes percebemos a preferência pelas raquetes confeccionadas na oficina do que as existentes na escola (Figura 6). Como exemplo posso citar o palmar, que foi mais procurado que a raquete comercializada da modalidade, quando a modalidade da aula foi o tênis de mesa:

ALY: “Professora eu preferi o palmar para o tênis de mesa do que a raquete da escola e preferi a raquete de cabide no badminton e a peteca de rolha do que o da escola, eu consegui acertar mais!”

Com a fala desse aluno pude ouvir murmúrios de concordância pela turma em geral. Pedi que levantassem a mão quem compartilhava daquela visão, e 23 alunos/alunas disseram concordar com a fala do colega. Especifiquei a pergunta sobre a raquete de tênis e sabendo das dificuldades de quem não estava com a raquete bem estruturada fiz a pergunta específica para 2 alunas que estavam com a raquete bem confeccionada e elas disseram que não sentiram diferença entre jogar com as delas e jogar com a da escola, mas preferiram a delas por ser maior e a da escola ser de frescobol, menor. (IV-10).

Citando as modalidades pedi para levantarem as mãos em duas modalidades. E tivemos como resultado: badminton: 4 votos, quimbol: 2 votos, tênis:16 votos, tênis de Mesa:18 votos. E assim, tênis e tênis de mesa foram escolhidos para seguir em

nossas aulas. Perguntei o porquê da escolha, atrelaram as respostas aos objetos e implementos que tiveram mais sucesso em seu manuseio e nas rebatidas. (V-13).
"Professora, que legal, posso levar para minha casa mesmo?... vou fazer um para o meu irmão, para jogarmos juntos!" (X-30).

Figura 6. Aluno e aluna utilizando raquete confeccionada.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

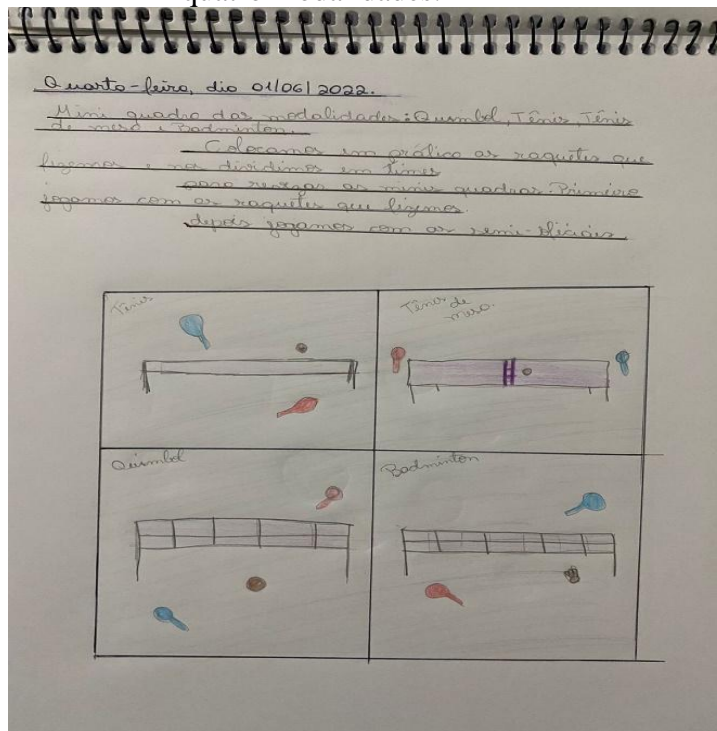
Dessa maneira e acordando com pesquisas referências no tema, a busca por construir materiais alternativos para que os(as) estudantes pudessem conhecer e vivenciar práticas desconhecidas e não presentes na realidade local, se fez válida.

Como identificado no início da pesquisa através de levantamentos do mapeamento prévio, grande parte dos discentes participantes não possuíam experiências prévias com os esportes de rede com implementos.

De que forma o(a) aluno(a) iria se apropriar do jogo como uma prática corporal, se ele(a) não possuía nenhuma habilidade e vivência prévia? Relembrando o objetivo da pesquisa, que visava proporcionar a inclusão e o conhecimento dos ERI aos discentes, percebemos muitos momentos de experimentação e vivência de acordo com os níveis de lançar e agarrar com as mãos, golpeando com as mãos e rebatendo com implementos, através de adaptação de metodologias.

A sequência de aulas da UD puderam proporcionar a vivência pelos discentes, em propostas de aulas através de manipulações, descobrimentos e familiarização com os implementos esportivos utilizados nas quatro modalidades apresentadas. Desse modo, a adaptação de metodologias e das abordagens atuais do esporte foram estratégias determinantes no auxílio de tornar “o jogo possível”, em um ambiente sem materiais e espaços adequados à prática. (Figura 7).

Figura 7. Interpretação pela visão dos discentes (portfólio). Aula IV-Experimentação das quatro modalidades.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Segundo Venditti Jr e Souza (2008), devemos colocar e adaptar a aula de acordo com a situação e o nível dos alunos(as) e de acordo também como levantamento prévio do(a) professor(a).

Trazendo a base da literatura, temos Gincene e Impolcetto (2019) conceituando que os esportes de rede com implemento trazem níveis de aprendizagem propostos por adaptações.

A aprendizagem dessas modalidades se dá através de diferentes níveis que podemos categorizar como do simples ao complexo:

- nível I- jogos de lançar e agarrar com as mãos, com pingos;
- nível II- jogos de golpear com as mãos com ou sem pingos;
- nível III- jogos de rebater com implementos com ou sem pingos.

Sob tal ótica, sempre do mais fácil para o mais difícil e trazendo ao mesmo tempo cooperação e oposição nas experimentações foram as atividades propostas na UD: “Vamos iniciar dominando a raquete com a bolinha ou peteca para depois tentarmos as rebatidas, e depois a troca de rebatidas, e assim seguiremos a nossa aula em cada estação”. (IV-5). Propostas que colaboraram e facilitaram para que houvesse a vivência e experimentação dos discentes.



Sem orientações diretivas colocadas por mim, pude visualizar que para eles(as) o objetivo após um tempo decorrido de tentativas era conseguir realizar o “famoso rali de troca de bolas” entre as duplas e/ou trios. Ao decorrer da aula, passando sempre por todas as estações a fim de identificar possíveis auxílios, um aluno relatou: ALY: “Professora conseguimos rebater nove vezes sem deixar a peteca cair” (no caso o volante), foi muito legal professora!”.

Percebi que esse aluno retornou à atividade com seu colega na tentativa de atingir um maior número de sucesso nas rebatidas, e que os(as) alunos(as) tinham expressões positivas de sorrisos e incentivos a cada acerto na devolutiva dos implementos. (IV-6).

Considerando como perspectiva o referencial para este estudo, observamos que não devemos trazer somente o jogo com suas características oficiais, técnicas e competitivas, mas sim “o jogo possível”, que inclua os discentes e facilite para que o(a) aluno(a) aprenda jogando, e não precise antes aprender apenas com gestos técnicos repetitivos.

O ensino baseado no gesto técnico por meio da repetição de gestos gera pouco interesse, exclui e afasta os discentes das aulas de Educação Física, além de não ser objetivo da Educação Física dentro do ambiente escolar. Relembrando com este fato, todas as preocupações, pesquisas e debates que permeiam sobre a Educação Física Escolar como componente curricular, para que aulas com essas características não se consolidem em espaços educacionais.

Portanto, visando propor alternativas ao ensino tradicional, os níveis de aprendizagem para os esportes de rede/parede foram respeitados nas estratégias de adequação dos níveis da aula da referida UD, e não apostando em exercícios de repetições:

Para a realização da lógica interna inicial do tênis de mesa, também foi proposto para a vivência a rebatida com as mãos e com mais de um pingô no primeiro momento, mas logo eles(as) solicitaram para usarem as raquetes e os palmares e restringiram a um pingô apenas. (VI-16).

Somando a isso, outro ponto relevante a analisar é a proposta de ter um recorte dentro dos esportes de rede/parede como objetivo da pesquisa: os esportes de rede com implementos (ERI). A Unidade Didática proposta aqui é voltada a utilizar quatro esportes de rede com implementos: o Tênis, o Tênis de Mesa, o Badminton e o Quimbol.

Conseqüentemente, ao adaptar uma Unidade Didática que trata a utilizar somente o recorte de esportes de rede que utilizam implementos, o aprendizado em relação à lógica interna do jogo facilitou a compreensão dos(as) estudantes, pois vivenciaram o jogar comum e assimilaram o jogar a bola ou peteca para o adversário, com o objetivo de dificultar a devolução, ou seja, construir o ataque, ganhar o ponto e defender seus espaços.



Com os rabiscos de explicações das miniquadras na lousa, de maneira objetiva segui as orientações em formas de indagações dirigidas a eles, a fim de diagnosticar se lembravam da lógica interna e do objetivo de cada modalidade visualizado na primeira aula de nossa Unidade Didática: “Vamos lá pessoal, o que devemos fazer para jogar o tênis? Alguns responderam:

JULY: “Rebater a bolinha.”

PL: “Não deixar pingar mais de 2 vezes.”

ALY: “Acertar a bolinha no campo do adversário.”

E assim, segui pelas quatro modalidades, não precisei auxiliar nas respostas e sim, fui realizando perguntas disparadoras e norteadoras sobre a lógica interna, e eles(as) oralmente e livremente foram explanando as características de cada modalidade. (IV-4).

Constatou-se também que com as similaridades e ao estimular jogos da mesma categoria, os(as) discentes puderam entender melhor o ensino e a proposta entre diferentes modalidades, construindo conhecimentos adquiridos de uma prática para outra, além de compreender com mais facilidade o jogo na sua lógica e tática. (CHIMINAZZO e BELLI, 2021).

Através desse recorte e agrupamento da pesquisa tendo como foco os ERI, foi possível ver traços de desenvolvimento melhores na resolução de problemas e tomadas de decisão diante do ambiente no qual os estudantes se encontravam. Posto isso, a escolha de modalidades semelhantes como o Tênis, o Tênis de mesa e o Badminton, puderam auxiliar no melhor entendimento da lógica interna dos jogos e assim facilitar “o jogo possível”.

Ao levantar a discussão sobre expectativas referentes a modalidade Quimbol (regional), com o objetivo de proporcionar o conhecimento de uma modalidade esportiva desconhecida e regional, ocorreu que a leitura e interpretação dos discentes ficou bem próximo para um Beach Tennis em grupo, do que para a modalidade Quimbol. Justificativas podem ser levantadas, já que poucas vezes ocorreram os 3 passes característicos da modalidade por algumas das equipes. A proposta desta modalidade ficou então abaixo do esperado, o Beach Tennis evidenciou-se sobre o Quimbol, pois, o primeiro é um esporte totalmente divulgado no momento pelas mídias, presente nas praias, quadras particulares e clubes das cidades. Fatores estes que podem explicar a interpretação dos(as) discentes.

Analisando o percurso do Quimbol dentro da pesquisa, percebemos que não atingimos o objetivo esperado, o jogo não se tornou possível para o Quimbol e tomou características de outras modalidades. Contudo, os alunos e alunas não desenvolveram saberes em relação a esta modalidade se comparada com as demais: Tênis, Tênis de Mesa e Badminton.

Partindo para a análise sobre a adaptação de metodologias e abordagens atuais para o ensino dos esportes, estas se apresentaram propositivas e propulsoras para a inclusão dos referidos ERI, trouxeram os(as) alunos(as) para o centro do processo de ensino, com aulas abertas, proporcionando diversos e inúmeros momentos resolução de problemas, reflexões e situações que estimularam a tomada de decisão.

Na quarta aula, que tinha como tema a experimentação das quatro modalidades, identificamos questões positivas em relação às metodologias atuais do ensino dos esportes; a aula estava disposta em miniquadras, “[...]iniciei minha explanação de como a quadra estaria organizada para a aula desenhando na lousa as miniquadras e a modalidade que estaria cada um; e sobre o rodízio e as estações, pois nunca havia disposto com essa turma a estrutura da aula assim.” (IV-3).

Durante a aula nenhum(a) aluno(a) pediu para sair da quadra e ir ao banheiro como de costume em outras aulas, percebi que estavam realmente concentrados em suas descobertas e tentativas dessa nova experiência com a Cultura Corporal. Ficaram aproximadamente 75 minutos descobrindo as práticas propostas com poucas regras e com espontaneidade. Nenhum problema atitudinal foi identificado em relação aos discentes e suas relações nas atividades propostas, nenhum(a) aluno(a) abandonou a aula proposta. (IV-11).

Uma proposta de aula visando os Saberes Corporais foi colocada, onde havia minijogos de experimentação, miniquadras e pausas para a discussão e reflexão de regras e táticas:

OTTO: “O loco, mas já! Nossa nem vi a aula passar! Nossa professora passou muito rápido a nossa aula hoje!”

E olhando para eles e elas percebi cabelos presos, respiração ofegante, rostos corados, cansaço, sudorese, batimentos cardíacos acelerados. Todas as características físicas de atividades ditas: moderada a intensa.

Pensando em uma aula de Educação Física com a participação procedimental ativa, essa poderia ser um modelo para minha realidade. Parecia visualmente um mini festival de esportes de rede com implementos, pois utilizamos de toda a quadra, das laterais, e ainda da quadra de areia, ou seja, aproveitamos todo o espaço que havia no contexto real. A quadra estava colorida com coletes e cones de todas as cores, a rede que dividia a quadra com suas fitas de sacolinhas amarradas dava vida ao espaço, o local estava tomado de alunos e alunas se expressando e movimentando, de forma dinâmica buscando conhecer os esportes de rede com implementos. E o fato de dispor da quadra em forma de rodízio e estações atingiu a proposta esperada, para com o objetivo conhecer. (IV-8).

JP: “Aula boa, muito da hora.”

Perguntei o que acharam a respeito desse formato de aula (as estações), se eles haviam gostado, e uma aluna relatou:

ELY: “Nossa professora, hoje nós praticamos muito, durante o tempo todo nós estávamos jogando, suci.”

A seguir, outra menina:

NIK: “Deu mais chance para jogar hoje.” (IV-9).

Pensando na lógica interna do tênis de mesa, os(as) alunos(as) estavam praticando e experimentando muito o jogo em suas regras básicas, desenvolvendo suas habilidades e aprendendo com os pares, além de meu auxílio e do grêmio estudantil. De fato, várias mesas dispostas, disputas reduzidas e posição de mediadores colocou a turma em atividade o tempo todo da aula. (VII-18).

A inclusão dos ERI também se demonstrou possível com o auxílio da metodologia *Callejera*, vinda do *Fútbol Callejero*. Essa trouxe momentos mais intensos de adaptações e reflexões para as aulas, com a construção coletiva de regras e adaptações de espaços realizadas em grupo, com votações, duplas mistas, e sempre respeitando as impressões e vivência dos discentes.

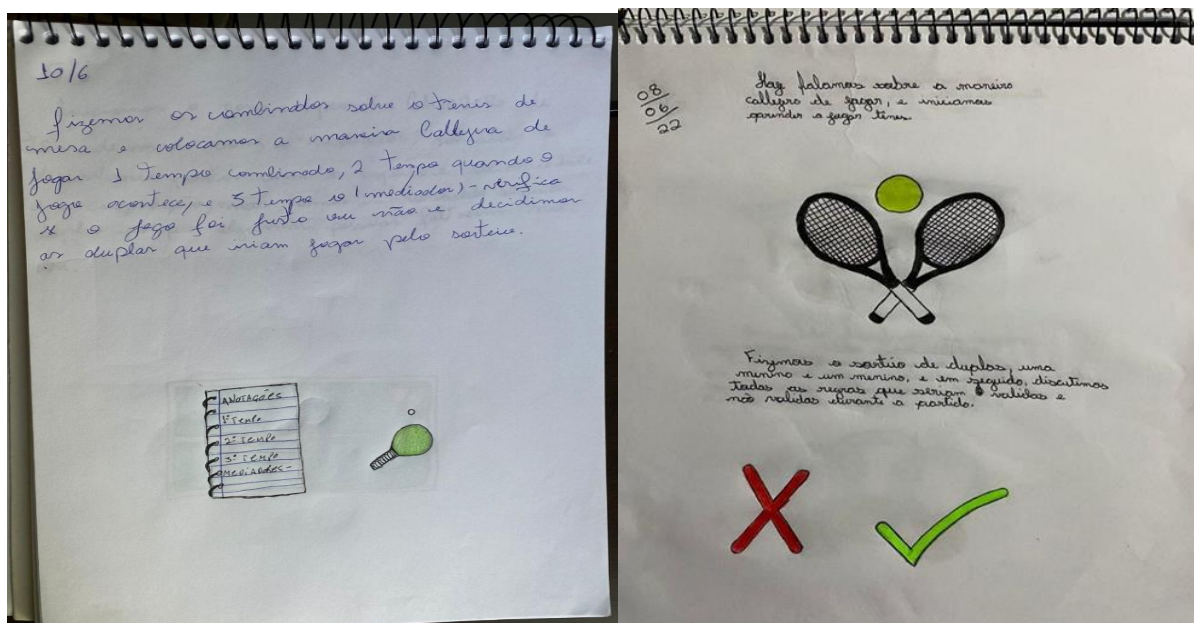
Nas aulas em que a metodologia citada foi proposta, as formas de adaptar o jogo possível a todos(as) foi ainda mais evidente, por ser sempre debatida entre pares:

Relacionei para um melhor entendimento com o nosso contexto de escola, que buscávamos incluir um esporte que não está presente por muitas questões sociais, e ao mesmo tempo na busca por ter aulas de educação física em que os direitos e deveres possam ser exercidos igualmente. Concluí então que iríamos utilizar a maneira *Callejera* na tentativa de conseguir desenvolver os esportes de raquete com as adaptações e regras acordadas por eles. Que já tínhamos construído as raquetes adaptadas, mas que agora iríamos tentar adaptar formas de jogar e aprender em nossa quadra, nossa escola e no ambiente em que nos encontrávamos. (V-12).

A metodologia *Callejera* se desenvolveu de forma inicial bem discreta, e foi se tornando crescente até atingir o entendimento geral dos estudantes no decorrer de nossas oito aulas destinadas a ela, com os seus três tempos e visando os pilares. (Figura 8).

A adaptação de metodologias que possibilitaram “o jogo possível” pôde ser percebida no primeiro tempo da metodologia *Callejera*. Este se colocou como uma estratégia de grande contribuição na adaptação dos jogos porque aluno(as) discutiram e se organizaram na busca por adaptar espaços e regras para tornar “o jogo possível”. Consequentemente, foi notável o tornar “o jogo possível”, pois tivemos adaptações e sugestões vindas dos próprios discentes, adequando a situação que se encontravam no momento e transformando ambientes, regras, materiais e espaços. (Figura 9).

Figura 8. Interpretação pela visão dos discentes (portfólio) - Metodologia *Callejera*.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Figura 9. Discentes organizando a própria prática. (Metodologia *Callejera*)



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Seguindo sobre as experiências com a metodologia proposta, a *Callejera*, após todos(as) seguirem nas tentativas em praticar as modalidades no segundo tempo da proposta, não houve desistência ou resistência por parte dos discentes diante do novo formato de aula:



Assim seguimos para a construção das regras acordadas pelo grupo, para este dia. As regras, discussões e ideias levantadas pelos discentes foram todas voltadas para tornar o jogo possível naquele ambiente e implementos que havia, mas cabe aqui ressaltar que tive que lançar o tempo todo questões disparadoras para que a construção de regras avançasse, devido a modalidade ser nova em nosso ambiente escolar:

1º Tempo de Tênis *Callejero*:

Jogariam 1 set e trocariam de quadra, adversário ou esperaríamos pois havia duas duplas aguardando para jogar;

Sobre a rede combinaram de voltar o lance em caso de dúvidas em bolas rápidas, se havia passado por debaixo (por ser rede de elástico com sacolinhas e difícil visualização em bolas rápidas);

Sobre os cones, combinaram que se a bola atingisse entre os cones e nos cones seria fora;

Sobre o saque combinaram de revezar o saque, e o saque seria de quem pontuasse;

Sobre o material e implemento ficou livre a escolha, poderia ser o da escola ou o construído por eles;

Sobre a pontuação não quiseram adaptar, utilização de 15,30,40, e game;

Sobre pingos acordaram 1 pingo ou direto;

Sobre o início da partida decidiram pelo par ou ímpar;

Sobre a troca de quadra, seria a cada final de game e não apenas em games ímpares;

Sobre o saque poderia ser dado com um pingo;

Sobre o pé na linha, no momento do saque (VI-14).

As falas e regras propostas e acordadas pelo grupo foram as seguintes:

Mantiveram as regras da aula anterior;

Combinaram converter a pontuação do game em 60, pensando na súmula e no relógio;

Disputa: melhor de 3 games, ou seja, 120X60 ou 120 X 0;

Colocaram respeito, cooperação e solidariedade no valor de 30 pontos;

Não valeria saque avançado e somente o saque iniciando com um pingo, pois muitos ainda estavam aprendendo a rebater;

Não seria obrigatório cruzar o saque devido às miniquadras serem pequenas, pois era muito difícil e não havia demarcações no chão para visualizar;

Todas as duplas jogarão entre si, não haverá final;

Os primeiros lugares serão a somatória de todos os terceiros tempos de todas as duplas. (VIII-23).

Estimular a resolução de problemas é, e se faz como parte da Educação Física Escolar, diante das diversas práticas corporais e aqui se fez, com a professora pesquisadora tomando uma posição de mediadora e facilitadora na adaptação de metodologias que possibilitassem essas situações.

Fato a se destacar é que no momento das pequenas partidas foram surgindo novas situações que o grupo não havia pensado e como não haviam combinado, chegavam até mim para resolver e eu os indiquei resolverem de forma igualitária e que não prejudicasse nenhuma dupla. E assim, em pequenas reflexões e atitudes foram combinando mais regras além das que havia, em cada minipartida com suas peculiaridades. (VI-15).

Certamente, se voltarmos nosso olhar para a Base Nacional Comum Curricular podemos ver traços do texto que tratam sobre as dimensões do conhecimento, com pontos que se relacionam entre reflexão sobre a ação, construção de valores, análise e a compreensão, como presentes no decorrer das aulas:

Pedi nesse momento que observassem com atenção e que relembassem de nossas aulas anteriores e as situações decorridas nas disputas e nas diferentes adaptações, pois estávamos adaptando desde o material até as mesas. E logo os três meninos que tinham experiências prévias colocaram:

JP: “É professora, lembra do saque?...”

ANJINHO: “E vai poder cortar? Posso bater forte?...E pode pôr a mão na mesa?”

Portanto, colocaram situações para análises mais específicas pensando sempre na lógica interna do tênis de mesa e nas situações novas que devido à experimentação puderam vivenciar e perceber, adicionando assim mais regras nesse dia que foram adicionadas também ao nosso cartaz das regras combinadas. (VII-19).

As partidas se iniciaram e o segundo tempo se colocou bem aos moldes e características da aula anterior, mas com mais atenção e comprometimento por parte das duplas. Pude visualizar, pequenas conversas, sinais, meninos e meninas se relacionando de maneira discreta, mas tática, na tentativa de sucesso em suas disputas. Percebi ali que os coloquei em uma situação muitas vezes nunca vivenciada, menino jogar com a menina em duplas, pois em nossas aulas em equipes maiores para os outros esportes a relação entre eles se fazia diferente. Senti nesse formato de duplas mistas que todos e todas estavam em seus ensaios de aprender e aprender a conviver nessas três últimas aulas que trabalhamos em duplas. (VII-20).

Nesse contexto, foi possível perceber que os estudantes estavam relacionando as situações problema, refletindo individualmente e coletivamente sobre estratégias, técnicas e táticas, com a tentativa de colocá-las em prática, retomando González e Bracht (2012) com os Saberes Corporais, Conceituais e Atitudinais. Situações que foram possíveis através das metodologias colocadas como estratégias para a aula.

Seguindo a análise, para o decorrer da UD, vemos questões sobre a lógica interna sendo um conhecimento adquirido aos poucos. Através do despertar do interesse entre os(as) estudantes sobre as modalidades:

A aluna novata que na aula anterior, no campeonato de tênis de mesa se dispôs a ser somente mediadora, neste dia pediu para participar:

MARISOL: “Professora, eu acabei de chegar na escola, mas eu vi na outra aula e queria participar, pode? Você me explica rapidinho o que eu tenho que fazer, se eu perder, não tem problema. Eu gostei, quero jogar também!” (VIII-22).

Neste ambiente calmo, tranquilo e acolhedor que se encontravam os 25 alunos(as) dava para ouvir muitos lances da pontuação do tênis explanada, dentro, fora, game, o barulho das raquetes de madeiras, a fala das duplas entre si, sobre o saque ou pequenas tentativas táticas em se posicionar melhor, o melhor local para devolver a bola etc. Durante todo o campeonato se ouvia a pontuação do tênis pronunciada pelos próprios alunos e alunas em voz alta e isso não havia sido combinado no primeiro tempo; pude perceber dos educandos e das educandas que a lógica interna da modalidade estava sendo compreendida e as minipartidas transcorreram de forma dinâmica. Se reiniciaram sem meu auxílio ou do grêmio. (IX-24).

Nessa perspectiva, a busca por defender e enviar a bola ou peteca para o campo do adversário por meio de rebatidas, dificultar a devolução da bola ou peteca pelo adversário e

conseguir pontuar forçando o erro do adversário, foram propostas conhecidas, reconhecidas, interpretadas, debatidas e experimentadas pelos discentes, tornando assim evidências sobre “o jogo possível”. (Figura 10).

Cabe a análise de que, pensando na lógica interna dos jogos de rede/parede e no “Como Jogar” (González e Bracht, 2012), respeitando a progressão de jogos de agarrar e lançar, jogos de rebater com as mãos até chegarmos nos jogos de rebater com implementos, ao aplicar a metodologia *Callejera* para o 8º ano do ensino fundamental, vimos que esta acelerou esse processo. Mesmo com minijogos, muitas adaptações e construções de regras, os estudantes logo se dispuseram e solicitaram para avançar ao nível de rebater com implementos. Essas solicitações foram propostas através da construção de regras em grupo.

Figura 10. Metodologia *Callejera* sendo aplicada à modalidade Tênis, espaço adaptado em miniquadras.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Contudo, retomando e considerando os “esportes para conhecer” (González e Bracht, 2012), o intuito foi apresentar para conhecer as quatro modalidades citadas.

Assim, não esperávamos dos estudantes o desenvolvimento de habilidades para o fruir e os esportes para praticar como resultados desta pesquisa.

Cabe reflexões docentes na pesquisa. em relação ao objetivo proposto para possíveis ajustes e melhoras da unidade didática visando “o jogo possível”. Partindo da análise e compreensão dos acontecimentos relacionados ao ambiente escolar local para o objetivo proposto, no caso, uma escola pública e as limitações que existentes. Adicionando às reflexões docentes, coloca-se aqui um trecho onde uma aluna relatou não evoluir no seu “jogo possível”, pois ela foi sorteada para ser dupla de um aluno com deficiências múltiplas. Na busca por sempre incluir todos, que é de direito, houve impasses em relação à não evolução da aluna que

queria seguir, mas seu parceiro de dupla (sorteado) foi um aluno com limitações severas. E mesmo com adaptações mais específicas voltadas a ele, sua evolução era mínima. Caso esse:

CACHINHOS: “Professora eu não sou competitiva, mas se eu continuar jogando sempre com o mesmo parceiro, como você disse que não pode mudar (só com o TITI), eu não vou conseguir jogar e nem aprender, ele nem tenta! Me atrapalha e o jogo fica chato! Eu tento professora eu tenho paciência com ele, mas o tempo todo não vai dar certo!”

Após essa explanação particular da aluna, disse a ela que iria pensar em estratégias que não excluíssem o aluno, mas que também não retirasse da mesma as expectativas no seu desenvolvimento das habilidades previstas da aula. (VI-17).

A alternativa para esta situação, tomada pela professora pesquisadora foi colocar um aluno novato junto a essa dupla, mas cabe a seguinte reflexão: seria essa a melhor forma de incluir o aluno deficiente e ao mesmo tempo possibilitar “o jogo possível” à sua colega?

Percebemos aqui uma falha, uma necessidade de buscar por mecanismos de inclusão que não era o foco da pesquisa e nem previstos no planejamento desta UD, porém é uma situação que deve ser refletida cotidianamente, na tentativa de incluir a todos (as).

Outros trechos e situações nos levam a refletir. Em relação à disposição da aula como identificados nos diários de campo: “A demanda e tentativa de estar um pouco em cada estação em todas as quatro vezes que rodamos, foi corrido e cansativo...” (IV- 10).

Ao analisar um contexto com turmas numerosas, alunos e alunas espalhados em um espaço muito amplo, muitas miniquadras e um único professor ou professora, para realizar mediação das práticas. Seriam estas as propostas mais adequadas? Interpretando essa reflexão podemos retomar a aula com as estações por rotação, por exemplo. Na situação decorrida cabe uma reflexão, pois mesmo que o objetivo da UD seja o conhecer e o experimentar, talvez os discentes tenham necessitado de uma atenção e mediação mais próxima pelo(a) professor(a) em sua primeira aula com as novas modalidades, o que não houve.

Contudo, ao analisar o decorrer da vivência da UD utilizando metodologias atuais dos esportes como auxiliares no processo de inclusão dos ERI no ambiente escolar, levantamos pontos positivos em proporções maiores do que as possíveis falhas no processo:

O clima de engajamento entre os estudantes era notável, percebê-los conduzindo sua própria prática em nossa última aula de experimentação proposta pela UD, me trouxe alívio e análises diferentes em relação à minha conduta metodológica profissional e na relação professor e aluno. Sem dúvidas, um filme de inúmeras aulas passadas veio a minha memória. (VII-20).



Portanto, apresentamos aqui o formato que o jogo possível tomou no espaço de aplicação da pesquisa e com a análise de propostas que levaram os estudantes a conhecer e experimentar as modalidades badminton, tênis, tênis de mesa e quimbol. Discussões e análises referentes às questões táticas do jogo não foram levantadas, pois não foram propostas pela UD, assim como não pertenciam ao objetivo da pesquisa.

7. O PROTAGONISMO

A segunda categoria traz o protagonismo, que se emergiu com evidências na análise das falas e trechos dos diários de campo, descritas e exemplificadas nas diversas propostas de aula no decorrer da pesquisa, independentemente das metodologias e estratégias utilizadas em cada aula.

O protagonismo evidenciou-se nos diários de campo, com características que se distinguiram entre ação e inclusão. Os títulos também atribuídos, foram escolhidos através da fala de alguns(mas) alunos(as) que refletem o significado dessa categoria:

- ✓ “Eu gostei professora, me achei útil...”
- ✓ “Eu não precisei ficar gritando hoje, quando era a minha vez!”

Abordaremos a seguir, as discussões decorrentes da organização e da análise dos dados, tendo como base o referencial teórico e os objetivos que orientam o desenvolvimento da pesquisa.

Falar de protagonismo no ambiente escolar é tentar propor e levar situações em que o aluno(a) se torne o centro, e participe de todas as fases do seu próprio processo educativo, desde a elaboração, execução e avaliação das ações. Discurso sempre presente nas metodologias e propostas das diversas disciplinas curriculares. É a busca e o apelo incessante pelos gestores escolares em reuniões e planejamentos.

Por essa busca e analisando algumas ações, percebemos que se iniciaram discretas já no início da pesquisa. Ações protagonistas foram identificadas em momentos como:

O tempo de aula foi passando e a produção das raquetes estava veemente, por alguns segundos parei e visualizei que a desenvoltura da sala melhorou em relação à aula anterior, os recortes dos papelões também foram mais organizados. Senti os alunos(as) mais seguros, mais conscientes do que estavam realizando. (III-2).

Foi muito gratificante para mim e para a turma, quando as raquetes prontas começaram a se juntar no decorrer da aula. A primeira aluna que fez seu conjuntinho completo com as três raquetes e com seu volante, veio ao meu encontro com os implementos empilhados na mão, e com grande satisfação e um sorriso no rosto disse: RAFINHA: “Olha professora fiz tudo!”

“Que ótimo, eu respondi com muito entusiasmo também, e demonstrei o dela para todos e todas da turma como forma de elogio e estímulo aos demais. (III-3).

Pensando na Educação Básica e nas aprendizagens essenciais propostas pela BNCC, podemos perceber o protagonismo relacionado nas Competências Gerais da Educação, ao encontrar em seu texto base verbos e expressões como: elaborar e testar, formular e resolver

problemas e criar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas. Destacamos também o termo “fruir”, tratado como uma dimensão do conhecimento presente na Educação Física pela BNCC, a qual ao interpretar pode se entrelaçar com o protagonizar.

Ainda na BNCC, o protagonismo se faz presente nas diversas manifestações artísticas e culturais, além de outros termos/verbos aqui não levantados.

Ademais, situações que remetem às habilidades dos esportes rede/parede previstas pela BNCC, que se relacionam ao protagonismo foram identificadas em ações como:

[...] (EF89EF01) o experimentar diferentes papéis de jogador, árbitro e técnico e fruir nos esportes de rede/parede, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo; (EF89EF06) o verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre. (BRASIL, 2017, p. 237).

O protagonizar se demonstrou presente repetidas vezes no envolvimento dos alunos(as) em momentos de agir, na tentativa de trazer os esportes de rede com implementos para seu meio, mesmo sem materiais e espaços adequados. Ações de caráter atitudinais foram explícitas e disseminaram-se no decorrer da UD.

E lá estavam muitos materiais decorados e personalizados com adesivos, colagens, desenhos, com seus personagens preferidos, suas marcas de produtos famosas, cores, brilhos. E sim, tinha uma raquete de tênis toda prateada, e uma de quadrinhos, mangás e outra. Um menino achou um pedaço de madeira na rua e levou para seu tio, que com uma serrinha recortou, e o sobrinho (o aluno) cobriu com EVA, fato relatado pelo próprio aluno diretamente a mim, com grande satisfação pelo feito. Os palmares também foram decorados e personalizados. Ficou um material bem lúdico e divertido, com características de adolescente mesmo! Foi interessante vê-los contando e demonstrando a seus colegas a finalização de como cada um personalizou seu material. (IV-5). (Figura 11).

Figura 11. Materiais expostos.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Sem dúvidas, as questões atitudinais que envolviam ações para o alcance do protagonismo foram bem aceitas e recebidas pelo grupo, de maneira desafiadora e ao mesmo tempo inovadora. Fato esse demonstrado por suas ações e reações diante de situações problemas que surgiram durante a aplicação da pesquisa:

Neste dia, estavam participando 20 alunos e por coincidência 10 meninos e 10 meninas participando de nossa roda, e mais uma vez pedi para que dissessem a melhor maneira de escolher as duplas. Foi unânime:

NIK: “Sorteio professora!”

JULY: “É! Sorteio é mais justo!”

Perguntei se todos concordavam e se alguém tinha outra sugestão e não houve. Percebi deles e delas em momentos de votação muita insegurança, apatia, vergonha em se colocar, devido à nova metodologia de aula, experiências prévias e até dificuldades atitudinais em se expor, opinar, muitos olhavam para o chão nos momentos de votação. Sem dúvidas, causou estranheza para eles e elas decidirem e pensarem em ações que até “ontem” eram postas e impostas. (V-7).(Figura 12).

Figura 12. Alunos e alunas votando - Construção coletiva de regras e acordos.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Nesse cenário e exemplificando a ação protagonista no seu processo de aprendizagem, percebeu-se atitudes discentes, como segue o relato da estudante Aly quando realizamos a atividade do júri simulado: “ALY: Professora eu quero ser acusação, mas eu gosto viu professora, e não quer dizer que sua aula foi ruim, é que eu tenho umas ideias!” (IX-17).

E assim o 8º ano seguiu nas suas tentativas, diminuíram a procura por mim e percebi grupinhos se formando antes do início das partidas com o intuito de relembrar os combinados e falaram sobre a lógica interna do jogo aos que estavam com dificuldade, alguns auxiliaram os outros na empunhadura da raquete, outros trocando de raquetes para identificarem qual se sairia melhor. (V-9).

Os 21 alunos e alunas participantes da pesquisa foram extremamente atuantes e responsáveis, o protagonismo foi evidente. Nenhum aluno ou aluna recorreu a mim para perguntar sobre questões conceituais, ou da lógica interna. Em relação às questões atitudinais não tivemos problemas de indisciplina, postura, participação, desrespeito ou qualquer outro fato que pudesse atrapalhar o andamento da intervenção. (X-24).

Com a volta para sala do 7º ano, o 8º ano se dispôs voluntariamente em roda na quadra e começaram a festejar, se abraçar, pular, gritar. Olhei com admiração para aquela manifestação de alegria e de pertencimento. Pude visualizar neste momento, como foi importante essa experiência de intervenção para eles, superando as minhas expectativas em relação a esse dia, e acho que de toda a sala também. (X-25). (Figuras 13 e 14).

Algumas falas compartilhadas entre os alunos e alunas do 8ºano que pude presenciar, assim que o 7º ano se retirou da quadra:

“Nossa professora eu nunca falei tanto na minha vida...”

“Professora no começo eu fiquei nervoso, até me engasguei, mas depois eu me acostumei...”

“Eu gostei professora, me achei útil...”
“Nossa professora, como é difícil ser professora ...”
“Eu achei legal...”
“Professora minha boca esta seca!”
“Professora, podemos fazer de novo com outra sala?”
“Eu gostei, fiz amizade e conversei com alguns meninos!”
“Eu nunca trabalhei tanto assim!” (X-26).

Figura 13. Evento Culminante -Participação do 7º Ano.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Figura 14. Evento Culminante (Avaliação) - Discentes participantes da pesquisa auxiliando a turma convidada na confecção dos palmares.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022



Sob a perspectiva do protagonismo, ainda podemos ressaltar a ação de pedido do grêmio escolar, de estar junto à proposta da pesquisa até seu término. Resultado de sua participação anterior, após o auxílio da professora pesquisadora em organizar o ambiente em uma das aulas anteriores.

Para este dia recorri ao grêmio estudantil presente em minha unidade escolar, com alunos e alunas do período da manhã. Em meus projetos nesta unidade escolar sempre convidei o grêmio a participar, já se tornou uma rotina e um hábito de anos. Mesmo com as mudanças anuais, novas chapas, novas eleições, temos boas experiências e os alunos (as) em sua maioria sempre se dispõem a protagonizar ações cabíveis a seu papel. (IV-4).

Para justificar a presença do referido grêmio aqui novamente, após sua participação na aula das estações, o Grêmio Estudantil se interessou pela proposta e solicitou a mim se poderia continuar acompanhando e me auxiliando no projeto. Como o protagonismo é umas das habilidades a ser desenvolvidas pelo grêmio estudantil e pela metodologia *Callejera*, além de estar previsto na BNCC, autorizei a participação e passei a eles (as) as orientações como: auxiliar com os materiais e de observações em relação aos alunos, registro de fotos, organização dos ambientes. Foram 4 meninas e 2 meninos, matriculados no Ensino Médio me auxiliando. (V-6).

Obviamente, ter os alunos e alunas gremistas por quase todo o decorrer da pesquisa não estava planejado, mas foi uma grande experiência como docente para além da aplicação da pesquisa. Houve então grandes relações de troca entre professora e estudantes, pois criou-se um ambiente de compartilhamento e acolhimentos em prol da inclusão dos ERI, naquele ambiente escolar. Proporcionando que todos gremistas ali presentes estudavam no período da manhã, e se dispuseram voluntariamente a voltar para a escola em várias tardes de quarta-feira, sendo proativos e à disposição para ajudar no que fosse necessário.

Contudo, além do auxílio na ação da pesquisa, houve também uma percepção de pertencimento pelo grupo gremista, onde houve o interesse e muitas perguntas sobre essa outra maneira de rua de jogar. Outrossim, o grupo gremista se apropriou também do conhecer a metodologia *Callejera*.

Voltando para o olhar da pesquisa, o protagonismo manifestou-se também nas falas dos(as) estudantes, no compreender o ambiente que estávamos inseridos e extrapolando os muros da escola, proporcionando análises e reflexões de temáticas desconhecidas e sobre a falta de oportunidades e direitos.

Relacionando às falas, podemos retomar os saberes conceituais críticos e questões que abordam a lógica externa dos esportes que podem estar presentes nas aulas de Educação Física Escolar de maneira concomitante aos saberes corporais (Figuras 15 e 16), citados por González e Bracht (2012).

O trecho a seguir versa sobre isto:

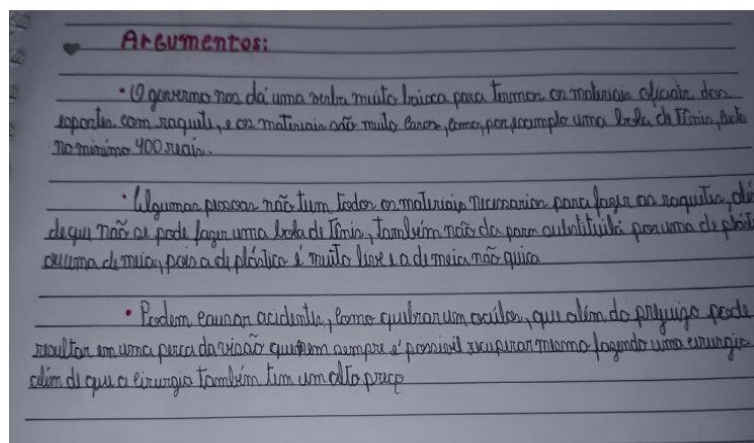
Foi bem representativo trazer a questão social e de *status*, a lógica externa e assim concluí e relatei porque os esportes de rede e parede com implemento estão distantes do lugar que a escola está inserida, do cotidiano da maioria da classe trabalhadora e da escola pública devido ao alto custo que envolvia a prática das modalidades oficiais e o status que deveríamos tentar diminuir, para a inclusão desses esportes em nosso meio. (I-4).

Figura 15. Júri Simulado- Lógica externa sendo explanada por uma das advogadas.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Figura 16. Anotações do grupo de acusação realizadas durante a reunião preparatória para o Júri simulado.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Partindo para reflexões docentes, acerca do protagonismo presente nas aulas, podemos identificar uma mudança de postura perante as novas propostas de atividades, conforme segue:

[...] não identifiquei alunos utilizando o equipamento para outros temas, nem utilizando o celular pessoal de forma dispersa. Fato esse muito corriqueiro para uma sala de oitavo ano, para a realidade escolar local e características da idade em que se encontram. (I- 5).

Fiquei surpresa e contente com essa devolutiva mesmo que atrasada, pois já haviam se passado muitos dias da proposta e presenciar alunos e alunas realizando uma atividade tempo depois, não é muito comum nesta unidade escolar, pensando no comprometimento dos discentes em relação a tarefas e temas de casa. (VI-15).

O protagonismo foi observado também nas análises dos diários de campo quando relatos se voltavam à inclusão. Tornar o ambiente democrático e inclusivo para as aulas de Educação Física Escolar em quaisquer de suas temáticas abre espaços para que nossos alunos(as), dentro de suas infinitas diversidades, protagonizem naquele espaço de direito. "O tempo passou e os alunos(as) se atentaram nas suas atividades, todos alunos(as) e seus convidados, sem exceção, estavam participando.". (X-21)

Para além da deficiência ou não, os discentes podem e devem ser agentes de transformação e pertencentes ao ambiente escolar, este foi um dos fatores que trouxeram traços de um espaço mais inclusivo a todos e a todas.

Ao trazer trechos onde a metodologia *Callejera* era proposta em aula, podemos perceber a inclusão tomando forma, em atitudes dos discentes: “Nenhum aluno ou aluna naquele momento se opôs ou desfez sua dupla perante o grupo. Indaguei se achavam que estava equilibrado e todo o grupo concordou.” (V-8). (Figura 17).

Figura 17. Duplas mistas - Adaptação visando a metodologia *Callejera*.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Traços dos pilares da metodologia foram encontrados nas falas dos discentes em situações diversas, além do terceiro tempo:

Na súpula o respeito, a cooperação e a solidariedade valiam dois pontos, votado pela maioria (Figura 18). Ouvi de um aluno durante a votação:
OTTO: “Um ponto é pouco professora! Essas coisas valem muito!”.
Após a fala percebi uma concordância coletiva. (VII-12).

Figura 18. Súmula adaptada visando a metodologia *Callejera*.

Súmula Callejera- Tênis de Mesa – Tênis
E.E. Francisco Dias Paschoal

1º Tempo- Combinados e Regras realizados pelos participantes

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

2º Tempo: Observações do mediador:

3º Tempo:

Resultado do 2º tempo:	dupla A	_____	X	_____	dupla B
Respeito:	dupla A	_____	X	_____	dupla B
Cooperação:	dupla A	_____	X	_____	dupla B
Solidariedade:	dupla A	_____	X	_____	dupla B
Resultado Final:	dupla A	_____	X	_____	dupla B

Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Foi aparente o exercício de refletir e discutir a sua evolução com a prática que cabe, pensando em situações de aula, que antes nunca haviam experimentado, logo apareceram colocações e sugestões para o andamento da aula, percebi traços mais sólidos do exercício da construção coletiva neste momento. Cinco participantes se colocaram a estar efetivamente no debate com a concordância dos demais. Um avanço perante a aula anterior visando à construção de regras. (VI-16).

O advogado de acusação: “Você falou sobre solidariedade uns com os outros, mas nem todas as pessoas foram solidárias, teve desconto nas partidas, vocês não lembram? (IX-18).

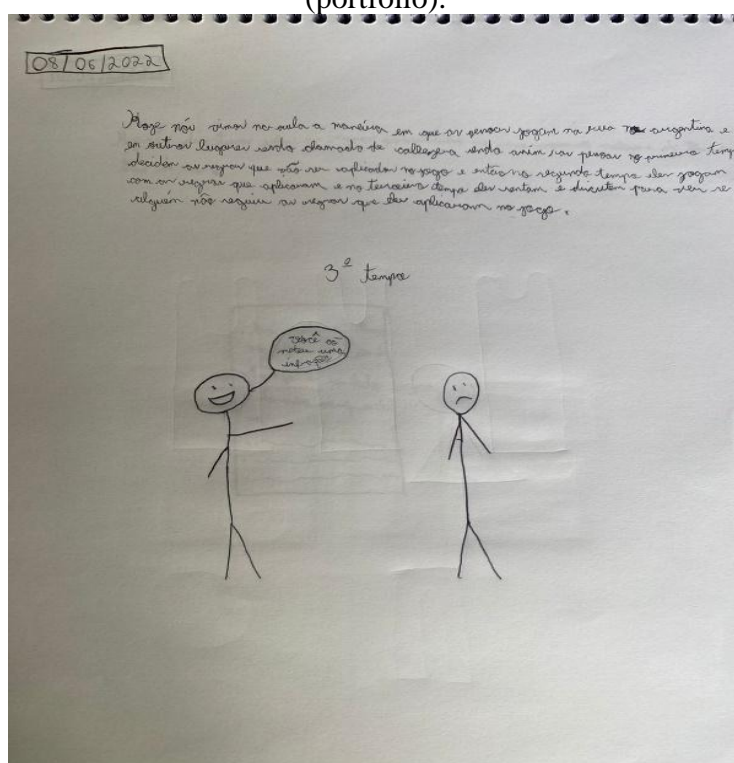
Nos próximos trechos de análises temos situações que alertaram para alguns cuidados docentes em relação a como tratar a mediação na metodologia *Callejera*, pensando na disposição das miniquadras em que os discentes se encontravam e no objetivo de conseguir fazer com que o terceiro tempo seja realmente realizado de fato e respeitado pelos discentes.

Observou-se que ajustes seriam necessários para um melhor fechamento do terceiro tempo das partidas:

Pude perceber também que meninas mediadoras observaram atitudes como falta de cooperação entre as duplas, mas que não se explanaram e colocaram o fato no 3º tempo diante da dupla. Percebi situações em que meninas se colocavam no jogo de maneira anulada, pois os meninos invadiam o espaço delas, mas as próprias colegas não conseguiam visualizar as situações, onde não houve a cooperação e respeito pensando na relação de gênero. (VI-10).

Essas discordâncias foram também diagnosticadas com a expressividade das mesmas quando da atividade do portfólio. (Figura 19).

Figura 19. Interpretação pela visão dos discentes sobre o 3º tempo da metodologia *Callejera* (portfólio).



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Relevante foi o fato de que uma aluna que estava como mediadora, após finalizar o jogo, veio particularmente até a mim e fez vários comentários em relação ao parceiro de dupla observado, pois ele praticamente não deixou a menina jogar, mas porque eles ganharam a partida quando a mediadora colocou o fato, a aluna a contrariou dizendo que não, que ela jogou sim. Procurei a aluna logo em seguida, coloquei a situação pensando nos princípios *Callejeros*. A referida aluna após nossa breve discussão disse:

ANALU: “Não professora, está tudo bem, eu me senti respeitada.” (VI-11).

Para essa análise, podemos trazer a fala dos autores Varotto et al (2018), que a mediação tem a finalidade de refletir coletivamente, resolver conflitos através de diálogo, promover a

participação de todos(as). Na Figura 20, os alunos (as) praticam a mediação na súmula *Callejera* adaptada.

Figura 20. Mediação anotando as observações na súmula *Callejera* adaptada.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Cabe aqui, a necessidade de um ajuste pedagógico para atender a metodologia *Callejera*, quando colocada em turmas numerosas, e com os alunos e as alunas dispersos em várias miniquadras resultando em vários terceiros tempos que se finalizam aleatoriamente. Pensando nos sujeitos da pesquisa, estão adolescentes estudantes dos anos finais do ensino fundamental, onde seu processo de protagonismo e criticidade, se encontram em desenvolvimentos iniciais.

Seguindo a análise, a UD demonstrou que o caminho do protagonismo pode ser construído a partir do que os próprios alunos e alunas levantaram como possibilidades: que não foi necessário coisas mirabolantes, mas sim que, os estudantes sejam incluídos no processo de desenvolvimento de suas aprendizagens e o professor possa atuar como o mediador das ações e articulador do conhecimento.

Para finalizar, fiz uma pergunta: “Pessoal essa maneira de jogar, vocês conseguiram entender o para quê?” O sinal para voltar à sala de aula tocou uma menina correu até mim e disse eu sei professora:

AMORA: “Inclusão, participação, para as meninas participarem mais, eu não precisei ficar gritando hoje quando era a minha vez!” Concordei com a garota, pois mesmo havendo muitas outras ações que a metodologia *Callejera* desenvolve para aquele contexto, a aluna relatar não ter que passar a aula suplicando por seus direitos já traz um ponto relevante. E após analisar o decorrer da aula, pude perceber que as situações de conflitos, reclamações e aflições das meninas em relação aos meninos não foram tão evidentes, comparado a aulas com esportes anteriores ao projeto. (V-10).

ELI: “Professora eu estou nervosa, eu nunca fiz isso antes” ...outra menina seguiu dizendo:

ANINHA “Que vergonha professora.”

Senti que essa experiência causava um desconforto inicial, mas demonstraram estar dispostos a realizar e a enfrentar as circunstâncias que estavam por vir. Em nenhum momento algum aluno ou aluna se colocou contrário à proposta e/ou pediu para mudar a atividade programada para este dia, ou seja, acataram a proposta como um desafio. (X-19).

Nos trechos descritos acima podemos citar Souza Júnior (2018), que coloca o momento das aulas de Educação Física mistas como uma grande ferramenta potencial e política para as relações de gênero, que possibilita o reconhecimento e valorização das diferenças entre sexos.

Nessa linha de pensamento seguiram as aulas, onde evidenciou-se situações em que a equidade de gênero foi proposta. Muitos trechos foram encontrados onde a metodologia escolhida trouxe ensaios na tentativa de oferecer oportunidades para meninos e meninas, a fim de que todos e todas respeitassem os limites e potencialidades uns dos outros pensando nas relações de gênero e nos Saberes atitudinais. (VAROTTO; SOUZA JUNIOR, 2020).

Mesmo não sendo o terceiro tempo satisfatório e esperado, pensando na metodologia *Callejera* em que todos e todas discutem, perceber as meninas desenvolvendo sua criticidade e analisando seu contexto em relação à igualdade de direitos foi para mim um “start” para o que a metodologia propõe, algumas se colocando mais, outras menos e outras relatando atitudes negativas a mim. (VII-13). (Figura 21).

Diferentemente de propostas tradicionais, que muitas vezes excluem, diminuem e desvalorizam a participação das meninas, as adaptações da metodologia *Callejera* trouxeram um ambiente onde elas puderam se expor e iniciaram seu processo de protagonismo e segurança de relações atitudinais.

Figura 21. Meninas e meninos compartilhando de forma igualitária, os espaços para a prática dos ERI.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Podemos aqui retomar o referencial, onde a fala de Castro (2018) traz que o desenvolvimento da metodologia *Callejera* no contexto escolar é uma estratégia estimuladora ao protagonismo dos alunos e alunas na elaboração das regras, na participação ativa do jogo, assim como nas reflexões e debates com os mediadores para a averiguação do placar final da partida considerando o respeito, a cooperação e a solidariedade.

Para minha análise como professora da turma e observadora da aula, foi visivelmente perceptível a apropriação da metodologia *Callejera* neste dia, ao encerrar as partidas os participantes já recorriam ao mediador que tentava estabelecer seu papel mesmo com colocações discretas e simples, cada um com sua desenvoltura atitudinal, mas desenvolvendo a responsabilidade cabível à mediação. A dinâmica dos três tempos neste dia foi efetivada com sucesso, após quatros dias de experimentações, ou seja, oito aulas. (VIII-18).

O exercício para que essas relações fossem respeitadas foi diante de situações críticas, reflexivas, tentativas, erros e ensaios na mudança de postura até mesmo das meninas, a qual muitas tiveram essa oportunidade e exercício de serem ouvidas nas aulas, talvez, pela primeira vez:

Em relação à observação da postura das meninas como mediadoras, era perceptível a insegurança, vergonha e timidez. Muitas delas anotavam as situações ocorridas no campo do segundo tempo, mas quando chegava o terceiro tempo pareciam se recolher e esconder a súmula para que os participantes das partidas não pudessem visualizar seus apontamentos. Não iniciavam e corriam até mim, pedindo para eu falar com as duplas e fazer o terceiro tempo. Cabe aqui uma análise de como as aulas anteriores, diretivas, não desenvolveram competências para que os alunos e alunas pudessem ao menos relatar um fato presenciado. Outra postura percebida sobre as meninas como mediadoras foi, em muitas vezes que terminavam a partida realizando o terceiro tempo, vinham me procurar depois no particular contando situações em que os meninos não agiam cooperativamente com suas parceiras, falavam palavrão e não respeitavam seus adversários. Mas pediam sigilo para eu não explicar em grupo sobre o fato, pois os meninos poderiam se rebelar contra elas. Como solicitado por elas, alguns casos eu pude intervir em momentos seguintes, outros pensei em esperar e no final da aula falar de maneira geral. (VII-36).

Para muitas das meninas, ganhar no resultado do segundo tempo já era suficiente, mesmo que sua participação estivesse sendo anulada pelo parceiro de dupla. Esse fato foi dito por mim como exemplo de um terceiro tempo não respeitado, não pontuado, e como ponto a ser pensando nas questões de gênero e atitudinais da aula, mas de forma geral, a fim de não expor e não diminuir o interesse e desenvolvimento que eles e elas estavam experimentando em seus momentos de protagonistas. (VII-14).

Através dos trechos destacados acima, relacionamos as aulas propostas com a autora Goellner (2009), que propõe alguns cuidados necessários na intenção de ministrar aulas com

alternativas didáticas para o enfrentamento dos dilemas de gênero, elencados abaixo (Quadro 11):

Quadro 11. Alternativas didáticas para o enfrentamento dos dilemas de gênero.

Criar um bom ambiente entre os participantes da atividade proposta/permitir que cada pessoa possa se expressar livremente e que seja respeitada pelas suas opiniões, habilidades, vivências etc.;
Incentivar a prática de atividades esportivas para todos(as), independentemente do gênero, promovendo atividades nas quais meninos e meninas, homens e mulheres participem conjuntamente;
Incentivar as meninas e os meninos a participarem de atividades culturalmente identificadas tanto como masculinas quanto como femininas;
Ficar atento(a) para situações em que aconteçam discriminações e buscar interferir de forma a minimizá-las e evitá-las;
Desenvolver estratégias, incentivos, elogios para que cada sujeito sintam-se integrante da aula;
Não deixar de exercer o papel de educador(a) e intervir sempre que houver situações de exclusão.

Fonte: Adaptado de Goellner (2009).

Nesse contexto, identificamos propostas que buscam a inclusão presentes na pesquisa com o auxílio da metodologia *Callejera*, especificamente em seu primeiro e terceiro tempo da proposta metodológica:

Neste dia, a mediação se atentou muito à cooperação entre as duplas mistas, se atentaram nas vezes em que os meninos invadiram o espaço e parte da quadra onde as meninas se colocavam para rebater. Fato esse relatado por meninos e meninas na mediação. Fato também de muitas discussões no terceiro tempo. Algumas meninas que passaram por essa situação permaneceram ainda passivas para poderem manter o resultado do jogo, dizendo que elas foram respeitadas e que eles foram cooperativos, mas foram criticadas pelas duplas oponentes e pelos mediadores em algumas situações gritantes, alguns não pontuaram no terceiro tempo. (VIII-16).

Analisando toda a trajetória do 8º ano durante a proposta da Unidade Didática, percebi que nesta aula tivemos o ápice em relação ao protagonismo e participação, todos estavam engajados[...] (X-23).

Cabe ressaltar um trecho, pensando no trato docente perante às metodologias possíveis de se adequar na escola, e na maneira de conduzir para o ensino do esporte escolar. Foi identificado em umas das aulas que mesmo tendo a metodologia *Callejera*, seus princípios e

pilares voltados à inclusão, houve momentos em que alunos(as) romperam os pilares a fim de vencer a competição, quando a proposta se voltou a um campeonato.

Por imaturidade ou pela falta de uma melhor orientação sobre os pilares, para alguns (as) participantes as características competitivas acabaram se sobressaindo em relação aos pilares respeito, cooperação e solidariedade. No entanto, e atendendo aos pilares da metodologia, todos e todas foram premiados. A medalha azul foi entregue aos discentes que não se colocaram nos primeiros lugares, mas que participaram de todo o processo. (Figura 22).

Figura 22. Entrega das medalhas.



Fonte: Professora pesquisadora, 2022

Percebi após algumas atitudes das meninas, analisando as aulas de experimentação com a metodologia *Callejera* em relação às aulas com o Campeonato *Callejero*, que as observações, discussões e críticas em relação à participação e direitos das meninas foram melhor desenvolvidas nas aulas de Experimentação, e quando coloquei o foco no Campeonato as meninas se anularam, a fim de manter um resultado positivo de sua dupla. (VIII-19).

Certamente, essa não foi a postura de todo o grupo de estudantes na atividade, mas cabe um ajuste estratégico perante as faixas etárias mais novas, devido o mediador ser pares em comum, onde muitos não sabem se colocar criticamente e protagonizar o espaço da mediação.

Houve muita insegurança por parte dos estudantes de levantar questões que poderiam levar os seus próprios colegas a não pontuar, pois muitos colegas poderiam não entender a imparcialidade do jogo e resultar em problemas atitudinais e de relacionamento para com os outros. Percebeu-se que houve uma falta de trabalhar anteriormente a metodologia proposta

com algum conteúdo já conhecido por eles(as). Pode se constatar que conteúdos novos adicionados às metodologias novas trouxeram momentos insegurança durante o processo de ensino aprendizagem.

Ademais, podemos evidenciar as questões positivas ao trazer as estratégias propostas de modificação de regras dos esportes pelos discentes, que visam a inclusão de todos(as) proporcionando um ambiente mais favorável para o aprendizado de qualquer modalidade esportiva.

Com a metodologia *Callejera* ocorrendo em seus três tempos de maneira satisfatória em nossas quatro miniquadras, os pilares respeito, cooperação e solidariedade também se desenvolveram e sobressaíram nas posturas e atitudes dos participantes, trazendo para aquele ambiente o engajamento e nosso tão esperado protagonismo.

Nessa aula, após o início de nosso segundo tempo, a característica do protagonismo se deu logo, a minha intervenção como professora pouco se fez necessária. Se deu apenas para alguma organização de duplas que ainda não haviam disputado entre si. Passaram-se muitos minutos sem que nenhum aluno ou aluna sequer recorresse a mim, poderia imaginar até me sentar ou até me ausentar do local para ir ao banheiro, beber uma água. Os discentes se colocaram totalmente engajados e organizados em suas atitudes e práticas. Percebi também nesse dia que poucos recorriam aos meus cartazes expostos para auxiliar nas dúvidas. (VIII-15).

Senti que essa experiência causava um desconforto inicial, mas demonstraram estar dispostos a realizar e a enfrentar as circunstâncias que estavam por vir. Em nenhum momento algum aluno ou aluna se colocou contrário à proposta e/ou pediu para mudar a atividade programada para o dia, ou seja, acataram a proposta como um desafio. (X-19).

Chegando, os alunos e alunas se colocaram dispostos a ajudar na organização e todos se encaminharam às suas estações combinadas, sem que houvesse a necessidade de direcionamentos diretivos por minha parte.

E lá estava, nosso elástico com as sacolinhas amarradas, os cones maiores e menores, o giz branco, 3 mesas do refeitório com o material dos palmares, as duas mesas de tênis de mesa (X-20).

Achei relevante esse pedido da aluna, pela preocupação e responsabilidade em repassar de maneira correta e dispor de uma atenção com qualidade para com os alunos e alunas convidados. (X- 22).

Ao utilizar de metodologias atuais do esporte como estratégia, os esportes e jogos passaram a ter outros significados. Foi tornando o jogo mais igualitário e justo, considerando que houve a inclusão de alunos e alunas que estavam afastados das aulas devido a competitividade excessiva em busca da vitória, e estes puderam experimentar momentos de protagonizar.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo, investigamos a vivência da prática docente durante um processo de intervenção pedagógica para a inclusão dos Esportes de Rede com Implementos no ambiente escolar público.

A justificativa que instigou este estudo, se atrelou à busca pela diversidade de conteúdo através de ensaios e possibilidades de incluir os ERI, recorte do objeto de conhecimento rede/parede, pensada como componente curricular da Educação Física para o 8º e 9º ano do ensino fundamental pela BNCC.

Sob esta perspectiva e diante da diversidade de conteúdos relacionadas ao tema Esportes, esse estudo procurou atender a defasagem que perpassa pelo tema ERI nas escolas. Tema discutido por pesquisadores da área e levantado pelo mapeamento prévio local.

Posto isso, uma das preocupações centrais da pesquisa foi apresentar uma Unidade Didática elaborada como intuito de possibilitar a inclusão destas modalidades de forma adaptada para o contexto escolar.

Dessa maneira, esse trabalho trouxe, além da fundamentação teórica e reflexões acerca do tema, a experiência desenvolvida em uma escola pública estadual do interior paulista, com a finalidade de analisar o processo de inclusão dos esportes de rede com implementos, através da coleta de dados sobre a implementação de uma Unidade Didática.

Ao analisar os conteúdos coletados e agrupando os dados de acordo com as fases de Bardin (2009), emergiram duas categorias: O Jogo possível e O Protagonismo.

A primeira categoria tratou diretamente do objetivo da pesquisa, qual seja, a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar. Assim, analisamos e identificamos na aplicação da UD dois momentos importantes para a realização do jogo que são: a construção de materiais alternativos e a adaptação de metodologias e estratégias para tornar o jogo possível, tratadas aqui por trechos relevantes encontrados nos dados da pesquisa como: “Professora, que legal, posso levar para minha casa mesmo?... vou fazer um para o meu irmão, para jogarmos juntos!” e “Deu mais chance para jogar hoje”.

Através dos temas apresentados, analisamos e dialogamos por momentos que tornar o jogo possível foi identificado em seus ensaios, suas tentativas, acertos e /ou erros visando a inclusão dos ERI no ambiente escolar diante do referencial teórico e da reflexão docente.

Foi evidente os procedimentos pedagógicos desenvolvidos na tentativa de tornar o jogo possível, através de construção de materiais e adaptações de metodologias atuais do ensino dos esportes. As informações coletadas indicaram que os procedimentos pedagógicos contribuíram para o conhecimento das modalidades e para tornar o jogo possível, mas que precisam de ajustes e flexibilização quando levantamos questões referentes sobre a organização dos espaços, disposição das miniquadras e nas metodologias. Relembrando que, as modalidades eram desconhecidas pelos discentes.

Entrelaçada a essas categorias está a segunda, trazendo o protagonismo, que se pode perceber nas falas e trechos dos diários de campo, descritas e exemplificadas nas diversas propostas de aula no decorrer da pesquisa, independentemente das metodologias e estratégias em cada aula.

O protagonismo, como categoria de análise, constante nos diários de campo, se apresentou com características que se distinguiram entre ação e inclusão. Os títulos para descrevê-las também foram atribuídos através da fala de alguns(mas) alunos(as), que refletem o significado dessa categoria: “Eu gostei professora, me achei útil...” e “Eu não precisei ficar gritando hoje, quando era a minha vez!”

Para esta categoria observamos questões atitudinais como respeito, cooperação, confiança em si mesmo, organização, criatividade, protagonismo e resolução de problemas pelos estudantes. Questões estas, mediadas e estimuladas pela metodologia *Callejera*, planejada e utilizada em muitas aulas da UD, como auxílio quando o jogo foi proposto pela ação docente. Essas ações foram visíveis em situações que visavam o agir e o incluir nas atividades propostas.

Convém ressaltar que toda interação humana está sujeita à situações de conflito, e foi analisado alunos e alunas rompendo regras e não acolhendo os pilares da metodologia proposta, quando o tema da aula foi de um campeonato, e em vários momentos iniciais da proposta de aula utilizando a metodologia *Callejera*, demonstrando assim limitações e necessidades de ajustes metodológicos.

Durante todo o percurso da pesquisa, houve um processo de desenvolvimento atitudinal discreto, mas crescente como: a construção de regras, os ensaios da mediação, as reflexões acerca do que a mediação pontuou, meninas sendo questionadas se seu espaço estava sendo respeitado, meninas se posicionando, discussões e reflexões acerca dos combinados para o jogo fosse possível, dentre outros.



Fato relatado como positivo, pensando nas questões atitudinais dos alunos(as) se comparado a como eram as atitudes deles e delas em suas aulas convencionais com esportes, anteriormente, esses avanços podem ser classificados como desenvolvimento atitudinal discreto, mas que despertou o pertencimento e a criticidade do grupo como sociedade.

Portanto, é possível considerar que nesse processo de inclusão do ERI, pode-se reconhecer o aluno e aluna como agente protagonista e o docente como mediador, propulsionados pela metodologia *Callejera*, onde nos desafiou a construir e refletir coletivamente através de reflexões e diálogos estabelecidos aos participantes da pesquisa, além das metodologias atuais do ensino do esporte que se demonstram propositivas no auxílio do “Jogo Possível”.

A tentativa de incluir os ERI no ambiente escolar, público, permitiu à professora pesquisadora o reconhecimento da transformação de suas aulas de uma matriz mais diretiva para uma mais dialógica, ao experimentar novas formas de estratégias e metodologias atuais para o ensino do esporte no ambiente proposto, saindo da zona de conforto e sendo mediadora diante a construção de valores e autonomia dos estudantes.

A pesquisa aponta para que se prossiga em novos estudos referente ao ensino dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar, em seu viés metodológico.

REFERÊNCIAS

- ABURACHID, L. M.; GRECO, J. P. Esportes de raquete na Educação Física Escolar: uma proposta para crianças e adolescentes. **Revista Digital**: Buenos Aires, ano 14, nº 135, 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd135/esportes-de-raquete-na-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 22 de setembro de 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.
- BELMONTE, M. M. VAROTTO, N. R.; GONÇALVES JUNIOR, L. Fútbol callejero e processos educativos: saberes emergentes de experiências convergentes. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 293–309. 2020.
- BETTI, M. A versão final da Base Nacional Comum Curricular da Educação Física (Ensino Fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos. Perspectivas em diálogo. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. São Paulo, v.I, p. 156-175, 2018.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. Notas de campo. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOSCATTO, J; IMPOLCETTO, F; DARIDO, S. A Base Nacional Comum Curricular: uma proposição necessária para a Educação Física? **Motrivivência**, Florianópolis, v.28, n. 48, p. 96-112, 2016.
- BRACHT, V. **A Educação Física Escolar no Brasil - O que ela vem sendo e o que pode ser: Elementos de uma Teoria Pedagógica Para a Educação Física**. Editora Unijuí, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- CABELLO M. D. **Análisis de las características del juego en el bádminton de competición: su aplicación al entrenamiento**. 2000. Tese (Doutorado) - Departamento de Educación Física Y Deportiva, Universidad de Granada, Granada, 2000.
- CALLAI, A. N. A.; BECKER, E. P.; SAWITZKI, R. L. Considerações acerca da Educação Física escolar a partir da BNCC. **Conexões**, Campinas, SP, v. 17, p.1-16 . Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654739>>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- CASTRO, L. E. de. **A construção de valores orientada pela metodologia callejera na educação física escolar**. 2018. Dissertação – (Programa de Pós Graduação em Docência para a Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista -UNESP, 2018.
- CBBD – Confederação Brasileira de Badminton - **Qual é a História do Badminton?**. Disponível em: <<http://www.badminton.org.br/historiadobadminton>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CBT – Confederação Brasileira de Tênis - **Programa Jogue Tênis nas Escolas**. Disponível em: <<http://cbr-tenis.com.br/capacitacao.php>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

CBTM – Confederação Brasileira de Tênis de Mesa - **História do Tênis de Mesa**. Disponível em: <<https://www.cbtm.org.br/conteudo/detalhe/5>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CHIMINAZZO, J; BELLI, T. **Esportes de raquete**. 1ª ed. Santana de Parnaíba/ SP: Manole, 2021.

CHIMINAZZO, J. G. Esporte de raquete na escola: uma possibilidade de trabalho. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 9, n. 12, p. 3-5, 2008.

CORRÊA, M. M. L.; FREITAS, T. C. R.; SILVA, S. A. da. O ensino dos esportes de raquete no ambiente escolar. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Paraná, v. 17, n. 1, p. 309–316, 2019.

DARIDO, S. C. et al. **Práticas Corporais: Educação Física -6 a 9 anos/manual do professor**, 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

DARIDO, S. C; GONZÁLEZ, F. J; GINCIENE, G. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. P.de; DEL-MASO, M. C. S. (Orgs.) **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no PROEF. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2020 p. 105-129.

DEL-MASSO, M. C. S.; COTTA, M. A. C; SANTOS, M. A. P. **Ética em Pesquisa Científica**: conceitos e finalidades. UNESP, 2020, p. 1-16. Disponível: <<https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155306>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GINCIENE, G. **Como utilizar os jogos no processo de ensino do tênis (e demais jogos de rede/parede)**. 2014, Disponível em: <http://www.youtube.com/user/guygist>> Acesso em: 04 mar. 2022.

GINCIENE, G.; ABURACHID, L. M. C. (Org.) Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote. *In*: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S.C.; OLIVEIRA, A. A. B. de. (Orgs.) **Práticas corporais e a organização do conhecimento**. Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote. Rede Maringá: Eduem, p. 63-109. 2014.

GINCIENE, G.; IMPOLCETTO, F. M. Primeiras aproximações para uma proposta de ensino dos jogos de rede/parede: reflexões sobre o tênis de campo e o voleibol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 121–132, 2019.

GINCIENE, G.; IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Possibilidades pedagógicas para o ensino do tênis na escola. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas- SP, v. 15, n. 4, p. 505-521, out./dez. 2017.

GOELLNER, S.V. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. *In*: OLIVEIRA, A. A. B.; PERIN, G. L. (org.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, p. 73-88, 2009.

GONZÁLEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n. 71, p. 3–6, 2004.

GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. P.de; DEL-MASO, M. C. S. (Orgs.) **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no PROEF. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2020. p.130-148.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância. 2012.

GONZÁLEZ, F. J; DARIDO, S. OLIVEIRA, A. **Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento**. 2. Esportes de Marca e com rede divisória ou muro parede de rebote Badminton: Peteca, Tênis de Campo, Tênis de Mesa, Voleibol e Atletismo. 2ª ed, EDUEM. Maringá, 2014.

KARAL, J. Quimbol uma possibilidade para a educação física escolar. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel Do Oeste**, v.2, 2017. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/13305>>. Acesso em 07 nov. 2021.

LA TAILLE, Y. A escola e os valores: a ação do professor. *In*: LA TAILLE, Y.; PEDRO-SILVA, N; JUSTO, J.E. (eds). **Indisciplina /Disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2006.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 40, n. 3, p. 215-223, jun. 2018.

OLIVEIRA, M. R. F. Autoridade pedagógica ou autoritarismo na educação para a infância? reflexões em Hannah Arendt e a teoria crítica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 2, p. 456-469, abr. /junho, 2019,

ROSSINI, L.; SERRANI, E.; WEIBEL, M.; WAINFELD, M. **Fútbol callejero**: juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina. Buenos Aires: FUDE, 2012.

SANTOS, F. M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, nº. 1, p. 383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>

SOUZA JÚNIOR, O. M. **Educação Física escolar e a questão de gênero**. 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF- Disciplina: Problemáticas da Educação Física. 2018.



TERRAGNO, T.; AMATO, C.; GINCIENE, G. Esportes de rede/parede: uma experiência na educação física escolar. **Coleção pesquisa em educação física**. Várzea Paulista. v. 20, n. 2, p. 51-58, 2021.

VAROTTO, N. R. **A prática social da mediação no futebol callejero**: processos educativos decorrentes. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

VAROTTO, N.R. et al. Futebol Callejero na Educação Física Escolar: processos educativos emergentes de uma intervenção. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**. FUNARTE / UFMG, v. 4, n. 2, p. 104-120, 2018.

VAROTTO, N. R.; SOUZA JÚNIOR, O. M. Futebol callejero: um olhar para os processos educativos. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**. FUNARTE / UFMG, v. 4, n. 2, p. 43–60, 2020.

VENDITTI JR, R.; SOUSA, M. A. Tornando o "jogo possível": reflexões sobre a pedagogia do esporte, os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 47–58, 2008.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional -ProEF

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Eu, Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães aluna do Curso de mestrado profissional (PROEF) do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, gostaria de convidá-lo a participar da pesquisa **“ESPORTES DE RAQUETE: Possibilidades e intervenções nos Anos Finais do Ensino Fundamental”**.

A sua participação não é obrigatória e se aceitar, a qualquer momento poderá pedir para interrompê-la sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou penalização.

O trabalho tem por objetivo elaborar, implementar e avaliar uma unidade didática para o Objeto de conhecimento Esporte de rede/parede com o Tema: Esportes de Raquete na educação física escolar fundamentada na Base Nacional Comum Curricular. Para cumprir esse objetivo, será elaborada e implementada uma Unidade Didática (conjunto de aulas) nas próprias aulas de Educação Física. As atividades, que envolverão sua participação, acontecerão na sua escola durante as aulas de Educação Física que serão ministradas por sua professora. As aulas adaptadas de acordo com sua idade, serão dos temas Badminton, Tênis de campo, Tênis de mesa e Quimbol. Os resultados da pesquisa contribuirão para que os conteúdos dos Esportes de rede/parede possam ser ensinados nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental- Anos finais nas escolas públicas.

Os benefícios da pesquisa serão no conhecimento e prática de novos esportes de rede/parede, condicionamento físico, conhecimento cultural e sua participação no estudo auxiliará na produção de uma Unidade Didática com conteúdo dos Esportes com Raquete que poderão ser ensinados nas aulas de Educação Física para o 8º ano do Ensino Fundamental com novas estratégias de ensino para a maior inclusão dos alunos e aumento das diversidades de conteúdo na Educação Física Escolar.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, essa também oferece alguns riscos. Há possibilidades de risco físico durante as realizações das atividades práticas, próprias das aulas de Educação Física como quedas, torções e lesões ou outras ocorrências que possam afetar (mesmo que minimamente) a integridade física. Caso aconteça algum incidente serão tomadas as medidas cabíveis como os primeiros socorros e outros procedimentos que já são comuns nas escolas. Para minimizar esses riscos, serão tomados todos os cuidados necessários para evitar acidentes. Há também o risco de eventual constrangimento durante as aulas devido ao uso de fotos no desenvolvimento da atividade. As fotos serão elaboradas como registro de coleta de dados com o cuidado de não o identificar. Caso aconteça algum problema, imediatamente serão prestadas as providências necessárias. Todas as dúvidas e informações que você precisar poderão ser explicadas pela sua professora em qualquer momento. Não haverá nenhum tipo de gasto ou remuneração para participar dessa pesquisa.

Os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que sua identidade pessoal seja mantida em sigilo. Se você



se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar esse Termo de Assentimento, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

São João da Boa Vista, ____ de _____ de _____.

Pesquisadora Responsável

Participante da Pesquisa

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: O ENSINO DOS ESPORTES DE REDE COM IMPLEMENTOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DO JOGO POSSÍVEL AO PROTAGONISMO DISCENTE

Pesquisadora Responsável: Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães,

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Cargo/Função: Mestrando

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR **Cargo/Função:** Professora do Departamento de Educação Física **Endereço:** Rod. Washington Luís, km 235 – São Carlos - SP

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP

Endereço: Whashington Luiz KM 235

Bairro: Jardim Guanabara CEP:13.565-905

UF: SP **Município:** São Carlos

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional -ProEF

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães aluna do Curso de mestrado profissional (PROEF) do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, gostaria de convidar o(a) menor sob sua responsabilidade a participar da pesquisa **“ESPORTES DE RAQUETE: Possibilidades e intervenções nos Anos Finais do Ensino Fundamental”**

A sua participação não é obrigatória e se aceitar, a qualquer momento poderá pedir para interrompê-la, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo ou penalização.

O trabalho tem por objetivo elaborar, implementar e avaliar uma unidade didática para o Objeto de conhecimento Esporte de rede/parede com o Tema: Esportes de Raquete na educação física escolar fundamentada na Base Nacional Comum Curricular.

Para cumprir esse objetivo, será elaborada e implementada uma unidade didática (conjunto de aulas) nas próprias aulas de Educação Física. As atividades, que envolverão a participação do (a) menor sob sua responsabilidade, serão desenvolvidas na Escola Estadual Francisco Dias Paschoal, onde ele (a) estuda, durante as aulas regulares de Educação Física, ministrada pela professora Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães que é a professora responsável pela turma. Os resultados da pesquisa contribuirão para produção de informações sobre os conteúdos dos Esportes de rede/parede nas escolas públicas para que possam ser ensinados nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental- Anos finais e possibilita avaliar novas estratégias de ensino.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, essa também oferece alguns riscos. Há possibilidade de risco físico durante a realização das atividades práticas, próprias das aulas de Educação Física como quedas, torções e lesões ou outras ocorrências que possam afetar (mesmo que minimamente) a integridade física. Para minimizar esses riscos, serão tomados todos os cuidados necessários para evitar acidentes. Há também o risco de eventual constrangimento durante as aulas devido a fotos que podem ser tiradas no desenvolvimento das atividades. As fotos serão elaboradas como registro de coleta de dados com o cuidado de não haver identificação do participante.

Durante toda a aula, o(a) aluno (a) será acompanhado pela professora devidamente qualificada. Caso aconteça algum incidente serão tomadas as medidas cabíveis como os primeiros socorros e outros procedimentos que já são comuns nas escolas. Seu nome e de seu filho (a) não serão utilizados em qualquer fase da pesquisa, o que garante seu anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários. Não será cobrado nada e não haverá gastos decorrentes de sua participação.

Gostaria de deixar claro que a participação de seu filho (a) é voluntária e que ele (a) poderá recusar-se a participar ou ainda descontinuar sua participação, se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado. Caso tenha qualquer problema ou dúvida durante a participação

do seu filho (a) na pesquisa, poderá comunicar-se pelo meu telefone (35) 998473487 ou vir à Escola Estadual Francisco Dias Paschoal e procurar a professora Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador. Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

São João da Boa Vista, _____ de _____ de 2022

Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães

Assinatura do Pesquisador

Nome do responsável pelo Participante

Assinatura do responsável do participante

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: O ENSINO DOS ESPORTES DE REDE COM IMPLEMENTOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DO JOGO POSSÍVEL AO PROTAGONISMO DISCENTE

Pesquisadora Responsável: Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Cargo/Função: Mestrando

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR **Cargo/Função:** Professora do Departamento de Educação Física **Endereço:** Rod. Washington Luís, km 235 – São Carlos - SP

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP

Endereço: Washington Luiz KM 235

Bairro: Jardim Guanabara CEP:13.565-905

UF: SP **Município:** São Carlos

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional -ProEF

Professor

QUESTIONÁRIO SOBRE ESPORTES DE RAQUETE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA (ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP)

Eu, _____, R.G. _____, concordo em participar da pesquisa intitulada: **“ESPORTES DE RAQUETE: Possibilidades e Intervenções nos Anos Finais do Ensino Fundamental”**. O estudo tem por finalidade verificar o cenário atual dos Esportes de Raquete e seu alcance nas escolas públicas estaduais da Cidade de São João da Boa Vista-SP, (Anos Finais do Ensino Fundamental) e propor implementações e práticas pedagógicas cabíveis ao contexto escolar nas aulas de Educação Física. Procedimentos: Fui esclarecido (a) que responderei ao questionário sobre esportes de raquete nas aulas de educação física.

Riscos e benefícios do estudo: A minha participação no estudo auxiliará na produção de uma Unidade Didática com o conteúdo dos Esportes de Raquete que poderão ser ensinados nas aulas de Educação Física para o 8º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de aumentar a inclusão dos alunos e a diversidade de conteúdo na Educação Física Escolar. O estudo oferece risco mínimo à minha saúde e fui informado (a) que serão perguntas relativas à minha prática profissional respondida via Google drive. Ao responder ao questionário saberei quais foram as minhas práticas profissionais e formativas em relação aos esportes de raquete de aplicação no âmbito pedagógico, fato que vai contribuir para minha atuação profissional na escola considerando a temática esportes de rede/parede, bem como, poderá ser forma de refletir sobre as políticas públicas educacionais.

Dessa forma, concordo em participar respondendo ao questionário sobre: a. Informações gerais como formação acadêmica; b. Atividades escolares como estrutura das aulas e conteúdos e estratégias de ensino; c. Sobre a temática esportes de raquete com questões mais específicas sobre conteúdos e estratégias utilizadas em aula.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que funciona na Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br. Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana). Caso tenha qualquer problema ou dúvida sobre a pesquisa, poderá comunicar-se pelo meu telefone (35) 998473487 ou vir à Escola Estadual Francisco Dias Paschoal e procurar a professora Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento o (a) senhor irá (a) decidir se deseja participar e preencher o questionário, se deseja desistir da participação durante o preenchimento do questionário ou após o preenchimento, e poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição

O(a) senhor(a) ao aceitar participar da pesquisa irá: 1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado



ao pesquisador via endereço de e-mail fornecido, se assim o desejar. 2. Responder ao questionário online que terá tempo gasto para seu preenchimento em torno de 15 minutos.

Caso não concorde, basta fechar a página do navegador. Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pelo pesquisador e serão apagados ao se fechar a página do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e após decida desistir da participação deverá informar o pesquisador desta decisão e este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização. Você poderá imprimir uma via deste termo, ou se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada por e-mail ou da maneira como preferir.

Pesquisadora Responsável

Participante da Pesquisa

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: O ENSINO DOS ESPORTES DE REDE COM IMPLEMENTOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DO JOGO POSSÍVEL AO PROTAGONISMO DISCENTE

Pesquisadora Responsável: Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Cargo/Função: Mestrando

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR **Cargo/Função:** Professora do Departamento de Educação Física **Endereço:** Rod. Washington Luís, km 235 – São Carlos - SP

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP

Endereço: Whashington Luiz KM 235

Bairro: Jardim Guanabara CEP:13.565-905

UF: SP Município: São Carlos

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Apêndice D: Termo de Consentimento de uso de imagem

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional -ProEF

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, RG
_____, responsável pelo aluno(a) menor de idade
_____, declaro que **AUTORIZO** a captação e o
uso de da imagem do(a) mesmo(a) em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos a fim
de divulgação da pesquisa intitulada **“Esportes de Raquete: Possibilidades e Intervenções nos anos
Finais do Ensino Fundamental”**, desde que observada a proteção das informações pessoais da criança
e sua imagem, bem como a utilização das imagens captadas sejam exclusivamente para fins científicos
em revistas, jornais ou periódicos científicos; em congressos e eventos acadêmicos afins, tais como:
encontros, seminários, simpósios, conferências, fóruns, jornadas e cursos no formato de banner, painel,
apresentação em slides ou em livretos, quer sejam na mídia impressa ou internet; e/ou em formato
elencado pela pesquisadora para o produto final do curso de Mestrado Profissional em Educação Física,
ao qual se destina a pesquisa supracitada.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima
mencionada em todo território nacional e no exterior, a partir da presente data e por prazo indeterminado,
cedendo assim na sua totalidade a qualquer direito de uso não requerendo para isso qualquer espécie de
benefício.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que
nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem da criança ou a qualquer outro, e assino
a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

São João da Boa Vista, _____ de _____ de _____

Assinatura do responsável

Telefone para contato: (____) _____



Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: O ENSINO DOS ESPORTES DE REDE COM IMPLEMENTOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DO JOGO POSSÍVEL AO PROTAGONISMO DISCENTE

Pesquisadora Responsável: Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães,

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Cargo/Função: Mestrando

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR **Cargo/Função:** Professora do Departamento de Educação Física **Endereço:** Rod. Washington Luís, km 235 – São Carlos - SP

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP

Endereço: Washington Luiz KM 235

Bairro: Jardim Guanabara CEP:13.565-905

UF: SP **Município:** São Carlos

Telefone:(16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Apêndice E: Questionário aplicado aos docentes da rede estadual.

Disponibilizado em: <https://forms.gle/Sp3E6cGyp1hW1wYZA>:

ESPORTES DE RAQUETE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROFESSOR (VIA GOOGLE FORMS)	
1.	Dados Pessoais
	Nome completo: _____
	Data de nascimento: _____
	E-mail: _____
	Tel. Fixo: () _____ Tel. Celular: () _____
	Endereço: _____
2.	Qual a sua formação?
<input type="radio"/>	Ensino Superior Completo – Qual: _____
<input type="radio"/>	Pós-graduação (Especialização - Lato Sensu) – Qual: _____
<input type="radio"/>	Pós-graduação (Mestrado Acadêmico/ Profissional - Stricto Sensu) – Qual: _____
<input type="radio"/>	Pós-graduação (Doutorado - Stricto Sensu) – Qual: _____
3.	Em sua formação acadêmica os esportes com raquetes foram desenvolvidos como conteúdos, temas ou disciplinas do curso?
<input type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	Não
4.	Em sua vida profissional participou de cursos de atualização e capacitação que trataram do Tema Esportes com Raquete na escola?
<input type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	Não
5.	Em suas aulas ministra os temas que envolvem Esportes com raquete com seus alunos?
<input type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	Não
6.	Caso tenha respondido sim, qual o esporte com Raquete desenvolvido?
	Na sua escola há algum material que envolve os esportes com raquete para ministrar aulas?
<input type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	Não
	*Caso tenha respondido SIM a escola possui o número suficiente para uma sala?
<input type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	Não
7.	Você já adaptou materiais referentes aos Esportes com raquetes em situação de aula de Educação Física Escolar?
<input type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	Não
8.	Descreva quais fatores influenciam e/ou dificultam o trabalho com essa temática na escola em sua visão profissional? E em relação às suas experiências anteriores?



9. Tendo em vista sua experiência docente, você considera que os esportes de rede/parede com raquetes devem ser mais trabalhados nas aulas de educação física regulares? Como?
10. Qual seu vínculo com a Secretaria da Educação do Estado de SP?
- Efetivo
 - Contratado

Fonte: autoria própria.

Apêndice F: Questionário discentes

QUESTIONÁRIO ALUNOS - 8 ANO

1. Nome completo:

 2. Como você quer ser chamado nesta pesquisa? (Nome fictício para manter anonimato e ética em pesquisa. Use a criatividade em seu nome)

 3. Você conhece os “Esportes de raquete”?
() SIM () NÃO
 4. Explique com suas palavras o que são os esportes com raquete?

 5. Qual esporte de raquete você já vivenciou/praticou?

 6. Onde você praticou?

 7. Na sua casa como forma de lazer ou treinamento você ou alguém da família possui algum implemento (Raquetes, bolinhas, material) dos esportes com raquete?

 8. Você tem o hábito de assistir jogos com raquete (Tênis de mesa, Badminton, Tênis, Padel, Squash, Frescobol, Beach Tênis, Quimbol) pela TV ou Internet?

 9. Você já assistiu a uma partida ao vivo em algum clube ou quadra oficial?

 10. Quais dos esportes abaixo você já praticou, vivenciou ou experimentou?
 - Tênis de mesa
 - Badminton
 - Tênis
 - Padel
 - Squash
 - Frescobol
 - Beach Tênis
 - Quimbol
 - Nenhum dos esportes
 11. E quais gostaria de conhecer e praticar?

- Agradeço sua participação!

Fonte: autoria própria.

Apêndice G -Análise Diagnóstica referente aos questionários (docente e discente)

- Resultado mapeamento docentes:

Iniciando a análise das respostas e verificamos que todos os professores possuem em sua formação licenciatura, nenhum dos participantes possui especialização, e não possuem formações referentes a mestrado ou doutorado. A respeito do vínculo com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP) 80% responderam serem contratados. Sobre a formação acadêmica, visando o currículo do curso de Educação Física desenvolver tema ou não com esportes de rede com implementos, 55% dos participantes alegaram terem disciplinas na sua grade curricular de formação.

Nas questões referentes à prática profissional se ministra os temas e conteúdo que envolvem esportes de rede com implementos duas respostas se voltaram para o tênis de mesa, duas para o não trabalho referente ao tema, e apenas um professor respondeu diferente aos demais: “Sim! Tênis de quadra e adaptei na quadra utilizando a rede de vôlei mais baixa”. Passamos a analisar as respostas quanto aos materiais disponíveis nas escolas pensando no ERI as respostas foram voltadas para a palavras “alguns”, e como justificativa possuir para o tênis de mesa, a resposta diferente vem também do professor que respondeu trabalhar o tênis adaptado na escola, onde colocou:” não possui para tênis de quadra, mas eu mesmo comprei, ela possui raquete para tênis de mesa, bolinha e mesa.”

Na questão referente a adaptação de materiais um professor relatou “raquete de frescobol para jogar tênis e bolinhas de tênis de mesa, quando acaba peço aos alunos trazerem de casa a bolinha de desodorante” ...outro respondeu como adaptar materiais “ao jogar tênis de quadra eu adapto a quadra utilizando a rede de vôlei mais baixa”. Os demais relataram nunca terem desenvolvido em suas aulas a adaptação ou construção de materiais alternativos possíveis aos ERI.

Passamos então para a pergunta para quais fatores que influenciam e/ou dificultam o trabalho com esse objeto de conhecimento proposto pela BNCC na escola em sua visão profissional e as repostas foram relativas aos materiais e implementos:

- ✓ “Em algumas escolas, há poucos materiais para desenvolver tais práticas.”
- ✓ “Mais a falta de material”
- ✓ “Falta de materiais mesmo!”
- ✓ “Muitas escolas não têm material para ser trabalhado”

Analisando, tivemos a única resposta diferente aos demais foi um recorte do documento das habilidades BNCC que o professor adicionou no local de sua resposta pessoal no local de escrever sobre suas dificuldades em relação ao tema proposto.

Sobre a próxima indagação colocada aos participantes: Tendo em vista sua experiência docente, você considera que os esportes de rede com implementos devem ser mais trabalhados nas aulas de Educação Física? Como? Obtivemos como respostas todas sim e o como temos aqui a visão dos professores e professoras:

“... abordando o tema vinculado aos esportes olímpicos de raquete. Mostrar vídeos de grandes atletas nestas práticas corporais”

“...de todas as formas e com adaptações pois os recursos não são os melhores possíveis”

“...começando pelos materiais, espaços adequados para a prática.”

“... sendo realizado um projeto que trabalhe esse esporte.”

E como última questão para mapear o trabalho docente em relação ao tema nas escolas estaduais da cidade, foi perguntado: Qual(ais) metodologia(s) você utiliza em suas aulas para trabalhar esportes de raquete? As respostas podemos visualizar abaixo:

“Histórico da modalidade em aulas teóricas e Vivência do esporte nas aulas práticas, adaptando regras quando necessário.”

“Os movimentos que os jogadores executam durante o jogo de raquete sem posse de bola é tão importante quanto ter a bola em seu domínio. Movimentam-se para atacar ou defender e ao mesmo tempo tomam decisões para resolver problemas e vencer o ponto. Conhecendo onde se encaixam os esportes de raquete no sistema da classificação para os jogos esportivos e tendo definido os problemas táticos, movimentos e habilidades técnicas comuns, o modelo de ensino-aprendizagem tático”

- ✓ “Teoria e prática”
- ✓ “Teórica e prática”
- ✓ “Nenhum”

Resultado mapeamento discentes:

O diagnóstico foi realizado com os alunos da Escola Estadual Francisco Dias Paschoal sobre esportes de rede com implementos no dia 30 de março de 2022, onde o número de alunos / alunas presentes foi de 97 alunos/ alunas dentre 126 matriculados.

Você conhece os “Esportes de raquete”?

- ✓ 70 responderam SIM
- ✓ 27 responderam NÃO

A seguir, o levantamento do mapeamento com as respostas dos 70 alunos/alunas que responderam conhecer os Esportes de Raquete:

Explique com suas palavras o que são os esportes com raquete?

Respostas:

- ✓ Peteca;
- ✓ Tênis;
- ✓ São esportes que usam raquetes para rebater a bola;
- ✓ Não sei explicar;
- ✓ Você segura a raquete e não pode deixar a bola cair;
- ✓ Esportes de rebater utilizando raquetes dois jogadores com uma raquete e uma bola;
- ✓ Ping pong;
- ✓ Tênis de mesa;
- ✓ Esporte que usa bola, petecas e raquete com rede;
- ✓ Não pode pingar duas vezes do seu lado da mesa ou quadra;
- ✓ Frescobol;
- ✓ Rebater de um campo ao outro com raquetes;
- ✓ Usa raquetes e tem rede;
- ✓ Esportes que as coisas são rebatidas com raquete;
- ✓ Os esportes de raquete geralmente são esportes de mesa;
- ✓ Esportes de raquete tem sempre o objetivo de acertar a bola com a raquete;
- ✓ São esportes competitivos;

- ✓ Bater na bola com a raquete.

Qual esporte de raquete você já vivenciou/praticou ou experimentou?

Respostas:

- ✓ 16 alunos/alunas nunca vivenciaram/praticaram
- ✓ 54 alunos/ alunas vivenciaram e as modalidades abaixo foram mencionadas: Tênis de Mesa: 29 vezes; Tênis:4 vezes; Ping pong:15 vezes; Badminton:5 vezes; Raquete de areia:1 vez

Onde você praticou?

Respostas:

“Outras escolas, Clube particular, Casa de amigos, Quadra particular, Mesas e tênis de mesa em sítios de aluguel/chácara.”

Na sua casa como forma de lazer ou treinamento você ou alguém da família possui algum implemento (Raquetes, bolinhas, material) dos esportes com raquete? Qual?

Respostas:

- ✓ 64 alunos/alunas responderam não ter nenhum tipo de implemento;
- ✓ 1 aluno relatou ter raquetes de brinquedos, (plástico, 1,99);
- ✓ 1 aluno relatou ter raquetes de tênis de mesa e uma bolinha em casa e jogar na mesa da cozinha;
- ✓ 4 alunos relataram ter bolinhas de tênis velha que utilizam para jogar taco / Bets .

Você tem o hábito de assistir jogos com raquete (Tênis de mesa, Badminton, Tênis, Padel, Squash, Frescobol, Beach Tênis, Quimbol) pela TV ou Internet?

Respostas:

- ✓ 12 alunos /alunas responderam ter o hábito;
- ✓ 58 responderam não ter o hábito.

Você já assistiu a uma partida ao vivo em algum clube ou quadra oficial?

Respostas:

- ✓ 24 alunos/ alunas responderam sim;
- ✓ 46 alunos/ alunas responderam não.

E quais gostaria de conhecer e praticar?

Respostas: "Tênis de mesa, Tênis, Badminton, Squash, Frescobol foram os mais mencionados”.

Apêndice H: Unidade Didática

UNIDADE TEMÁTICA: ESPORTES

OBJETO DO CONHECIMENTO: ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA/PAREDE COM IMPLEMENTOS

Habilidades presentes nesta Unidade Didática:

(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo;

(EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas;

(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate;

(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.

Objetivos:

- Criar possibilidades para praticar, de forma adaptada, os esportes de rede e parede com implementos;
- Conhecer, identificar e experimentar os movimentos e regras dos esportes além de vivenciar o formato reduzido dos jogos tendo como perspectiva os esportes para conhecer;
- Compreender os elementos básicos da lógica interna e externa das modalidades esportivas de rede/parede que utilizam implemento;
- Analisar e compreender as questões sociais que envolvem os esportes de rede/parede com implementos no contexto local.

Aulas 1 e 2 - Análise e Compreensão

Tema: Problematização dos esportes de rede com implementos

Objetivos:

- Identificar e reconhecer os esportes de rede/parede com implementos;

- Verificar a disponibilidade dos esportes de raquetes e sua a prática diante do contexto e comunidade local.

Materiais: sala de aula, lousa, notebooks, TV ou projetores.

Procedimentos:

Propor aos alunos pesquisas dirigidas sobre o tema com o Chromebook da escola com a ajuda do professor responsável pelo Projeto de Apoio a Tecnologia e Inovação (PROA-TEC) presente na unidade escolar com o agendamento prévio deste;

Iniciar o tema com imagens das modalidades transmitidas pela TV (tênis, tênis de mesa, quibol e o badminton);

Solicitar aos estudantes identificarem os esportes;

Indagar sobre as semelhanças pensando na lógica interna dos esportes;

Seguir propondo pesquisa de pequenos vídeos das quatro modalidades: tênis, tênis de mesa, quibol e badminton em jogos oficiais.

Indagar sobre o local em que vivem, se há lugares e atividades esportivas oferecidas em torno da comunidade como forma particular ou pública;

Analisar junto aos discentes os conhecimentos prévios, com os resultados levantados da pesquisa realizada com os próprios discentes (realizada com os quatro oitavos anos da referida escola no início do ano letivo de 2022);

Analisar junto aos discentes a lógica interna dos jogos pesquisados pelos vídeos;

Analisar junto aos discentes a lógica externa dos jogos pesquisados pelos vídeos através de perguntas disparadoras como: por que os esportes de raquete não estão presentes nas camadas sociais menos favorecidas? Quais são seus implementos utilizados? Quem são os atletas? Vieram de que camadas sociais? Como são os uniformes, as marcas, o público dos principais campeonatos? Como são os locais disponíveis para prática e torneios? Podemos relacionar este ambiente dos esportes de raquete oficial que analisamos nos vídeos com nosso contexto, em nossa comunidade em que vivemos?

Apresentação da prévia da Metodologia *Callejera*;

Finalizar a aula propondo aos alunos que tragam os materiais listados na próxima aula, para a nossa oficina de materiais alternativos: cabide de arame, meia fina, rolha de garrafa, fita isolante, papelão, palitos de churrasco, fitas, barbantes, sacolinhas, bolinhas de desodorante *roll-on*, bolinhas de plástico, ou borracha pequena.

Tema: Oficina de raquetes alternativas

Objetivos:

- Criar e adaptar materiais alternativos para os esportes de raquete através de uma oficina;
- Confeccionar uma raquete de tênis de papelão, um palmar de papelão e uma raquete de badminton construída com cabide e meia calça além de adaptação de volantes, bolas e redes

Materiais: cabide de arame, meia fina, rolha de garrafa, fita isolante ou fita crepe, elástico, papelão, palitos de churrasco, colas, fitas, tesouras, faquinhas de serra, barbantes, cordas ou elásticos, sacolinhas, redes de voleibol usadas, bolinhas de desodorante *roll-on*, bolinhas de plástico, ou borracha pequena.

Procedimentos:

Tênis

Raquete: Para confeccionar a raquete utilizaremos de um molde de uma raquete oficial ou de madeira. Deverá ser feito quatro moldes iguais com o papelão, entre cada molde colocar palitos de churrasco no cabo, com cola branca e alguns palitos espalhados na cabeça da raquete para uma melhor sustentação. Isso deverá ser repetido por três vezes. Depois, colocar para secar e depois de seco, com fitas adesivas, fechar todo o contorno e extremidade da raquete. Com a raquete já seca, passar fita crepe em toda a estrutura dela. Para finalizar, os alunos e alunas poderão caracterizar e decorar sua raquete em casa.

Bolinha: bolinhas de plástico (piscina de bolinhas), bolinhas de jogos infantis de borracha

Badminton

Raquete: Abrir o cabide de arame e formar um círculo em uma de suas pontas, depois colocar a meia fina, de modo que o tecido fique bem esticado. Para finalizar, amarrar a base do círculo de arame e enrolar a fita crepe na ponta do arame, para que forme o cabo da raquete.

Volante: Corte pedaços de canudinhos de plástico, com cerca de 10 cm cada um e prenda-os com fita isolante (ou fita-crepe) em volta da rolha.

Tênis de Mesa

Raquete: Para a adaptação da raquete de tênis de mesa construiremos um palmar, com um molde circular do tamanho de um prato de cozinha. Recortaremos dois moldes de papelão, seguiremos com uma caneta desenhando o molde da mão dominante de cada aluno ou aluna. A seguir, partiremos para o elástico, que será amarrado entre dois pontos do polegar na lateral do indicador e finalizando na lateral do dedo mínimo, deve ser testado antes para melhor encaixe. O elástico deve ser amarrado nas costas do molde da mão e após colar, utilizando cola branca,

será fechado com segundo molde do papelão. Para finalizar, a fita adesiva deve ser colocada em toda a extremidade do palmar. Colocar para secar. Os alunos poderão caracterizar e decorar em casa.

Bolinha: pode ser adaptada com a bolinha de desodorante do tipo *roll-on*.

Finalizar a aula com uma roda de conversa e orientações sobre como terminar o material em casa, caso seja necessário e caracterizar ou decorar seu próprio material.

Aulas 5 e 6- Experimentação e fruição

Tema: Estações de experimentação e vivência das modalidades: tênis, tênis de mesa, quibol e badminton

Objetivos:

- Manipular os implementos, experimentar e vivenciar os movimentos básicos do tênis, quibol, tênis de mesa e badminton;
- Identificar e diferenciar a lógica interna dos esportes: regras básicas, características como cooperação, oposição, um pingo e sem pingos;
- Utilizar materiais confeccionados na oficina como forma de adaptação e utilizar os materiais que a escola disponibiliza.

Materiais: Materiais confeccionados na aula de oficina: raquetes, palmares, volantes e bolinhas.

Materiais semioficiais disponibilizados pela escola e pela professora: raquete de madeira, bolas de baixa intensidade, raquetes de tênis de mesa de EVA, bolinhas de tênis de mesa, raquetes de badminton, volantes, rede de vôlei, cones, elásticos, mesas de tênis de mesa da escola ou adaptadas e coletes.

Procedimentos:

Dividir a quadra ao centro para as modalidades tênis e badminton em miniquadras, duas mini quadras para cada modalidade. Nas laterais dispor as mesas de tênis de mesa. Utilizar a quadra de areia para a vivência do quibol;

Dividir os alunos em 4 grupos mistos por cores com coletes para vivenciar e experimentar as quatro modalidades em forma de rodízio. Primeiramente utilizando os materiais confeccionados por eles, e após o tempo estipulado pela professora, com o material que a escola disponibiliza.

A cada tempo estipulado pela professora os alunos e alunas deverão trocar de modalidade e de estação;

Finalizar aula com uma roda de conversa. Disparar algumas perguntas orientadoras como: vocês acham que podemos usar o material construído na oficina para a prática dos esportes? Tiveram sucesso nas suas tentativas? Como seguraram as raquetes? Conseguem identificar elementos iguais entre as modalidades? Em que lugares podemos utilizar esses implementos para lazer? Como podemos criar jogos em espaços como em nossa escola e fora dela?

Aulas 7 e 8- Experimentação e fruição/ Construção de Valores

Tema: Metodologia *Callejera* como estratégia para a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar, escolha dos esportes e aprofundamento da experimentação de um dos esportes votado pelos discentes.

Objetivos:

- Introduzir a Metodologia *Callejera* no formato da aula como auxílio para conhecer os esportes de raquete;
- Manipular os implementos, experimentar e vivenciar a modalidade escolhida pelo grupo.
- Conhecer a lógica interna da modalidade e experimentar os movimentos básicos.

Materiais: Materiais confeccionados na aula de oficina: raquetes, palmares, volantes e bolinhas;

Materiais semi oficiais disponibilizados pela escola e pela professora: raquete de madeira, bolas de baixa intensidade, raquetes de tênis de mesa de EVA, bolinhas de tênis de mesa, raquetes de badminton, volantes, rede de vôlei, cones, elásticos, mesas de tênis de mesa da escola ou adaptadas;

Cartaz com a e da metodologia *Callejera*.

Procedimentos:

1ª aula: Será voltada para a definição dos esportes a serem aprofundados, decididos através de uma votação pelo grupo sobre os esportes vivenciados na aula anterior que mais chamou a atenção e que gostariam de aprender e para apresentação da metodologia *Callejera*, seu formato e seus princípios;

2ª aula: Experimentação de uma das modalidades votadas, utilizando a metodologia *Callejera*, seu formato e seus princípios;

Organização dos participantes sempre em equipes ou duplas mistas;

Organização das partidas em 3 tempos, conforme segue:

- 1º Tempo: alunos e alunas que irão participar, formam um círculo para estabelecer acordos referentes às regras do jogo. O mediador toma nota das regras firmadas pelo grupo.
- 2º Tempo: inicia a partida dos jogos de acordo com as regras combinadas e o mediador observa atentamente tomando nota das questões relevantes diante dos acordos.
- 3º Tempo: todos retornam para o círculo, o mediador problematiza as situações envolvendo o respeito, cooperação e solidariedade ou não de acordo com as regras previamente estabelecidas e convertem os pontos de acordo com os pilares do método e valores pré-acordados.

Mediação: Neste dia será realizada pelo professor a fim de introduzir com os alunos e demonstrar como se dá a função e postura de um mediador.

Finalizar a aula retomando pontos relevantes ocorridos através de uma roda de conversa final, analisando a experimentação e se a Metodologia *Callejera* está sendo respeitada pelos alunos e alunas.

Aulas 9 e 10- Experimentação e fruição/ Construção de Valores

Tema: Metodologia *Callejera* como estratégia para a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar e aprofundamento da experimentação do segundo esporte votado pelos discentes.

Objetivos:

- Desenvolver Metodologia *Callejera* no formato da aula como auxílio para conhecer os esportes de raquete;
- Manipular os implementos, experimentar e vivenciar a segunda modalidade escolhida pelo grupo;
- Conhecer a lógica interna da modalidade e experimentar os movimentos básicos.

Materiais: Materiais confeccionados na aula de oficina: raquetes, palmares, volantes e bolinhas;

Materiais semi oficiais disponibilizados pela escola e pela professora: raquete de madeira, bolas de baixa intensidade, raquetes de tênis de mesa de EVA, bolinhas de tênis de mesa, raquetes de badminton, volantes, rede de vôlei, cones, elásticos, mesas de tênis de mesa da escola ou adaptadas;

Cartaz com a estrutura da metodologia *Callejera*.

Procedimentos:

Organização dos participantes sempre em equipes ou duplas mistas;

Organização das partidas em 3 tempos, conforme segue:

- 1º Tempo: alunos e alunas que irão participar, formam um círculo para estabelecer acordos referentes às regras do jogo. O mediador toma nota das regras firmadas pelo grupo.
- 2º Tempo: inicia a partida dos jogos de acordo com as regras combinadas e o mediador observa atentamente tomando nota das questões relevantes diante dos acordos.
- 3º Tempo: todos retornam para o círculo, o mediador problematiza as situações envolvendo o respeito ou não de acordo com as regras previamente estabelecidas, e convertem os pontos de acordo com os pilares do método e valores pré acordados.

Mediação: Os alunos e alunas que estiverem à espera para jogar nas mini quadras se colocam como mediadores neste dia, na tentativa de todos e todas vivenciarem.

Finalizar a aula retomando pontos relevantes ocorridos através de uma roda de conversa final, analisando a experimentação e se a Metodologia *Callejera* está sendo respeitada pelos alunos e alunas.

Aulas 11 e 12- Experimentação e fruição/ Construção de Valores

Tema: Campeonato *Callejero* (Primeira modalidade votada)

Objetivo:

- Desenvolver um campeonato *Callejero* para primeira modalidade votada.

Materiais: Materiais confeccionados na aula de oficina: raquetes, palmares, volantes e bolinhas;

Materiais semi oficiais disponibilizados pela escola e pela professora: raquete de madeira, bolas de baixa intensidade, raquetes de tênis de mesa de EVA, bolinhas de tênis de mesa, raquetes de badminton, volantes, rede de vôlei, cones, elásticos, mesas de tênis de mesa da escola ou adaptadas;

Cartaz com a estrutura da metodologia *Callejera*.

Procedimentos:

Organização dos participantes sempre em equipes ou duplas mistas;

Organização das partidas em 3 tempos, conforme segue:

- 1º Tempo: alunos e alunas que irão participar formam um círculo para estabelecer acordos referentes às regras do jogo. O mediador toma nota das regras firmadas pelo grupo.
- 2º Tempo: inicia a partida dos jogos de acordo com as regras combinadas e o mediador observa atentamente tomando nota das questões relevantes diante dos acordos.

- 3º Tempo: todos retornam para o círculo, o mediador problematiza as situações envolvendo o respeito ou não de acordo com as regras previamente estabelecidas e convertem os pontos de acordo com os pilares do método e valores pré-acordados.

Mediação: Os alunos e alunas à espera para jogar as próximas partidas nas miniquadras se colocam como mediadores neste dia e terão uma súmula, semelhante a utilizada no *Fútbol Callejero*, para anotações das partidas confeccionadas previamente pelo professor.

Finalizar a aula retomando pontos relevantes ocorridos através de uma roda de conversa final, analisando as partidas, os resultados e se a Metodologia *Callejera* está sendo respeitada para as disputas

Aula 13 ,14 Experimentação e Fruição/ Construção de Valores

Tema: Campeonato *Callejero* (Segunda modalidade votada)

Objetivo:

- Desenvolver Campeonato *Callejero* para segunda modalidade votada.

Materiais: Materiais confeccionados na aula de oficina: raquetes, palmares, volantes e bolinhas;

Materiais semioficiais disponibilizados pela escola e pela professora: raquete de madeira, bolas de baixa intensidade, raquetes de tênis de mesa de EVA, bolinhas de tênis de mesa, raquetes de badminton, volantes, rede de vôlei, cones, elásticos, mesas de tênis de mesa da escola ou adaptadas;

Cartaz com estrutura da metodologia *Callejera*.

Procedimentos:

Organização dos participantes sempre em equipes ou duplas mistas,

Organização das partidas em 3 tempos, conforme segue:

- 1º Tempo: alunos e alunas que irão participar formam um círculo para estabelecer acordos referentes às regras do jogo. O mediador toma nota das regras firmadas pelo grupo.
- 2º Tempo: inicia a partida dos jogos de acordo com as regras combinadas e o mediador observa atentamente tomando nota das questões relevantes diante dos acordos.
- 3º Tempo: todos retornam para o círculo, o mediador problematiza as situações envolvendo o respeito ou não de acordo com as regras previamente estabelecidas, e convertem os pontos de acordo com os pilares do método e valores pré acordados.

Mediação: Os alunos e alunas que tiverem à espera para jogar as próximas partidas nas mini quadras se colocam como mediadores neste dia, e terão uma súmula, semelhante a utilizada no *Fútbol Callejero* para anotações das partidas confeccionadas previamente pelo professor.

Finalizar a aula retomando pontos relevantes ocorridos através de uma roda de conversa final, analisando as partidas, os resultados e se a Metodologia *Callejera* está sendo respeitada para as disputas.

Aulas 15 e 16- Construção de Valores e Reflexão sobre a ação

Tema: Júri Simulado: "Os esportes de raquetes nas escolas públicas Brasileiras".

Objetivos: Analisar, refletir, discutir e levantar questões referentes à inclusão dos esportes de rede com implementos no contexto escolar local sobre o ponto de vista dos discentes.

Material: sala de aula ou quadra, mesas cadeiras e se possível algum figurino para caracterizar o papel de juiz e advogados.

Procedimento:

O júri simulado como estratégia de ensino a ser adotada, quando se trata de um assunto polêmico ou que divide opiniões. Pois permite que sejam discutidos vários pontos de vista, frente a um mesmo tema, auxiliando no processo de construção do conhecimento. Instiga o senso crítico, a participação e a reflexão dos discentes.

Colocar o tema para a turma e dividir entre os papéis de defesa ou acusação, pontuar quem serão os advogados de defesa e acusação.

Explicar como se dará o tempo para colocar os argumentos, réplica e tréplica.

Explicar para a turma que um júri simulado pode ser adaptado e realizado pelos seguintes personagens: Juiz: responsável pelo andamento do júri, fazendo as intervenções necessárias para que tudo ocorra da forma mais organizada e quem estipula a pena, Jurados: responsáveis por analisar os fatos expostos e, ao final, dar o veredicto (alunos gremistas ou convidados).

Advogados de defesa: defendem o réu, com base em argumentos coerentes, provas e apresentação de testemunhas. Advogados de acusação: buscam condenar o réu, por meio de argumentos coerentes, provas e apresentação de testemunhas. Testemunhas: fornecem argumentos que podem reforçar a suposta inocência do acusado, ou sua responsabilidade no caso em questão. Réu: o acusado, cujo ato específico é o objeto de discussão do júri, aqui os esportes de raquete.

A proposta é que mesmo os alunos e alunas que não concordam ou concordam com a acusação ou defesa dos esportes de raquete nas escolas públicas levantem questões relevantes e pontuem

fatos ou argumentos que puderam perceber diante das aulas propostas para análise e discussão de seu desenvolvimento nas aulas de educação física, mesmo que de maneira adaptada.

Dividir a aula em um tempo para organização dos argumentos realizadas em grupo e para que o Júri aconteça de acordo com a disponibilidade.

Finalizar a aula retomando pontos relevantes colocados no Júri, através de uma roda de conversa final.

Aulas 17 e 18- Uso e apropriação /Protagonismo Comunitário

Tema: Feira de Culminância

Objetivos:

- Proporcionar o protagonismo comunitário e uso e apropriação dos conhecimentos adquiridos através de uma feira de intervenção;
- Compartilhar habilidades desenvolvidas sobre os esportes de raquete aos pares.

Materiais: materiais confeccionados na aula da oficina e materiais disponíveis na escola: raquete de madeira, bolas de baixa intensidade, raquetes de tênis de mesa de EVA, bolinhas de tênis de mesa, raquetes de badminton, volantes, rede de vôlei, cones, elásticos, mesas de tênis de mesa da escola ou adaptadas.

Procedimentos:

Comunicar a gestão escolar antecipadamente para organização das salas convidadas e se possível um cronograma.

Os alunos e alunas serão organizados em três grupos responsáveis fixos por cada estação. Um será para a construção do palmar, outro para a compartilhar os movimentos básicos de uma modalidade e outro para a segunda modalidade, as mesmas trabalhadas na Unidade Didática.

Os alunos e alunas organizadores deverão compartilhar seus conhecimentos e habilidades visando o experimentar e o vivenciar e não deverão colocar seus colegas convidados em formas de disputas.

A disposição da quadra e materiais será direcionada pelo professor e os alunos e alunas auxiliarão na construção e organização das miniquadras, implementos e materiais para oficina à disposição da aula para receber seus colegas de outras salas

Os alunos e alunas convidados também serão divididos em três grupos e orientados previamente a forma como as atividades irão se desenvolver com rodízio das estações de acordo com o tempo de construção do palmar.



A intervenção somente chegará a seu final quando a turma de alunos e alunas convidados terem passado por todas as três estações e confeccionados seus palmares

Finalizar a aula reunindo todos e todas para que coloquem suas impressões e colocações da experiência sobre o protagonismo proposto para essa aula, através de uma roda de conversa final.

Avaliação e Registro

Objetivo:

- Acompanhar o processo de aprendizagem sobre os saberes conceituais acerca dos esportes de raquete

Materiais: Será oferecido um caderno de desenho de tamanho grande para cada aluno, fornecido pela escola para a construção do portfólio.

Procedimentos: Propor para os alunos e alunas que ao final de todas as aulas, como tema de casa, produzir o relatório das aulas em forma de portfólio para que possam expressar com as diversas linguagens o aprendizado e seu entendimento sobre as aulas. O Portfólio é um instrumento de avaliação e autoavaliação e acompanhamento do conhecimento e será usado como instrumento de avaliação formativa.

Fonte: autoria própria.

Apêndice I: Diários de Campo

Diários de Campo I - Aula 1 e 2

Diário de Campo I

Aula 1 e 2 (18/05/2022)

Horário: 13:00 às 14:30

Número de alunos matriculados: 31

Número de alunos faltosos: 02

Local: Sala de aula

Tema: Problematização dos esportes de rede com implementos

Ao chegar à sala de aula do 8º Ano C, o professor Proatec (professor de auxílio e apoio a tecnologia) como programado e agendado anteriormente na rotina escolar, já estava no local organizando os chromebooks para a utilização dos alunos.

Os alunos inicialmente ficaram surpresos em ter aula de Educação Física utilizando computadores, porém o entusiasmo aumentou ao perceber que cada um iria receber um computador individual. Como já havia explicado que iríamos iniciar uma sequência de aulas referentes à pesquisa, retomei a aula dizendo “boa tarde” e escrevi no quadro em letras grandes ‘ESPORTES DE RAQUETE’, todos seguiram atentos.

Iniciei o tema compartilhando na TV (localizada acima do quadro de cada sala de aula nesta unidade escolar), imagens sobre jogos oficiais de Tênis, Tênis de Mesa, Quimbol, Badminton, Beach Tênis, (duplas e individuais), planejadas previamente para esta aula pelo meu notebook particular, e fui indagando: “Vocês conhecem essas modalidades?” Alguns balançaram a cabeça, mas seguiram em silêncio. “Vocês já praticaram?” o silêncio se repetiu. “Qual o nome das modalidades que aparecem nas imagens?” Neste momento a participação dos alunos se intensificou e eles responderam: “Tênis de Mesa, Ping Pong, Tênis de Futebol, Tênis, Peteca, Tênis de Mesa em duplas, Voleibol de Raquete, Tênis de Mesa de duplas, Tênis de areia, Tênis de praia”. Quatro alunos relataram terem praticado ping pong.

Anotei todas as respostas no quadro, a seguir puxei setas e concluí junto a eles que o Tênis de Mesa, ping pong, Tênis de mesa em duplas se enquadravam no Tênis de Mesa, que o Tênis de Campo e o Tênis eram a mesma modalidade e que o que mudava era o piso em que eram disputadas as partidas, expliquei sobre os tipos de piso; rápido (concreto ou borracha) saibro, grama.



Fonte: arquivo pessoal.

Segui, colocando a eles o resultado do levantamento sobre o tema esportes de raquete, que realizei na escola com todos os alunos do 8 ano no início de nosso ano escolar, coloquei na lousa as informações de forma básica para o entendimento do grupo do porquê estávamos realizando a pesquisa com este tema. Assim, dos 97 alunos/alunas presentes no dia da pesquisa, 70 responderam conhecer os “esportes de raquete”, mas em sua maioria o tênis de mesa e que destes que responderam conhecer 16 nunca havia vivenciado, nem manipulado algum implemento referente aos referidos esportes.

Em seguida, propus uma atividade em que deveriam utilizar o Chromebook e buscar pelo site Youtube para pesquisarem pelas partidas oficiais das modalidades, segui orientando: “vamos pesquisar primeiramente sobre o tênis de mesa.”

Analizando o relacionamento dos alunos com as tecnologias percebi dificuldades de muitos alunos em acessar o navegador, muitos não conheciam e outros não conseguiam digitar no site de busca a palavra (tiveram dificuldades em digitar)(27), assim tive que escrever no quadro as palavras que eles deveriam escrever no campo de busca:) como: partida oficial de tênis de mesa, ou seja, tive que direcionar comandos contrapondo o que eu esperava em relação ao protagonismo e autogestão esperado pela atividade proposta.

A aula seguiu, com dificuldade de alguns, mas com o auxílio do professor Proatec e o meu. A orientação passou para que buscassem o quimbol, muitos escreveram com a letra N e

não conseguiram encontrar a modalidade, mas uma vez minha intervenção direta na lousa se fez necessária para buscarmos pela maneira correta de escrever a referida modalidade.

Por volta de 20 minutos percorridos da aula, os notebooks começaram a perder o acesso, reiniciar e perder a conexão com a internet, o professor Proatec e eu nos deslocamos por toda a sala tentando solucionar os problemas e como intervenção pedi para que os alunos se sentassem em duplas e seguissem com as pesquisas dos vídeos e as visualizações das modalidades. Neste momento os alunos perderam a atenção e se dispersaram. Tive que acalmá-los e orientá-los para que pudessemos seguir mesmo compartilhando. Seguimos então para o Badminton e para o Tênis sempre com problemas técnicos de acesso aos notebooks e à internet.

Para deixar claro sobre a realidade escolar e a estrutura; a escola tem pontos de WiFi por salas agrupadas e não libera aos alunos a senha, pois houve experiências negativas em liberar o acesso em tentativas anteriores.

Como o objetivo era colocar os alunos em contato com as tecnologias e orientá-los a buscarem pelos vídeos das modalidades, protagonizarem a busca, não trazer nada pronto para eles, a atividade não se desenvolveu de forma esperada, pensando no protagonismo.



Fonte: arquivo pessoal.

No tempo destinado à pesquisa dos vídeos, me coloquei pela sala explanando e instigando para que eles visualizassem, os objetos, os implementos, os árbitros, as vestimentas dos atletas, o público, os locais da competição, os patrocinadores, a fim de entenderem o cenário em que se encontra os esportes de rede/parede com implementos nas competições oficiais, ou seja, a lógica externa. E segui, conversando se tudo aquilo que eles estavam visualizando fazia parte do cotidiano de nossas aulas de Educação Física, do bairro em que viviam, de alguma de

suas experiências anteriores e se existiam quadras das referidas modalidades em ambientes públicos, e onde na cidade essas modalidades se encontravam.

Os alunos e as alunas de forma discreta começaram a se colocar balançando a cabeça de forma negativa e ouvi deles: “nunca vi, nunca vi nem na televisão”, “Ah! Aquele que eles jogam na areia”, “Só na esportiva” (Clube particular da cidade). Reafirmando assim, a pesquisa prévia que fiz com os oitavos anos no início do ano, sobre as experiências e conhecimentos prévios em relação ao tema. Retomei e indaguei pessoal, mas na TV? Também não? Percebi as cabeças balançando de forma negativa novamente e alguns meninos se manifestaram:

OTTO: “Não professora, quando assisto jogos na TV são somente de Futebol, nenhum outro esporte.”

LP: “Eu sei que tem videogame, que tem Tênis.”

Aprofundando na lógica externa, pedi para prestarem atenção nas marcas de produtos e citarem as que identificaram. Poucos identificaram, mas fui desenhando e ilustrando no quadro junto a eles para um melhor entendimento dos símbolos, das marcas: *Mercedes, Audi, Rolex, Lacoste, Fly Emirates, Nike*, auxiliando-os no processo. Senti que a atenção deles e delas aumentou quando citei *Nike e Lacoste*. Por conta de produtos utilizados e almejados por eles e elas no dia a dia. A discussão se prolongou pois havia um aluno com uma blusa de frio da marca *Lacoste* e um dos colegas:

OTTO: “Será que é original professora”, o proprietário da blusa disse:

ALY: “Claro que não! Cê acha que eu tinha dinheiro para comprar uma original!”

Aproveitei a colocação e em meu computador pessoal que estava ligado à TV da sala coloquei em um site de busca os produtos relacionados para que todos visualizassem os valores dos referidos patrocinadores no caso do tênis de campo. Todos seguiram atentos e surpresos em relação aos valores dos produtos das referidas marcas.

Foi bem representativo trazer a questão social e de status, a lógica externa e assim concluí e relacionei porque os esportes de rede e parede com implemento estão distantes do lugar que a escola está inserida, do cotidiano da maioria da classe trabalhadora e da escola pública devido ao alto custo que envolvia a prática das modalidades oficiais e o status que deveríamos tentar diminuir, para a inclusão desses esportes em nosso meio (31).

Prossegui com o objetivo de instigar a lógica interna, através da problematização: “Vamos lá pessoal, o que podemos perceber de comum nos esportes que pesquisamos em relação ao jogo, ao objetivo? Qual a característica que se repete em todos? O que devemos fazer?”

As primeiras respostas gerais: “ganhar, competir, se divertir, ficar saudável” ... dei uma balançada na cabeça com expressão de dúvida e logo um aluno citou:

ALY: “Rebater professora, rebater com a raquete”, logo também apareceram falar dispersas... “alguns tem pingo outros não, né professora!”. Coloquei o nome das quatro modalidades na lousa e identificamos a lógica interna de cada modalidade, as que havia pingo, não havia pingo, a que havia cooperação. E nesta explanação os alunos e alunas também já perguntaram a respeito dos que eram individuais e em dupla e ainda ficaram surpresos em saber que o Quimbol se jogava oficialmente com quatro jogadores.

Ao finalizar a apreciação dos vídeos pelos alunos/ alunas, pedi para encerrarem, desligarem e devolverem ao professor Proatec os chromebooks. Indaguei se essa seria a primeira vez de acesso aos notebooks, eles/elas disseram que utilizaram uma única vez para fazer a prova da Secretaria da Educação AAP (Avaliação de Aprendizagem em Processo) e que os mesmos problemas técnicos aconteceram. Os computadores Chromebook chegaram na escola em novembro de 2021 e com o número de 52 unidades.

Finalizamos a atividade com 14 aparelhos em uso, os demais apresentaram problemas. Mesmo com os problemas técnicos, senti como professora da turma desde a volta ao ensino presencial em outubro de 2021 e anteriormente ao período pandêmico, que a atividade foi uma experiência nova para eles e que a problematização, reflexão e a introdução do tema foram válidas.



Havia 29 alunos presentes, todos participaram da aula de maneira efetiva, não identifiquei alunos utilizando o equipamento para outros temas, nem utilizando o celular pessoal de forma dispersa. Fato esse muito corriqueiro para uma sala de oitavo ano, para a realidade escolar local e características da idade em que se encontram. (28)

Ao término da aula, como estratégia visando os saberes conceituais, foi proposta à turma como Tema de Casa a construção de um Portfólio individual. Perguntei se todos conheciam, ninguém se pronunciou, segui demonstrando como seria (na lousa), o que eles deveriam fazer a respeito do registro, relatos, ilustração, como se fosse um diário do que eles haviam entendido sobre a aula. Pedi para usarem a imaginação e produzissem também uma capa. Entreguei nas mãos de cada aluno um caderno de desenho grande que estava nos materiais de consumo da escola, disponíveis para a utilização, que chegam todo ano com o nome de Kit do aluno (SEESP).

Acordei com a sala, que em todo o final de aula será proposto aos alunos produzirem em casa o seu portfólio individual de forma independente e livre, com o objetivo de acompanhar todo processo de aprendizagem dos alunos e saber se a unidade didática proposta está sendo relevante em sua proposição.

Coloquei aos alunos também que os esportes de rede e parede fazem parte das habilidades previstas para o 8 ano, portanto nossas aulas estariam dentro do planejamento anual e que durante o bimestre utilizaríamos de nosso projeto e portfólio como forma de avaliação contínua do processo de aprendizagem das habilidades propostas.

Citei sobre a Metodologia *Callejera*, escrevi as palavras que a norteiam na lousa, cooperação solidariedade e respeito e disse que trabalharíamos em nossas aulas visando esses três valores, que era tipo "fair play" e se eles conheciam. Somente um aluno disse conhecer e saber o que é. Pedi para que ele explicasse a turma e ele deu um exemplo de um jogador de futebol caído no campo e a bola rolando, que o jogador do outro time joga a bola para lateral para o jogo parar e haver o socorro para quem se machucou. Acrescentei que é deixar qualquer tipo de jogo limpo, ter igualdade. Ouvi um "AHHHHH", como forma de entendimento. Também fiz uma comparação simples sobre os jogos adaptados que fazemos na rua, mas não aprofundei.

Terminei a aula listando na lousa os materiais necessários para a próxima aula, para a nossa oficina de raquetes: cabide de aço flexível, meia calça, papelão comprido, rolha de



vinho, canudo, palito. Entreguei os termos para que levassem aos seus responsáveis, expliquei o porquê dos termos e a forma de preenchimento. Pedi para que trouxessem nas próximas aulas.

Como o objetivo de otimizar minha comunicação com a sala utilizei do grupo de WhatsApp (ação que permaneceu após o período de atividades a distância-Pandemia, onde a direção, coordenação e professores colocam recados e assuntos pedagógicos) para comunicá-los sobre o início de nosso projeto e sobre o planejamento, datas e temas das próximas aulas. Neste dia após a aula, enviei ao grupo a lista dos materiais necessários para a nossa oficina de raquetes alternativas.

Diários de Campo II - Aula 3 e 4

Diário de Campo II **Aula 3 e 4 (25/05/2022)**

Horário: 13:00 às 14:30

Número de alunos matriculados: 31

Número de alunos faltosos: 01

Local: Quiosque (Local externo da escola, ao lado da quadra esportiva)

Tema: Oficina de raquetes alternativas

Pensando em organizar a aula e o local, no horário do almoço que antecede a aula, preparei o quiosque com todos os materiais: papelão, cabides, meias, rolhas de vinho, palitos de churrasco, colas, tesouras, fitas. Coloquei a mais no local quatro mesas do refeitório para o apoio e suporte dos alunos na confecção das raquetes.

Como de costume, iniciei a rotina da aula com a chamada, esperei para que todos se acalmassem para o início e já percebi alguns materiais expostos em cima das mesas, dentro de sacolas, alguns já segurando na mão os recicláveis recomendados na aula anterior. Disse a ele e elas que iríamos construir nosso material no quiosque da escola, um local agradável, aberto, ao lado da nossa quadra de areia e da quadra esportiva. Além de árvores ao redor. Quis proporcionar uma visão e experiência diferente da Educação Física além da quadra para eles.

Segui, pedindo para levantarem a mão quem trouxe o material e oito dos trinta alunos presentes trouxeram. Alguns, papelões, outros o cabide, dois alunos trouxeram a meia calça e um aluno trouxe a rolha de vinho. Como era esperado pela realidade escolar local e experiência em outras atividades.

Muitos de meus alunos vão para a escola sem levar ao menos o material que o governo fornece entre apostilas, livros e o kit escolar consumível (cadernos, lápis, canetas e borrachas). Chegam à escola para as aulas literalmente de mãos vazias, por isso não foi uma surpresa a quantidade de alunos/alunas que levaram o solicitado.

Assim, já me antecipando recolhi anteriormente uma grande quantidade de material, fiz uma campanha entre os professores da escola, familiares e amigos mais próximos para ter a quantidade suficiente para que todos os alunos pudessem confeccionar as 3 raquetes pretendidas. Alguns materiais como palitos de churrasco, fitas adesivas, colas, fitas crepe,

canudos, rolo de elástico e vinte cabides de aço flexível foram comprados com meus recursos financeiros, pois a escola não tinha para fornecer em grande quantidade a todos os alunos.

Prossegui com a aula pedindo para que todos se encaminhassem para o quiosque e percebi a surpresa positiva de alguns, pois estavam pensando que iríamos ficar em sala de aula, ouvi um geral: “EBA”!

Os alunos e alunas se colocaram tranquilamente no local e todos esperaram pelas orientações, demonstrei uma raquete oficial de tênis que levei para eles visualizarem e tocarem, coloquei-a em cima do papelão, e iniciei as explicações das etapas da raquete de Tênis. Primeiro o contorno, o recorte dos quatro moldes, onde deveriam colocar os palitos de churrasco, a cola branca até fazer as camadas e colocar para secar.



Fonte: arquivo pessoal.

Todos seguiram atentos, adverti para o uso de algumas faquinhas de serra sem ponta e tesouras grandes que levei para os cortes dos papelões grossos, por conta dos riscos e recomendei muito cuidado e nenhum tipo de brincadeira com esse material.

Depois de demonstrar passo a passo, pedi para se colocarem livremente pelas mesas em grupos de três ou quatro participantes para iniciar a confecção e auxiliarem uns aos outros na construção. Espalhei colas, tesouras, palitos sobre as mesas, e passei entregando os papelões para quem não tinha, no caso a maioria. Logo, os alunos começaram a produzir e se colocaram na atividade de forma efetiva, produtiva e cooperativa.

Me dispus, a dar suporte e ir passando por todas as mesas. Muitas dúvidas, muitas dificuldades apareceram em relação ao corte do papelão. Muitos não conseguiram recortar com destreza, e de forma correta. Os alunos recorriam a mim o tempo todo, sempre que estava auxiliando uma mesa a outra me solicitava, mesmo com mais colegas ajudando, mesmo com a demonstração prévia.



Fonte: arquivo pessoal.

Pedi que a raquete oficial fosse o molde, e que fosse circulando e ela passou pela mão de todos os alunos. A produção seguiu e sempre era solicitada, “professora preciso de cola, professora o papelão não corta, professora será que nesse tamanho de papelão dá” (pois havia caixas abertas e as beiradas eram dobráveis). A ajuda para eles e uma orientação de mais perto se fazia muito necessária, tiveram alunos/alunas que ficaram andando ao meu redor e atrás de mim com a tesoura me pedindo atenção.

Percebi, naquele momento, que eu precisava de um auxiliar para aquela aula proposta, eu não estava conseguindo suprir a necessidade de todos. O tempo passou e teve aluno /aluna que eu consegui auxiliar só no final da aula, e por isso alguns ficaram estacionados.



Fonte: arquivo pessoal.

Após conseguir passar pela última mesa, faltando vinte minutos para o fim da aula peguei a raquete já estruturada de uma aluna e pedi atenção de todos para visualizarem como deveriam passar a fita durex para fechar as extremidades e no cabo. Segui demonstrando para a sala, com a fita crepe envolta em toda a raquete. A aluna que a confeccionou me ajudou. Finalizamos, então, a nossa primeira raquete.

Percebendo que a aluna citada teve uma maior facilidade em produzir sua raquete pedi a ela que colocasse a sua no sol para secar, e depois auxiliasse os colegas nas dúvidas e produção. Nesse momento, realizei uma visão geral dos discentes e encontrei alguns que ainda estavam recortando o segundo molde do papelão, nos últimos minutos de aula.

Logo foram finalizando mais raquetes, e houve um entusiasmo por parte dos alunos e alunas. Neste momento começaram as indagações e explanações por parte deles e entre eles:

NIK: “Professora olha a minha... professora a minha está certa?”

JULY:” Professora, não passei fita na minha, está torta! professora, será que vai dar certo?!”

OTTO: “Professora a minha está muito mole.... professora a dele está mais dura que a minha...”

NIK: “Nossa olha a sua, ficou boa”

Houve também risos por parte de algumas raquetes bem tortas e eles começaram a se agitar e querer fazer movimentos de rebatidas com as raquetes ainda molhadas de cola

branca. Tive que intervir e pedi a todos que já tivessem finalizado que colocassem para secar suas raquetes. Solicitei para que ajudassem os colegas que ainda estavam no processo de confecção e que outros fossem organizando o local e retirando os lixos, organizando o ambiente (1).

Assim, o nosso tempo de aula acabou. Esclareci que as raquetes ficariam na escola para secar e perguntei aos que não haviam terminado se eles poderiam terminar em casa e somente uma aluna disse que sim, os outros pediram para terminar na escola, pois não possuíam os materiais necessários. E logo veio a pergunta de um dos alunos:

LP: “Professora, mas e os outros materiais?”

Eu disse: “Pois é o tempo não deu, irei me organizar e avisar vocês para terminarmos a de hoje e confeccionarmos as outras que faltaram, podem deixar tudo aqui comigo, eu guardarei para vocês”. Coloquei uma caixa de papelão e os poucos cabides, meias, rolhas e demais objetos dos alunos foram colocados por eles.

Me despedi, dizendo que passaria na sala para avisá-los da continuação da oficina e eles se encaminharam para a sala de aula. Solicitei aos meninos que ajudassem a carregar e devolver as mesas do refeitório. Como tema de casa, solicitei o registro no portfólio e sobre materiais alternativos, para a oficina que se repetirá na próxima aula

Ao findar da aula, percebi que precisaria rever meus planos de aula, ou adicionar um plano extra recorrendo a mais duas aulas, pois a oficina de raquetes alternativas não havia sido concluída neste dia, como era o objetivo da aula.

Dezoito raquetes foram finalizadas, doze raquetes ainda para finalizar.



Fonte: arquivo pessoal.

Das doze raquetes a finalizar, duas alunas se recusaram a fazer a atividade proposta. São alunas que não têm participação nas aulas desde o ano de 2021. Durante a aula conversei cordialmente com elas, mas se recusaram sempre, não responderam verbalmente, mas balançaram a cabeça de forma negativa. Na aula anterior, com a pesquisa pelos notebooks, as mesmas alunas participaram.

As referidas alunas têm esse tipo de postura em todas as disciplinas, são amigas e não tentam se socializar com os demais colegas, nem quando estão em grupos diferentes, se isolam quando não estão juntas.

A direção já foi comunicada por mim, e é ciente do caso corriqueiro, mas como são alunas que não causam problemas de indisciplina, nenhuma atitude efetiva foi realizada em relação até o momento.



Fonte: arquivo pessoal.

Diários de Campo III - Aula 5 e 6

Diário de Campo III

Aula 5 e 6 (30/05/2022)

Horário: 16:20 às 17:50

Número de alunos matriculados: 31

Número de alunos faltosos: 03

Local: Quadra

Tema: Oficina de raquetes alternativas (aula extra)

Esta aula foi realizada com um plano de aula extra, emergencial, devido à necessidade de concluir de forma satisfatória a construção das raquetes de tênis, badminton, do volante e do palmar.

Assim, recorri ao meu colega professor de arte ao final da aula anterior, para que em sua aula pudesse me auxiliar, pois senti em relação aos alunos e alunas na aula anterior muita insegurança e necessidade de apoio para construir o material. Sendo solicitado por mim, o professor compartilhou sua aula dupla e justificou que poderia sim, que trabalhar com materiais alternativos faz parte das habilidades da disciplina. Comuniquei à direção sobre todo o processo e fomos autorizados.

Avisei aos alunos um dia antes que teríamos aula de arte e educação física unidas para terminarmos nossas raquetes e que se preparassem e não faltassem.

Para organizar o local, previamente coloquei seis mesas do refeitório no centro da quadra, algumas unidas outras, não. As raquetes prontas foram expostas em uma das mesas e nas outras, o material para a raquete de tênis, em outra os cabides com a meia-calça, rolha e canudinhos para o badminton, e na próxima os materiais para o palmar.

Juntamente com o professor de arte encaminhamos para sala de aula, fizemos a chamada e rotina da escola. Neste momento, visualizei mais algumas sacolinhas com o material, contei e mais quatro alunos trouxeram cabides, papelão, rolhas e meia calça. Disse à turma que nossa aula seria na quadra para o término da oficina e caminhei com todos para o local.

Chegando à quadra pedi para que todos se sentassem em um banco, me dispus à frente de uma mesa com o material que eu iria confeccionar, como exemplo. Iniciei dizendo

que iria explicar sobre as outras raquetes e que os que não haviam terminado a raquete de tênis iriam se encaminhar logo após, diretamente para a mesa que estavam os materiais do tênis. Mas, naquele momento todos deveriam prestar atenção na explicação das novas raquetes.

Parti assim, para a construção da raquete de badminton com cabides de aço flexível, fui abrindo toda a estrutura, moldando com forma redonda e estendendo um cabo. Cortei uma meia calça na altura dos joelhos e vesti a estrutura de aço arredondada, com um nó na extremidade, em seguida passei uma fita entre o nó da meia calça e no cabo. Expliquei que era importante que ficasse bem esticado.



Fonte: arquivo pessoal.

Ao demonstrar a raquete pronta, muitos tentaram falar o nome da modalidade, e muitos não souberam falar “Badminton”. Muitas foram as pronúncias equivocadas devido à falta de conhecimento e afinidade. Foi um momento de descontração com as tentativas dos alunos de acertar a pronúncia. Deixei que eles tentassem e depois de algum tempo coloquei a pronúncia correta e aproveitei para colocar um pouco da história falando o porquê do nome. Assim, rapidamente explanei que o nome badminton é devido ao seu surgimento na Inglaterra na *Badminton House*, um palácio, local de suas primeiras práticas e registros pela Europa.

Retornei com a explanação referente à construção das raquetes e todo o tempo os alertava sobre a importância de prestar atenção ao passo a passo. O implemento a seguir foi o volante. A uma rolha foram colados pedaços de canudinhos cortados, colados com fita isolante em uma das extremidades. E logo estava pronto, peguei raquete pronta e lancei o

volante bem ao alto para que todos pudessem visualizar o efeito do implemento confeccionado.

Todos seguiram com os olhos e fizeram expressões e barulhos positivos ao verificar a prática.

Segui, “bom pessoal, esse foi o badminton, agora seguiremos para o palmar”. Com um prato de plástico pegado para molde, no refeitório da própria escola, desenhei dois moldes no papelão, recortei e continuei contornando minha mão direita com uma caneta em um dos moldes. Recortei um pedaço elástico fino de mais ou menos 20 cm de comprimento e fiz os furos por onde o elástico deveria passar, nas laterais dos polegares, na lateral do indicador e terminando na lateral do dedo mínimo.



Fonte: arquivo pessoal.

Terminei amarrando do outro lado com um nó bem reforçado, espalhei cola branca e fechei com o outro molde. Pressionei na mesa, passei fita durex nas laterais e com uma bolinha de desodorante *roll on* que um aluno havia levado, rebati o palmar e demonstrei para os alunos e alunas o efeito que causava. Fiz o mesmo com uma bolinha de tênis de baixa pressão que havia em meus objetos pessoais. Percebi também satisfação e ansiedade por verem que o palmar também causava o efeito pretendido.

Após toda a explicação encaminhei-os para as mesas dizendo: “Pessoal, agora quem não terminou a raquete de tênis se encaminhe para aquela mesa”. E nesta mesa, esperando por eles estava o professor de arte, pois pedi para que ele ficasse exclusivamente para auxiliar

nos recortes e na montagem devido a ser a raquete mais complexa e que deveria ficar resistente para a prática da modalidade.

Segui, “quem trouxe o material de badminton se encaminhe para cá, e quem trouxe mais papelão vamos para a mesa do palmar para iniciarmos. Depois nós iremos trocar, pois todos devem construir todas as raquetes. E vamos continuar trabalhando em conjunto e cooperando sempre uns com os outros.”

E assim, a sala se movimentou e todos foram encaminhados para as mesas espalhadas pela quadra. Eu fiquei alternando no apoio das mesas e às vezes passava pela mesa onde se encontrava o professor de arte com as raquetes de tênis.

Senti que os alunos e as alunas se colocaram na aula com muita atenção e se disponibilizaram efetivamente a fazer as novas raquetes, logo começaram a voar volantes pelo alto da quadra, houve empolgação em construir um objeto alternativo, mas que realmente funcionava na perspectiva de dúvidas que havia em momentos anteriores (1).

Ao olhar para a mesa ao lado, várias eram as mãos contornadas no papelão e os pedidos para ajudar em nós cegos e reforçados para o palmar. Muitos se enganaram e com a mão dominante contornaram a não dominante, percebendo o ocorrido orientei para a correção, mas logo todas as raquetes já estavam com o lado dominante contornado, pois eles entenderam que poderiam pedir o auxílio do colega.

O tempo de aula foi passando e a produção das raquetes estava veemente, por alguns segundos parei e visualizei que a desenvoltura da sala melhorou em relação à aula anterior, os recortes dos papelões também foram mais organizados. Senti os alunos e as alunas mais seguros, mais conscientes do que estavam realizando. (2)



Foi muito gratificante, para mim e para a turma quando as raquetes prontas começaram a se juntar no decorrer da aula. A primeira aluna que fez seu conjuntinho completo com as três raquetes e com seu volante, veio ao meu encontro com os implementos empilhados na mão e com grande satisfação e um sorriso no rosto disse:

RAFINHA: “Olha professora fiz tudo!”

“Que ótimo, eu respondi com muito entusiasmo também, e demonstrei o dela para todos e todas da turma como forma de elogio e estímulo aos demais. (3)



Fonte: arquivo pessoal.

Logo tivemos mais um conjunto finalizado ali, e outro e o outro. E num piscar percebi 3 meninas e 1 menino tendo seus primeiros contatos de manipulação, experimentação e vivência com o material, de forma livre e espontânea, em um cantinho na lateral da quadra, pareciam crianças novas naqueles momentos que desembulham seus presentes.

A aula seguiu para seu término, e os alunos e alunas seguiram trocando de mesas para construir os objetos propostos.

Caminhando e orientando sempre, percebi as duas alunas citadas na aula anterior, vendo tudo e prestando muita atenção. Mas não se dispuseram a participar da aula novamente, de fazer seu material, e nem auxiliar os colegas. Sentei-me rapidamente ao lado delas e tentei me aproximar e ter uma conversa amigável, me disseram que iriam fazer em casa, perguntei sobre o que elas pensavam, se havia algo incomodando. Uma delas disse:

SOL: ... “nada não professora” ... indaguei as meninas "que está acontecendo? Vocês nunca participam de atividades em minha aula...pode ser ginástica, vôlei, handebol, queimada, futsal, basquete, jogos, flagball....

Respondeu uma das alunas:

LUA: “Ah não professora! Preguiça” ...

Assim perguntei o que elas faziam do 1º ao 5º ano, na escola em que haviam estudado, nas aulas de Educação Física, disseram que não tiveram muitas aulas de educação física, que a professora da sala deixava os meninos jogando futebol na quadra e que elas, meninas, ficavam no parquinho ou sentadas na arquibancada, que quando chegaram a ter aulas com o professor de educação física era treino de basquete, mas elas não participavam porque era depois do horário de aula regular.

Relato esse frequente, comum e corriqueiro que influencia diretamente no meu trabalho com os anos finais, no decorrer de meus 10 anos nessa mesma unidade escolar, sempre no início do ano pergunto aos sextos anos no primeiro dia de aula de como era a Educação Física nos seus anos iniciais.

A prefeitura de São João da Boa Vista, SP no ano de 2021, realizou um concurso público para vários cargos de professores, dentre eles Educação Física estava com um número grande de vagas. Pensando na minha realidade local, esse fato pode ser positivo e promissor em relação aos próximos alunos que poderão ter um maior conhecimento e vivência da Cultura Corporal respeitados por seus professores, através de professores licenciados, com a expectativa de aulas regulares.

A aula encaminhou para o fim, as raquetes prontas foram se juntando, pedi para os que já terminaram ir ajudar na organização e limpeza do local, muitos curiosos se mantinham testando e manipulando seu material em rebatidas e domínios individuais dispersos pelos cantos da quadra. (2)

Orientei a todos que levassem o material para casa e que se possível pudessem decorar com desenhos, colagens. Alertei também sobre a importância de a raquete de tênis ser rígida e se em casa eles vissem a necessidade de aumentar uma camada, poderiam.

Assim, todos os 28 alunos levaram a raquete de tênis para casa no formato, ao menos na estrutura básica faltando apenas o acabamento. Além dos cabides levados por eles, distribuí 25 cabides que foram comprados por mim antecipadamente para a realização da oficina e por saber da realidade local escolar. Orientei novamente, para que os que ainda não tinham a meia calça que procurassem em casa com a família. Distribuí pedaços de elástico para o término dos palmares a alguns alunos.



Fonte: arquivo pessoal.

Terminei as orientações e disse que iríamos utilizar todo o material na próxima aula. Devolvemos as mesas para o refeitório. O professor de arte e eu realizamos a limpeza da quadra.

Como tema de casa de todas as aulas orientei sobre o registro escrito e visual no portfólio de nossa aula, além da decoração das raquetes para a próxima aula. Os alunos se encaminharam para a sala de aula.

Como observação, durante os dois dias, nas quatro aulas com oficinas nós utilizamos faquinhas de cozinha de serra, sem ponta e tesoura grande para recortar os papéis

maiores, tudo seguiu dentro do esperado e nenhum aluno se feriu com esses objetos. O tempo todo de manuseio os alunos foram orientados sobre a utilização correta.

Para um melhor planejamento e organização da aula recorri ao grupo de *WhatsApp* para avisar a sala sobre nossa aula extra (dia e horário) e do material necessário.



Fonte: arquivo pessoal.

Diários de Campo IV - Aula 7 e 8

Diário de Campo IV

Aula 7e 8 (01/06/2022)

Horário: 13:00 às 14:30

Número de alunos matriculados: 31

Número de alunos faltosos:04

Local: Quadra e quadra de areia

Tema: Estações de experimentação e vivência das modalidades: tênis, tênis de mesa, químbol e badminton

O dia tão esperado em utilizar as nossas raquetes chegou, quinze minutos antecedendo a aula, no meu horário do almoço fiz a divisão das miniquadras na quadra da escola, demarquei o chão com muitos cones, os grandes para separar as modalidades e os pequenos para demarcar quadras dos minijogos de tênis e badminton.

Para este dia recorri ao grêmio estudantil, presente em minha unidade escolar com alunos e alunas do período da manhã. Em meus projetos nesta unidade escolar, sempre convido o grêmio a participar, já se tornou uma rotina e um hábito de anos. Mesmo com as mudanças anuais, novas chapas, novas eleições, temos boas experiências e os alunos e alunas em sua maioria sempre se dispõem a protagonizar ações cabíveis a seu papel. (4) A minha justificativa em solicitar auxílio para este dia, se deve ao perfil da aula, a metodologia utilizada; as estações. Além da metodologia, a disposição da aula ser diferente, os quatro esportes também eram inéditos para quase toda a sala. Por insegurança, pois aquela proposta também era inédita para mim, recorri a quatro alunos gremistas que já haviam tido a vivência com os referidos esportes através de aulas de anos anteriores, como justificado em meu relato de experiência profissional, que fomentou o objetivo da presente pesquisa.

Continuando o ambiente preparado para a aula, estendi um elástico de 15 cm de largura na horizontal entre uma base e outra das tabelas de basquete e amarrei fitas de sacolinha plástica para fazer o efeito da rede para o tênis. Para o badminton ergui em uma altura de mais ou menos 1,50m com a ajuda da antena de voleibol presa a cones grandes sobrepostos uns aos outros, situados no centro da quadra.

Nas laterais da quadra dispus as 2 mesas de tênis de mesa (recém-chegadas à escola em março de 2022) que no dia a dia estão situadas no pátio onde é o intervalo dos discentes, e utilizadas de forma livre. Também uni 2 mesas mais largas do refeitório com uma placa estreita de madeira comprida que fazia o efeito da redinha para visualizarem formas adaptadas de prática do tênis de mesa. Utilizei a nossa quadra de areia para simulação do quimbol tentando otimizar os espaços e demonstrar alternativas de práticas para os alunos.

Ao adentrar a sala de aula já pude avistar as raquetes nas mesas, algumas decoradas e reforçadas, outras ainda inacabadas. Pude perceber também a pressa e perspectivas da turma em irmos logo para quadra, pois como relatado os alunos e as alunas recebiam meu cronograma com a data e os temas das aulas, através do grupo *WhatsApp*. Concluiu a rotina de chamada e organização da aula e pedi para que levantassem as raquetes os/as que havia trazido para a aula e 17 alunos/as se manifestaram.

E lá estavam muitos materiais decorados e personalizados, com adesivos, colagens, desenhos, com seus personagens preferidos, suas marcas de produtos famosas, cores, brilhos. E, sim, tinha uma raquete de tênis toda prateada, e uma de quadrinhos, mangás e outra. Um menino achou um pedaço de madeira na rua e levou para seu tio, que com uma serrinha recortou, e o sobrinho (o aluno) cobriu com EVA, fato relatado pelo próprio aluno diretamente a mim, com grande satisfação pelo feito.

Os palmares também foram decorados e personalizados. Ficou um material bem lúdico e divertido, com características de adolescente mesmo! Foi interessante vê-los contando e demonstrando a seus colegas a finalização de como cada um personalizou seu material. (5)

Logo, alguns vieram se justificar:

TITI: “Professora esqueci!”

GRANDÃO: “Professora a minha quebrou!”

JP: “Professora a minha ficou na casa da minha avó!”

LIGEIRINHO: “Professora eu não gostei da minha, vou fazer outra!”

Justificativas também vieram em relação a raquete de badminton onde forneci aos que não tinham, o cabide flexível na aula anterior e pedi para que eles providenciassem a meia calça com a família.

Vendo a preocupação por parte de alguns, combinei com eles que eles poderiam terminar o que estava faltando durante todo o projeto e que havia ainda alguns materiais que poderiam me solicitar, para me procurarem no particular. E segui, explicando que a quantidade

de material que tínhamos já era suficiente para a aula de hoje, pois estaríamos realizando atividades em formas de estações das modalidades. Mas que era para tomarem todo o cuidado com o material do colega e o da escola no momento da utilização.

Orientei sobre o uso de raquetes de qualquer tipo, oficiais ou não e adverti que não poderiam ser utilizadas como forma de brincadeiras, alertei sobre o cuidado físico e a fim de não causar acidentes. Também expliquei sobre a raquetes também serem frágeis (da escola e as alternativas).

Assim, iniciei minha explicação de como a quadra estaria organizada para a aula desenhando na lousa, as miniquadras e a modalidade que estaria cada um. E sobre o rodízio e as estações, pois nunca havia disposto com esta turma a estrutura da aula assim. (3)

Perguntei a eles e elas sobre as modalidades que havíamos pesquisado na aula com os notebooks e logo as respostas esperadas apareceram: tênis de mesa, tênis, badminton (com a pronúncia errada, mas tentaram) e quibol foram citados. Percebi aqui, que meu objetivo da primeira aula foi alcançado através da problematização, visualização e introdução ao tema.

Com os rabiscos de explicações das miniquadras na lousa, de maneira objetiva segui as orientações em formas de indagações dirigidas a eles, a fim de diagnosticar se lembravam da lógica interna e do objetivo de cada modalidade visualizado na primeira aula de nossa Unidade Didática: “Vamos lá pessoal, o que devemos fazer para jogar o tênis? Alguns responderam:

JULY: “Rebater a bolinha”

PL: “Não deixar pingar mais de 2 vezes”

ALY: “Acertar a bolinha no campo do adversário”

E assim, segui pelas quatro modalidades, não precisei de auxiliar nas respostas e sim, fui realizando perguntas disparadoras e norteadoras sobre a lógica interna e eles elas oralmente e livremente foram explanando as características de cada modalidade. (4)



Fonte: arquivo pessoal.

Após a explanação, percebi que a participação foi satisfatória da sala, se atentaram muito aos que havia pingos, e aos que não havia pingos. Fizeram perguntas sobre a quantidade de pingos do tênis de mesa e sobre o tênis. Sobre porque no tênis podemos às vezes rebater direto e tiveram curiosidade sobre a lógica interna do quimbol.

Sobre o quimbol especificamente, explanei de forma simples e resumidamente um pouco sobre sua parte conceitual sobre ser um Esporte construído a partir das ideias do “Quim” - Joaquim Bueno de Camargo que já havia falecido, por isso o nome. Quando surgiu (1947) seus amigos denominavam como o “Jogo do Quim”. Evoluiu e hoje já é praticado por muitas pessoas em Piracicaba-SP e já se dissemina por outras cidades e estados. Esporte com regras que lembram voleibol, tênis e até do futebol.

Senti a necessidade de falar, mesmo não sendo o objetivo principal da aula, pelo fato de ainda ser um esporte desconhecido, e com pouco material de pesquisa, notícias, de não estar na mídia, nos eventos e competições nacionais e internacionais, em redes sociais. Além do que, seu material oficial para a prática é de difícil acesso para a compra. Fato esse vivenciado por mim, pois procurei o responsável pela modalidade na cidade de Piracicaba em março deste ano de 2022 a fim de adquirir um jogo (kit) completo para o projeto aqui desenvolvido e o responsável me informou que as raquetes estavam em falta. Relatando que na cidade de Piracicaba apenas um lugar era autorizado a confeccionar a raquete e quem realizava a produção se encontrava doente e incapacitado, não havia estoque. Pesquisei em sites de referência e não

havia disponibilidade das raquetes, somente rede e bolinha. Não conseguindo assim adquirir as raquetes oficiais do quibol.

Esclareci as dúvidas, e disse que o objetivo de nossa aula era experimentar as quatro modalidades utilizando os implementos confeccionados por eles e elas e que ao meu sinal iriam trocar pelo material que havia na escola. Expliquei como seria a divisão através de coletes com as cores diferenciadas para as estações (tênis, tênis de mesa, quibol e badminton), e que iniciaremos utilizando os implementos criados na oficina e partir de certo momento eu iria dar um sinal e trocaríamos para o material que a escola possui juntamente com um material pessoal que adquiri com recursos próprios em anos anteriores de profissão.

Em nenhum momento coloquei regras ou combinei como deveriam se portar diante das modalidades. Deixei livre para que pudessem manipular, experimentar, vivenciar e se ambientar com os materiais criados por eles mesmos e com o material disponibilizado.

Concluindo as orientações em sala, eu pedi que visualizassem a lousa com as modalidades e que identificassem as modalidades que havia pingos ou não e a que havia cooperação ou somente oposição. Para identificarem as semelhanças e diferenças, pensando na lógica interna dos esportes de rede/parede com implementos.

Já estando na quadra, pedi para que fizessem uma roda (como de costume em nossas aulas regulares) e aleatoriamente fui distribuindo a eles e elas na sequência colete das cores alternadas: verde, azul, laranja e vermelho. Orientei e demonstrei o material que iríamos utilizar para cada estação e onde deveríamos deixar o material alternativo para trocar pelo da escola. Orientei para que o azul iniciasse no quibol, verde no tênis, vermelho no badminton e laranja no tênis de mesa.



Fonte: arquivo pessoal.

Antes de se separarem e encaminharem para as estações orientei a todos que em cada início de estação o importante seria a manipulação, a experimentação e domínio dos implementos daquela referida estação. “Vamos iniciar dominando a raquete com a bolinha ou peteca para depois tentarmos as rebatidas, e depois a troca de rebatidas, e assim seguiremos a nossa aula em cada estação”. (5) Realizei alguns movimentos, com a parceria de um menino da turma para que todos pudessem visualizar um pouco do que poderia ser os primeiros contatos com os implementos, das quatro modalidades.

Em cada estação afixei um cartaz com o nome bem grande da modalidade e uma foto para uma melhor apropriação, visualização e entendimento da modalidade.



Os alunos rapidamente se dispuseram nas mini quadras orientadas, se organizaram na maioria das vezes em duplas ou trios e começaram a praticar livremente, manipulando, brincando e experimentando. Pude identificar nesse início, euforia e pressa para conseguirem jogar e rebater com sucesso. Foi visível também a troca entre eles e elas de como poderiam rebater com mais sucesso, na melhor maneira de segurar as raquetes auxiliados por alguns colegas, nas dicas entre os pares para conseguirem fazer as rebatidas com sucesso, tão esperadas e almejadas.

Sem orientações diretivas colocadas por mim, pude visualizar que para eles e elas o objetivo após um tempo decorrido de tentativas era conseguirem realizar o “famoso rali de troca de bolas ” entre as duplas e/ou trios. Ao decorrer da aula, passando sempre por todas as estações a fim de identificar possíveis auxílios um aluno relatou:

ALY “Professora conseguimos rebater nove vezes sem deixar a peteca cair” (no caso o volante), “Foi muito legal professora!”.

Percebi que esse aluno retornou à atividade com seu colega na tentativa de atingir um maior número de sucesso nas rebatidas e que os alunos e alunas tinham expressões positivas, de sorrisos e incentivos a cada acerto na devolutiva dos implementos. (6)

Concluindo que, assim como não era o objetivo proposto para a aula os alunos e alunas não tiveram atitudes de competitividade e rendimento das modalidades e sim se conhecimento, vivência, descoberta, manipulação, experimentação, desafios, lazer e descobrimento entre as modalidades e seus parceiros e parceiras. Não os vi em tentativas de contagem de pontos, pois os mesmos ainda não conheciam as regras e o sistema de contagem particular de cada modalidade. Nenhum aluno ou aluna se recorreu a mim a fim de perguntar da pontuação das modalidades.

A preocupação estava clara, para quem estava presente no ambiente, no manuseio e no sucesso nas rebatidas, conseguir devolver o implemento de maneira satisfatória ao campo do adversário/a.

E assim foi, a cada 10 minutos onde eu apitava e dizia: “Troquem os materiais “e eles e elas colocavam os materiais confeccionados no lugar combinado e retiravam os disponíveis da escola(semi oficiais). Sempre com um leve tumulto inicial, mas logo se organizaram.



Fonte: arquivo pessoal.

A cada troca de materiais, o estranhamento por parte de todos e todas era evidente em relação ao tamanho, a estrutura, o peso, a intensidade, a pressão que o efeito que as diferentes raquetes produziam nas bolinhas e nos volantes. Muitos perguntaram se poderiam voltar a utilizar o anterior, logo no início da troca. Pois, muitos não obtiveram de prontidão sucesso com a mudança de implementos. Como meu objetivo era fazer com que eles e elas tivessem as variadas experiências, disse para continuarem tentando, manuseando e se adaptando ao novo implemento.

Me dispus passando pelas estações sempre caminhando e visualizando, percebi que era necessária minha intervenção e auxílio nas empunhaduras das raquetes aos que estavam com muita dificuldade e não estavam tendo sucesso em suas tentativas de manuseio e manipulação.

Para o tênis utilizei raquetes de frescobol da escola, e bolinhas de baixa intensidade 50% (adquiridas particularmente). Assim, demonstrei rapidamente a empunhadura e os básicos: palma da mão para frente e explanei que aquele movimento se chamava oficialmente Forehand com o lado dominante, e com palma da mão para trás segurando a raquete com as duas mãos para melhor apoio do lado não dominante Backhand. No Badminton utilizamos raquetes e volantes particulares minhas, as também citadas em meu relato de experiência. As raquetes são de um modelo das mais baratas do mercado e volantes simples, nada muito propício para nossa quadra aberta em todas as laterais. Mas como previsto e planejado antecipadamente, não havia naquele dia condições de ventos fortes que pudessem deixar a prática impossível. Também demonstrei com cada turma que passava pela esta estação os movimentos básicos e as empunhaduras Forehand e Backhand, para o badminton.

No Tênis de Mesa utilizamos raquetes da escola que haviam chegado junto às mesas oficiais, são raquetes com um lado liso e um lado rugoso, não oficiais e as bolinhas de 2 gramas, de plástico também não oficial. Material esse que foi solicitado à direção por mim, no ano anterior a ser adquirido com uma verba destinada a compra de materiais de apoio pedagógico para todas as disciplinas. Solicitação essa após verificar o interesse e maior inclusão de meus alunos e alunas quando levei meu material particular (raquetes de frescobol e badminton) em algumas de minhas aulas anteriores.

E para a prática do quimbol, utilizei de algumas raquetes de frescobol maiores(particulares) e uma bolinha de espuma sem pressão de 9 cm de circunferência bem lenta para que o efeito de cooperação e a tentativa dos três toques fosse alcançável.(7) Como estávamos na quadra de areia expliquei a todos que o quique no chão (regra oficial do quimbol, para domínio) não caberia por estarmos na areia, mas passei pelas principais regras que caracterizam a modalidade e poderiam ser feitas naquele local adaptado.

A nossa citada quadra de areia fica ao lado da quadra esportiva com um portão pequeno de acesso entre a quadra e ela. O local foi construído em 2021 com poste e rede de voleibol antigos, que iriam para o descarte. A areia não é apropriada para a prática de atividades físicas, e sim é uma areia de construção civil, pois foi a maneira mais econômica que a direção encontrou para aproveitar o espaço ocioso e aumentar as possibilidades de atividades físicas na escola. Ou seja, um local adaptado. Visando ser 40, o número médio de matrículas por sala de aula.

A maioria dos alunos e alunas do ensino fundamental da escola aceitam estar nesse espaço e não se impõe em atividades propostas neste local. Exceto alguns alunos do Ensino Médio; pela poeira, a areia ser grossa demais e machucar, sujar as vestimentas, não querer retirar os calçados.

Voltando para a aula, realizava a troca das estações a cada 20 minutos pensando nos 10 minutos que já havia utilizado para o início da aula, planejei a divisão do tempo. Sempre, 10 minutos com o material confeccionado, 10 minutos com o material disponibilizado. A minha disposição nesta aula foi muito dinâmica, sempre percorrendo por todas as estações para auxílio das empunhaduras e observações das maiores dificuldades. A demanda e tentar estar um pouco em cada estação em todas as quatro vezes que rodamos foi corrido e cansativo, mas perceber a participação efetiva visando os saberes corporais dos discentes como o entusiasmo e a curiosidade, foi uma aula daquelas que todo o professores de Educação Física almejam cotidianamente, pensando nos objetivos propostos a experimentação se fez presente. (30)



Fonte: arquivo pessoal.

Vale ressaltar aqui que os alunos do grêmio tiveram uma participação bem discreta na aula pois, os orientei a dar norte a turma nos momentos de troca de estações e de materiais, o objetivo deles não era se ensinar, dirigir, demonstrar e nem ao menos ser árbitro do 8º ano. Além de, encaminhar casos de não participação, que necessitasse de um auxílio especial a mim, se colocaram em deixar em ordem os materiais e as miniquadras.

Analisando o formato da aula, confesso que fiquei imensamente satisfeita por ter conseguido colocar os alunos nessa nova experiência. Durante a aula nenhum aluno ou aluna pediu para sair da quadra e ir ao banheiro, como de costume em outras aulas, percebi que estavam realmente concentrados em suas descobertas e tentativas dessa nova experiência com a Cultura Corporal. Ficaram aproximadamente 75 minutos descobrindo as práticas propostas com poucas regras e com espontaneidade. Nenhum problema atitudinal foi identificado em relação aos discentes e suas relações nas atividades propostas, nenhum aluno ou aluna abandonou a aula proposta. (33)

Ao findar da aula, faltando 5 minutos para o sinal tocar e voltarem a sala de aula, apitei novamente e chamei para nossa roda de conversa final e ouvi:

OTTO: “O loco, mas já! Nossa nem vi a aula passar! Nossa professora passou muito rápido a nossa aula hoje!”.

E olhando para eles e elas percebi cabelos presos, respiração ofegante, rostos corados, cansaço, sudorese, batimentos cardíacos acelerados. Todas as características físicas de atividades ditas: moderada a intensa.

Pensando em uma aula de Educação Física com a participação procedimental ativa, essa poderia ser um modelo para minha realidade. Parecia visualmente um mini festival de esportes de rede com implementos, pois utilizamos de toda a quadra, das laterais, e ainda da quadra de areia, ou seja, aproveitamos todo espaço que havia no contexto real. A quadra estava colorida com coletes e cones de todas as cores, a rede que dividia a quadra com suas fitas de sacolinhas amarradas dava vida ao espaço, o local estava tomado de alunos e alunas se expressando e movimentando, de forma dinâmica buscando conhecer os esportes de rede com implementos. E sim, dispor da quadra em forma de rodízio e estações atingiu a proposta esperada, para com o objetivo conhecer. (8)

Conversando com eles e elas em nossa roda final, primeiro parabeneizei a turma pela aula ótima que tivemos, e ouvi:

JP: “Aula boa, muito da hora.”

Perguntei o que acharam a respeito desse formato de aula (as estações), se eles haviam gostado, uma aluna relatou:

ELY: “Nossa professora, hoje nós praticamos muito, durante o tempo todo nós estávamos jogando, suei.”

A seguir, outra menina:

NIK: “Deu mais chance para jogar hoje” (9)

Continuei indagando sobre as impressões do material e a primeira situação colocada foi que, tivemos duas raquetes alternativas de tênis quebradas! Conversamos a respeito e disse que isso realmente poderia acontecer, que poderiam tentar fazer outra mais reforçada em casa e que se precisassem de minha ajuda, eu estaria à disposição. Os palmares se mantiveram, assim como as raquetes de badminton, os volantes e as bolinhas de desodorante *roll-on*. O material semioficial disponibilizado voltou intacto para as gremistas recolherem.

Logo após, perguntei qual material havia conseguiram se sair melhor; com os confeccionados por eles e elas ou com o da escola. Disseram:

ALY: “Depende professora”

LP: “Depende se a raquete estava bem firme ou não”.

Pedi que quem quisesse levantasse a mão para falar, e ouvi:

ALY: “Professora eu preferi o palmar para o tênis de mesa do que a raquete da escola e preferi a raquete de cabide no badminton e a peteca de rolha do que o da escola, eu consegui acertar mais!”

Com a fala desse aluno pude ouvir murmúrios de concordância pela turma em geral. Pedi que levantassem a mão quem compartilhava daquela visão e 23 alunos/alunas disseram concordar com a fala do colega. Especifiquei a pergunta sobre a raquete de tênis e sabendo das dificuldades de quem não estava com a raquete bem estruturada fiz a pergunta específica para 2 alunas que estavam com a raquete bem confeccionada e elas disseram que não sentiram diferença entre jogar com as delas e jogar com a da escola, mas preferiram a delas por ser maior e a da escola ser de frescobol, menor. (10) Pedi que elas passassem para todos/todas de nossa roda, suas raquetes a fim de demonstrar uma raquete alternativa confeccionada corretamente e que realizou a função de ser efetiva para prática.

Para finalizar, pedi para que prestassem muita atenção nas adaptações para que a aula acontecesse neste dia, na rede de tênis e badminton feita com elástico e tirinhas de sacolinhas, disse que poderia ser barbante, corda de varal, ou seja, sem o material oficial.

Demonstrei também a mesa do refeitório adaptada para o tênis de mesa. Explanei para que eles conseguissem perceber nesta aula maneiras de praticar como forma de lazer os esportes que possuem raquetes de maneira alternativa, em sua casa, quintal, espaços vazios, terrenos, ruas e espaços públicos. Eles responderam em conjunto de forma positiva e afirmativa. (11)

O sinal tocou, orientei que deixasse todo o material em uma caixa grande para que ficasse na escola pois, iríamos utilizar em nossas próximas aulas e lembrei sobre o portfólio, tema de casa de cada aula. O grêmio me ajudou a recolher e a organizar o local.

Nesse dia 5 alunas presentes se recusaram a fazer a aula, 2 destas já foram citadas em aulas anteriores e as outras 3 alunas são alunas com problemas de evasão escolar que já haviam perdido outras aulas, não construíram seu material e por isso justificaram não participar, mesmo eu colocando material a disposição delas. Nessa aula, fiquei voltada e atenta nas estações de maneira muito dinâmica, a fim de auxiliar, não conseguindo me aproximar e tentar solucionar a não participação das referidas alunas não participantes.



Fonte: arquivo pessoal.

Diários de Campo V - Aula 9 e 10

Diário de Campo V Aulas 9 e 10 (08/06/2022)

Horário: 13:00 às 14:30

Número de alunos matriculados: 31

Número de alunos faltosos: 01

Local: Sala de aula e quadra

Tema da aula: Metodologia *Callejera*, escolha das modalidades e a aplicação dos três tempos na primeira modalidade escolhida

Iniciei a aula de hoje na sala, a fim de organizar, pois tínhamos várias ações a definir que norteariam o decorrer das próximas aulas. Após realizar a rotina escolar, expliquei a todos que iríamos assistir a um pequeno vídeo, que eles e elas necessitariam ter muita atenção. Disse a todos: “Pessoal, lembram do termo *Callejero* que vocês ouviram na primeira aula? A aula que utilizamos os notebooks?! Pois é, daqui para frente em nossas aulas utilizaremos a maneira *Callejera* de jogar, por isso prestem muita atenção nesse vídeo.” O vídeo exposto se encontra disponível em: [#BRnaCopaAmerica2015 #FuteboldeRua](https://www.youtube.com/watch?v=BRnaCopaAmerica2015)

O vídeo planejado para essa aula ilustrava e exemplificava o “*Fútbol Callejero*”, sobre sua Copa do Mundo que ocorreu no Brasil em 2014. E mais que isso, ele explicava de maneira simples e objetiva, a meu ver, as definições da metodologia: o primeiro, o segundo e o terceiro tempo, e os pilares: cooperação, solidariedade e respeito, além das questões sociais e de gênero.

Junto ao vídeo, preparei também um cartaz previamente sobre os princípios e pilares da metodologia com as palavras-chave, com o intuito de utilizar no início das próximas aulas e para deixar exposto na quadra para entendimento e visualização, tentando facilitar a apropriação dessa nova proposta para desenvolvermos em nossas aulas, que apesar de adaptadas eram antes muito diretivas, pouco flexíveis, pouco reflexivas.



Interrompi o vídeo a partir do momento em que as falas dirigiam somente as questões que se voltaram especificamente sobre o futebol e o campeonato citado. Quando interrompi, um silêncio grande e olhares perdidos foram as reações dos alunos e das alunas. Deixei que mais alguns segundos se passassem e o silêncio se manteve. Explanei para a sala:

“Como assim professora? Nós estamos falando sobre esportes de Raquete!” E logo um aluno disse:

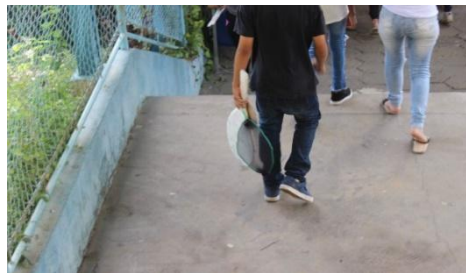
ALY: “Ufa! então eu não estou louco, achei que você tinha errado professora, o vídeo!” ... e toda a sala caiu em risadas, mas deve ter sido também a impressão da maioria presente.

Em seguida, justifiquei que visualizamos este vídeo porque a maneira *Callejera* de jogar se originou com o Futebol na Argentina, entre 1990 e 2000, através de jovens de uma periferia jogando na rua, com o auxílio de um ex-jogador de futebol. Surgiu da criação das próprias regras e arbitrar coletivamente o próprio jogo e torná-lo possível a todos e todas neste ambiente e nas condições que havia. Relacionei para um melhor entendimento, com o nosso contexto de escola, em que buscávamos incluir um esporte que não está presente por muitas questões sociais e ao mesmo tempo na busca por ter aulas de educação física em que os direitos e deveres possam ser exercidos igualmente.

Concluí então, que iríamos utilizar a maneira *Callejera* na tentativa de conseguir desenvolver os esportes de raquete com as adaptações e regras acordadas por eles. Que já tínhamos construído as raquetes adaptadas, mas que agora iríamos tentar adaptar formas de jogar e aprender em nossa quadra, nossa escola e no ambiente em que nos encontrávamos. (12) Nenhuma pergunta ou fala ocorreu por parte dos discentes, seguiram atentos.

Junto à lousa coloquei os pontos principais da metodologia, falei sobre meninos e meninas jogarem juntos sempre, reforcei sobre a questão dos tempos, e intensifiquei que o respeito, cooperação e solidariedade pontuariam no 3º tempo e que teríamos o mediador para a

observar se as regras do 1º tempo estavam sendo respeitadas e colocadas em prática. Nenhuma pergunta ou colocação foram realizadas pela sala, mesmo com minha indagação. Pedi para que seguissemos para a quadra e que lá colocaríamos a “mão na massa”. Ao caminhar para a quadra senti uma grande insegurança pelo que estava por vir, e pelas poucas trocas e reflexões com a sala com relação à metodologia.



Fonte: arquivo pessoal.

Chegando à quadra o grêmio estudantil que já havia me auxiliado em aula anterior, estava presente novamente. No horário do almoço que antecede a aula, solicitei para que deixassem os materiais dispostos que poderiam ser utilizados após a votação das modalidades. Para justificar a presença do referido grêmio aqui novamente, após sua participação na aula das estações, o Grêmio Estudantil se interessou pela proposta e solicitou a mim se poderia continuar acompanhando e me auxiliando no projeto. Como o protagonismo é umas das habilidades a ser desenvolvidas pelo grêmio estudantil e pela metodologia Callejera, além de estar previsto na BNCC, autorizei a participação e passei a eles e elas orientações como: auxiliar com os materiais e de observações em relação aos alunos, registro de fotos, organização dos ambientes. Foram 4 meninas e 2 meninos, matriculados no Ensino Médio me auxiliando.
(6)

Continuando com a nossa aula, solicitei para que todos se sentassem em roda e neste momento um aluno se recusou a sentar, solicitei novamente pois teríamos um tempo bem rico onde teríamos muitas decisões e discussões em grupos e todos e todas estavam sentados, tinha disposto cartazes e iríamos construir juntos. O aluno se recusou, pois, a quadra estava empoeirada. (realmente a quadra estava com bastante poeira, pois ela é aberta e a limpeza da quadra ocorre só quando não há alunos na escola, sempre está ocupada com aulas e temos apenas duas funcionárias da limpeza para uma escola com a média 960 alunos matriculados). O aluno se retirou e disse que não participaria da aula.

Como todos já estavam postos me aguardando, achei melhor prosseguir e tentar resolver posteriormente esse fato com o aluno e iniciei: “Bom pessoal na maneira *Callejera* o grupo decide o andamento da aula, por isso neste momento iremos votar! Das quatro modalidades experimentadas por vocês: quimbol, badminton, tênis e tênis de mesa, votem em duas que vocês gostariam de aprender mais! “

Citando as modalidades pedi para levantarem as mãos em duas modalidades. E tivemos como resultado: badminton: 4 votos, quimbol: 2 votos, tênis: 16 votos, tênis de Mesa: 18 votos. E assim, tênis e tênis de mesa foram escolhidos para seguir em nossas aulas. Perguntei o porquê da escolha, atrelaram as respostas aos objetos e implementos que tiveram mais sucesso em seu manuseio e nas rebatidas. (13) Logo solicitei ao grêmio ajuda na organização e divisão das 4 miniquadras adaptadas para o tênis. Os outros 10 alunos e alunas presentes na aula esse dia que não se dispuseram a participar, também não votaram.



Fonte: arquivo pessoal.

A seguir disse que as duas modalidades seriam em duplas e que a dupla seria mista, sem exceção. Neste dia, estavam participando 20 alunos e por coincidência 10 meninos e 10 meninas participando de nossa roda, e mais uma vez pedi para que dissessem a melhor maneira de escolher as duplas. Foi unânime:

NIK: “Sorteio professora!”

JULY: “É! Sorteio é mais justo!”

Perguntei se todos concordavam e se alguém tinha outra sugestão e não houve. Percebi deles e delas em momentos de votação muita insegurança, apatia, vergonha em se colocar, devido à nova metodologia de aula, experiências prévias e até dificuldades atitudinais em se expor, opinar, muitos olhavam para o chão nos momentos de votação. Sem dúvidas,

causou estranheza para eles e elas decidirem e pensar em ações que até “ontem” eram postas e impostas. (7)

Segui escrevendo o nome dos meninos em uma lista e os das meninas, recortei e realizei o sorteio formando duplas. Foi um momento de muita expectativa. Me lembrou, quando organizava os pares nas festas juninas para quadrilhas e a ansiedade que isso trazia, até explanei isso à sala. Ouvi risos também. Nenhum aluno ou aluna naquele momento se opôs ou desfez sua dupla perante o grupo. Indaguei se achavam que estava equilibrado e todo o grupo concordou. (8)

Uma observação cabe aqui, dentro os alunos temos um aluno laudo e matriculado como deficiente intelectual (DI), com comprometimentos em suas habilidades motoras básicas e cognitivas, ele estava dentro dos alunos que participam da aula. O aluno sempre participa das aulas de Educação Física.

Prosseguindo, utilizei o cartaz com as ideias *Callejera* (meninos +meninas, mediador: facilitador, mediação de conflitos, violência e discriminação, exclusão social, valores humanos, 3 tempos; o 1º tempo regras acordadas visando os pilares, 2º tempo jogos onde não há juízes, 3º tempo reflexões e apurações dos pontos), coloquei no centro da roda, disse: “Bom pessoal, vamos então para o nosso primeiro tempo”. Falei um pouquinho e rapidamente da França, sobre o *Jeu de Paume*, do termo *tenez* (pegue) e no século XVIII na Inglaterra onde a prática foi popularizada e institucionalizada, da sua pontuação ser bem diferente do que tínhamos costume até então.



Fonte: arquivo pessoal.

Para a pontuação utilizei a questão do relógio de ponteiro a fim de ilustrar sobre os pontos até chegar o game. Perguntei se alguém conhecia a pontuação. E ninguém se

manifestou. E mais uma vez senti insegurança e olhares perdidos. Assim os chamei: “Pessoal, vamos voltar aqui”. Explanei novamente e deixei claro que o game seria a volta toda do ponteiro. Essa dificuldade já era esperada por mim, pois muitos de meus alunos e alunas têm problemas de aprendizagem, defasagens e não conseguem interpretar as horas em relógios de ponteiro, muitos nunca viram um relógio de ponteiro de braço. Fiquei em pé, com meu braço estendido e fui fazendo movimentos tentando ilustrar o relógio de ponteiro. Demonstrei um cartaz confeccionado anteriormente com a pontuação e ilustração até fechar um set na tentativa de um melhor entendimento e o deixei afixado em um dos postes da quadra.

Mostrei a quadra que iríamos jogar e o material que tínhamos. Junto a uma aluna gremista demonstramos de forma bem simples as regras básicas da lógica interna. Jogamos um game, com regras básicas até fecharmos para visualização de todos. Os alunos e as alunas nos rodearam para ver essa pequena exemplificação.

Assim, seguimos para a construção das regras acordadas pelo grupo, para este dia. As regras, discussões e ideias levantadas pelos discentes foram todas voltadas para tornar o jogo possível naquele ambiente e implementos que havia, mas cabe aqui ressaltar que tive que lançar o tempo todo questões disparadoras para que a construção de regras avançasse, devido a modalidade ser nova em nosso ambiente escolar:

1º Tempo de Tênis Callejero:

- Jogariam 1 set e trocariam de quadra, adversário ou esperariam pois havia duas duplas aguardando para jogar;
- Sobre a rede combinaram de voltar o lance caso dúvidas em bolas rápidas se havia passado por debaixo (por ser rede de elástico com sacolinhas e difícil visualização em bolas rápidas);
- Sobre os cones combinaram que se a bola atingisse entre os cones e nos cones seria fora;
- Sobre o saque combinaram de revezar o saque, e o saque seria de quem pontuasse;
- Sobre o material e implemento ficou livre escolha poderia ser o da escola ou o construído por eles;
- Sobre a pontuação não quiseram adaptar, utilização 15,30,40, e game;
- Sobre pingos acordaram 1 pingo ou direto;
- Sobre o início da partida decidiram pelo par ou ímpar;
- Sobre a troca de quadras a cada final de game não apenas em games ímpares;
- Sobre o saque poder ser dado com um pingo;

- Sobre o pé na linha, no momento do saque. (14)

E assim, ficou acordado como seria o andamento do nosso segundo tempo. Sobre o Mediador eu me coloquei nessa posição, disse que somente neste dia eu, professora, iria exemplificar a fim de entenderem o processo para esta primeira aula. Iniciei anotando as regras acordadas em um cartaz junto a todo grupo. Afixei em uma das colunas centrais da quadra.

Iniciamos em 4 pequenas quadras com o total de 16 alunos, pedi para duas duplas aguardarem nas laterais realizando manipulações enquanto esperavam.

E assim fomos para o 2º tempo, me coloquei percorrendo sempre as laterais da quadra e muitos discentes se recorreram a mim perguntando questões que havíamos acabado de acordar além de outros já me relatando regras que não estavam sendo cumpridas, isso foi recorrente durante os 20 minutos iniciais de prática. Nestes momentos tive que me conter e voltar a postura de mediadora do 2º tempo e dizia que eu não poderia intervir naquele momento. Até explanei em voz alta para toda a quadra ouvir pois as colocações e busca por minha intervenção estavam sendo solicitadas cada vez mais:

“Pessoal, vamos lembrar aqui! Não há juízes, vocês combinaram as regras, eu não posso interferir neste momento no jogo de vocês, voltem a atenção em tudo o que está acontecendo e aos combinados, porque será no 3º tempo que iremos falar sobre isso, não agora! Agora vocês devem fazer o jogo acontecer, ser possível de acordo com nossos combinados, de acordo com o 1º tempo!”

E assim o 8º ano seguiu nas suas tentativas, diminuíram a procura por mim e percebi grupinhos se formando antes do início das partidas com o intuito de lembrar os combinados e falaram sobre a lógica interna do jogo aos que estavam com dificuldade, alguns auxiliaram os outros na empunhadura da raquete, outros trocando de raquetes para identificarem qual se sairia melhor.(9) Muitos se deslocaram novamente para visualizar o cartaz do 1º tempo, já o cartaz da pontuação era procurado recorridas vezes, o tempo todo. Agora a procura por mim se deu sobre dúvidas na pontuação.



Fonte: arquivo pessoal.

Fato a se destacar é que no momento das pequenas partidas foram surgindo novas situações que o grupo não havia pensado e assim não havia combinado, chegavam até mim para resolver e eu os indiquei resolverem de forma igualitária e que não prejudicasse nenhuma dupla. E assim, em pequenas reflexões e atitudes foram combinando mais regras além das que havia, em cada minipartida com suas peculiaridades. (15)

A participação dos alunos e alunas que iniciaram se manteve até o findar da aula, nenhum aluno deixou de participar da aula. O tempo passou e os alunos e alunas foram descobrindo o “experimental” do tênis, se familiarizando com a pontuação, paravam para discutir e relembrar as regras de maneira bem inicial e discreta.

Já estávamos no final da aula quando pude perceber o entendimento pela maioria sobre o 1º e 2º tempo e habilidades atitudinais começando a aparecer por alguns alunos que haviam entendido a metodologia e possuíam um perfil protagonista.

Faltando 10 minutos para o fim da aula eu apitei e disse: “Terceiro tempo pessoal, vamos para nossa roda”. E já fui diretamente ao que seria exemplo de nossa próxima aula, de como se colocariam como mediadores, devido ao escasso tempo.

Retomei nosso cartaz de combinados das regras e coloquei ao chão.

“Vamos lá pessoal: Hoje não iremos contar a pontuação no 3º tempo e sim vou dizer o que o mediador observaria: Resultado do 2º tempo, seria como ficou o resultado do jogo sem árbitro depois passaríamos a analisar se as duplas pontuaram sobre o Respeito e um exemplo aqui: Eu ouvi um palavrão quando um dos colegas errou a rebatida, será que nesse momento houve respeito?”

Após seguiríamos para a Solidariedade, “exemplo pessoal de momentos que vi, passaram para pegar a bolinha no meio da quadra do adversário e atrapalharam o jogo do colega que estava na quadra ao lado, e o adversário está com o saque, você devolve a bolinha de qualquer maneira e a bolinha vai longe, cai do outro lado do terreno da escola, isso é ser solidário?” e por último analisaremos a Cooperação será que o menino que entrou em todas as bolas na frente de uma menina que eu vi ali, isso aconteceu muito. Foi cooperativo com sua dupla? Será que ele pontuaria? E seguindo 8º ano, somaríamos a pontuação e após as discussões do 3º tempo que decidiríamos em grupo o vencedor da partida, tudo seria anotado pelo mediador e talvez o resultado final poderia mudar após o terceiro tempo”.

Após minha explanação, algumas falas:

OTTO: "Nossa professora que diferente”

ELY: “Professora repete que deu nó aqui: o tênis já conta diferente, agora essa maneira de rua, de jogar não termina quando o jogo termina.”

Para finalizar, fiz uma pergunta: “Pessoal essa maneira de jogar, vocês conseguiram entender o para quê?” O sinal para voltar à sala de aula tocou uma menina correu até mim e disse eu sei professora:

AMORA: “Inclusão, participação, para as meninas participarem mais, eu não precisei ficar gritando hoje quando era a minha vez!” Concordei com a garota, pois mesmo havendo muitas outras ações que a metodologia *Callejera* desenvolve para aquele contexto e uma menina relatar não ter que passar a aula suplicando por seus direitos já traz um ponto relevante. E após analisar o decorrer da aula pude perceber que as situações de conflitos, reclamações e aflições das meninas em relação aos meninos não foram tão evidentes, comparado a aulas com esportes anteriores ao projeto. (10)

Nessa aula utilizei a 1ª aula para as votações e explicar sobre a metodologia e o 1ºT. O 2ºT e 3º tempo do tênis foram na 2ª aula.

Quando todos se retiraram da quadra, procurei rapidamente o aluno que se recusou a sentar devido a poeira do chão, ele disse estar de calça nova, que não queria sujar, mas que gostaria de ter participado. Que na próxima aula participaria. Eu disse que o entendia. Como para mim aquele ambiente faz parte das minhas aulas corriqueiras e que muitas das atividades da educação física utiliza o sentar no chão eu já havia me acostumado com aquela situação. Olhei para o lado e concordei com aquele garoto, muito lixo, sujeiras de pombos além da poeira vermelha que estava por toda a quadra.

E para relatar aqui, minha realidade profissional neste ano de 2022, estou esvaziando as lixeiras da quadra toda semana pois o cheiro estava deixando o ambiente ruim. A direção é ciente da situação, porém como a responsabilidade da limpeza das escolas estaduais foi terceirizada e os responsáveis justificam que não há como contratar mais um(a) funcionário(a) devido ao tamanho da área construída no terreno e não ao número de alunos.



Fonte: arquivo pessoal.

Diários de Campo VI - Aula 11 e 12

Diário de Campo VI Aulas 11 e 12 (10/06/2022)

Horário: 13:00 às 14:30

Número de alunos matriculados: 31

Número de alunos faltosos: 09

Local: Quadra

Tema: Metodologia *Callejera* no Tênis de Mesa

Para que essa aula fosse organizada, previamente contei novamente com a participação do grêmio estudantil que está me auxiliando como relatado em diários anteriores. Assim, dispusemos pela quadra entre o período da manhã e tarde as duas mesas de tênis de mesa da escola (as mesas, utilizadas anteriormente), duas mesas grandes do refeitório que unidas tivemos uma mesa, seis mesas médias do refeitório (essas mais baixas) que unidas transformaram em três mesas adaptadas e uma mesa grande que se encontrava na sala dos professores.

Para as mesas foram colocadas e adaptadas redes de diversas formas, com o suporte apropriado, outras foram amarradas a cabos de vassoura e rodos. Também tivemos pedaços de madeira para trazer o efeito da redinha. Utilizei estas formas de adaptar para proporcionar experiência e vivência aos alunos, para que pudessem visualizar as possíveis alternativas à prática dos esportes de rede com implementos. A quadra estava toda disposta e ocupada por mesas de diversos tamanhos, adaptações, alturas e formatos diversos esperando a turma para a nossa aula.

Chegando à sala de aula, realizei a rotina, e todos e todas estavam ansiosos para o nosso tênis de mesa, pois estavam acompanhando nosso cronograma pelo grupo de WhatsApp como relatado. Neste dia, três palmares novos me foram apresentados por três alunos que ainda não haviam finalizado na respectiva aula da oficina.

Fiquei surpresa e contente com essa devolutiva mesmo que atrasada, pois já haviam se passado muitos dias da proposta e presenciar alunos e alunas realizando uma atividade tempo depois, não é muito comum nesta unidade escolar, pensando no comprometimento dos discentes em relação a tarefas e temas de casa. (30)

Seguindo a aula, explanei a todos que iríamos para o nosso tênis de mesa *Callejero*. contei à turma um breve histórico sobre o tênis de mesa que havia surgido na

Inglaterra, por volta do século XIX, com o nome de pingue-pongue por conta do som que a bola produz, que foi criado por estudantes universitários como um jogo recreativo e de lazer, que os materiais utilizados para a prática eram livros que ocupavam no lugar da rede, dividindo a mesa e caixas de madeira eram usadas como raquetes, que não havia pontuação e que somente após a segunda guerra houve a oficialização das regras e a confecção e venda de equipamentos apropriados. Após, escrevi novamente de maneira simples e objetiva sobre os três tempos da metodologia da aula que iria se desenvolver na lousa a fim de lembrá-los. Conferindo as duplas mistas e se todos estavam presentes, pensando em manter a organização da aula anterior. Não tivemos nenhum caso de falta e nenhuma inclusão de participantes novos neste dia.

Partimos para a quadra, sentamo-nos em roda e coloquei nosso cartaz, o mesmo utilizado na aula anterior, sobre os pilares e princípios da metodologia *Callejera* para lembrar a todos e todas sobre como ocorreria o andamento de nossa aula. Após lembrar a metodologia, fomos para o nosso primeiro tempo, dessa vez tivemos uma explanação mais rápida em relação aos discentes.

Ao olhar pela nossa roda do primeiro tempo, o aluno referido na aula anterior, que havia se recusado a participar pois não queria sentar-se ao chão devido a limpeza da quadra, estava lá juntamente com o grupo. Fiquei surpresa ao vê-lo em uma postura diferente, mesmo assim me cobrei após a aula em falar com a direção novamente sobre a limpeza do local.

Em nosso primeiro tempo, a construção de regras foi toda voltada para as questões da lógica interna e nas interpretações diferentes que a adaptação das mesas e dos materiais poderiam trazer à aula, nas variadas situações que poderiam acontecer durante as partidas, assim como ocorrido no tênis.

As falas e regras faladas pelos participantes foram as seguintes:

“11 pontos para fechar o set e trocar de adversários”;

“Escolhemos qual material queremos utilizar, raquetes e bolinhas, alternativos da oficina ou os da escola”;

“Sempre mostrar a bolinha no saque e não a esconder”;

“Sempre esperar os oponentes estarem prontos para sacar”;

“Se a bolinha tocar na rede, voltar e iniciar novamente”;

“Apenas 1 pingo”;

“O saque deve ser revezado pela dupla”;

“Saque da dupla que pontuou”;

“Se a bolinha tocar nas laterais das mesas, a famosa “Casquinha”, seria bola dentro”;

“Se o vento carregar a bola, voltaria e iniciaria assim que o vento passasse”;

“Não é obrigatório cruzar o saque.”. (16)

Todas as regras foram transcritas por mim em um pequeno cartaz no centro de nossas discussões no momento das falas. Após a aula, anexei o cartaz em uma das pilastras.

Sendo está a segunda aula proposta com metodologia *Callejera*, e analisando-a, no primeiro tempo utilizei uma quantidade inferior de perguntas disparadoras para que os alunos e alunas pudessem iniciar suas discussões na construção de regras. Foi aparente o exercício de refletir e discutir e sua evolução com a prática que cabe pensando em situações de aula antes nunca haviam experimentadas, logo apareceram colocações e sugestões para o andamento da aula, percebi traços mais sólidos do exercício da construção coletiva neste momento. Cinco participantes se colocaram a estar efetivamente no debate com a concordância dos demais. Um avanço perante a aula anterior visando à construção de regras. (31)

Ao findar do processo de construção de regras fiz algumas orientações:

“Bom pessoal, a dupla que estiver esperando mesa, os próximos a jogar ficarão de mediador para irmos aprendendo e entendendo qual é o papel dele ou dela nas partidas, prestem atenção nas partidas, analisem se todos e todas estão atentos a regras combinadas e se atentem aos pilares: respeito, cooperação e Solidariedade”

“Todo final de partida as duplas devem se reunir com os mediadores e discutirem se o resultado do segundo tempo foi sobre um jogo justo analisando que combinamos no primeiro tempo”.

“Quem estiver de mediador e esquecer as regras e nossos combinados podem visualizar o cartaz que deixei exposto no chão da quadra entre as mesas.”

“E lembrem-se, vocês não são árbitros nem juízes. Durante a partida vocês observarão, mas não irão fazer nenhuma explicação, explanação ou irão influenciar nas decisões das duplas.

“Os participantes devem resolver as situações entre eles, seguindo as regras combinadas pensando na melhor maneira de se colocar no jogo.”

E assim, os participantes se distribuíram pelas mesas com a minha ajuda e do grêmio estudantil e tivemos 4 mesas com disputas entre duplas mistas. Deixei que escolhessem as mesas para a prática de forma livre e aleatória, já que havia várias e com diferentes adaptações e tamanhos.



Fonte: arquivo pessoal.

Neste dia tivemos 10 duplas mistas participando. Nenhum aluno ou aluna que se prontificou a participar, ficou de fora da atividade. Eram exatamente 20 alunos participantes.

Para a realização da lógica interna inicial do tênis de mesa, foi colocado para a vivência a rebatida com as mãos e com mais de um pingo no primeiro momento, mas logo eles e elas solicitaram para usarem as raquetes e os palmares e restringiram a um pingo apenas. (16) Ao observar as questões procedimentais pude perceber que realmente os participantes estavam tendo acesso a já utilizar o implemento com apenas um pingo em sua maioria com sucesso.

O combinado para aquela aula entre todos foi que realizaríamos um set para o rodízio de jogadores e mesas. Que trocaram a cada final de um set conforme o combinado por eles e elas. Neste dia fiz somente a observação aos mediadores, não pedi para anotarem nada e nem produzi uma súmula antecipadamente, pois pensei no amadurecendo da proposta e no exercício da observação, para que se familiarizassem aos poucos com essa nova proposta de

aula até conseguirem fechar 3º tempo. Na aula anterior a esta me coloquei de mediadora para o entendimento da turma da função que cabe ao mediador, agora eles dariam seus primeiros passos ao exercício da observação nunca feito antes em nossas aulas em que sempre me coloquei fazendo esse referido papel de mediar, intervir, arbitrar e colocar regras.

Observando o desenvolvimento do segundo tempo percebi que os alunos e alunas procuravam estar sempre nas mesas oficiais e nas maiores adaptadas, mesmo com outras adaptadas, sempre as escolhidas foram as mesmas. E na espera para a próxima partida eles e elas ficavam praticando nas mesas menores, muitos preferiram praticar toda aula com seu palmar, outros já experimentaram o palmar e a raquete de EVA da escola. Em relação a empunhadura da raquete, e as maneiras de segurar o implemento pensando no experimentar, muitos discentes se sentiram bem segurando as raquetes de outras formas, relataram “se sair melhor” e ter mais sucesso nas rebatidas”, mesmo quando eu passei por entre as mesas orientando entre a empunhadura clássica e a caneta. (17)

As partidas foram acontecendo e decorrendo, e todos se dispuseram a participar efetivamente, o envolvimento com a atividade seguiu com sucesso como em nossa aula de experimentação do tênis, sempre me dispus deslocando e fazendo as intervenções entre novas disputas e diferentes mediadores entre as mesas.

Assim, pude perceber: alunos e alunas se colocando como árbitros e juízes, intervi novamente explicando a proposta e que o momento para que ele ou ela pudesse explanar o que aconteceu de fato seria no 3º tempo, isso aconteceu corriqueiras vezes principalmente por parte dos meninos. Pude perceber também meninas mediadoras observaram atitudes como falta de cooperação entre as duplas, mas que não se explanaram e colocaram o fato no 3º tempo diante da dupla. Percebi situações em que meninas se colocavam no jogo de maneira anulada, pois os meninos invadiam o espaço delas, mas as próprias colegas não conseguiam visualizar as situações, onde não houve a cooperação e respeito pensando na relação de gêneros. (10)

Outras situações surgiram no decorrer da aula, que não foram discutidas no primeiro tempo. Um fato ocorrido: muitos alunos se desenvolveram na modalidade e começaram a cortar/atacar, podendo listar sete alunos meninos na realização de saques avançados.

Para essa situação vale destacar a relação do saque avançado por alguns meninos que já haviam jogado e tinham experiências prévias e se podiam realizar situações de ataque para os adversários que não tinham essas experiências prévias.

Os ataques e saques avançados foram pontos bem relevantes, tivemos muito tempo de discussão e interferiram nas partidas no decorrer do 2º tempo. Para mediar essas situações e como não haviam combinado essas questões no primeiro tempo pedi para que as duplas parassem a partida e resolvessem o que seria mais democrático naquele momento naquela partida a fim de não prejudicar ninguém, e que quando estivéssemos em nosso campeonato no primeiro tempo essas questões deveriam ser discutidas, lembradas e colocadas para todos do grupo, para o consentimento coletivo.

No encerrar das primeiras partidas me dispus a presenciar o 3º tempo e tentar conduzir, pois percebi dificuldades nas explanações e os alunos e alunas ficaram bem dispersos, tímidos sem saber como iniciar. Deixava a eles e elas algumas perguntas disparadoras, para a mediação começar seus pequenos ensaios de análise e para que chegassem ao resultado justo. Fiz essa condução em várias partidas, e tentei colocar todos e todas na condição da mediação e aos poucos pude perceber os participantes se reunindo sem minha intervenção diretiva ao final de cada minipartida.

Olhei para o relógio e neste momento já faltavam 20 minutos para a nossa aula se encerrar. Foi corrido e cansativo. O grêmio me alertava sempre o findar da disputa de cada mesa, sempre quando estava no apoio do terceiro tempo de outra. Pude perceber que o entendimento sobre metodologia e dos três tempos estava começando a se desenvolver e apropriar no final desta aula, traços de uma aula protagonista começaram a ser visíveis nos últimos minutos.

Pensando na lógica interna do tênis de mesa os alunos e alunas estavam praticando e experimentando muito o jogo em suas regras básicas desenvolvendo suas habilidades e aprendendo com os pares, além de meu auxílio e do grêmio estudantil. De fato, várias mesas dispostas, disputas reduzidas e posição de mediadores colocou a turma em atividade o tempo todo da aula (18). Os discentes se mantiveram ocupados em suas práticas de participante e mediador e não se mantiveram ociosos. Durante toda a aula os alunos permaneceram desenvolvendo a referida proposta, não houve perguntas ou colocações a respeito de próximas aulas, próximas atividades ou quando iríamos jogar futebol fato esse muito comum nas aulas de Educação Física nos anos finais dessa referida escola.



Fonte: arquivo pessoal.

Relevante foi o fato de que uma aluna que estava como mediadora após finalizar o jogo veio particularmente até a mim e fez vários comentários em relação ao parceiro de dupla observado, pois ele praticamente não deixou a menina jogar, mas porque eles ganharam a partida quando a mediadora colocou o fato, a aluna a contrariou dizendo que não, que ela jogou sim. Procurei a aluna logo em seguida, coloquei a situação pensando nos princípios Callejero. A referida aluna após nossa breve discussão disse:

ANALU: “Não professora, está tudo bem, eu me senti respeitada”. (11)

Seguimos para o fim de nossa aula e com o intuito de não expor o aluno com Deficiência Intelectual citado na aula anterior sua colega, a dupla de disputa veio ao meu encontro e pediu para conversar. As falas iniciais da aluna foram:

CACHINHOS: "Professora eu não sou competitiva, mas se eu continuar jogando sempre com o mesmo parceiro, como você disse que não pode mudar (só com o TITI) eu não vou conseguir jogar e nem aprender, ele nem tenta! Me atrapalha e o jogo fica chato! Eu tento professora eu tenho paciência com ele, mas o tempo todo não vai dar certo!"

Após esta explanação particular da aluna disse a ela que iria pensar em estratégias que não excluísse o aluno, mas que também não retirasse da mesma as expectativas no seu desenvolvimento das habilidades previstas da aula. (32)

Para finalizar aula, pedi a todos que formassem nossa roda de conversa final e expus todos as observações realizadas durante a aula pensando na metodologia e nas questões que não foram colocadas no terceiro tempo pelo mediador e pelos próprios participantes, mas deveriam ocorrer, pontuei todas as observações relatadas acima e disse que para nossas próximas aulas o exercício de mediação, respeito, cooperação e solidariedade deveriam sempre

evoluir, em nosso formato novo de realizar esportes, os alunos e alunas não colocaram observações nem indagações, neste momento a aula se encerrou.



Fonte: arquivo pessoal.

Diários de Campo VII - Aula 13 e 14

Diário de Campo VII Aulas 13 e 14 (15/06/2022)

Horário: 13:00 às 14:30

Número de alunos matriculados: 32

Número de alunos faltosos: 08

Local: Quadra

Tema: Campeonato *Callejero* de Tênis de Mesa

Enfim, chegamos ao nosso primeiro dia do campeonato *Callejero* de duplas mistas. Para este dia, programei o campeonato de tênis de mesa. Ao adentrar a sala algumas meninas já vieram ao meu encontro, uma delas me disse:

JULY: “Professora, meu parceiro de dupla faltou! Vários faltaram”.

Fato esse que refletiu no campeonato, retirando a característica do que eu havia pretendido e combinado com os discentes quando sorteamos as duplas.

E conferindo sim, foram quatro faltas de meninos participantes (véspera de feriado-CORPUS CHRISTI). Confesso naquele momento, um desespero inicial em manter a aula com seu objetivo, ter pensado em desistir e trocar meu plano de aula e deixar para a próxima aula. Mas, com alguns segundos analisei e repensei em estratégias para não deixar essas garotas desamparadas e a sala toda frustrada. Era visível o descontentamento por parte das referidas meninas com a situação que os seus parceiros de duplas ocasionaram.

As faltas dos alunos as aulas fazem parte do contexto escolar local, a legislação e os gestores ao findar de cada bimestre sempre dizem aos professores formas de recuperar o número excessivo de faltas dos discentes através de trabalhos de compensação, baseada em publicação da Secretaria da Educação Estadual. Situação essa que se tornou recorrente em minha unidade escolar.

Assim, é muito raro estar sempre todos os alunos e alunas presentes nas aulas e atividades, como trabalhos e propostas em duplas e em grupos são frequentemente afetados em todas as disciplinas por essa situação.

Segui com a rotina da escola e caminhamos para a quadra. No local as mesas de tênis de mesa estavam dispostas como na aula anterior e as mesas adaptadas com as redinhas e as mesas de refeitório. No chão estava disposto novamente o cartaz com as ideias principais da metodologia *Callejera*, tudo organizado previamente com a ajuda do grêmio escolar.

Retomei com eles e elas os princípios da metodologia e demonstrei a todos e todas a nossa súmula que iria ser utilizada, de responsabilidade dos participantes. A súmula construída por mim, previamente pensando no formato que as aulas se deram da experimentação do tênis de mesa e do tênis.

Expliquei todos os tópicos da súmula para que pudessem entender, uma vez que nunca haviam realizado nenhuma proposta parecida. Em nossa súmula havia o primeiro tempo com um campo para descrever os combinados, as regras, após um outro campo para as observações dos mediadores referentes ao segundo tempo e no campo do terceiro tempo havia o resultado do segundo tempo (placar) mais adicionados de forma descrita: respeito, cooperação e solidariedade e por fim o resultado final visando a somatória.



Fonte: arquivo pessoal.

Junto aos alunos na quadra em torno de uma das mesas realizei o preenchimento de uma súmula como exemplo, para melhor entendimento e visualização dos participantes.

Segui, pedindo que as duplas se organizassem e para tentar suprir os parceiros das meninas, pedi a participação de dois meninos que não estavam presentes nas aulas anteriores de experimentação para que pudessem participar. Assim, cada menino participou das partidas com duas meninas diferentes e pensando na súmula e na organização dos resultados das partidas, falei aos participantes a situação e disse que na súmula de todas as disputas

estariam o nome das meninas para evitar possíveis problemas pensando que os meninos novatos participariam de um número duplicado de partidas e poderiam assim pontuar mais que os demais.

Prossegui perguntando se todos e todas gostariam de participar das partidas ou se caso alguém gostaria de ser somente mediador do campeonato. Todos e todas responderam querer participar das disputas. Logo um aluno me procurou, como deixei acordado que poderiam escolher entre jogar com o material da escola e com o construído em nossa oficina em toda a unidade didática um aluno trouxe de casa uma raquete de qualidade melhor para jogar neste dia, uma raquete oficial.

Era perceptível o interesse de seus colegas em conhecer uma raquete “melhor” das que havia na escola e do palmar que havíamos construído. Para este momento houve um pequeno tumulto de curiosidade para visualizarem e até tocarem na referida raquete. O aluno assim, participou neste dia do campeonato com sua raquete particular.

Partimos para o primeiro tempo, utilizei um pequeno cartaz construído junto ao grupo de nossa aula experimental anterior, para que pudessem observar as regras construídas, mudá-las, retirá-las ou acrescentarem algo para o campeonato. Também estava presente nosso cartaz com os princípios *Callejero* que nos acompanha.

Pedi neste momento que observassem com atenção e que relembassem de nossas aulas anteriores e as situações decorridas nas disputas e nas diferentes adaptações, pois estávamos adaptando desde o material até as mesas. E logo os três meninos que tinham experiências prévias colocaram:

JP: “É professora, lembra do saque?...”

ANJINHO: “E vai poder cortar? Posso bater forte?...E pode pôr a mão na mesa?”

Portanto colocaram situações para análises mais específicas pensando sempre na lógica interna do tênis de mesa e nas situações novas que devido a experimentação puderam vivenciar e perceber adicionando assim mais regras nesse dia que foram adicionadas também ao nosso cartaz das regras combinadas. (19)

O grupo votou para que não houvesse saque avançado e ataques com cortadas, pois relataram e entenderam que a maioria dos colegas nunca havia experimentado e vivenciado o tênis de mesa, que as nossas aulas seriam o primeiro contato de grande parte com a modalidade.

Na súmula o respeito a cooperação e a solidariedade valiam dois pontos, votado pela maioria. Ouvi de um aluno durante a votação:

OTTO: “Um ponto é pouco professora! Essas coisas valem muito!”.

Após a fala percebi uma concordância coletiva. (12) A pontuação se manteve como na aula de experimentação, 1 set –11 pontos, e que as disputas seriam melhores de três de sets com o objetivo de todos disputarem contra todos e que as partidas se encerrassem naquele dia no final de nossa aula.

Disse que nosso campeonato seria no formato de campeonato mesmo, todos e todas disputariam com todos e todas, sem final e o resultado seria a soma da pontuação de todos os terceiros tempos. Distribuí as súmulas aos primeiros quatro mediadores e os demais se organizaram seguindo as orientações de revezar entre as disputas com todas as duplas e se colocar como mediadores quando estiverem na espera.

As partidas se iniciaram e o segundo tempo se colocou bem aos moldes e características da aula anterior, mas com mais atenção e comprometimento por parte das duplas. Pude visualizar, pequenas conversas, sinais, meninos e meninas se relacionando de maneira discreta, mas tática, na tentativa de sucesso em suas disputas. Percebi ali que os coloquei em uma situação muitas vezes nunca vivenciada, menino jogar com a menina em duplas, pois em nossas aulas em equipes maiores para os outros esportes a relação entre se fazia diferente. Senti nesse formato de duplas mistas que todos e todas estavam em seus ensaios de aprender e aprender a conviver nessas três últimas aulas que trabalhamos em duplas. (20)

As partidas começaram a se encerrar e a demanda por apoio da mediação nos terceiros tempo foi grande, pediram apoio e auxílio de maneira intensa e como o grêmio estava presente, me auxiliaram neste momento, pois tínhamos quatro mesas com disputas.

Sempre me deslocando e observando o desenvolvimento da proposta da aula tentava me colocar sempre no terceiro tempo individual de cada disputa tentando levantar questões disparadoras aos mediadores que os levavam a pensar no respeito, cooperação e solidariedade de uma maneira menos superficial pois para eles e elas esse exercício de construção coletiva é nova comparadas a nossas aulas anteriores de educação física.

Um fato ocorrido nesta aula: nesta turma há um casal de irmãos gêmeos que em nosso sorteio para definir as duplas foram sorteados para estarem juntos, neste dia durante as disputas os irmãos se desentenderam, por questões pessoais e abandonaram suas disputas. Na

tentativa de resolver a situação não consegui que retornassem, sugeri que se dispusessem como mediadores, ele e ela aceitou e seguiram até o fim da aula nessa postura.

Nesta aula também recebemos uma aluna nova, matriculada naquele dia, tentei de maneira breve explicar para ela nossa unidade didática e a própria pediu para ser mediadora devido ser novata e não estar a par das aulas. Fiz uma breve explicação de tudo que havíamos realizado até ali. Ela, por vontade própria, permaneceu na mediação por toda a aula. Algumas vezes se recorria a mim para fazer perguntas sobre a lógica interna do tênis de mesa e relatava nunca ter vivenciado nenhum esporte de raquete.

Ao presenciar alguns momentos nos terceiros tempo, vi situações em que o mediador explanava as suas observações e muitos alunos meninos não concordavam com a visão deste. Alguns reclamavam do mediador, se retiravam do local e iam ao meu encontro.

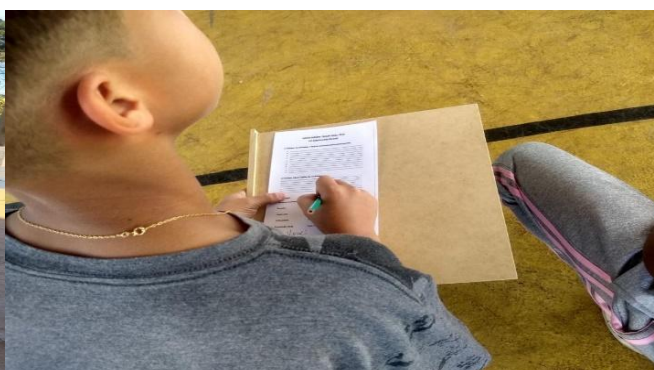
WM: “Professora, o mediador está roubando.”

Em relação a observação da postura das meninas como mediação era perceptível a insegurança, vergonha e timidez. Muitas delas anotavam as situações ocorridas no campo do segundo tempo, mas quando chegava o terceiro tempo pareciam se recolher e esconder a súmula para que os participantes das partidas não pudessem visualizar seus apontamentos. Não iniciavam e corriam até a mim pedindo para eu falar com as duplas e fazer o terceiro tempo. Cabe aqui uma análise de como as aulas anteriores, diretivas não desenvolveram competências para que os alunos e alunas pudessem ao menos relatar um fato presenciado.

Outra postura percebida sobre as meninas como mediadoras, muitas vezes em que terminavam a partida realizando o terceiro tempo, mas depois vieram me procurar no particular contando situações em que os meninos não agiram cooperativamente com suas parceiras, falaram palavrão e não respeitaram seus adversários. Mas pediram em sigilo para eu não explicar em grupo sobre o fato, pois os meninos poderiam se rebelar contra elas. Como solicitado por elas, alguns casos eu pude intervir em momentos seguintes, outros pensei em esperar e no fim da aula e falar de maneira geral. (36)

Mesmo não sendo o terceiro tempo satisfatório e esperado, pensando na metodologia *Callejera* em que todos e todas discutem, perceber as meninas desenvolvendo sua criticidade e analisando seu contexto em relação a igualdade de direitos foi para mim um “start” para que a metodologia propõe, algumas se colocando mais, outras menos e outras relatando atitudes negativas a mim. (13)

A aula transcorreu sem que os participantes durante o campeonato soubessem do resultado das outras duplas e por estarem dispersos em várias mesas pela quadra, não ficaram ansiosos pelos resultados e se quer ao menos perguntavam qual dupla estava na frente na pontuação. Pergunta essa que só foi realizada ao findar da aula, em que conferimos juntos se todas as duplas haviam jogado entre si. Talvez isso tenha ocorrido pela característica particular que o terceiro tempo da metodologia *Callejera* traz, característica da não certeza de seus resultados e desconhecimento do resultado do outro. De fato, uma surpresa.



Fonte: arquivo pessoal.

Reunimos em nossa roda final e fiz observações de como nosso campeonato se deu de forma produtiva e satisfatório, dentro do esperado e que algumas situações que ocorreram poderiam ser evitadas e melhoradas, mas que estávamos aprendendo com êxito a

organizar nossas próprias práticas, que além de adaptarem materiais para incluir os esportes de raquete na escola eles e elas estavam também sendo parte da construção do próprio ambiente de aula.

Pontuei: “Vocês puderam perceber que vocês foram os organizadores, os participantes, que realizaram um campeonato de maneira organizada e democrática sem juiz, construindo regras juntos, que não foi necessário separar meninos de meninas”.

Segui explicando as situações que apareceram com a mediação, mas que não foram observadas por alguns mediadores. Sobre a situação em que as meninas cujos parceiros não eram cooperativos, mas que se mantinham na frente da pontuação do segundo tempo, mesmo não participando efetivamente do jogo, no terceiro tempo as meninas não aceitavam o mediador relatar que não houve cooperação entre as duplas, que somente os meninos estavam participando efetivamente do jogo.

Para muitas das meninas, ganharem no resultado do segundo tempo já era suficiente mesmo que sua participação estivesse sendo anulada pelo parceiro de dupla. Esse fato foi dito por mim, como exemplo de um terceiro tempo não respeitado, não pontuado, e como ponto a ser pensando nas questões de gênero e atitudinais da aula, mas de forma geral a fim de não expor e não diminuir o interesse e desenvolvimento que eles e elas estavam experimentando em seus momentos de protagonistas. (14)

Caminhando para o fim da aula, após todas as duplas fazerem as suas oito partidas. O resultado não foi divulgado no fim da aula, pois era necessária uma análise atenta referente a somatória de todos os terceiros tempo. Este foi realizado após a aula, realizei o levantamento pelas súmulas. Com o resultado apurado fui à sala de aula após o intervalo para expor, onde escrevi em uma cartolina a pontuação de todos e todas, iniciando com o nome das meninas pelo fato relatado acima. Identifiquei a pontuação de todas as duplas e destaquei o primeiro, segundo e terceiro lugares. O resultado foi aceito por todos com entusiasmo e cordialidade entre os pares.

Ao analisar a aula de hoje em relação a aula de vivência sobre o tênis de mesa mesmo sendo um campeonato senti que a falta dos parceiros afetou no entusiasmo das meninas que ficaram sem par.

O objetivo proposto para a aula foi desenvolvido satisfatoriamente, os 21 alunos e alunas participantes agiram de maneira participativa e inclusiva visando suas questões

atitudinais. As partidas seguiram com a evolução dos movimentos básicos da referida modalidade e ainda com muitos traços de experimentação e de descoberta do tênis de mesa.



Fonte: arquivo pessoal.

Diários de Campo VIII - Aula 15 e 16

Diário de Campo VIII Aulas 15 e 16 (22/06/2022)

Horário: 13:00 às 14:30

Número de alunos matriculados: 32

Número de alunos faltosos: 06

Local: Quadra

Tema da aula: Campeonato *Callejero* de Tênis

Cheguei na sala para o início da aula e todos já se encontravam eufóricos para que o nosso campeonato de tênis em duplas acontecesse conforme nosso cronograma exposto no grupo de *WhatsApp* da turma. Ao iniciar a aula com a rotina, já percebi um certo incômodo, pois como na aula anterior, as faltas cotidianas afetariam nas duplas pré-estabelecidas e neste dia o mesmo ocorreu, muitas duplas desfalcadas.

A situação já era esperada por mim, já havia pensado em uma adaptação ou intervenção para realizar ajustes para novas duplas para esse dia. Pois, além das faltas temos o caso de nosso aluno DI (faltoso na aula anterior) e a fala da sua colega como citado em diário anterior.

Para tentar suprir estas questões pensei em sortear novamente as duplas se fosse da concordância da maioria dos estudantes, sendo que iríamos iniciar e finalizar na mesma aula os três tempos de acordo com a metodologia *Callejera*.

Assim, encaminhei com os alunos para quadra que já estava disposta com as 4 miniquadras, os cones dividindo as quadras e a linha de fundo onde escrevi a linha do saque em letras grandes. Nossa rede de elástico com tiras de sacolinha plástica amarradas aos postes da tabela de basquete estava como adaptação da rede oficial, na mesma forma como na aula experimental anterior de tênis. Coloquei dispostos os materiais semioficiais da escola e as raquetes produzidas por eles.

As bolinhas para esse dia foram de cor laranja (50% mais lenta), por conta do piso e das raquetes da escola serem de madeira, ou seja, com o objetivo de adequar a intensidade e proporcionar o sucesso na lógica interna nos minijogos. (21) O material foi adquirido por mim

sendo que sou bolsista e disponibilizei do recurso para suprir materiais que não havia na escola.

Utilizei também dos recursos da bolsa para adquirir materiais em aulas anteriores como: elásticos de 2 tamanhos diferentes, colas brancas em grande quantidade, os cabides de aço flexível, raquetes e volantes de badminton, bola de espuma para a prática do quimbol.

Como hábito e rotina, os alunos se colocaram no centro da quadra em roda, nessa aula percebi que eles já estavam preparados para o primeiro tempo e dispostos a otimizar o tempo que teríamos para o campeonato. Todos se organizaram rapidamente, fato esse que não ocorria frequentemente em aulas anteriores à nossa UD. Assim, percebi que o formato da metodologia *Callejera*, estava sendo apropriado pela maioria, estavam esperando iniciar para realizarmos os combinados.

Iniciei minha explanação colocando a situação das faltas dos colegas. Então, perguntei:” pessoal, para o campeonato de hoje nós iremos manter as duplas ou vocês acham mais justo mudar as duplas?” As respostas foram compartilhadas por todos e todas, afirmaram que deveríamos mudar, fato interessante que até as duplas que ficaram no primeiro, segundo e terceiro lugar no campeonato de tênis de Mesa concordaram na troca proposta.

Segui, perguntando a forma que deveríamos construir as novas duplas, e o sorteio foi mais uma vez proposto pelos discentes. Antes do sorteio, indaguei se alguém gostaria de participar somente como mediador e duas meninas levantaram a mão. Frente a seus colegas perguntei o porquê de elas não quererem participar como jogadoras e sim como mediação. Disseram que gostaram de ser mediadoras, que nunca haviam feito nada parecido, que se sentiram bem e importantes em ver as disputas e analisar as partidas. Perguntei se ocorreu algo durante as aulas que desagradou em relação à prática, e elas negaram qualquer exclusão, constrangimento ou desconforto em relação às aulas anteriores.

Realizamos o sorteio com os 18 participantes deste dia, nove meninos e nove meninas e assim, nove duplas se formaram.

A aluna novata que na aula anterior, no campeonato de tênis de mesa se dispôs a ser somente mediadora, neste dia pediu para participar:

MARISOL: “Professora, eu acabei de chegar na escola, mas eu vi na outra aula e queria participar, pode? Você me explica rapidinho o que eu tenho que fazer, se eu perder, não tem problema. Eu gostei, quero jogar também!”. (22)

E, solicitando particularmente instruções de como realizar a sua participação, expliquei brevemente o caminho da unidade didática até aquele momento e mesmo sem experiências prévias a aluna se dispôs a participar do campeonato. A referida teve muitas dúvidas quanto a lógica interna.

Para este dia além do sorteio o nosso primeiro tempo foi atrelado às questões de lógica interna mais aprofundadas após a aula de experimentação do tênis. Coloquei novamente para a visualização do grupo o nosso cartaz com os pilares e princípios *Callejeros* e nosso cartaz de construção de regras confeccionado com a fala e concordância do grupo na aula de experimentação. Pedi para todos analisarem e repensarem naquela aula e de fatos ou de questões que poderíamos acrescentar ou modificar.

As falas e regras propostas e acordadas pelo grupo foram as seguintes:

- ✓ Mantiveram as regras da aula anterior;
 - ✓ Combinaram converter a pontuação do game em 60, pensando na súmula e no relógio;
 - ✓ Disputa: melhor de 3 games, ou seja, 120X60 ou 120 X 0;
 - ✓ Colocaram respeito, cooperação e solidariedade no valor de 30 pontos;
 - ✓ Não valeria, saque avançado e somente o saque iniciando com um ping, pois muito ainda estavam aprendendo a rebater;
 - ✓ Não seria obrigatório cruzar o saque devido as miniquadras serem pequenas, pois era muito difícil e não havia demarcações no chão para visualizar;
 - ✓ Todas as duplas jogarão entre si, não haverá final;
 - ✓ Os primeiros lugares serão a somatória de todos os terceiros tempos de todas as duplas.
- (23)

Seguimos para o nosso segundo tempo, com a orientação de mantermos dois mediadores alternando entre os participantes que estariam esperando duplas e miniquadras para jogar. Ao caminhar sempre pela quadra e observando o desenvolvimento das partidas percebi momentos de trocas de raquetes nos jogos iniciais, como deixei todas as raquetes existentes na escola possíveis dispostas e disponíveis, visualizava vez ou outra alunos ou alunas trocando os implementos de madeira pela de papelão, as de madeira maiores, pelas de madeira menores até encontrarem o material que lhe adequavam e adaptavam melhor, que conseguiam mais êxito em suas rebatidas na competição. Fato esse muito corriqueiro com os meninos.

Para minha análise como professora da turma e observadora da aula foi visivelmente perceptível a apropriação da metodologia *Callejera* neste dia, os participantes

encerraram suas partidas e já recorriam ao mediador que tentava estabelecer seu papel mesmo com colocações discretas e simples, cada um com sua desenvoltura atitudinal, mas desenvolvendo a responsabilidade cabível à mediação. A dinâmica dos três tempos neste dia foi efetivada com sucesso, após quatros dias de experimentações, ou seja, oito aulas. (33)



Fonte: arquivo pessoal.

Com a metodologia *Callejera* ocorrendo em seus três tempos de maneira satisfatória em nossas quatro miniquadras, os pilares respeito, cooperação e solidariedade também se desenvolveram e sobressaíram nas posturas e atitudes dos participantes, trazendo para aquele ambiente o engajamento e nosso tão esperado protagonismo.

Nesta aula, após o início de nosso segundo tempo, a característica do protagonismo se deu logo, a minha intervenção como professora pouco se fez necessária. Se deu apenas para alguma organização de duplas que ainda não haviam disputado entre si. Passaram-se muitos e minutos sem que nenhum aluno ou aluna sequer recorresse a mim, poderia imaginar até me sentar, ou até me ausentar do local para ir ao banheiro, beber uma água. Os discentes se colocaram totalmente engajados e organizados em suas atitudes e práticas. Percebi também neste dia que poucos se recorriam aos meus cartazes expostos para auxiliar nas dúvidas. (15)

Neste ambiente calmo, tranquilo e acolhedor que se encontrava os 25 alunos e alunos dava para ouvir muito os lances da pontuação do tênis explanada, dentro, fora, game, o barulho das raquetes de madeiras, a fala das duplas entre si, sobre o saque ou pequenas tentativas táticas, em se posicionar melhor, o melhor local para devolver a bola etc.

Durante todo o campeonato se ouvia a pontuação do tênis pronunciada pelos próprios alunos e alunas em voz alta e isso não havia sido combinado no primeiro tempo, pude perceber dos educandos e das educandas que a lógica interna da modalidade estava sendo compreendida e as minipartidas transcorreram de forma dinâmica. Se reiniciaram sem meu auxílio ou do grêmio. (24)

Nessa observação contínua pude observar os discentes que se negaram a participar da aula observando atentamente as partidas como espectadores. Neste dia, seis alunos não participaram da aula, um menino e cinco meninas. Recorri novamente como em outras aulas as meninas que nunca participam da aula e não obtive nenhuma abertura.

Observando a mediação, percebo que o posicionamento dos que estavam no papel se aprofundou e foi mais crítico nesta aula, eles e elas analisaram mais profundamente e perceberam situações que envolviam combinados, respeito, solidariedade e cooperação que antes, que em aulas anteriores passavam por despercebidos. Houve um amadurecimento com o exercício da observação por eles e elas.

Neste dia, a mediação se atentou muito à cooperação entre as duplas mistas, se atentaram nas vezes que os meninos invadiram o espaço e parte da quadra onde as meninas se colocavam para rebater. Fato esse relatado por meninos e meninas na mediação. Fato também de muitas discussões no terceiro tempo. Algumas meninas que passaram por essa situação permaneceram ainda passivas para poderem manter o resultado do jogo dizendo que elas foram

respeitadas e que eles foram cooperativos, mas foram criticadas pelas duplas oponentes e os mediadores em algumas situações gritantes, alguns não pontuaram no terceiro tempo. (16)

Percebi após algumas atitudes das meninas, que após as aulas de experimentação com a metodologia *Callejera* em relação às aulas com o Campeonato *Callejero* as observações, discussões e críticas em relação a participação e direitos das meninas foram melhor desenvolvidas nas aulas de experimentação, quando coloquei o foco no Campeonato as meninas se anularam a fim de manter um resultado positivo de sua dupla. (33)

Segui, e percebendo que o tempo para concluir a aula não iria ser suficiente recorri a professora de história que entendeu a situação e disponibilizou parte de sua aula para finalizarmos.

No segundo tempo também tivemos uma falha, em um jogo pela grande dinâmica e demanda do campeonato esqueceram do mediador, tive que alertá-los. Assim, reiniciaram, combinaram as regras, zeramos o placar e posicionamos um mediador.

O clima de engajamento entre os estudantes era notável, percebê-los conduzindo sua própria prática em nossa última aula de experimentação proposta pela UD me trouxe alívio e análises diferentes em relação à minha conduta metodológica profissional e na relação professor e aluno. Sem dúvidas, um filme de inúmeras aulas passadas veio a minha memória. (34)

Todos os alunos e alunas neste dia, desempenharam e realizaram o exercício da mediação e chegamos ao final das partidas, no total cada dupla realizou oito partidas e nossa aula neste dia se estendeu para além do programado e utilizamos 25 minutos da aula de história.

Não houve especulações sobre o andamento dos resultados dos parceiros, como ocorreu no tênis de mesa devido ao 3º tempo ter uma característica peculiar na maneira de pontuar, para todos e todas o resultado seria uma surpresa.

Ao findar do campeonato, e mesmo sem saber quem seria os primeiros lugares, reuni novamente a turma no centro da quadra e disse a eles e elas que iria fazer a somatória da pontuação e logo após o intervalo eu levaria na sala de aula. Não tivemos nenhum imprevisto como indagações e problemas como a não aceitação do resultado, mesmo com alguns descontos no 3º tempo.

Faltando um tempo para finalizar a aula, uma menina participante passou mal, ela possui problemas de fobia social, pânico, depressão e teve que se retirar pois disse estar em



crise e com falta de ar. O seu parceiro desfalcado recorreu até mim. Para tentar resolver o problema coloquei uma menina super participativa para competir junto a ele enquanto estivesse de fora, esta menina substituta é uma menina muito ativa e participativa nas aulas em todos os temas e conteúdos propostos desde o início do ano. Por isso utilizei o nome dos meninos para conferir a pontuação dos jogos e vermos o vencedor.

Para finalizar a aula, no centro de nossa quadra falei à turma algumas observações em relação a posturas percebidas por mim e por alguns mediadores. Parabenizei a todos pelo empenho e pelo desenvolvimento participativo deste dia que transcorreu de forma dinâmica e que conseguimos realizar o proposto. Não houve pausas e interrupções pelos participantes, foi uma aula longa, extensa e intensa, alunos e alunas proativos em atividades o tempo todo, ao total 01h55min de aula.

Posicionamos para uma foto final com toda a turma, com nossas raquetes e terminamos nosso momento da quadra e nosso proposto Campeonato *Callejero*.

Foi orientado a todos e todas novamente, o preenchimento do portfólio. O grêmio estudantil também se encontrava na aula, como de costume na organização dos espaços, dos materiais, nas miniquadras e me auxiliando na organização.



Resultado
Tênis Callejero

Isadora: 165 + 165 + 165 + 165 + 165 + 165	Julyeli: 165 + 165 +
Sabela: 165 +	Raphaella: 165 +
Miosly: 60 + 165 + 165 + 165 + 165	Patrícia: 165 + 165 + 165
Marilly: 60 + 165 + 165 + 165 + 165	Naayle: 165 + 165 + 165 + 165 + 165 + 165 + 165
Aluanda: 165 + 165 + 165 + 165 +	

Fonte: arquivo pessoal.

Diários de Campo IX - Aula 17 e 18

Diário de Campo IX

Aula 17 e 18 (28/06/2022)

Horário: 13:00 às 14:30

Número de alunos matriculados: 32

Número de alunos faltosos: 08

Local: Quadra

Tema da aula: Júri Simulado: "Os esportes de raquetes nas escolas públicas Brasileiras"

Ao adentrar a sala para iniciar mais uma aula planejada, um aluno me fez a seguinte indagação:

JV: “Professora, é hoje que iremos ter o teatro?”

Achei graça na comparação e ao mesmo tempo concordei com a fala dele, já que seria realmente uma simulação. Disse que sim, que o nome correto seria Júri Simulado, que iria explicar como tudo iria proceder.

Iniciei a aula, escrevendo em letras grandes na lousa: Júri Simulado e expliquei do que se tratava, da simulação de um Júri como é feito na Justiça, nos Fóruns. Disse que seria como, um julgamento de algum fato ou de alguém, que teríamos como o Réu: Os esportes de raquetes nas escolas públicas Brasileiras. E que assim, teríamos um grupo para a Defesa e outro para a Acusação e que eu, professora, faria o papel de Juíza. Explanei, que a função da Juíza era ser responsável pelo andamento e organização do júri, realizando intervenções necessárias para que tudo ocorresse de forma adequada e, de quem estipula a pena.

Os Jurados seriam duas alunas gremistas convidadas (alunas do ensino médio que já estavam presentes em outras aulas com função de gremistas), seriam responsáveis por analisar os fatos e argumentos expostos e, ao final, dar o veredicto (Culpado? Inocente? Vencedor?)

Solicitei que acusação e defesa deveriam eleger seu representante advogado/a com base em alguém capaz de expor argumentos coerentes e as ideias compartilhadas por todos do grupo, assim como as provas e apresentação das testemunhas, caso houvesse. Sobre as

testemunhas, expliquei que estes relatariam fatos ocorridos, relatos de experiências, momentos observados. Reforçando assim, os argumentos de defesa ou acusação no caso em questão.

Finalizando a explicação de como a atividade iria se desenvolver, lembrei todas nossas aulas trilhadas até aqui. Junto a eles fui indagando e perguntando sobre aula por aula que tivemos até aquele presente momento, grande parte dos alunos e alunas participaram oralmente desse momento de resgate do tema. Resgatamos muitas reflexões e momentos vivenciados. E pedi assim, muita atenção, pois, diante de todas as nossas aulas anteriores poderíamos levantar vários argumentos.

Parti para apresentação de um vídeo curto, com o objetivo de fomentar, retomar, ilustrar, e aprofundar o conhecimento dos alunos antes de irmos para a quadra. Coloquei na televisão da sala de aula um vídeo do *youtube* de um canal de esportes de nome Ativo 5, onde através de pequenos trechos eram demonstrados os esportes de raquete como: *360 ball*, *badminton*, frescobol, padel, squash, tênis de mesa, *speedball*, single match, tênis e *beach* tênis. Apresentados em sua forma oficial e de competição, em seus locais oficiais de prática além de seus implementos adequados. O vídeo se encontra disponível no link: <https://youtu.be/rNbBiAL4a6Q>. O vídeo foi apreciado com muita atenção e apreensão, pois havia novidades para eles como o *360 ball*, frescobol, Padel, Squash, *Speedball* e Single match não vistos, nem citados em aulas anteriores. No momento do tênis a marca Mercedes apareceu como um dos patrocinadores, nosso aluno relatado e laudado com DI exclamou:

“Professora, lembrei da aula que teve as marcas! Aí o símbolo da Mercedes”.

Eu disse: “Isso mesmo, se começarem a acompanhar o tênis pela mídia e TV poderão entender muitas das coisas que conversamos sobre esses esportes”. (25)

Continuando com a proposta, deixei claro que os grupos seriam para simular, que a proposta não queria confirmar que os participantes que se encontravam na defesa ou acusação realmente acreditavam e concordavam totalmente no contra ou no pró. O objetivo era argumentar através de pontos positivos e negativos sobre os esportes de raquete nas escolas públicas e que o grupo que trouxesse mais argumentos, fatos convincentes iriam ganhar o Júri, ou seja, quem estava na defesa podia ver pontos negativos, assim como quem estava na acusação também poderia concordar na inclusão destes esportes no ambiente escolar na realidade.

Propus que cada um se manifestasse voluntariamente, se seria acusação ou defesa. E tivemos 12 votos (8 meninas e 4 meninos) que optaram pela defesa, 11 votos (5

meninas e 6 meninos) optaram pela acusação. Um número equilibrado para os 23 alunos presentes. O primeiro menino a se colocar no grupo acusação disse:

ALY: “Professora eu quero ser acusação, mas eu gosto viu professora, e não quer dizer que sua aula foi ruim, é que eu tenho umas ideias!” (17)

Neste dia todos se dispuseram a participar da atividade. As alunas que não têm o hábito de fazer as aulas, não estavam presentes.

Segui com a sala para a quadra e orientei para que levassem suas cadeiras e que um(a) integrante de cada grupo levasse seu caderno para anotar os argumentos definidos pelo grupo com as anotações importantes. Todos e todas subiram, colocaram suas cadeiras nas sombras da quadra que havia naquela tarde em formato de roda e começaram a preparação para o júri.

Na quadra, autorizei caso houvesse necessidade uso dos aparelhos celulares, para o auxílio e busca por argumentos e coloquei a disposição da sala o WIFI liberado do meu celular junto a minha senha pessoal. Aloquei o celular entre os dois grupos caso alguém não tivesse internet para pesquisar, devido a escola não oferecer *wifi* no momento por questões relatadas no primeiro diário de campo.

Me dirigi a cada grupo, realizei uma explicação sobre a réplica e a tréplica bem simplificada a fim de entenderem como seria no momento do Júri. O tempo destinado para preparação dos argumentos e escolha dos advogados, testemunhas foi de 30 minutos, combinei 2 minutos para a colocarem seus argumentos, 1 minuto para a réplica e para a tréplica. Segui, observando a turma uma vez que o nosso pequeno cenário para o júri já estava preparado antecipadamente, com a ajuda de 2 alunas gremistas que seriam o júri (já citadas anteriormente).

As discussões entre os membros tanto da acusação quanto defesa demoraram para iniciar, tive que intervir pois, estavam dispersos pareciam não saber os primeiros passos, orientei novamente cada grupo para que lembrassem de algo que ocorreu e colocasse a opinião deles, lembrassem dos vídeos que visualizamos e relacionasse com o que estávamos realmente vivendo em nossas aulas. Começaram de maneira discreta. Situação esperada por mim.

A primeira preocupação dos dois grupos foi achar o responsável pelo papel de advogado(a). Na acusação elegeram por votos e um menino venceu. Havia uma menina responsável por anotar os argumentos que logo foram aparecendo. Neste grupo a participação foi bem ativa e parecia que todos compartilhavam dos argumentos quando eles eram colocados,

dava para ouvir muito “É verdade... É mesmo... aconteceu comigo”. Este grupo pareceu estar muito organizado, e utilizou os seus celulares para pesquisa. Houve pequenas, mas diferentes participações dos membros. Passando pelo grupo, ouvi os argumentos voltados aos materiais e algumas falas que se refiram a lógica externa como “governo e escola”. Lembrei a eles e elas que poderiam apresentar testemunhas para relatar vivências ou situações levantadas.

Em sua construção um menino do grupo de acusação me perguntou:

LP: “Professora é para gente pensar só na nossa escola ou nas escolas públicas do Brasil?”

Eu respondi: “Em todas, do Brasil!” E observando este grupo pude registrar as falas abaixo (Acusação):

“A gente pode falar dos perigos da raquete, dos óculos lembra...”

“Nossa escola é pública e pobre...”

“Por nossa escola ser pública, o material é de baixa qualidade...”

“Quebrei a raquete de madeira no campeonato de tênis”

“Alguém já foi ver se a raquete de tênis é cara mesmo?”

“Deve ser uns 300 contos, pesquisa aí no celular...”

“Estimativa de 400 conto”

“Presta atenção, mas eles vão falar que dá pra fazer como a gente fez o material que a professora ensinou...”

“Eles vão jogar esse argumento, a gente já tem que pensar para responder...”

“Ah, a gente fez a raquete e não a bolinha...”

“A gente tem que pensar, que a gente tem que entrar na mente dos caras, dos inimigos!”

Uma menina seguiu dizendo: “É adversário e não inimigo!” (fala essa que refletiu uma aula que tive com a sala no início do nosso ano escolar, mas muito pertinente para a situação que estávamos vivendo.)

“É, vamos imaginar o que eles vão falar...”

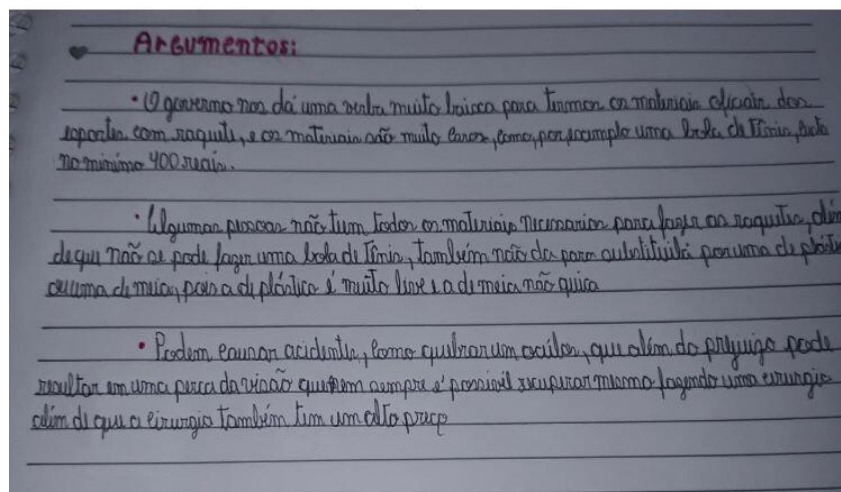
“Quando falarem dos óculos dela, eles vão falar de lente de contato para jogar...”

“Vamos pesquisar agora para falar do tênis de mesa, veja aí quanto custa...”

“Nossa já sei, coloca que não tem equipamento para deficientes, é assim que fala né professora?! Deficientes...” (observação aqui também para uma aula realizada no 1º bimestre

sobre o voleibol sentado em que falamos sobre os tipos de deficiências, a maneira correta a utilizar o termo além de praticarmos)

“É, mesmo! Deficientes podem ter dificuldades, como eles podem jogar, e se em nossa turma tivesse algum aluno deficiente...” (26)



Fonte: arquivo pessoal.

Voltando agora às observações para o grupo da defesa, uma aluna se auto elegeu a advogada, sem votação, mas foi aceita pelo grupo. Neste, a participação por conta de três meninos não foi tão positiva assim, por questões de afinidade o grupo parecia estar subdividido, pois o grupo de meninas mais atuantes não compartilhou com todos e todas suas ideias, não ouviram uns aos outros em sua totalidade, demoraram para anotar e pontuar seus argumentos. Passando por esse grupo e perguntando se estavam precisando de ajuda na organização, disseram que estava tudo bem. Senti que estavam confiantes por estarem na defesa, por terem acabado de ter aulas práticas dias atrás, mas não os ouvia pontuar fatos, argumentos, relatos,

justificativas e as anotações também estavam vagas. Também lembrei a eles e elas que poderia haver testemunhas.

Passado algum tempo, voltei ao grupo e percebi que estavam tentando redigir uma carta para lerem, ficaram preocupados em utilizar vocabulários voltados ao mundo jurídico com famoso "meritíssimo juiz", atrelaram suas falas aos pilares da metodologia *Callejera* para basear o texto, lembraram muito do respeito, da inclusão, companheirismo, cooperação e solidariedade. Porém, apesar dos esforços por algumas meninas, o texto não foi redigido e o grupo não conseguiu colocar no papel suas ideias e discussões.

Algumas das poucas falas que pude registrar no grupo defesa em sua organização:

Uma menina disse:

NIK: "aumentar os esportes na escola, ter mais coisas diferentes para fazer nas aulas de educação física",

ANNINHA: "Isso mesmo para não continuar nos tradicionais" (27)

JUJU: "Professora aprendizado é quando já aprendeu?"

Os 30 minutos acordados se passaram, coloquei um TNT preto por cima de minha vestimenta a fim de ilustrar uma roupa de juiz e levei terninhos com gravata para os(as) advogados(as) se caracterizarem. Pedi para que os representantes advogados colocassem a vestimenta e a sala para que dispusessem de suas cadeiras de maneira a organizar e simular o local do júri.

Iniciamos com o juramento e realizei um sorteio para quem iniciaria a primeira explanação. Expliquei como tudo iria ocorrer e as questões sobre réplica e tréplica, que os advogados(as) poderiam receber dicas do seu grupo para responder e formular argumentos. Utilizei um celular como cronômetro para controle do tempo de fala e um macete de feijão da merenda escolar para ser a representação do martelo. Realizei a abertura do júri com uma explanação de tema, dia a data e realizamos o famoso juramento: "Jura falar a verdade, somente a verdade, e nada a mais que a verdade!?".

Assim, iniciamos pela defesa colocando seus argumentos:

A advogada de defesa: "Nós viemos defender os esportes de raquete na escola pública... e houve um grande nervosismo e um engasgo. Auxiliei para que a aluna prosseguisse e pudesse se acalmar, mas a aluna se perdeu e não estava de posse de anotações para que auxiliasse e pudesse prosseguir.

Repetiu: “Nós viemos defender os esportes de raquete na escola pública e o acesso de todo mundo, porque com a ajuda de todo mundo, o aprendizado, porque muitos se tornaram solidários” e novamente se perdeu em sua fala.

Tentei acalmá-la, o tempo destinado de 2 minutos se passou em meio a palavras soltas que representavam insegurança e nervosismo em que a advogada de defesa se encontrava, não conseguindo colocar em pauta de maneira clara o que planejou em meio a tentativas e repetições, mesmo recorrendo a seu grupo.

Logo seguimos com a fala da acusação:

O advogado de acusação: "Você falou sobre solidariedade uns com os outros, mas nem todas as pessoas foram solidárias, teve desconto nas partidas, vocês não lembram (18). E vocês não trouxeram provas, nenhuma testemunha, nada!"

A advogada se recorreu a seu grupo e usou de seu tempo para a seguinte resposta: “Olha concordo que não teve solidariedade por todos, mas pela maioria e teve variações de esportes na escola, teve melhorias em nossa aula de educação física.”



Fonte: arquivo pessoal.

Passamos para os argumentos realizados pelo advogado de acusação: “Sobre o ensinamento dos esportes de raquete, até que foi bom, mas aconteceu algumas perdas como os óculos da NIK, ela quebrou com a raquete. Outra coisa é sobre o preço dos materiais, e só nossa sala fez as raquetes, as outras não fizeram. E tem mais, e os alunos das outras escolas que não tiveram essa aula de aprender a fazer e se virar quando não tem!? Tem também a bolinha de tênis que nós não fizemos, a professora que arrumou e isso não é uma coisa tão boa, se não tiver bolinha que pinga certo como vamos jogar!? ...é sobre isso aí o custo disso tudo. Uma raquete custa 400 reais e uma bolinha 20, nós vimos na internet!”

Fala da advogada de defesa: “Foi acidente, ela mesmo disse que a culpa foi dela, ela que deu uma raquetada nela mesma e dos materiais, não precisa comprar podem ser construídos com reciclável, como nós fizemos três tipos de raquete e aprendemos que pode usar outros tipos de bolas.”

Fala do advogado de acusação: “Você disse que foi um acidente, já imaginou se bate na lente e estoura no olho dela, perigoso, e isso não foi solidário de sua parte dizer que a culpa foi dela, seu grupo está sendo egoísta, nas aulas a solidariedade valia ponto, vocês não aprenderam?! E outra coisa não tem como fazer bolinha de tênis que pinga certo, que dá para jogar direito, tem que comprar, é difícil fazer bolinha de tênis com garrafa pet e reciclável, a de tênis de mesa tem do desodorante, mas de tênis não fica igual. E, tem o governo ainda que manda livro, borracha, merenda e kit escolar, ele não manda nem dinheiro, nem material para os esportes com raquete, tem escola que nem bola de vôlei tem!”

Houve um intervalo para que as testemunhas se organizassem para sua apresentação. Seguimos ouvindo as testemunhas de Defesa:

Testemunha de defesa 1: “Vim falar que discordo plenamente do que o senhor advogado falou, sobre as pessoas não terem dinheiro para comprar os materiais, a gente pode fazer campanhas arrecadando o dinheiro para ajudar a escola na compra dos materiais. Sobre a bolinha, podemos usar a de desodorante para o tênis de mesa (28). E sobre o acontecido dos óculos foi realmente um acidente e ela já providenciou o conserto.

Testemunha de acusação 1; “A colega NIK teve um problema, teve que pagar e poderia ocasionar em uma perda de visão dela, quanto à bolinha, a bolinha de tênis não conseguimos produzi-la para ficar boa e jogar direito”.

Testemunha de defesa 2: “Dá sim para fazer com bolinha de plástico, de jogar bets, bolinhas de meia, bolinhas de borracha de criança, aquelas de 1,99.

Testemunha de acusação 2: “Primeiro a bolinha de meia não pinga no chão e outra no campeonato de tênis eu estava jogando com a raquete de madeira da escola e ela quebrou na minha mão, não caiu no chão, eu não fiz nada de errado, ele é fraca e rachou no meio. Todo mundo viu!”

Após todas as pautas, explicações, réplicas e tréplicas me retirei junto as duas alunas gremistas que tinham o papel de júri, e perguntei o que elas achavam e qual grupo trouxe mais argumentos e se posicionou melhor.

Alunas gremistas: “Professora a acusação falou mais certinho” ... “sabe porque professora, porque eles falaram coisas que aconteceram, trouxeram testemunhas, tinham uma lista de coisas para falar, além de tudo que a defesa falava e eles sabiam responder de volta”. “A defesa só ficava falando que é bom e não mostrava porque era bom”. “Nossa professora, mas agora a acusação não podia ganhar, a sala vai pensar que não é mais para ter jogos de raquete na escola.”

Respondi para as meninas que elas tinham razão, que ficou claro que o grupo da acusação se saiu melhor por tudo que elas haviam argumentado e se empenharam mais em achar preços, vivências das aulas, segurança dos colegas, lembraram dos pilares *Callejero* quando falaram sobre a solidariedade e ainda falaram dos colegas da escola e de outras escolas, da visão que tinham sobre o que o governo oferecia para as escolas públicas. Quem venceu foi mesmo a acusação, e que era um júri simulado para levantar as impressões dos alunos e o que eles aprenderam de fato, que não iria extinguir os esportes de raquete que haviam acabado de chegar em nossas aulas e sim ao contrário, melhorá-lo.

Enquanto os alunos aguardavam em seus lugares, voltamos ao cenário e disse:

“Diante de todos os fatos, testemunhas e argumentos colocados venceu o grupo acusação! E todos da acusação festejaram e bateram palmas, o grupo da defesa seguiu quietos e cabisbaixos. Para retirar a simulação de cena e deixar claro o porquê de nossa atividade, intervirei rapidamente para que a proposta não se transformasse no ganhar e perder. Retomei que foi devido ao grupo ter trazido muitos fatos e argumentos que que saíram melhor. Tivemos pontos positivos e negativos em nossas aulas e vocês contaram tudo isso aqui, venceu quem soube trazer mais suas lembranças. Falei para a defesa fatos que eles poderiam ter falado e não falaram, por exemplo de quase todos ali presentes nunca terem jogado nenhum desses esportes e conheceram na escola, muitos não haviam tocado ou manipulado em nenhum tipo de raquete e alguns nunca nem ouviram falar sobre esses esportes.

Parabenizei a todos pelo empenho, organização e participação, pela atenção nas falas e nas simulações no Júri, sem dúvidas tivemos pequenas discussões da lógica externa dos esportes de rede e parede com implementos, de maneira discreta devido ao perfil e ano escolar dos discentes além da nova metodologia proposta para a aula.

Perguntei a todos se já haviam feito uma aula parecida com essa e disseram que nunca. Um aluno disse:

GRANDÃO: “Nem sabia que com o juiz de verdade era tipo assim.” outro seguiu:

WM: "Dá nervoso professora!"

A representante advogada de defesa veio se desculpar por não ter conseguido falar corretamente, os colegas e eu a acolhemos dizendo estar tudo bem, pois era uma experiência nova para todos, inclusive para mim como educadora.

Em seguida o sinal tocou e pedi para que os alunos colocassem a aula de hoje no portfólio. Percebi grupos de alunos comentando a aula e as situações que foram vivenciadas.

Analisando o grande número de argumentos e as limitações levantados sobre nossas aulas pela Acusação, ficou claro, visando meu contexto e realidade escolar, que o objetivo dos Esportes para Conhecer nesta unidade escolar estava sendo alcançado. A unidade didática proposta não traria os Esportes para Praticar de acordo com as atividades desenvolvidas e o ambiente e materiais disponíveis, mesmo porque não há estrutura para que a prática desses esportes fosse uma realidade pensando no aprimoramento técnico e tático. Pelo menos, por enquanto. Constatei que, mesmo participando ativamente das seis aulas com caráter procedimental, em que experimentamos e vivenciamos a lógica interna dos jogos com base no ensino comum, as questões externas foram mais evidenciadas e lembradas por eles e elas nos momentos de argumentar. Isso se deve ao fato de que os alunos e alunas só tivessem contato com os Esportes em questão somente a partir desse projeto. (29)

O tempo médio destinado para esta aula foi de 30 minutos para orientações, problematização e preparação, 30 minutos para os grupos construírem e discutirem seus argumentos e 30 minutos para o júri simulado. Durante toda a proposta os alunos e alunas se mantiveram na aula de maneira participativa, não houve desistência e nenhum problema de questões atitudinais que pudessem atrapalhar o andamento da atividade.



Fonte: arquivo pessoal.

Diários de Campo X - Aula 19 e 20

Diário de Campo X

Aula 19 e 20 (28/06/2022)

Horário: 13:00 às 14:30

Número de alunos matriculados: 32

Número de alunos faltosos: 08

Local: Quadra

Tema da aula: Feira de Intervenção / Oficinas de Integração- Evento de Culminância

Alunos convidados: 7º ano B (nº de alunos presentes: 25)

Chegando na sala para o início das aulas encontrei todos e todas eufóricos. Inseguros, perguntando com ansiedade sobre as turmas com quem eles e elas iriam fazer a intervenção da oficina e das miniquadras. Expliquei que a direção havia autorizado somente uma única sala por conta da rotina escolar e pela prova que os discentes estavam realizando nesta semana, chamada de Sequência Digital, situada na plataforma CAED/SED (Secretaria Escolar Digital).

Pelo planejamento inicial da Unidade Didática neste dia, a aula de intervenção seria realizada com todas as salas do 7º ano (3 salas) e 6º ano (3 salas), mas pelo motivo explicado não foi possível a pedido da Direção. Disse a situação aos meus colegas professores que já havia programado antecipadamente um horário para cada sala e reformulei as estratégias para que esse dia acontecesse sem interferir na rotina escolar.

Passei assim, a orientação a todos e todas na lousa, onde desenhei o formato em que nossa quadra estaria disposta para esse dia. Iniciei com a indagação: “Vocês lembram de nossa aula onde realizamos as quatro estações com o rodízio das quatro modalidades?” Rapidamente a maioria respondeu “sim”, e segui dizendo que os alunos convidados iriam fazer o mesmo e que o tempo destinado a cada estação estaria atrelado com a estação da confecção dos palmares. Somente com a finalização de todos os palmares poderíamos trocar as atividades dos alunos e alunas convidados.

Assim, voluntariamente pedi para se colocarem em alguma das 3 estações: confecção do palmar (com mesas unidas e todo o material necessário disposto), tênis de mesa

(com 2 mesas semi oficiais dispostas, recém-chegadas à escola) ou no tênis (com 3 mini quadras dispostas e adaptadas).

Tivemos a divisão das equipes de tarefas da seguinte maneira: Confeção do Palmar: 8 alunos/alunas, Tênis de Mesa: 6 alunos/alunas, Tênis: 7 alunos/alunas. As duas alunas citadas nos relatórios devido a não participar nas aulas não se manifestaram e ao indagar diretamente a elas em que estação elas gostariam de estar, elas responderam que não iriam participar sem nenhuma justificativa plausível.

Segui a aula, lembrando a todos e todas que essa seria nossa última aula da Unidade Didática e que o objetivo seria avaliação final, em que todo nosso processo de aprendizado seria revisto, analisado e colocado em prática com o objetivo de repassar e compartilhar o conhecimento adquirido aos nossos colegas da escola.

Uma aluna disse:

ELI: “Professora eu estou nervosa, eu nunca fiz isso antes” ...outra menina seguiu dizendo:

ANINHA “Que vergonha professora”.

Senti que essa experiência causava um desconforto inicial, mas demonstraram estar dispostos a realizar e a enfrentar as circunstâncias que estavam por vir. Em nenhum momento algum aluno ou aluna se colocou contrário à proposta e/ou pediu para mudar a atividade programada para este dia, ou seja, acataram a proposta como um desafio. (19)

Um destaque foi que, saindo para a quadra uma das alunas citadas acima perguntou se eles deveriam ensinar da maneira “*Callejera*, de rua professora”, (eu realmente não havia falado sobre isso) eu coloquei que não tínhamos tempo hábil para desenvolvermos o jogo “*Callejero*” com a turma convidada e que hoje o objetivo seria conhecimento e experimentação das modalidades. Enfatizei também que o objetivo não era competição.

Partimos para a quadra, com a orientação de adequar e organizar o local e espaço seguindo as orientações realizadas em sala de aula. Chegando, os alunos e alunas se colocaram dispostos a ajudar na organização e todos se encaminharam a suas estações combinadas, sem que houvesse a necessidade de direcionamentos diretivos por minha parte.

E lá estava, nosso elástico com as sacolinhas amarradas, os cones maiores e menores, o giz branco, 3 mesas do refeitório com o material dos palmares, as duas mesas de tênis de mesa(20) com rodo para fixarem as redinhas, pois estavam quebradas), as raquetes construídas por eles expostas para os alunos convidados visualizarem, as raquetes de madeira

da escola, as bolinhas de baixa intensidade, as raquetes de tênis de mesa de EVA da escola, os volantes, os volantes feitos de rolhas de vinho e canudinhos, as bolinhas de tênis de mesa, as bolinhas de desodorante *roll-on* e um painel feito em TNT que nos seguiu durante a unidade didática com as 4 modalidades representadas por figuras e seus respectivos nomes. Tudo disposto para que a sala pudesse adequar e ajudassem na organização e preparação das estações no local.

Enquanto a organização do local ocorria, da quadra me desloquei até o 7 ano B, me apresentei e disse a eles e elas que estavam convidados a participar de uma aula de Educação Física sobre esportes que utilizam raquetes e que os alunos do 8 ano C iriam compartilhar com eles e elas um pouco do que haviam aprendido em nossas aulas de Educação Física.

Explanei que para a realização da aula eles e elas iriam se dividir em 3 grupos aleatórios e que ao meu sinal, iriam mudar de atividade e de local na quadra. Que o objetivo da atividade era conhecer e experimentar formas de praticar os esportes de raquete, com possibilidades de realizar o esporte dentro e fora do ambiente escolar. Expliquei que eles iriam construir um palmar que poderia ser uma opção para o conhecer, o brincar e para o lazer dos referidos esportes e que todos poderiam levar para casa.

Para finalizar minha introdução da aula e ilustrar indaguei a sala; “Quem aqui já jogou esportes com raquete?” Dois alunos levantaram a mão e responderam: “ping-pong”. Segui, dizendo que iriam conhecer um pouco do Tênis e do Tênis de mesa.

Segui com a turma convidada para a quadra, chegando avistei as estações totalmente organizadas pelos alunos e alunas do 8 ano, até o material da construção do palmar, papelões, as colas, tesouras e fitas estavam a postos totalmente organizados para utilização imediata. Confesso que neste momento, senti segurança no que estava por vir.

Rapidamente, organizei dividindo os 3 grupos do 7 ano com a média de 8 participantes, dirigindo-os aos responsáveis do 8 ano pelas respectivas estações. Houve uma grande movimentação inicial, grande deslocamento e um pequeno tumulto, na tentativa de se organizarem.

Deixei o comando da aula de lado e aguardei observando se as atividades iriam se iniciar e se os alunos e alunas do 8 ano se colocariam de forma protagonista na atividade proposta. Me dispus a caminhar nas laterais da quadra, sempre observando e atenta a possíveis problemas, imprevistos, se os alunos e alunas convidados não estavam ficando dispersos sem realizar a proposta, sem orientações ou excluídos e até mesmo em verificar se as orientações

realizadas estavam sendo pertinentes a tudo o que havíamos construído no decorrer da Unidade Didática.

Foram 5 minutos iniciais de muita atenção e apreensão por minha parte, pois nunca havia proposto em minhas aulas esse tipo de metodologia. Tive que me controlar em não interferir diretamente na aula, em não tomar de volta o “comando” e deixar que o 8º ano fruísse e protagonizasse a intervenção.

O tempo passou e os alunos e alunas se atentaram nas suas atividades, todos alunos e alunas convidados sem exceção estavam participando. (21)

Percebi um aluno do 8º ano (com relatório/laudo de Deficiência Intelectual), já citado em relatórios anteriores vagando com uma raquete de madeira na mão perto de sua estação. Naquele momento pude identificar que, para ele aquele tipo de atividade causava um certo desconforto, por se expor, pela sua timidez, por requerer atitudes que não faziam parte do seu cotidiano. Me aproximei dele, e a seguir pedi para que seu colega de estação (Tênis) o chamasse para ficarem juntos para auxiliarem os convidados e convidadas, de maneira discreta a fim de não expor o aluno em questão.

Voltando a olhar as duas alunas citadas por não participarem, elas seguiram a mesma postura por todo o decorrer da aula; ficaram sentadas em um banco que havia na quadra conversando sobre assuntos aleatórios que não condizem com a aula.

Continuei a observação da turma em geral, logo uma aluna veio ao meu encontro; “Professora onde está o cartaz da pontuação do Tênis aquele que utilizamos em nossas aulas, você pode trazer para a gente colocar ali perto do gol, para os alunos do 7 ano entenderem melhor?”

Corri na sala dos professores onde estava o cartaz, o peguei e já voltei com uma fita adesiva para auxiliá-los. Achei relevante este pedido da aluna, pela preocupação e responsabilidade em repassar de maneira correta e dispor de uma atenção com qualidade para com os alunos e alunas convidados.(22)

O tempo passou e a primeira turma de construção do palmar foi finalizada com sucesso e assim com o apito de sinal sonoro solicitei a troca das estações. Todos se organizaram com maior facilidade e com mais rapidez dessa vez.



Fonte: arquivo pessoal.

Observando o ambiente em que encontrávamos, com o total de 48 alunos/alunas em atividade, percebi naquele momento uma situação nunca encontrada em experiências e propostas anteriores; mesmo com um número grande de alunos e alunas na quadra sem orientações diretivas de professores, e sim com colegas da escola, o ambiente estava agradável, calmo e acolhedor. A participação e as relações atitudinais estavam sendo desenvolvidas e respeitadas. E efetivamente o conhecimento estava sendo compartilhado como proposto.

Em nenhum momento percebi momentos de exclusão das atividades ou segregação, também pude identificar que não se colocaram de maneira competitiva na prática das atividades. (35)

Como educadora, pude fazer relação desse momento relacionado com as antigas ruas de lazer que havia em minha época e que participei em aulas da graduação.

Logo, a segunda turma finalizou seu palmar e trocamos a estação pela última vez. Assim como em nossa aula de oficina de construção das raquetes alternativas, os alunos e alunas convidados também ficaram satisfeitos em ter um implemento que poderiam rebater tanto no tênis de mesa quanto no tênis. Também foi proposto a eles experimentarem o objeto confeccionado além do oferecido pela escola.

Pude verificar que muitos optaram por jogar o tênis de mesa com os palmares. Logo um aluno convidado veio até mim, e disse:

"Professora, que legal, posso levar para minha casa mesmo?... vou fazer um para o meu irmão, para jogarmos juntos!". (30) Percebi nesta fala mais um ponto positivo em relação a aula proposta.

Seguindo minha observação caminhando pelas laterais da quadra, verifiquei como estava essa transferência do conhecimento em relação ao 8 ano para os convidados e convidadas e os principais pontos que eles se atentaram foram: Pegada e empunhadura da raquete, na lógica interna de pingos ou não (mas eles deixavam seguir se houvesse mais de um pingo para que o jogo fruísse e os colegas tivessem êxito nas rebatidas). Percebi também que eles e elas deram mais importância às trocas de bolas e ralis que na contagem dos pontos sets, e games. Seguiram fielmente o propósito da aula e não tentaram transformar a aula em disputas ou campeonatos.

Analisando toda a trajetória do 8 ano durante a proposta da Unidade Didática, percebi que nesta aula tivemos o ápice em relação ao protagonismo e participação, todos estavam engajados em compartilhar seu aprendizado. (23)

O local se encontrava extremamente agradável e acolhedor, dava para ouvir os pássaros que se encontravam nas nossas árvores vizinhas de nossa quadra. Assim, senti uma grande satisfação de que isso tenha ocorrido na última aula proposta como avaliação, poder sentir que os meus alunos e alunas foram capazes de protagonizar e transmitir o pouco que aprendemos juntos sobre os esportes de rede e parede com implementos de forma satisfatória e inclusiva aos convidados e convidadas (36)





Fonte: arquivo pessoal.

Pude avaliar também que as adaptações e metodologias utilizadas favoreceram esse processo de aprendizagem, em relação a um tema pouco trabalhado nas escolas públicas e que ao mesmo tempo colocam alunos e alunas no centro de todo o processo. .(34)

E concluindo novamente, foi uma sensação incrível, nunca passada em nenhuma de minhas aulas anteriores, em meus quase 20 anos como professora.

Voltando minha observação para o decorrer da aula, na estação Tênis pude perceber uma das miniquadras vazia, onde os/as responsáveis não se atentaram em colocar de forma individual, preferiram duplas (podendo ser reflexo da metodologia *Callejera* trabalhada na Unidade Didática).

O tempo foi decorrendo e a aula seguiu para seu fim de forma tranquila com os alunos e alunas tendo a participação efetiva e se mantendo interessados, o 8ºano permaneceu fielmente em seus postos e nenhum aluno e aluna abandonou suas estações e suas funções, não pediram sequer para ir ao banheiro e beber água no pátio.



Fonte: arquivo pessoal.

Os 21 alunos e alunas participantes da pesquisa foram extremamente atuantes e responsáveis, o protagonismo foi evidente. Nenhum aluno ou aluna recorreu a mim para perguntar sobre questões conceituais, ou da lógica interna. Em relação às questões atitudinais não tivemos problemas de indisciplina, postura, participação, desrespeito ou qualquer outro fato que pudesse atrapalhar o andamento da intervenção. (24)

A última turma terminou o seu palmar e o grupo que estava nesta estação começou a comemorar com uma salva de palmas que todos continuaram, como percebi um entusiasmo por parte da sala pronunciei bem alto: “Parabéns pessoal, vocês conseguiram, terminamos!” E as palmas aumentaram também por parte do 7º ano. Todos os 25 alunos e alunas convidados estavam em posse de seus palmares e demonstraram satisfeitos pela vivência, estavam descontraídos. E neste momento, todos e todas encerraram suas atividades.

Pedi a todos e todas que se posicionassem para uma foto geral e agradei ao 7º ano pela participação e interesse em nossa aula. Muitos alunos e alunas vieram ao meu encontro:

“Que legal professora, eu gostei!”

“Obrigada professora eu nunca tive aula assim”

“Eu adorei os esportes com raquete”

“Obrigada, gostei de participar”

Percebi alunos e alunas convidados com seus celulares tirando selfies com alguns alunos/as do 8º ano e entre eles mesmo; com os palmares e raquetes a mostra. Demonstraram estar satisfeitos com aquele momento de trocas de experiências e vivências. E por terem concluídos com sucesso a proposta.

Com a volta para sala do 7º ano, o 8º ano se dispôs voluntariamente em roda na quadra e começaram a festejar, se abraçar, pular, gritar. Olhei com admiração para aquela manifestação de alegria e de pertencimento. Pude visualizar neste momento, como foi importante essa experiência de intervenção para eles, superando as minhas expectativas em relação a esse dia e acho que de toda a sala também. (25)



Fonte: arquivo pessoal.

Assim, o protagonismo neste dia foi alcançado com sucesso e isso foi percebido pelos próprios alunos e alunas. Através de sua linguagem corporal, suas expressões, suas manifestações as sensações demonstradas naquele ambiente de troca e, talvez aquela tenha sido uma vivência e experiência inédita e única na vida dos que estavam presentes.

Algumas falas compartilhadas entre os alunos e alunas do 8ºano que pude presenciar, assim que o 7º ano se retirou da quadra:

“Nossa professora eu nunca falei tanto na minha vida...”

“Professora no começo eu fiquei nervoso, até me engasguei, mas depois eu me acostumei...”

“Eu gostei professora, me achei útil...”

“Nossa professora, como é difícil ser professora ...”

“Eu achei legal...”

“Professora minha boca esta seca!”

“Professora, podemos fazer de novo com outra sala?”

“Eu gostei, fiz amizade e conversei com alguns meninos!”

“Eu nunca trabalhei tanto assim!”(26)

Fiz uma roda final com eles e elas. Parabenizei a todos pelo desempenho e participação efetiva, por concluírem a atividade de avaliação de forma brilhante e satisfatória e que eu como professora da sala pude identificar que o conhecimento foi adquirido por eles e



elas e que durante toda a trajetória cada um à sua maneira desenvolveu suas habilidades, atitudes e se tornaram protagonistas, ativos e atuantes diante do tema proposto.

Agradei e parabeneizei imensamente a eles. E disse, estar muito feliz com o resultado e com a evolução sobre tudo que conseguimos construir.

Combinei com a sala que no intervalo para o recreio, teríamos a entrega das medalhas do nosso Campeonato *Callejero* de Tênis e de Tênis de Mesa. disse que aconteceria no palco que se localiza no pátio da escola, junto ao refeitório. Com a pretensão de valorizar esse momento com a turma e proporcionar experiência em relação a Festivais e Campeonatos ao receber a premiação com plateia.

O momento do intervalo chegou, coloquei algumas músicas do Queen para rodar nas caixas que ficam no pátio e no momento da entrega pedi aos alunos do grêmio manterem a famosa canção “*We are the champions*” como fundo para a apresentação.

Os alunos foram se aglomerando, chamei o 8º ano C ao palco. Iniciei explicando a todos que havia realizado um projeto de pesquisa com o 8º ano C, e que naquele momento seria a entrega de medalhas de um Campeonato de Tênis e de Tênis de Mesa *Callejero*. Sobre o termo “*Callejero*” expliquei de uma maneira bem simples a fim de entender todos os leigos: alunos, alunas, professores e professoras e funcionários que estavam apreciando o momento. Que seria uma forma de adaptar jogos para torná-los possíveis a prática de todos, utilizando de regras combinadas como fazemos para jogar na rua, e onde um ajuda o outro, meninos e meninas jogam juntos e que o respeito, a cooperação e a solidariedade valem pontos.

E assim, segui para a entrega de medalhas. Foram confeccionadas medalhas representadas por ouro, prata e bronze, além de azul para a participação. Entreguei para os 3 primeiros lugares das 2 modalidades disputadas e depois entreguei aos demais participantes a medalha azul e ouvi de um garoto: "Essa azul é diamante, vale mais que todas". Fala essa acatada pelos colegas que se manifestaram positivamente em receber a sua medalha azul. Não visualizei naquele momento nenhum aluno reagindo com postura negativa ao receber a de participação, todos seguiram no intervalo com suas medalhas no pescoço a fim de demonstrá-las.

Quando encomendei a produção das medalhas, solicitei uma cor chamativa e bem bonita, assim como as demais, pois queria premiar a todos pela participação.



Fonte: arquivo pessoal.

Ao finalizar a entrega das medalhas, percebi que as alunas que não participaram de nenhuma aula não subiram ao palco, mesmo convidadas. E um menino e uma menina que não participaram do campeonato, mas que confeccionaram suas raquetes, participaram do Júri e da intervenção, também não subiram. Procurei os alunos posteriormente, entreguei a medalha de participação a estes, pois de uma maneira ou de outra eles fizeram parte do processo de construção do conhecimento. Um aluno me relatou dificuldades sociais com a nova sala de aula, e a outra aluna estava faltando de algumas aulas devido a problemas de saúde relacionados à Anorexia. Disse a eles que posteriormente iria conversar particularmente com ele e ela, pensando no acolhimento da escola em relação aos fatos explanados.

As duas alunas que não participaram de nenhuma atividade se recusaram a pegar as medalhas e se retiraram do local.

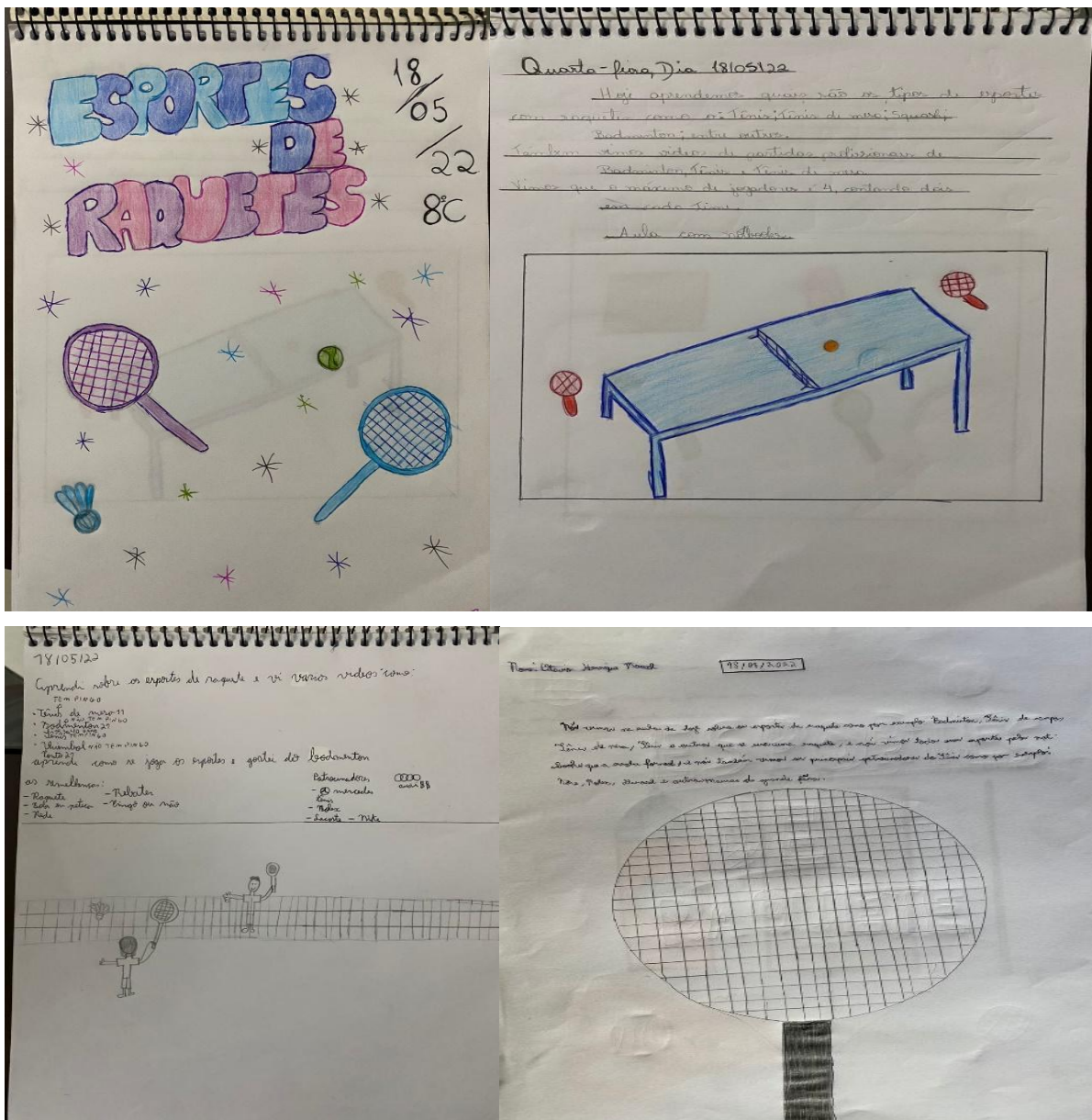
Finalizando assim, a Unidade Didática proposta com o objetivo de incluir os esportes de rede com implementos (ERI) nas escolas públicas pela perspectiva dos Esportes para Conhecer., utilizando metodologias que promovem a inclusão, o protagonismo e construção de valores.



Fonte: arquivo pessoal.

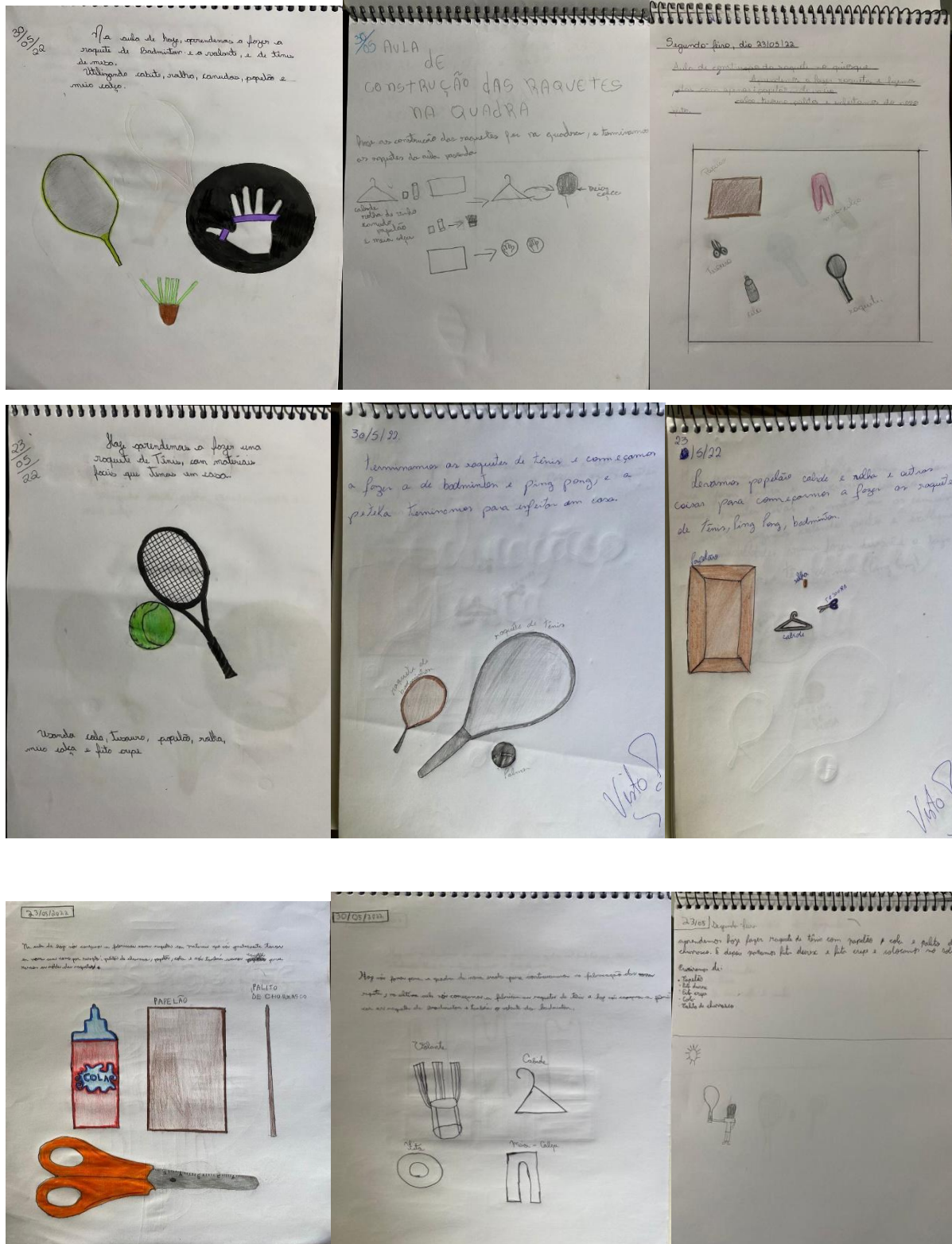
Diários de Campo - Percepção dos discentes expressas nos portfólios

Aulas 1 e 2: Análise e Compreensão, Problemática dos esportes de rede com implementos



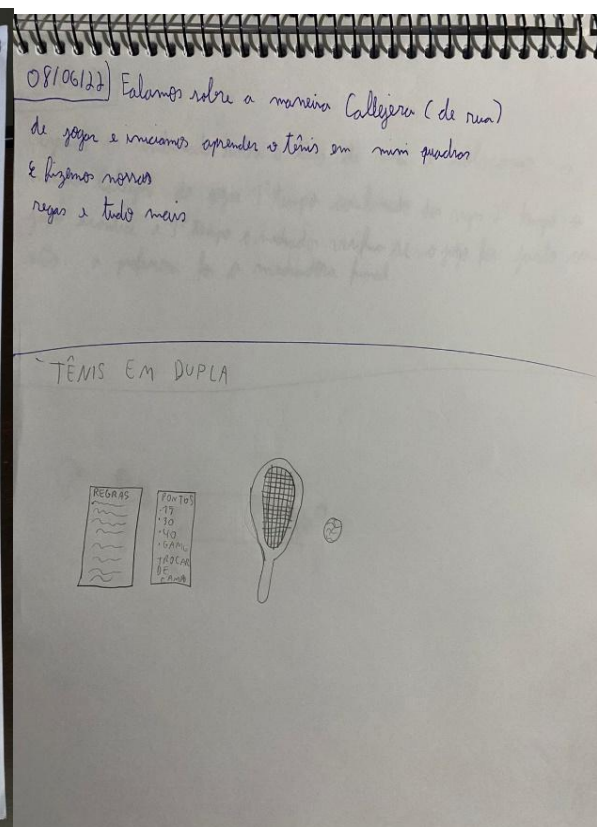
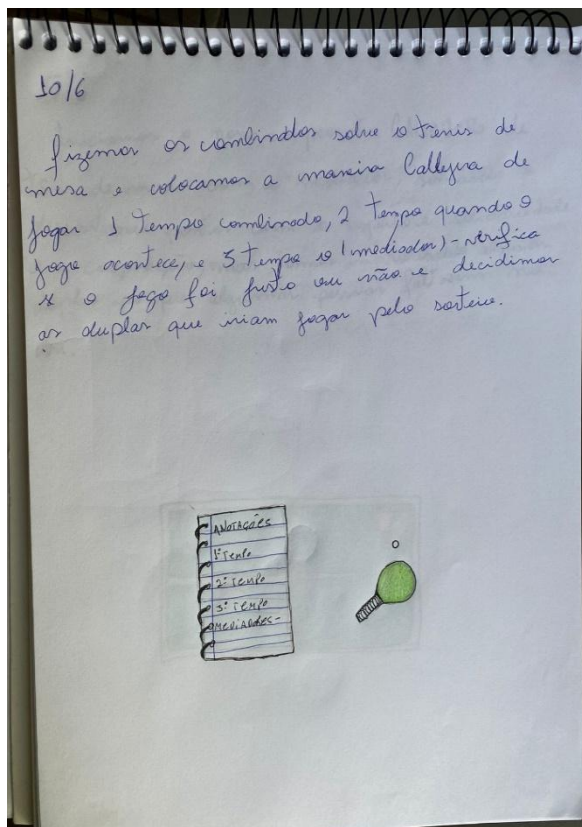
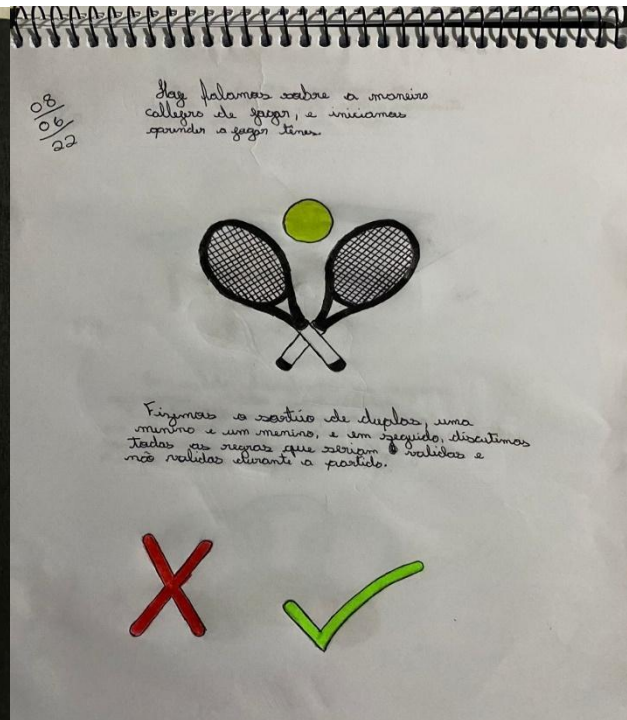
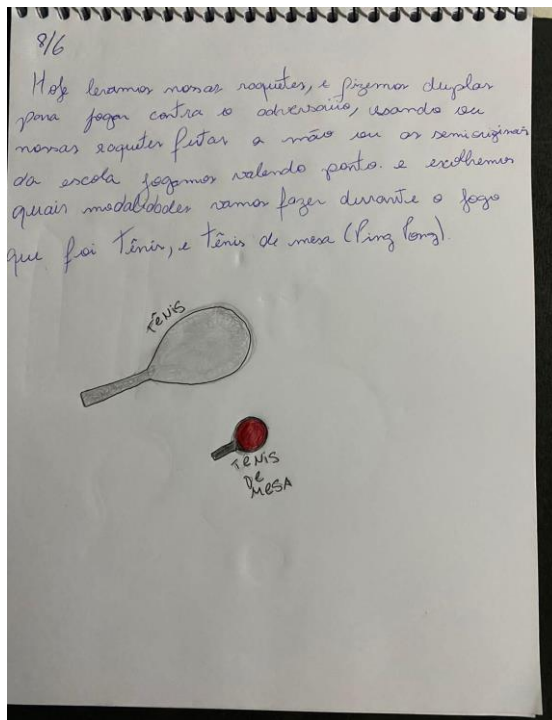
Fonte: arquivo pessoal.

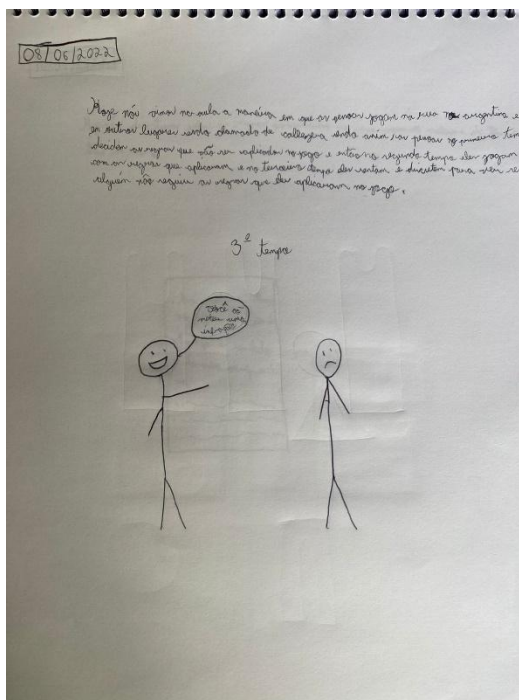
Aulas 3,4, 5 e 6: Experimentação e fruição, Oficina de raquetes alternativas:



Fonte: arquivo pessoal.

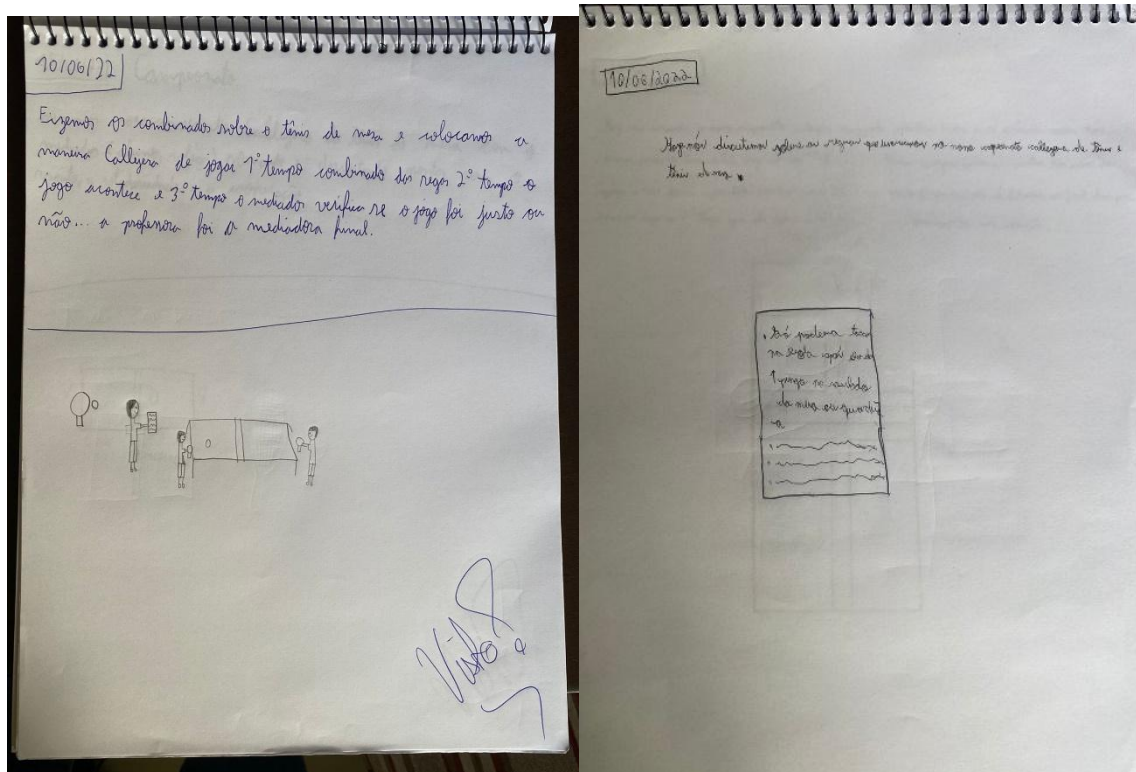
Aulas 9 e 10: Experimentação e fruição/ Construção de Valores, Metodologia *Callejera* como estratégia para a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar, escolha dos esportes e aprofundamento da experimentação do primeiro esporte votado pelos discentes:





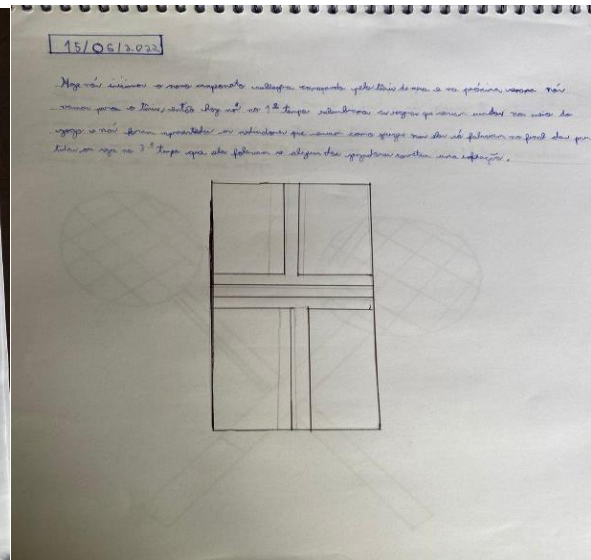
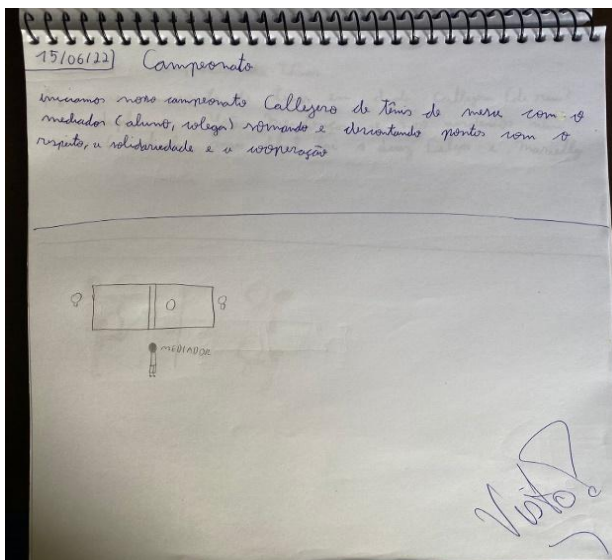
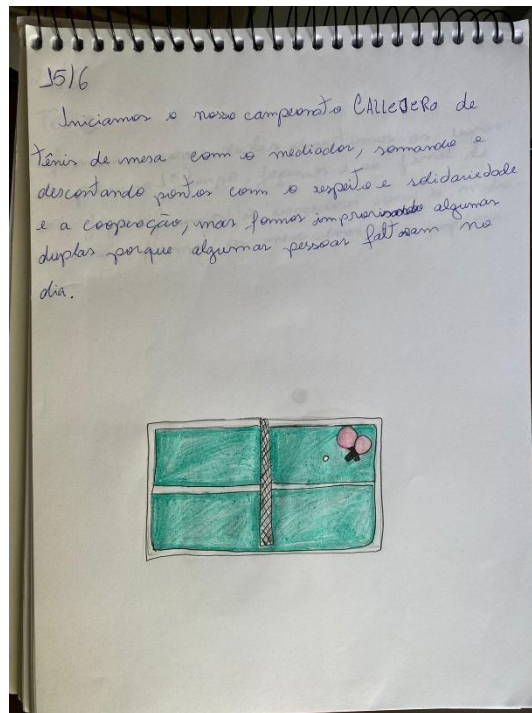
Fonte: arquivo pessoal.

Aulas 11 e 12: Experimentação e fruição/ Construção de Valores, Metodologia Callejera como estratégia para a inclusão dos esportes de rede com implementos no ambiente escolar e aprofundamento da experimentação do segundo esporte votado pelos discentes:



Fonte: arquivo pessoal.

Aulas 13 e 14: Experimentação e fruição/ Construção de Valores, Campeonato Callejero (Primeira modalidade votada):



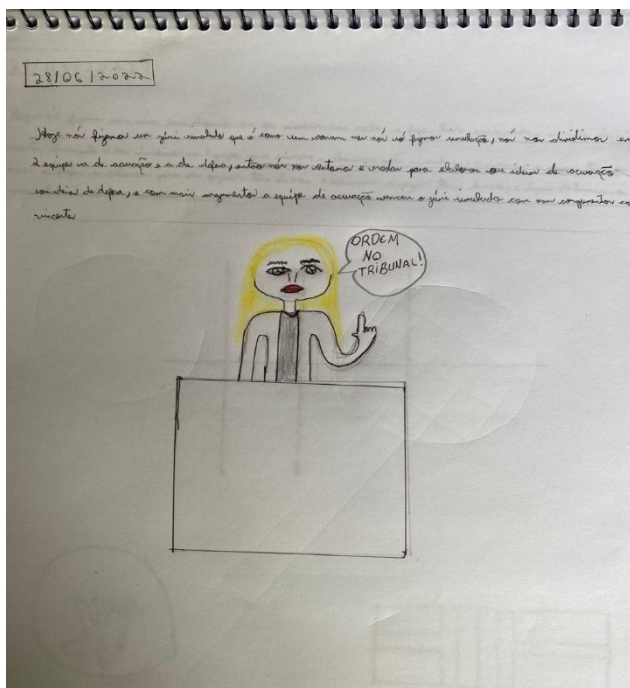
Fonte: arquivo pessoal.

Aulas 15 e 16: Experimentação e fruição/ Construção de Valores, Campeonato Callejero (Segunda modalidade votada):



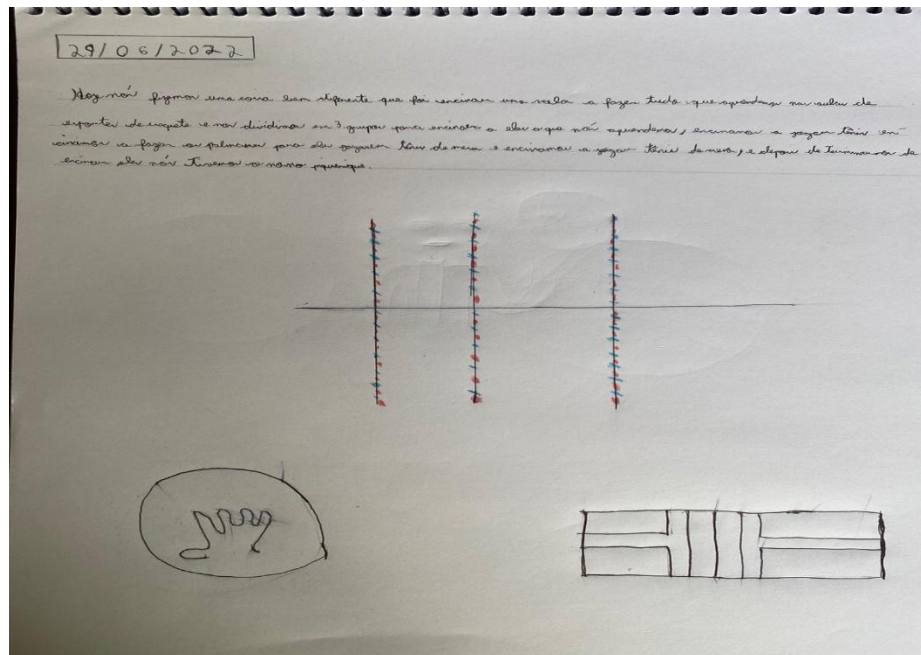
Fonte: arquivo pessoal.

Aulas 17 e 18: Construção de Valores e reflexão sobre a ação, Juri Simulado: "Os esportes de raquetes nas escolas públicas Brasileiras":



Fonte: arquivo pessoal.

Aulas 19 e 20: Uso e apropriação / Protagonismo Comunitário, Feira de Intervenção - Evento Culminante:



Fonte: arquivo pessoal.

Apêndice G: Súmula *Callejera*

Súmula Callejera- Tênis de Mesa – Tênis

E.E. Francisco Dias Paschoal

1º Tempo- Combinados e Regras realizados pelos participantes

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

2º Tempo: Observações do mediador:

3º Tempo:

Resultado do 2º tempo: dupla A _____ X _____ dupla B

Respeito: dupla A _____ X _____ dupla B

Cooperação: dupla A _____ X _____ dupla B

Solidariedade: dupla A _____ X _____ dupla B

Resultado Final: dupla A _____ X _____ dupla B

ANEXOS

Anexo A: Carta de aceite da escola



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
 DIRETORIA DE ENSINO – REGIÃO DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA
 E.E. PROF. FRANCISCO DIAS PASCHOAL- E. F.M
 R: Lourival Alves de Moraes, s/n.º - Jd. Progresso - São João da Boa Vista /SP
 CEP: 13.876-419 – Tel/Fax 19-3622-2689/3633-2046

São João da Boa Vista, 08 de novembro de 2021

A Direção da Escola Estadual Francisco Dias Paschoal analisou o projeto de pesquisa da aluna pós-graduanda Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física- PROEF, intitulado: “**ESPORTES DE RAQUETE: Possibilidades e Intervenções nos Anos Finais do Ensino Fundamental**” sob a orientação da professora Dra. Yara Aparecida Couto. O trabalho tem por objetivo elaborar, implementar e avaliar uma unidade didática para o Objeto de conhecimento Esporte de rede/parede com o Tema: Esportes de Raquete na educação física escolar fundamentada na Base Nacional Comum Curricular. A pesquisa terá como metodologia a pesquisa-ação. A implementação da unidade didática ocorrerá na Escola Estadual Francisco Dias Paschoal durante as aulas de Educação Física sendo a pesquisadora, professora de Educação Física da respectiva escola. Assim, os dias e horários para a execução do projeto serão de acordo com sua grade de aulas, não comprometendo a rotina escolar, uma vez que o tema a ser trabalhado já faz parte do currículo e das habilidades referentes à turma escolhida para a realização do mesmo. Dessa forma, não haverá déficit no conteúdo e o trabalho estará de acordo com o Projeto Político Pedagógico da unidade escolar e com a BNCC.

A pesquisa contribuirá para a produção de informações sobre os conteúdos do Esporte de rede/parede que podem ser ensinados nas aulas de Educação Física dos Anos Finais das escolas públicas e possibilitará avaliar novas estratégias pedagógicas e metodológicas para esse tema.

A direção da Escola Estadual Francisco Dias Paschoal considerou procedente o pedido para a realização do projeto, desde que haja as devidas autorizações dos participantes, que os dados obtidos sejam exclusivos para uso acadêmico e que ao final do trabalho sejam feitas devolutivas à escola e à Diretoria Regional de Ensino. A presente pesquisa só se iniciará após o parecer positivo do comitê de ética da UFSCar.

Atenciosamente,

Tatiana Costa Dezena Mendonça- Diretora

Tatiana Costa Dezena Mendonça
 RG 30.551.281-X
 Diretor de Escola

Anexo B: Carta de aceite da Diretoria de Ensino região de São João da Boa Vista/SP

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA
RUA Riachuelo, 444 – Centro - TEL. (19) 3638.0300
CEP 13.870-234 – SÃO JOÃO DA BOA VISTA -SP

INTERESSADO: Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães – RG.: MG10323249

ASSUNTO: Pesquisa de mestrado (formulário a ser respondido via Google Drive)

A Dirigente Regional de Ensino - Região de São João da Boa Vista - SP autoriza a pós-graduanda Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física - PROEF, a realizar pesquisa junto à E.E. Prof. Francisco Dias Paschoal, município de São João da Boa Vista, com a finalidade de coletar dados para compor trabalho de conclusão de curso, intitulado: "ESPORTES DE RAQUETE: Possibilidades e Intervenções nos Anos Finais do Ensino Fundamental", sob a orientação da professora Dra. Yara Aparecida Couto. O trabalho tem por objetivo elaborar, implementar e avaliar uma unidade didática para o Objeto de conhecimento Esporte de rede/parede com o Tema: Esportes de Raquete na educação física escolar fundamentada na Base Nacional Comum Curricular e colher dados dos professores de Educação Física da Regional de São João da Boa Vista sobre o tema, através de um formulário respondido via Google Drive.

A pesquisa contribuirá para a produção de informações sobre os conteúdos do Esporte de rede/parede que podem ser ensinados nas aulas de Educação Física do Anos Finais das escolas públicas e possibilitará avaliar novas estratégias pedagógicas e metodológicas para esse tema.

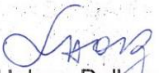
Deverão ser seguidos todos os protocolos sanitários adotados no Plano São Paulo de combate à Covid-19.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA
RUA Riachuelo, 444 – Centro - TEL. (19) 3638.0300
CEP 13.870-234 – SÃO JOÃO DA BOA VISTA -SP

Oportuno esclarecer que **é sempre o Diretor de Escola, que deferirá ou não os pedidos de informações**, lembrando que não poderá haver prejuízo ao funcionamento normal da escola e não poderá afetar o horário laboral da pós-graduanda, uma vez que, deixa claro que é servidora pública.

São João da Boa Vista, 11 de novembro de 2021.


Silvia Helena Dalbon Barbosa
R.G. 22.365.734-7
Dirigente Regional de Ensino

Anexo C: Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESPORTES DE RAQUETE: POSSIBILIDADES E INTERVENÇÕES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53670221.4.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.344.152

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas dos arquivos Informações Básicas da Pesquisa PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1857120.pdf, CartaDiretor.pdf, CartaRespostaversao1.pdf, ConsentimentoUsolmagem.pdf, TermoPais02.pdf, TermoAlunos02.pdf, TermoProfessores02.pdf e Projeto02.pdf, todos de 27/02/2022.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O projeto de estudo pretende verificar o cenário atual dos Esportes com Raquete, suas problemáticas nas escolas públicas da Cidade de São João da Boa Vista- SP, (Anos Finais do Ensino Fundamental), tendo por objetivo elaborar, implementar e avaliar uma unidade didática para o Objeto de conhecimento Esporte de rede/parede com o Tema: Esportes de Raquete.

Objetivo Secundário:

Pretende-se analisar como se enquadra o conhecimento prévio, experiências, vivência a respeito das modalidades com raquetes com os alunos e alunas; como professores de Educação Física da rede pública se encontram diante do trabalho docente do tema Esportes com Raquete: aulas, materiais, especializações, formações, cursos, materiais didáticos e currículo. O projeto tem como premissa a elaboração de uma unidade didática que desenvolva os saberes dentro de uma

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.344.152

perspectiva crítica, considerando a realidade local, social, econômica e cultural buscando a autonomia dos sujeitos diante da Cultura Corporal de Movimento

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Há possibilidades de risco físico durante as realizações das atividades práticas, próprias das aulas de Educação Física como quedas, torções e lesões ou outras ocorrências que possam afetar (mesmo que minimamente) a integridade física. Para minimizar esses riscos, serão tomados todos os cuidados necessários para evitar acidentes, como adequação do espaço e materiais necessários para a realização das atividades, visando diminuir ou extinguir o risco de queda ou lesões. Há também o risco de eventual constrangimento durante as aulas devido a fotos que podem ser tiradas no desenvolvimento da atividade. As fotos serão usadas como registro de coleta de dados com o cuidado de não haver identificação do participante.

Benefícios:

Os benefícios do presente estudo consistem na ampliação e conhecimento de uma unidade didática para o conteúdo dos Esportes de Raquete que estão inseridos dentro da Unidade Temática dos Esportes rede/parede pelos alunos. Possibilidades e intervenções que podem ser ensinados nas aulas de Educação Física para o 8º ano do Ensino Fundamental. Essa proporcionará maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física e para a construção de novos conhecimentos sobre a Cultura Corporal de Movimento, como um instrumento auxiliar para os professores de Educação Física sobre o tema proposto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 466/2012 suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora respondeu às solicitações e realizou as readequações.

O projeto está adequado e sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.344.152

éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1857120.pdf	27/02/2022 15:34:33		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1857120.pdf	27/02/2022 15:28:56		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CartaDiretor.pdf	27/02/2022 15:27:35	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
Outros	CartaRespostaversao1.pdf	27/02/2022 15:15:33	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ConsentimentoUsolmagem.pdf	27/02/2022 15:14:29	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoPais02.pdf	27/02/2022 15:13:48	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoAlunos02.pdf	27/02/2022 15:10:50	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoProfessores02.pdf	27/02/2022 15:07:25	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto02.pdf	27/02/2022	DAYANNA DO	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.344.152

Brochura Pesquisa	Projeto02.pdf	15:06:54	CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
Declaração de concordância	CartaDirigente.pdf	13/11/2021 07:21:07	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	13/11/2021 07:16:09	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	13/11/2021 07:14:35	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	13/11/2021 07:13:29	DAYANNA DO CARMO DE ABREU MAGALHAES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 11 de Abril de 2022

Assinado por:

**Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))**

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br